



**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**

Programa de Pós-Graduação em Letras *Stricto Sensu*  
Linguística e Língua Portuguesa

Edenize Ponzó Peres

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DOS RÓTICOS NO PORTUGUÊS DE  
CONTATO COM O TALIAN EM UMA COMUNIDADE BILÍNGUE DE  
ALFREDO CHAVES, ESPÍRITO SANTO**

BELO HORIZONTE

2023

EDENIZE PONZO PERES

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DOS RÓTICOS NO PORTUGUÊS DE  
CONTATO COM O TALIAN EM UMA COMUNIDADE BILÍNGUE DE  
ALFREDO CHAVES, ESPÍRITO SANTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade  
Católica de Minas Gerais, como requisito parcial  
para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Ev'Angela Batista  
Rodrigues de Barros

Belo Horizonte/MG

2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P437r	<p>Peres, Edenize Ponzo</p> <p>A realização variável dos róticos no português de contato com o Talian em uma comunidade bilingue de Alfredo Chaves, Espírito Santo / Edenize Ponzo Peres. Belo Horizonte, 2023.</p> <p>263 f. : il.</p> <p>Orientador: Marco Antônio de Oliveira Coorientadora: Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros</p> <p>Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras</p> <p>1. Italianos - Espírito Santo. 2. Imigrantes - Espírito Santo. 3. Bilinguismo. 4. Fonologia. 5. Fonética. 6. Sociolinguística. I. Oliveira, Marco Antônio de. II. Barros, Ev'Angela Batista Rodrigues de. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 806.90(815.2)</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Edenize Ponzo Peres

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DOS RÓTICOS NO PORTUGUÊS DE  
CONTATO COM O TALIAN EM UMA COMUNIDADE BILÍNGUE DE  
ALFREDO CHAVES, ESPÍRITO SANTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Pontifícia Universidade Católica de  
Minas Gerais como requisito parcial para obtenção  
do título de Doutora em Letras.

---

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira - PUC-Minas (Orientador)

---

Profa. Dra. Ev' Angela Batista Rodrigues de Barros - PUC-Minas (Coorientadora)

---

Profa. Dra. Loremi Loregian-Penkal - UNICENTRO/PR (Examinadora externa)

---

Profa. Dra. Heliana Ribeiro de Mello - UFMG (Examinadora externa)

---

Prof. Dr. Seung-Hwa Lee -UFMG (Examinador externo)

---

Profa. Dra. Arabie Bezri Hermont - PUC-Minas (Examinadora interna)

Belo Horizonte, 10 de novembro de 2023

*A meus avós, Maria Cetrangolo, Pasquale Ponzo, Rosa Martínez e Manoel Pérez, e a todas as pessoas que se viram forçadas a abandonar sua terra, sua gente e sua língua.*

*Ao povo simpático e trabalhador do Espírito Santo, especialmente aos moradores de São Bento de Urânia, Alfredo Chaves.*

*Ao Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (in memoriam), exemplo de profissional e de ser humano.*

*À Silvinha, desde sempre.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

Ao Prof. Marco Antônio de Oliveira, meu orientador, uma grande referência para mim como pessoa e como pesquisador. Não tenho palavras para agradecer todo o apoio acadêmico que me foi dado nestes anos de caminhada, desde 1990 até quase o final desta tese. Agradeço pela orientação segura deste e dos outros estudos.

À Profa. Dra. Ev' Angela Batista Rodrigues de Barros, pela dedicação e generosidade em assumir de maneira tão competente a coorientação desta tese, no final da trajetória.

Aos membros da Banca de Qualificação, Profs. Drs. Maria Cristina Dadalto e Seung Hwa Lee, e da Banca de Defesa, Profas. Dras. Arabie Bezri Hermont, Heliana Ribeiro de Mello e Loremi Loregian-Penkall e Profs. Drs. Seung-Hwa Lee e João Henrique Rettore Tótaro, pela leitura atenta desta tese e comentários valiosos para o aprimoramento do trabalho. Os equívocos que permaneceram são de minha total responsabilidade.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Minas, por compartilharem seus vastos conhecimentos conosco.

Às Profas. Dras. Candice Vidal e Souza, Juliana Gonzaga Jayme e Luciana Teixeira de Andrade, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas, por terem me dado a oportunidade de cursar disciplinas maravilhosas de Antropologia e Sociologia.

Às/Aos funcionárias/os da Secretaria do Programa, pela costumeira prestatividade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Colegiado do Programa de Pós-graduação em Letras/PUC-Minas, pela concessão e manutenção da bolsa de doutorado.

À/Aos informantes desta pesquisa, sem palavras. Agradeço igualmente o apoio e acolhimento em São Bento de Urânia: à Direção e aos Profs. da Escola de Ensino Fundamental do distrito, especialmente aos Profs. Adriana Grillo e Clarice, Gilmar e Itamar Peterle. À família Lorenzon (Jovane e Eliane), que recebeu o grupo de pesquisa tão bem! Ao Prof. Valmir Soares Filho, pela companhia e o grande auxílio com as fotos e as gravações em áudio e vídeo da comunidade, em nossa visita de novembro/2022. Aos estudantes vênets Alberto e Laura, que tanto contribuíram com informações sobre a região e a língua. E, por fim, a todas as simpaticíssimas pessoas de São Bento.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), especialmente ao historiador Tiago de Matos Alves, da Coordenação de Atendimento ao Usuário, pela atenção quando de minhas visitas a esse Órgão.

Aos Profs. Drs. Dermeval da Hora Oliveira (UFPA), Heliana Ribeiro de Mello (UFMG), Julio Bentivoglio (Ufes), Loremi Loregian- Penkal (UNICENTRO), Marco Barone (UFPE), Maria Cristina Dadalto (Ufes), Rosario de la Cruz Vila (Universidad Tecnológica del Perú), Seung Hwa Lee (UFMG) e Thaís Cristófaró Silva (UFMG), pelas referências e textos enviados, que me ajudaram muito na elaboração da tese.

Aos membros do Grupo de Estudos de Linguística de Contato (GELIC-USP), pelos conhecimentos compartilhados dentro e fora dos Encontros, os quais foram muito importantes para a execução desta tese. Agradeço às Coordenadoras, Profas. Dras. Flaviane Romani Fernandes Svartman e Márcia Santos Duarte de Oliveira, pelo tratamento acolhedor e respeitoso a todos nós, membros do GELIC. Agradeço, por fim, às Profas. Dras. Flaviane Svartman (USP) e Luciani Ester Tenani (UNESP), por me permitirem ser sua aluna ouvinte na disciplina de Prosódia, em 2021, a qual lançou luz a este e a futuros estudos de contatos linguísticos.

A minhas/meus ex-orientadoras/es: do Mestrado, Profa. Dra. Maria das Graças de Castro Senna e Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira; do primeiro Doutorado, Profa. Dra. Jânia Martins Ramos e Prof. Dr. José Olímpio de Magalhães. O que aprendi com vocês foi valioso para a elaboração do presente trabalho.

A minhas/meus colegas da turma de 2019 da PUC-Minas. Meu carinho e admiração a vocês, em especial a: Adriana, Andréia, Emerson, Fagner, Israel, Ludimilla e Magno.

A todas/os as/os minhas/meus (ex-)orientandas/os da Ufes e do Profletras-Ifes e a todas/os as/os minhas/meus (ex-)alunas/os, desde o início de minha profissão. A vocês, que me ensinaram e me ensinam tanto, todo o meu respeito e carinho.

Às/Aos professoras/es que estiveram presentes na minha vida, desde o começo de minha trajetória escolar.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa e para a conclusão deste Doutorado.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo principal descrever parte do português resultante do contato com variedades faladas por imigrantes italianos do Vêneto, originando o Talian – o vêneto brasileiro –, especificamente quanto à produção dos róticos. Para que esse objetivo fosse alcançado, analisou-se a linguagem de duas mulheres e de dois homens com idades acima de 57 anos e com até quatro anos de escolarização, todos descendentes de imigrantes vênetos, que colonizaram o distrito rural de São Bento de Urânia, no município de Alfredo Chaves, Espírito Santo. Os dados, gerados por meio de entrevistas sociolinguísticas, foram analisados sob a perspectiva fonético-fonológica, da Sociolinguística e da teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos. Dos 1464 róticos produzidos pelos quatro informantes, houve 679 (46,4%) tepes, 48 (3,3%) vibrantes múltiplas, 46 (3,1%) fricativas velares, 20 (1,4%) fricativas glotais, 09 (0,6%) aproximantes retroflexas e 662 (45,2%) apagamentos das variantes de (r). Utilizou-se o Programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para as análises quantitativas da ocorrência: a) das fricativas em oposição às vibrantes e à aproximante; e b) do apagamento em oposição à produção de (r). Os grupos e os fatores favorecedores da produção das fricativas são sexo (masculino), posição do rótico na sílaba (ataque inicial e coda interna) e modo de articulação do segmento seguinte ao alvo (pausa, vogal e nasal). Por sua vez, os grupos e os fatores favorecedores do apagamento de (r) são o sexo (masculino), classe de palavra (verbo), posição de (r) na sílaba (coda final), tonicidade da sílaba (tônica), ponto de articulação do segmento seguinte ao rótico (velar), modo de articulação do segmento seguinte (fricativa, lateral e nasal). Os resultados encontrados na comunidade estudada e em outras localidades do país apontam para a importância de fatores linguísticos e extralinguísticos, tais como o sexo dos informantes e a região geográfica da comunidade – bem como a história de sua formação e os contatos linguísticos que aí se deram – para que a linguagem e os fenômenos linguísticos sejam mais bem explicados.

**Palavras-chave:** Róticos. Português de contato. Talian. Sociolinguística. Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos.

## ABSTRACT

This research has as its main goal to describe part of the Portuguese that results from contact with varieties spoken by Italian immigrants from Veneto, giving origin to Talian – the Brazilian Venetian –, specifically in regards to the production of rhotics. For this goal to be achieved, the tongues of two women and two men aged above 57 and with up to four years of schooling were analyzed, all descendants of venetian immigrants that colonized the rural district of São Bento de Urânia, in the municipality of Alfredo Chaves, Espírito Santo state. The data generated via sociolinguistic interviews were analyzed under the perspective of Phonetics and Phonology, of Sociolinguistics and of the theory of Complex Adaptive Systems. Out of the 1464 rhotics produced by the four informants there were 697 (46.4%) taps, 48 (3.3%) multiple thrills and 09 (0.6%) retroflex approximants, that categorize the influence of the immigration tongue in the Portuguese; 46 (3.1%) velar fricatives and 20 (1.4%) glottal fricatives, that categorize the Portuguese spoken in Vitória and in state regions that did not receive massive immigration; and there were also 662 (45.2%) rhotic deletions. The program GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) was used for the quantitative analysis of the occurrences: a) fricatives in opposition to thrills and to approximants; and b) deletion in opposition to production of (r). The groups and factors that favor the production of thrills are: gender (male), rhotic position in the syllable (initial attack and internal coda) and articulation mode of the segment that follows the target one (pause, vowel and nasal). The groups and factors that favor (r) deletion are: gender (male), word class (verb), (r) position in the syllable (ending coda), syllable tonicity (tonic), articulation point of the segment that follows the rhotic (velar), articulation method of the following segment (fricative, lateral and nasal). The results found in the researched community and in other national localities point to the importance of linguistic and extralinguistic factors, e.g. gender and geographic region of the community – as well as its formation history and linguistic contacts from such created – for the language and the linguistic phenomena to be better explained.

**Keywords:** Rhotic. Contact Portuguese. Talian. Sociolinguistics. Complex Adaptive Systems Theory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1 — O povoamento do Espírito Santo .....	69
Figura 3.2 — Focos de imigração estrangeira no Espírito Santo .....	105
Figura 4.1 — Mapa de Alfredo Chaves, com destaque para o distrito de São Bento de Urânia .....	118
Figura 4.2 — Vista aérea da Sede de Alfredo Chaves .....	119
Figura 4.3 — Vista da Sede de São Bento de Urânia .....	121
Figura 6.1 — Mapa da região do Vêneto, Itália .....	174
Figura 7.1 — Representação de um atrator de <i>ponto fixo</i> .....	191
Figura 7.2 — Representação de um atrator do tipo <i>ciclo limite</i> .....	191
Figura 7.3 — Representação de um atrator do tipo <i>estranho</i> .....	192

## LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 — População da Província do Espírito Santo em 1824 e 1827 .....	71
Quadro 3.2 — Número de escravizados, por freguesias e municípios .....	87
Quadro 3.3 — Contingente de retirantes e sua destinação no Espírito Santo .....	89
Quadro 3.4 — Entrada e saída de estrangeiros no porto de Vitória (1880-1884) .....	90
Quadro 3.5 — Estrangeiros entrados no Espírito Santo nos séculos XIX e XX .....	95
Quadro 3.6 — Quantitativo de alunos matriculados na Colônia de Santa Leopoldina (1876) .....	100
Quadro 3.7 — Procedência de famílias da comunidade de São Bento de Urânia .....	113
Quadro 4.1 — Distritos de Alfredo Chaves, distâncias em relação à Sede e altitudes ..	120
Quadro 4.2 — Comunidades de São Bento de Urânia, distâncias em relação à Sede do município e altitudes .....	120
Quadro 4.3 — Variantes e grupos de fatores relativos aos róticos .....	127
Quadro 5.1 — Escala de soância/sonoridade que constituem as sílabas .....	148
Quadro 5.2 — Classificação das vogais orais do PB em posição tônica .....	150
Quadro 5.3 — Classificação das vogais pretônicas do PB .....	151
Quadro 5.4 — Classificação das vogais postônicas mediais do PB .....	151
Quadro 5.5 — Classificação das vogais postônicas finais do PB .....	151
Quadro 5.6 — Relação entre os pontos de articulação das consoantes e os articuladores .....	155
Quadro 5.7 — Pontos e modos de articulação das consoantes do PB .....	158
Quadro 5.8 — Escala de sonoridade de Clements e Hume (1995) .....	170
Quadro 6.1 — Procedência de famílias do distrito de São Bento de Urânia .....	174
Quadro 6.2 — Fonemas consonantais do vêneto .....	178
Quadro 6.3 — Sistema consonantal padovano-vicentino-polesano .....	178

Quadro 6.4 — Sistema consonantal do grupo trevisano-feltrino-belunês .....	178
Quadro 8.1 — Escala de sonoridade de Clements e Hume (1995) .....	224

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 — Procedência dos imigrantes italianos chegados ao Espírito Santo .....	23
Tabela 2.1 — Variáveis selecionadas - Margotti (2004) .....	33
Tabela 2.2 — Realização variável dos róticos em ataque silábico em Santa Catarina e Rio Grande do Sul – Comiotto e Margotti (2019) .....	36
Tabela 2.3 — Distribuição das realizações do fonema vibrante - Spessato (2021) .....	40
Tabela 8.1 — Resultados gerais dos róticos – São Bento de Urânia .....	203
Tabela 8.2 — A produção dos róticos, conforme a (não) influência da língua de imigração .....	210
Tabela 8.3 — Fatores significativos para a pronúncia [h/f, x/γ] (em Pesos Relativos) .....	214
Tabela 8.4 — Resultados gerais para o apagamento de (r) .....	218
Tabela 8.5 — Fatores significativos para o apagamento de (r) (em Pesos Relativos) ...	219

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>2</b>	<b>ESTUDOS SOBRE OS RÓTICOS E OS CONTATOS ENTRE O PORTUGUÊS E AS LÍNGUAS ITALIANAS DE IMIGRAÇÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>2.1</b>	<b>As pesquisas sobre os contatos entre o português e as línguas italianas de imigração fora do Espírito Santo .....</b>	<b>31</b>
	<i>2.1.1 Interferências fonético-fonológicas das línguas italianas de imigração no português .....</i>	<i>31</i>
	2.1.1.1 A difusão do sistema sonoro do português em regiões de contato linguístico: Margotti (2004) .....	31
	2.1.1.2 A realização das vibrantes em Vargeão-SC: Gubert (2012).....	34
	<i>2.1.2 Análise dos róticos no contato entre o português e a língua italiana de imigração .....</i>	<i>35</i>
	2.1.2.1 O tepe e a vibrante alveolar em Santa Catarina e Rio Grande do Sul: Comiotto e Margotti (2019) .....	35
	2.1.2.2 A realização do tepe e da vibrante múltipla no Oeste de Santa Catarina: Spessatto (2021).....	38
	2.1.2.3 A realização variável de /r/ em onset silábico em Planalto/Concórdia-SC: Curioletti e Battisti (2022) .....	42
	2.1.2.4 O bilinguismo Talian-português em Nova Erechim-SC: Fornara (2019).....	45
<b>2.2</b>	<b>As pesquisas sobre os contatos entre o português e as línguas faladas pelos imigrantes italianos no Espírito Santo .....</b>	<b>47</b>
	<i>2.2.1 As pesquisas de contato no nível linguístico.....</i>	<i>48</i>
	2.2.1.1 As oclusivas /t, d/ diante de /i/: Avelar (2015) .....	48
	2.2.1.2 O ditongo nasal tônico -ão no município de Alfredo Chaves: Meneghel (2015) e Peterle (2017).....	50
	2.2.1.3 A prosódia da fala de descendentes de imigrantes italianos: Majoni (2015) .....	53
	<i>2.2.2 As pesquisas de contatos no nível social .....</i>	<i>55</i>

2.2.2.1 A variação linguística e as tradições orais italianas em Santa Teresa: Rodrigues (2015) .....	56
2.2.2.2 Análise da substituição das línguas dos imigrantes no Espírito Santo: Peres (2014) .....	57
2.2.2.3 A análise da vitalidade da língua italiana de imigração em São Bento de Urânia: Cominotti (2015).....	60
2.2.2.4 O sentimento de identidade e a substituição linguística em São Bento de Urânia: Cominotti (2021) .....	62
2.2.2.5 O papel da escola na substituição linguística: Fiorin (2019).....	65
<b>3 BREVE HISTÓRICO DO POVOAMENTO E DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO ESPÍRITO SANTO .....</b>	<b>68</b>
<b>3.1 Breve histórico da colonização do Espírito Santo – do séc. XVI até a chegada das primeiras levas de imigrantes .....</b>	<b>70</b>
<b>3.1.1 A população .....</b>	<b>71</b>
<b>3.1.2 A economia.....</b>	<b>73</b>
3.1.2.1 Agricultura e pecuária.....	73
3.1.2.2 Indústria .....	73
3.1.2.3 Comércio.....	74
3.1.2.4 Vias de comunicação .....	74
3.1.2.5 Educação e cultura .....	75
<b>3.2 Breve histórico da colonização do Espírito Santo – da chegada das grandes levas de imigrantes ao século XX .....</b>	<b>75</b>
<b>3.2.1 Obras públicas .....</b>	<b>76</b>
3.2.1.1 Correios.....	76
3.2.1.2 Telégrafo.....	77
3.2.1.3 Estradas de rodagem .....	78
3.2.1.4 Estradas de ferro .....	79
3.2.1.5 Navegação.....	79
3.2.1.6 Iluminação pública .....	80

3.2.2	<i>Segurança pública</i> .....	80
3.2.3	<i>Cultos públicos</i> .....	82
3.2.4	<i>Salubridade pública</i> .....	83
3.2.5	<i>Instrução pública</i> .....	84
3.2.6	<i>A população da província</i> .....	87
3.2.6.1	Os escravizados .....	87
3.2.6.2	Os indígenas .....	88
3.2.6.3	Os brasileiros migrantes das províncias do Norte .....	89
3.2.7	<i>Entradas e saídas de estrangeiros</i> .....	90
3.2.8	<i>O contexto político-administrativo e social da imigração italiana para o Espírito Santo</i> .....	92
3.2.9	<i>As colônias de imigrantes</i> .....	97
3.2.9.1	A Colônia de Santa Isabel .....	97
3.2.9.2	A Colônia de Cachoeiro de Santa Leopoldina .....	99
3.2.9.3	A Colônia de Rio Novo .....	102
3.3	<b>A colonização do município de Alfredo Chaves</b> .....	106
3.3.1	<i>Infraestrutura</i> .....	107
3.3.2	<i>Economia</i> .....	108
3.3.3	<i>Cultura</i> .....	109
3.3.4	<i>Educação</i> .....	109
3.3.5	<i>Política social</i> .....	110
3.4	<b>O distrito de São Bento de Urânia</b> .....	111
4	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	115
4.1	<b>Características desta pesquisa</b> .....	115
4.2	<b>O locus da pesquisa: o município de Alfredo Chaves e o distrito de São Bento de Urânia</b> .....	117
4.3	<b>A geração dos dados</b> .....	124
4.4	<b>O tratamento dos dados</b> .....	125

4.5 Os informantes.....	128
<b>5 O SISTEMA FONÉTICO-FONOLÓGICO DO PORTUGUÊS.....</b>	<b>130</b>
<b>5.1 Breve histórico dos estudos de Fonética e Fonologia.....</b>	<b>130</b>
5.1.1 <i>O século XIX</i> .....	130
5.1.2 <i>O século XX na Europa</i> .....	133
5.1.2.1 Saussure e o Curso de Linguística Geral.....	133
5.1.2.2 O Círculo Linguístico de Praga.....	135
5.1.3 <i>O século XX nos Estados Unidos da América</i> .....	138
5.1.3.1 A primeira metade do século XX.....	138
5.1.3.2 A segunda metade do século XX.....	140
<b>5.2 Os constituintes fonético-fonológicos do português.....</b>	<b>144</b>
5.2.1 <i>A sílaba em português</i> .....	144
5.2.2 <i>As vogais do PB</i> .....	148
5.2.2.1 As vogais orais do PB.....	148
5.2.2.2 As vogais nasais do PB.....	152
5.2.3 <i>As consoantes do português</i> .....	153
5.2.3.1 As oclusivas.....	155
5.2.3.2 As nasais.....	156
5.2.3.3 As fricativas.....	156
5.2.3.4 As africadas.....	156
5.2.3.5 O tepe.....	156
5.2.3.6 A vibrante.....	157
5.2.3.7 A aproximante retroflexa.....	157
5.2.3.8 As laterais.....	157
5.2.4 <i>O acento em português</i> .....	158
<b>5.3 Os róticos.....</b>	<b>161</b>
5.3.1 <i>A posteriorização de (r)</i> .....	169

5.3.2	<i>Processos envolvendo o (r) - explicação de natureza neogramática vs. Difusionista</i>	171
<b>6</b>	<b>O VÊNETO E O TALIAN</b>	<b>174</b>
6.2	<b>O Talian</b>	<b>181</b>
6.2.1	<i>Aspectos socioculturais do Talian</i>	181
6.2.2	<i>A regulamentação do Talian</i>	183
6.2.3	<i>A(s) estrutura(s) sonora(s) do Talian</i>	184
<b>7</b>	<b>A LINGUAGEM E OS SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS</b>	<b>189</b>
7.1	<b>Os Sistemas Complexos</b>	<b>189</b>
7.2	<b>A linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo</b>	<b>195</b>
<b>8</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>202</b>
8.1	<i>A pronúncia de (r) que não evidencia contato linguístico</i>	209
8.1.1	<i>A posição do rótico na sílaba</i>	215
8.1.2	<i>Modo de articulação do segmento seguinte às variantes [x/y, h/h]</i>	216
8.2	<i>O apagamento de (r)</i>	217
8.2.1	<i>Classe de palavra</i>	220
8.2.2	<i>Posição de (r) na sílaba</i>	221
8.2.3	<i>Tonicidade da sílaba</i>	222
8.2.4	<i>Ponto de articulação do segmento seguinte</i>	223
8.2.5	<i>Modo de articulação do segmento seguinte</i>	225
8.2.6	<i>Sexo</i>	228
8.3	<b>A realização de (r) em São Bento de Urânia sob a perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC)</b>	<b>234</b>
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>239</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>245</b>
	<b>ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UFES - 07/07/2010</b>	<b>258</b>
	<b>ANEXO 2 – INCLUSÃO DO TALIAN NO INVENTÁRIO NACIONAL DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA</b>	<b>259</b>

<b>ANEXO 3 – DECRETO 7.387/2020 - INSTITUIÇÃO DO INVENTÁRIO NACIONAL DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA .....</b>	<b>260</b>
---	------------



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS<sup>1</sup>

O Espírito Santo se caracteriza por abrigar, em seu território, pessoas de diversas etnias. Desde a chegada dos portugueses, no século XVI, a história do estado sempre esteve marcada por contatos étnicos e culturais, primeiramente entre os portugueses e os indígenas; em seguida, entre eles e os escravos africanos; por fim, entre esses povos e os imigrantes, que vieram principalmente da Europa.

A primeira grande leva de imigrantes era de origem germânica e chegou ao estado em 1847. Já os italianos aportaram nas terras capixabas em 1874, dirigindo-se para a fazenda de Pietro Tabachi, onde é hoje o município de Ibirapu (MOREIRA; PERRONE, 2007). Devido à geografia do estado e à forma de ocupação da terra, os imigrantes e seus primeiros descendentes viveram afastados dos brasileiros, pois foram levados para o meio da mata virgem, e, por isso, puderam conservar sua língua e sua cultura. Porém, com o crescente contato com os nacionais, atualmente as línguas faladas pelos imigrantes italianos têm perdido um considerável espaço para o português (PERES, 2011a; 2011b; 2014; COMINOTTI, 2021; COMINOTTI; PERES, 2021), ao passo que outras ainda são faladas, como o Pomerano<sup>2</sup> e o Hunsrückisch.

A diversidade étnica e cultural do estado tem sido tema de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, principalmente da História e da Sociologia. No campo da Linguística, da Sociolinguística e dos Contatos Linguísticos, podem ser citadas as pesquisas realizadas pelo Instituto de Política Linguística e por estudantes de Programas de Pós-Graduação do Espírito Santo e de outros estados brasileiros, que abordaram o contato do português com línguas minoritárias – ou minorizadas – ou somente essas. Exemplos são os estudos sobre o Guarani Mbya (CALAZANS, 2014, 2018; PERES, FINARDI, CALAZANS, 2020), o Pomerano (TRESSMANN, 2005; BENINCÁ, 2008; BARTH, 2011; SCHAEFFER, 2011; BREMENKAMP, 2014; SOUZA, 2017; KÜSTER, 2018; PEREIRA-NETO, 2018, HOLZ, 2020; etc.) e o Hunsrückisch (KLIPPEL-MACHADO, 2018; CHRIST, PERES, ROCHA, 2019; CHRIST, PERES, STEIN, 2021).

---

<sup>1</sup> Parte do que consta destas Considerações Iniciais está presente em artigos e capítulos de livros anteriores, escritos a partir de 2011.

<sup>2</sup> Nesta tese, os nomes das línguas estrangeiras aparecerão com suas iniciais em letra maiúscula, seguindo-se as grafias de seus estudiosos e autores.

Quanto aos estudos sobre as línguas faladas pelos imigrantes italianos, em 2010 foi elaborado o projeto de pesquisa “Línguas em Contato: o português e o italiano no Espírito Santo”, cujos objetivos centrais eram: a) formar bancos de dados de fala das diferentes comunidades capixabas colonizadas por imigrantes italianos; e b) descrever o português falado nessas localidades, tentando averiguar se, atualmente, ainda permanecem nele traços das línguas de imigração. Nestes anos, foram orientados vários Trabalhos de Conclusão de Curso, pesquisas de Iniciação Científica, dissertações de Mestrado e uma tese de Doutorado<sup>3</sup>, que trataram das consequências, no nível linguístico e/ou social, dos contatos entre as línguas faladas pelos diferentes imigrantes e o português. Esses estudos indicam que:

a) o sistema sonoro das línguas faladas pelos imigrantes italianos exerce influência no português de seus descendentes, como: o uso do tepe no lugar das fricativas glotais [h, ð] e velares [x, ɣ], que são as formas não marcadas do Espírito Santo são; a realização de /t/ e /d/ diante de /i/ sem o processo de palatalização; e a pronúncia do ditongo nasal -ão como [õ] (AVELAR, 2015; PICOLI-MENEGHEL, 2015; PERES; COMINOTTI; PARDINHO, 2018);

b) as pessoas que mais apresentam traços das línguas minoritárias em sua linguagem são os bilíngues e/ou os mais idosos, residentes em comunidades rurais colonizadas por imigrantes, onde as pressões da língua oficial - o português - são menores (cf. AVELAR, 2015; PICOLI-MENEGHEL, 2015; PETERLE, 2017).

No que respeita às línguas faladas pelos imigrantes italianos, cabe aqui ressaltar que eles vieram majoritariamente do norte da Itália, como evidencia a Tabela a seguir.

---

<sup>3</sup> As dissertações e teses serão apresentadas em um capítulo específico para isso.

Tabela 1.1 – Procedência dos imigrantes italianos chegados ao Espírito Santo

<b>ITALIANOS DE ACORDO COM AS REGIÕES DE ORIGEM</b>		
<b>Regiões<sup>4</sup></b>	<b>Imigrantes</b>	<b>%</b>
Veneto	9.486	39,37
Lombardia	4.751	19,72
Trentino-Alto Adige	3.213	13,33
Emilia-Romagna	2.416	10,03
Piemonte	1.235	5,13
Friuli-Venezia Giulia	989	4,10
Marche	500	2,08
Abruzzo	494	2,05
Toscana	263	1,09
Campania	235	0,98
Basilicata	88	0,37
Lazio	78	0,32
Sicilia	77	0,32
Calabria	75	0,31
Liguria	62	0,26
Umbria	55	0,23
Puglia	39	0,16
Sardegna	34	0,14
Valle d'Aosta	3	0,01
Molise	2	0,01
Sem referência	12.571	

Fonte: Franceschetto (2014, p. 123).

De acordo com a Tabela 1.1, os imigrantes italianos adentrados no estado vieram principalmente de três regiões da península italiana: Veneto, Lombardia e Trentino-Alto Adige, somando 72,42% do total de imigrantes. Os outros 27,58% estão divididos especialmente entre Emilia-Romagna, Piemonte, Friuli-Venezia Giulia, Marche e Abruzzo. Assim, as variedades do Vêneto, do Lombardo, do Trentino, do Piemontês e do Friulano foram faladas em muitos municípios do Espírito Santo, no início de sua chegada ao estado, o que provoca diferenças na linguagem dessas localidades.

Isso posto, esta tese visa à ampliação dos estudos sobre o português falado no Espírito Santo. Especificamente, busca-se descrever e analisar a realização dos róticos no português de contato com as línguas italianas de imigração em uma comunidade rural

<sup>4</sup> Na Tabela 1.1, as regiões estão grafadas com a ortografia italiana.

capixaba, a fim de se conhecerem as influências de uma língua sobre outra, no nível fonético-fonológico.

Conforme será abordado mais detalhadamente no capítulo 5, os róticos são os sons de ‘r’ do português do Brasil: o tepe, a vibrante alveolar, as fricativas velares e glotais, e a aproximante retroflexa, podendo dar-se também o apagamento em posição de coda silábica (cf. SILVA, 2011, p. 197). Os róticos são representados de diferentes formas pelos autores das obras consultadas; nesta tese, adota-se o símbolo (r), seguindo Oliveira (1983).

Em suma, o objetivo principal desta pesquisa é registrar parte das influências fonético-fonológicas de variedades vênetas faladas pelos imigrantes que colonizaram o distrito de São Bento de Urânia sobre o português, cujo contato deu origem ao Talian<sup>5</sup>. Os objetivos específicos são estes:

- a) pesquisar a história da imigração italiana no Espírito Santo, especialmente no município e na localidade onde se deu a coleta de dados – o distrito de São Bento de Urânia, município de Alfredo Chaves;
- b) analisar dados de fala de quatro bilíngues em português e Talian, dos dois sexos, com idades acima de 57 anos e com pouca ou nenhuma escolarização;
- c) identificar os fatores que favorecem o uso das variantes presentes na linguagem dos informantes; e
- d) analisar os resultados do ponto de vista fonético-fonológico, sociolinguístico e dos Sistemas Adaptativos Complexos.

Esta pesquisa pretende, em última instância, prestigiar as línguas de imigração, por meio da valorização de seus falantes, a fim de que elas não deixem de ser faladas, no Espírito Santo. Pretende-se, igualmente, proporcionar a compreensão e o respeito aos “sotaques diferentes”, para que a diversidade linguística seja motivo de orgulho, e não de zombaria e retaliação.

Este estudo se justifica pela:

---

<sup>5</sup> O Vêneto e o Talian serão apresentados adiante, [no capítulo 6](#) desta tese.

- i) necessidade de se descreverem, linguisticamente, as consequências dos contatos linguísticos que ocorreram no Espírito Santo. Seus resultados podem trazer novas luzes aos estudos de Sociolinguística e de Contatos Linguísticos no estado;
- ii) importância dos dados obtidos para a elaboração de políticas voltadas à manutenção/revitalização de línguas minoritárias no estado; e
- iii) contribuição que os resultados podem oferecer ao planejamento de ensino do português em municípios colonizados por imigrantes, levando os docentes e os estudantes a conhecerem, respeitarem e valorizarem a variedade falada por sua família e/ou por sua comunidade. Assim, é possível expor e, por conseguinte, combater o preconceito linguístico que sofrem os falantes das línguas minoritárias e das variedades desprestigiadas do português.

Três referenciais teóricos são adotados nesta tese. O primeiro é a Fonética e a Fonologia, para as análises das influências de uma língua em contato com outra. Para tanto, são analisados os sistemas sonoros do Português do Brasil, das variedades vênetas faladas nas regiões de origem de nossos informantes e do Talian, o Vêneto brasileiro.

O segundo referencial teórico adotado nesta tese é a Sociolinguística, especificamente a Teoria da Variação, pois o que se estuda é a ocorrência de variantes de uma variável – o rótico – na linguagem de moradores de uma comunidade que vivenciou o contato entre línguas. Dessa forma, grupos de fatores linguísticos e um extralinguístico – o sexo dos informantes – são investigados, e os dados são analisados quantitativamente, por meio do programa estatístico GoldVarb X, e qualitativamente.

O terceiro referencial teórico utilizado para se pensar a situação linguística de São Bento de Urânia é a teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC). A teoria dos SAC aporta visões interessantes a respeito dos contextos sociais que atuaram e atuam sobre a variação dos usos linguísticos na comunidade colonizada por imigrantes sob estudo. Observa-se, no entanto, que a análise sob a perspectiva dos SAC é inicial, devendo ser aprofundada futuramente.

Subjacente a essas três perspectivas de análise dos dados está a situação de contato entre línguas que ocorreu na comunidade pesquisada e que gerou a situação que ora se pesquisa. Neste ponto, faz-se importante observar que os estudos de Contatos Linguísticos conformam uma área complexa, pois, ocorrendo de diferentes modos, propicia variados tipos de estudos. Em termos gerais, o contato entre duas ou mais línguas pode ser

analisado pensando-se no nível individual, no linguístico ou no social. Quando se trata dos contatos linguísticos no nível individual, surgem pesquisas, por exemplo, sobre a constituição do cérebro do sujeito bilíngue, a aferição de seu grau de proficiência em ambas as línguas, o processo de aquisição da segunda língua – se concomitantemente ou não à primeira – etc.

Em relação às consequências dos contatos no nível linguístico, os estudos podem concentrar-se nos pidgins e crioulos e nas influências do sistema linguístico de uma língua sobre o de outra, com as consequências disso sobre os enunciados. Em se tratando de pesquisas sobre os contatos no nível social, a depender da situação em que ele se deu, há diferentes consequências, como a coexistência das duas ou mais línguas – a(s) minoritária(s) e a majoritária – ou a substituição da(s) primeira(s), bem como as razões que levaram a um ou a outro resultado. Os fatores que podem fazer com que uma língua minoritária se mantenha ou seja substituída serão observados no capítulo 2, destinado à apresentação dos estudos afins a esta pesquisa empreendidos no Espírito Santo.

Com base nos referenciais teóricos adotados, contribuem para a compreensão de toda a complexidade deste tema os trabalhos de Weinreich (1970 [1953]); Labov (1972; 2008); Fasold (1996); Appel e Muysken (1996); Baker e Jones (1998); Romaine (2000); Holm (2003); Winford (2003); Chambers, Trudgill e Schilling (2004); Coulmas (2005); Myers-Scotton (2008); Chambers (2009); Couto (2009); Matras (2009); Trudgill (2010; 2012); Meyerhoff (2011); Montrul (2013); Oliveira (2014, 2015; 2016; 2018a; 2018b; 2022); etc., que foram e são utilizados para analisar os estudos de contatos linguísticos levados a cabo no Espírito Santo, incluindo-se esta tese.

Quanto às análises fonético-fonológicas do português resultante do contato, para a explicitação de conceitos, optou-se por buscar autores de livros – alguns já clássicos – cuja qualidade é atestada por suas seguidas reedições. Assim, foram consultadas obras como as de Camara Jr. (1984; 2019), Silva (1999; 2011; 2022), Bisol (2001), Lee (2002, 2017), Callou e Leite (2005), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) e Silva et al. (2019), entre outros autores. Para a análise dos dados e as comparações com os resultados da comunidade estudada, buscaram-se os aportes de livros, dissertações, teses e artigos relacionados aos temas afins a esta pesquisa.

A fim de que os objetivos propostos para este estudo pudessem ser alcançados, adotaram-se os seguintes procedimentos metodológicos: a comunidade escolhida é São Bento de Urânia, sede do distrito de mesmo nome, em Alfredo Chaves, um dos municípios que mais receberam imigrantes italianos e que mais concentram falantes de Talian no Espírito Santo. Na Sede do município e nas comunidades do interior, a cultura dos imigrantes está fortemente presente: na religião, na culinária, nos sobrenomes que dão nomes aos estabelecimentos comerciais, nas festas, nos hábitos dos moradores que preservam os costumes de seus antepassados. As lembranças da Itália são facilmente vistas em qualquer lugar.

Os dados foram gerados a partir de entrevistas com quatro pessoas com diferentes níveis de bilinguismo, sendo duas mulheres e dois homens, com até quatro anos de escolarização, todos acima de 57 anos em 2013 – época das entrevistas. A língua utilizada pelos informantes foi o português, mas os dois homens também fizeram pequenos relatos em Talian. As mulheres afirmam que não falam a língua dos antepassados, apenas a compreendem bem; portanto, suas gravações estão somente em português.

Em situações inusitadas, como a de uma entrevista com uma pessoa estranha, ocorre, de modo geral, o monitoramento e, conseqüentemente, a maior formalização da linguagem por parte dos informantes. Para evitar esse contexto, as entrevistas foram realizadas tentando-se minimizar o que Labov (1972; 2008) chamou de “o paradoxo do observador”<sup>6</sup>: os temas das conversas foram a história da comunidade e da família dos entrevistados na Itália e no Brasil, sua infância, o período escolar, o trabalho na lavoura etc. O consentimento para as gravações foi dado verbalmente por cada informante, no início das entrevistas, além da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os dados gerados pudessem ser estudados.

Os dados de fala de interesse – os róticos – foram ouvidos e codificados, a fim de serem tratados quantitativamente por meio do Programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). De posse dos resultados, foram feitas as análises qualitativas, por meio das teorias que embasam esta pesquisa, referidas anteriormente.

---

<sup>6</sup> Segundo Labov (1972, p. 61), “[...] nosso objetivo é observar o modo como as pessoas falam quando elas não estão sendo observadas” (grifos desta autora). No original: “[...] our goal is to observe the way people use language when they are not being observed.”. Vide também Labov (2008, p. 83; 244).

De tudo o que foi exposto nestas Considerações Iniciais, formularam-se as seguintes hipóteses para este estudo:

- 1) os informantes apresentam influência da língua de seus antepassados em sua fala, especialmente nos traços em que os dois sistemas sonoros se diferenciam: o uso do tepe no lugar das fricativas posteriores, que são as variantes não marcadas do português de localidades que não receberam imigrantes intensamente;
- 2) a influência do português também se faz presente na linguagem dos informantes, haja vista que o seu contato com a língua portuguesa ocorreu há décadas;
- 3) O uso dos róticos na comunidade de São Bento de Urânia deve apresentar semelhanças com outras localidades brasileiras colonizadas por imigrantes italianos.

Todas as etapas desta pesquisa são relatadas nos capítulos que compõem esta tese e que seguem estas Considerações Iniciais. No segundo capítulo, faz-se a apresentação de alguns dos estudos que tratam dos mesmos temas que este, a fim de que se possam extrair os conhecimentos aí produzidos e que se possa situar esta pesquisa no contexto acadêmico mais recente.

No terceiro capítulo, faz-se um resumo da história da imigração italiana no Espírito Santo, em Alfredo Chaves e no Distrito de São Bento de Urânia, para que se compreendam os caminhos percorridos pelos antigos imigrantes até os seus atuais descendentes.

No quarto capítulo, os Procedimentos Metodológicos são apresentados com os detalhes que não caberiam nesta parte introdutória.

Os capítulos 5, 6 e 7 contêm os aportes teóricos que contribuem para as análises deste estudo. No quinto capítulo, faz-se um resumo do sistema fonético-fonológico do português e é apresentado um estudo sobre os róticos. No sexto, o sistema sonoro do Vêneto e do Talian são abordados, além dos aspectos socioculturais e políticos do Talian. No sétimo, apresenta-se um resumo da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos.

O oitavo capítulo destina-se às análises dos dados extraídos das entrevistas dos quatro informantes sob a perspectiva dos três referenciais teóricos adotados. Por fim, tecem-se

as Considerações Finais do estudo e apresentam-se as Referências e os Anexos desta tese. Passa-se, assim, ao próximo capítulo.

## 2 ESTUDOS SOBRE OS RÓTICOS E OS CONTATOS ENTRE O PORTUGUÊS E AS LÍNGUAS ITALIANAS DE IMIGRAÇÃO

Neste capítulo, serão apresentados os principais resultados de estudos – dissertações, teses e artigos – que se debruçaram sobre o mesmo objeto de pesquisa e o referencial teórico desta tese e, por conseguinte, contribuem para se pensar sobre os contatos linguísticos no Espírito Santo. Para tanto, fez-se uma busca no Banco de Dissertações e Teses da Capes quanto aos seguintes descritores: “língua italiana de imigração”, “língua Talian”, “língua vêneta” e “dialeto italiano”. Dos resultados encontrados, seriam utilizados os textos que tivessem como escopo teórico os contatos linguísticos com o português nos níveis social e linguístico, especificamente a Fonética e a Fonologia.

A busca no Banco de Dissertações e Teses da Capes<sup>7</sup> não retornou nenhum resultado para o descritor “língua italiana de imigração”; indicou 13 trabalhos para o descritor “língua Talian”, cinco para “língua vêneta” e seis para “dialeto italiano”. Os trabalhos de interesse constam dos capítulos desta tese. Também se buscaram trabalhos pelo descritor “língua de herança”, mas, dos 32 resultados, não foi encontrado nenhum que se associasse diretamente ao tema desta pesquisa.

A busca nos Periódicos Capes<sup>8</sup> foi feita em relação aos mesmos descritores. Para “língua italiana de imigração”, não houve retorno de dados. Para o descritor “língua Talian”, a busca retornou 15 textos, sendo que dois interessam a esta tese. Para o descritor “língua vêneta”, houve retorno de 55 textos, sendo que quatro são relacionados ao tema deste estudo. Por fim, para o descritor “dialeto italiano”, a busca retornou 15 trabalhos, sendo que três foram lidos, por apresentarem consonância com este objeto de pesquisa. Alguns desses trabalhos são apresentados neste capítulo, e os resultados pertinentes voltarão quando da análise dos dados desta pesquisa; outros, porém, devido à convergência com o tema desta tese, serão tratados em capítulos posteriores.

Em um primeiro momento, pensou-se em ler as investigações concluídas nos últimos dez anos do início desta tese, ou seja, a partir de 2009; entretanto, foram encontradas

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Primeiro acesso em: 05 abr. 2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez93.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-primo.html>. Primeiro acesso em: 05 abr. 2021.

pesquisas anteriores a esse ano que acrescentariam muito a esta pesquisa. Por isso, optou-se por incluí-las também.

Este capítulo está dividido em duas grandes seções: na primeira, são reportados os resultados obtidos pelas pesquisas realizadas em diferentes estados brasileiros (MARGOTTI, 2004; GUBERT, 2012; FORNARA, 2019; COMIOTTO; MARGOTTI, 2019; SPESSATTO, 2021; e CURIOLETTI; BATTISTI, 2022) e, na segunda, os resultados encontrados em estudos feitos especificamente no Espírito Santo (AVELAR, 2015; MENEGHEL, 2015; PETERLE, 2017; MAJONI, 2015; PERES, 2014; RODRIGUES, 2015; COMINOTTI, 2015, 2021; e FIORIN, 2019).

## **2.1 As pesquisas sobre os contatos entre o português e as línguas italianas de imigração fora do Espírito Santo<sup>9</sup>**

As pesquisas aqui citadas são divididas em dois grupos, conforme os seus objetos de estudo. Primeiramente, apresentam-se as pesquisas que analisam os aspectos fonético-fonológicos do contato linguístico entre o português e as línguas italianas de imigração. Em seguida, apresenta-se a pesquisa de Fornara (2019), que se concentra nos aspectos sociais do contato linguístico. Passa-se, assim, aos trabalhos.

### ***2.1.1 Interferências fonético-fonológicas das línguas italianas de imigração no português***

#### ***2.1.1.1 A difusão do sistema sonoro do português em regiões de contato linguístico: Margotti (2004)***

Inicia-se esta seção com a tese de Felício Wessling Margotti, intitulada *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*, defendida em 2004 junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa pautou-se teoricamente na Dialetologia Pluridimensional e

---

<sup>9</sup> Neste capítulo, são adotadas as nomenclaturas, bem como os símbolos fonéticos/fonológicos utilizados por cada autor das pesquisas apresentadas.

Relacional<sup>10</sup> (THUN, 1998<sup>11</sup>; RADTKE; THUN, 1996<sup>12</sup>) e teve por objetivo geral descrever o processo de difusão do sistema sonoro do português em oito municípios colonizados por imigrantes italianos no Rio Grande do Sul – Caxias do Sul, Nova Palma, Sananduva e Sarandi – e em Santa Catarina – Chapecó, Orleans, Rodeio e Videira.

Especificamente, Margotti (2004, p. 03) descreveu “o modo como se dá a aquisição de traços do português em contato e o grau de participação de diferentes grupos sociais nesse processo”. Os dados foram gerados por meio das respostas a um questionário fonético-fonológico com 60 perguntas, da leitura do texto *A parábola do filho pródigo* e de entrevistas semidirigidas, no estilo conversa. As dimensões avaliadas pelo autor foram: diatópica (quatro municípios de Santa Catarina e quatro do Rio Grande do Sul), diazonal (falantes das zonas rural e urbana), diageracional (G1 – pessoas de 15 a 30 anos; e GII – de 45 a 60 anos), diastrática (participantes com até 08 anos de escolaridade e acima de 08 anos), diassexual (sujeitos dos dois sexos), dialingual (descendentes de imigrantes italianos bilíngues e descendentes de luso-brasileiros monolíngues), diafásica (conversa livre, questionário e leitura) e diarreferencial (referências metalinguísticas e epilinguísticas).

Os fenômenos analisados pelo pesquisador são: “a pronúncia variável do ditongo nasal tônico [ã̃], do [r] forte, da vogal [a] seguida de consoante nasal, do alçamento das vogais átonas finais [e] e [o], da africacão de [t] e [d] diante de [i], da realização das fricativas [ʃ] e [ʒ]” (MARGOTTI, 2004, p. xv), que se produzem de formas diferentes nos dois sistemas fonético-fonológicos envolvidos. No total, o pesquisador encontrou 7.650 dados das variáveis analisadas. Os dados foram tratados quantitativamente por meio do Sistema do Processamento de Dados Geolinguísticos (SPGDL) e pelo Varbrul.

A seguir encontram-se os resultados de Margotti (2004) apenas com relação ao (r). Observe-se que, quanto mais próximo de 1.0 for o Peso Relativo (PR), mais o fator favorecerá o fenômeno linguístico ou extralinguístico descrito. Ao contrário, quanto mais

---

<sup>10</sup> Nesta tese, optou-se por trazer em nota de rodapé as obras que foram utilizadas pelos autores citados. Por sua vez, o material lido para a elaboração do presente estudo consta das Referências.

<sup>11</sup> THUN, Harald. 1998. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). Congreso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza. 21., 1995. Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). *Atti...* Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

<sup>12</sup> RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

próximo de 0.0 o PR, mais o fator desfavorecerá o fenômeno. Assim, um PR igual ou muito próximo de .5 indica que o fator não será nem favorecedor nem desfavorecedor do fenômeno analisado.

Para a variável [r] forte nos contextos analisados, o autor encontrou em seus dados quatro variantes:

- Vibrante [r] e fricativa velar [x] (50%);
- Aproximante [ɹ] (33%);
- Tepe [ɾ] (17%).

Para pronúncia vibrante ou fricativa velar, as variáveis selecionadas pelo Varbrul e seus resultados são:

Tabela 2.1 — Variáveis selecionadas - Margotti (2004)

<b>Grupo de fatores</b>	<b>Peso Relativo</b>	
Localização da comunidade	Caxias do Sul-RS	.77
	Orleans-SC	.72
	Sarandi-RS	.58
	Chapecó-SC	.50
	Nova Palma-RS	.46
	Videira-SC	.35
	Rodeio-SC	.33
	Sananduva-RS	.28
Dimensão diazonal	falantes urbanos	.76
	rurais	.25
Dimensão diafásica:	estilo leitura	.72
	conversa	.51
	resposta ao questionário	.41

Fonte: Margotti (2004, p. 154).

O autor afirma que “são ainda relevantes, na difusão da regra associada ao português, *a etnia*, com peso relativo .64 favorável aos luso-brasileiros, e o *sexo*, com peso relativo .72 para os grupos de homens e mulheres (mistos)” (MARGOTTI, 2004, p. 160-161).

A partir da seção 4.3 de sua tese, o autor aprofunda as análises a respeito da realização das variáveis estudadas e a sua relação com os grupos de fatores que analisou. Uma de suas conclusões é de que “o estágio de difusão do português em cada área de contato com o italiano está, em parte, correlacionado ao tempo de contato e à quantidade de contato [...]” (MARGOTTI, 2004, p. 258).

Os resultados de Margotti indicam a maior ocorrência das variantes relacionadas ao português, bem como um favorecimento do uso dessas variantes nas comunidades urbanas e no estilo leitura, em que normalmente a fala é mais próxima à variedade culta do português.

#### 2.1.1.2 A realização das vibrantes em Vargeão-SC: Gubert (2012)

A dissertação de Antonio Luiz Gubert, intitulada *Influências do Talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético*, foi defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. A pesquisa teve por objetivo “investigar uma comunidade de fala colonizada por descendentes de italianos para descrever as variações fonéticas possíveis de se encontrar no dialeto local causadas pela influência do bilinguismo *talian*-português” (GUBERT, 2012, p. 70). A comunidade é Vargeão-SC, município colonizado por descendentes de imigrantes do Vêneto que anteriormente habitaram o Rio Grande do Sul.

O referencial teórico selecionado foi a Sociolinguística, e os procedimentos metodológicos constaram da gravação de conversa com 24 informantes, em que narraram histórias de sua infância. Estes foram classificados pelo sexo (feminino e masculino), nível de escolaridade (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo e ensino médio) e de faixa etária (de 20 a 35 anos e de mais de 45). Em seguida, houve a transcrição e a codificação dos dados, para serem submetidos ao programa estatístico GoldVarb2001.

O autor buscou descrever e analisar a variação/mudança com relação às seguintes variáveis: a) neutralização do [r] e do [r̄]; b) alçamento do [e] e do [o] em posição átona final; c) substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] por [õw̃], [õ] ou [ũ]; d) alternância de [ʃ] com [ʒ] e de [z] com [z̄]; e) pronúncia da vogal [a] diante de consoante nasal e pronúncia da vogal nasal [ẽ]. Aqui serão apresentados os resultados referentes à vibrante múltipla e o tepe.

O Quadro Sintético dos Resultados - Quadro 3 de Gubert (2012, p. 67-68) - exhibe resumidamente as variáveis independentes favorecedoras da realização de cada variável dependente. Quanto à neutralização de [r] e de [ʀ], a realização de [r] foi favorecida pelas mulheres (PR = .75) e por pessoas com ensino fundamental completo (PR = .64), tendo o ensino médio se mostrado levemente favorecedor (PR = .54). Quanto aos fatores linguísticos, [r] é favorecida quando o contexto linguístico anterior é pausa (PR = .77) e consoante (PR = .66).

Por fim, os resultados encontrados confirmam as hipóteses estabelecidas por Gubert (2012). A hipótese geral: “A aplicabilidade dos padrões fonéticos do *talian* no português brasileiro da cidade em estudo tem variado, em um movimento que favorece a perda das características do *talian* frente às do português” (GUBERT, 2012, p. 48). A hipótese diastrática/escolaridade: “[...] os resultados se mostraram favoráveis para a hipótese de que ‘quanto mais escolarizado o falante, mais as formas do português prevaleceriam’.” (op. cit., p. 72). A hipótese diasssexual: “Os [...] resultados corroboram nossa hipótese adotada, de que ‘a mulher tende a ser mais conservadora’ [...]” (op. cit., p. 71). Por fim, a hipótese diageracional: “[...] os resultados também apontaram para uma maior empregabilidade das formas do português em informantes mais jovens, confirmando nossa hipótese de que esses informantes tenderiam à inovação” (op. cit., p. 72).

Como será visto à frente, os resultados gerais da pesquisa de Gubert estão conformes com os de outras comunidades colonizadas por imigrantes, no Brasil.

## ***2.1.2 Análise dos róticos no contato entre o português e a língua italiana de imigração***

### *2.1.2.1 O tepe e a vibrante alveolar em Santa Catarina e Rio Grande do Sul: Comiotto e Margotti (2019)*

O artigo de Comiotto e Margotti (2019) tem por objetivo analisar a realização dos róticos – a vibrante alveolar e o tepe –, no contato entre o português e as línguas faladas pelos imigrantes italianos chegados ao Brasil no século XIX. O comportamento fonético-fonológico de ambas as variantes se distingue na língua portuguesa e no português de

contato: na primeira, a vibrante e o tepe são dois fonemas, ocorrendo em início de palavra e de sílaba, na posição intervocálica e em coda silábica. O português de contato do Sul do Brasil, por sua vez, apresenta a ocorrência do tepe no lugar da vibrante – resultado da transferência do sistema sonoro das línguas italianas para o português. A hipótese testada pelos autores é de que, entre os moradores das localidades pesquisadas, a vibrante e o tepe são as variantes mais produtivas.

O corpus da pesquisa é constituído por 108 respostas dos participantes às perguntas de número 2, 18, 20, 21, 38, 48, 52, 76, 87, 88, 94, 147 e 159 do Questionário Fonético-Fonológico do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que são, respectivamente: ‘terreno’, ‘varrer’, ‘ruim’, ‘arroz’, ‘rosa’, ‘rato’, ‘remando’, ‘real/reais’, ‘borracha’, ‘rasgar’, ‘correio’, ‘sorriso’ e ‘morreu’. Dessa forma, a realização da vibrante e do tepe foi observada em dois contextos fonéticos: posição intervocálica e início de palavra.

Seguindo os pressupostos da Geolinguística, os informantes foram estratificados de acordo com o seu sexo (feminino e masculino) e faixa etária (I, 18 a 35 anos; e II, de 50 a 65 anos), todos com o Ensino Fundamental. Foram observados 27 pontos de Santa Catarina (Porto União, São Francisco do Sul, Blumenau, Itajaí, São Miguel do Oeste, Concórdia, Lages, Florianópolis, Tubarão e Criciúma) e Rio Grande do Sul (Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Porto Alegre, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte e Chuí).

Os dados dos 108 informantes dos 27 pontos foram dispostos em uma tabela e, em seguida, inseridos no software SGVClín, para a confecção das cartas linguísticas utilizadas no estudo. De acordo com os autores, após a tabulação dos dados, foram obtidas 108 respostas dos participantes para cada palavra, obtendo-se as seguintes variantes: vibrante alveolar [r], fricativa velar [x], fricativa glotal [h] e tepe [ɾ]. Os resultados podem ser observados por meio da Tabela a seguir.

Tabela 2.2 — Realização variável dos róticos em ataque silábico em Santa Catarina e Rio Grande do Sul - Comiotto e Margotti (2019)

Palavras	Fricativa velar [x]	Vibrante alveolar [r]	Tepe [ɾ]	Fricativa glotal [h]
<b>terreno</b>	87	2	13	1
<b>varrer</b>	75	8	16	1
<b>ruim</b>	83	10	6	2
<b>arroz</b>	87	8	8	2

<b>rosa</b>	78	12	14	2
<b>rato</b>	84	8	13	1
<b>remando</b>	81	8	14	2
<b>real - reais</b>	80	12	9	2
<b>borracha</b>	83	5	16	1
<b>rasgar</b>	86	6	12	1
<b>correio</b>	82	6	16	1
<b>sorriso</b>	79	7	14	1
<b>morreu</b>	86	7	11	1

Fonte: Comiotto; Margotti (2019, p. 04, Tabela 2).

Por meio da Tabela acima, vê-se que a consoante fricativa velar [x] predomina nos dois estados pesquisados. Entretanto, segundo os autores, “nas regiões de contato com o dialeto italiano, representado pelos pontos 226 – São Miguel do Oeste (SC), 229 – Concórdia (SC), 235 – Erechim (RS), 240 – Flores da Cunha (RS), registram-se as realizações das variantes r-forte [r] e principalmente tepe [r]” (COMIOTTO; MARGOTTI, 2019, p. 05).

Nas localidades colonizadas por italianos, em contextos intervocálicos e de início de sílaba, a produção dos róticos é a seguinte:

- 1) 55,77% dos informantes utilizaram o tepe, [r], e 44,23% realizaram a fricativa velar, [x], no ponto 226 (São Miguel do Oeste);
- 2) 71,15% de realização de [r], 23,08% de [x] e 5,77% da vibrante alveolar, [r], no ponto 229 (Concórdia);
- 3) 48,08% de [r], 48,08% de [r] e 3,85% de [x], no ponto 235 (Erechim); e
- 4) 60% de [r], 24% de [x] e 16% de [r], no ponto 240 (Flores da Cunha).

Segundo os autores, no início de palavra e em contexto intervocálico, predomina a realização da fricativa velar, na maior parte dos pontos. Entretanto, nos pontos em que se verifica o português de contato, o uso de [r] predomina, embora exista uma variação maior nos contextos de uso. Os autores observam ainda que o ponto 235 (Erechim), embora esteja localizado próximo a Concórdia, Chapecó e outras cidades colonizadas por italianos, demonstrou um comportamento diferenciado desses pontos, ao apresentar a

vibrante alveolar como a mais produtiva, em início de palavra, não obstante a realização do tepe ser semelhante, com 50% das ocorrências.

Concluindo, Comiotto e Margotti (2019) atestam que:

- i) a variante predominante nas localidades observadas é a fricativa velar, [x];
- ii) nas comunidades em que houve o contato do português com as línguas italianas (Flores da Cunha, Erechim, Concórdia e São Miguel do Oeste), a variante mais realizada é o tepe, [r], especialmente em contexto intervocálico;
- iii) “na posição inicial de palavra, há equilíbrio no uso do tepe [r] e da vibrante alveolar [r] em São Miguel do Oeste e Concórdia, mas em Erechim a vibrante alveolar [r] tem uso um pouco superior ao uso do tepe [r], invertendo essa posição em Flores da Cunha, onde o tepe [r] é a variável mais produtiva com 52,17% de uso, ao passo que se constata relativo equilíbrio entre as variantes vibrante alveolar [r], com 21,74%, e fricativa velar [x], com 26,09%” (COMIOTTO; MARGOTTI, 2019, p. 8);
- iv) Não foi possível estabelecer uma conclusão precisa entre as variantes preferidas por mulheres e homens, tendo em vista que ambos utilizaram o tepe;
- v) Tampouco houve uma diferença significativa entre as variantes utilizadas pelas duas faixas etárias.

Com este estudo de Comiotto e Margotti (2019), observa-se a presença ainda marcante de tepe onde houve imigração, como acontece entre os mais idosos em São Bento de Urânia, comprovando a influência do sistema sonoro do substrato, nos contatos linguísticos. Passa-se agora a mais um estudo sobre os róticos, no Sul do Brasil.

#### 2.1.2.2 *A realização do tepe e da vibrante múltipla no Oeste de Santa Catarina: Spessatto (2021)*

O artigo de Spessatto, intitulado *A história se faz presente: a influência dos dialetos italianos na fala em português de jovens estudantes do oeste de Santa Catarina*, tem por objetivo analisar a produção do tepe em contextos em que deveria ocorrer a vibrante – no caso da variedade de Santa Catarina –, obtendo-se, segundo exemplo da autora, “caro”,

em lugar de “carro”. A pesquisa também objetiva identificar a possível interferência da escola para a manutenção ou para a substituição dessa pronúncia com influência da língua de imigração.

Metodologicamente, as análises da pesquisa se pautam nos pressupostos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, e os dados foram analisados estatisticamente por meio do programa estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988<sup>13</sup>).

Os participantes da pesquisa são 20 adolescentes de Chapecó-SC, com idades entre 12 e 16 anos, estudantes do sétimo e do oitavo ano do Ensino Fundamental II, em 2008 e 2009. Dos 20 estudantes: i) nove viviam em uma mesma comunidade rural e 11, em bairros periféricos da cidade, vizinhos à escola onde estudavam; ii) nove se disseram filhos de mãe e pai italianos, 13 de mães italianas e quatro se identificaram como pertencentes à etnia alemã, russa, polonesa e negra. Para verificar a possível interferência da etnia sobre a produção da vibrante, a autora considerou dois grupos: italianos e não-italianos.

Os dados se constituem de entrevistas gravadas individualmente, em dezembro de 2009, cujo roteiro deu origem a três tipos de contextos estilísticos: relatos do cotidiano (por meio das entrevistas), leitura de texto (*O menino dos ff e rr*, de Cecília Meireles) e avaliação de sua própria fala e da comunidade, quanto à pronúncia dos róticos.

A variável dependente é a consoante vibrante: a vibrante múltipla, o tepe e o que a autora chamou de ‘vibrante intermediária’. Segundo Spessatto (2021, p. 283), as vibrantes intermediárias são “produções do fonema nas quais a vibração não ocorre com o ápice da língua nos alvéolos, como na realização da vibrante, mas sim com a lâmina da língua, em uma situação que não ocorre com a vibrante no sistema fonológico do português-brasileiro” (SPESSATTO, 2021, p. 283). A produção da vibrante intermediária, de acordo com a autora, é a tentativa dos adolescentes de pronunciar a vibrante múltipla, que é a variante de prestígio na localidade. As variáveis independentes analisadas são:

- a) extralinguísticas: local de moradia (rural/urbano); bilinguismo (mono-língues/bilíngues), sexo (masculino/feminino);
- b) linguísticas: posição da vibrante na palavra (início de palavra, posição intervocálica em contexto de vibrante múltipla, posição intervocálica em contexto de tepe); e contexto

---

<sup>13</sup> PINTZUK, Susan. **VARBRUL programs** - versão 2s. 1988. (mimeo).

estilístico da entrevista (relatos do cotidiano, leitura e avaliação da fala). Os resultados gerais encontrados por Spessatto (2021) podem ser observados na Tabela a seguir.

Tabela 2.3 - Distribuição das realizações do fonema vibrante - Spessatto (2021)

Contextos esperados	Vibrante múltipla		Intermediária		Tepe		Total
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
Início de palavra ( <i>rua</i> )	25/140	18	3/140	2	112/140	80	140
Intervocálica em contextos de vibrante múltipla ( <i>carro</i> )	99/389	25	4/389	1	286/389	74	389
Total contexto de vibrante múltipla	124	23	7	1	398	75	529
Intervocálica em contextos de tepe ( <i>parede</i> )	11	2	0	0	561	98	572
<b>TOTAL</b>	<b>135</b>	<b>12</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>959</b>	<b>87</b>	<b>1.101</b>

Fonte: Spessatto (2011<sup>14</sup>, p. 149, apud SPESSATTO, 2021, p. 283, Tabela 1).

Os resultados indicam que o uso geral do tepe (87%) é bastante superior ao da vibrante múltipla (12%). O tepe é largamente usado nos contextos em que a vibrante múltipla seria a variante esperada (75% contra 23%). Por sua vez, a variante intermediária somou sete ocorrências (1%), ocorrendo apenas em contexto esperado da vibrante múltipla.

Nos contextos esperados de tepe, a vibrante múltipla ocorreu em 11 enunciados (2% do total) de três adolescentes do sexo feminino. A autora afirma que seria esperado o uso de [r] em contexto de [r] como uma hipercorreção por parte dos estudantes, devido ao seu acesso às mídias, mas isso não ocorreu. Segundo Spessatto (2021), o fato de os participantes morarem em comunidades rurais e em bairros periféricos explica a baixa pressão social para o uso de variantes de prestígio – neste caso, a pronúncia [r].

Pelo fato de a variante intermediária ser estatisticamente irrelevante, a autora procedeu às análises retirando-a das rodadas seguintes. Neste caso, os resultados não diferiram muito

<sup>14</sup> SPESSATTO, Marizete Bortolanza. **Varição linguística e ensino**: por uma educação linguística democrática. 2011. 231 f. Tese de doutoramento (Programa de Pós-graduação em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

dos anteriores: em contexto esperado de vibrante múltipla, o tepe foi pronunciado em 76% dos casos e, em contexto esperado de tepe, ele ocorreu em 98% dos casos.

Tendo-se em conta apenas a variante múltipla, [r], e o tepe, [ɾ], o programa Varbrul selecionou os seguintes grupos de fatores como significativos para o contexto esperado de uso da variante múltipla, nesta ordem:

- 1) a produção de cada informante; e
- 2) o contexto estilístico da entrevista (relatos, leitura e avaliação da própria fala).

1) Com respeito à produção dos informantes, quatro pronunciaram 100% de tepe em contextos em que a variante esperada era a vibrante múltipla. Entre os quatro estudantes, há uma pessoa do sexo feminino e três do masculino; dois deles vivem na zona urbana e os outros dois, na zona rural; dois se consideram bilíngues e dois afirmam ser monolíngues. Dessa forma, Spessatto (2021) buscou outras características que os distinguíssem dos demais. De acordo com a autora, “[...] dentre as características sociais desses quatro informantes, o que os une é a etnicidade. Todos são descendentes de italianos e estão expostos, com mais ou menos frequência, à fala dialetal italiana, mesmo aqueles que se caracterizaram como monolíngues” (SPESSATTO, 2021, p. 291).

Por outro lado, o percentual de produção de tepe entre os demais alunos, com exceção de três, foi alta (acima de 60%), o que levou a autora a buscar outros fatores que explicassem esse resultado, como o estreito vínculo entre os alunos e os demais membros da comunidade. Por sua vez, três estudantes produziram pouquíssimos tepes: dois meninos monolíngues que moravam em Florianópolis ou na Grande Florianópolis e estavam há pouco tempo em Chapecó; e uma menina bilíngue que nasceu e sempre morou na mesma comunidade, em Chapecó, mas que estava “sendo orientada [...] a modificar o modo de falar, para inserir-se no mercado de trabalho” (SPESSATTO, 2021, p. 293).

2) Com respeito ao contexto estilístico, os relatos do cotidiano são os que mais favorecem o uso do tepe (PR = .68), quando se espera a vibrante múltipla. O contexto de leitura é o que se apresenta mais próximo da neutralidade (PR = .57). Já a avaliação da fala – o estilo em que há uma maior atenção à linguagem – é o que mais inibe o emprego do tepe (PR = .27) e, portanto, mais favorece o uso da vibrante múltipla onde ela é esperada.

No contexto estilístico de leitura, o Programa Varbrul selecionou como relevantes para a ocorrência de tepe no lugar da vibrante múltipla duas variáveis: a área de moradia e a posição na palavra, nessa ordem. Com relação à residência dos estudantes, a pronúncia do tepe em lugar da vibrante foi favorecida pelos estudantes que residiam na zona rural (PR = .75), ao passo que os residentes na zona urbana tendem a não pronunciá-lo (PR = .32).

Em referência à posição na palavra, o emprego do tepe em contextos esperados de vibrante múltipla é levemente favorecido quando ele se encontra na posição intervocálica, como em ‘carro’ (PR = .53), ao passo que o início de palavra, como em ‘rua’, desfavorece essa pronúncia (PR = .21), em contexto de leitura.

Com respeito à avaliação da própria fala, o Programa Varbrul selecionou apenas a variável extralinguística *sexo* como favorecedora do uso do tepe: as meninas desfavoreceram fortemente o emprego do tepe (PR = .38), e os meninos o favoreceram (PR = .60).

Por fim, a pesquisadora observa que a alta ocorrência de tepe, quando o que se espera é a vibrante múltipla, indica a grande apropriação da variante étnica pelos alunos. Essa apropriação aponta para a manutenção das características linguísticas da comunidade, não obstante o fato de os participantes serem jovens e terem muito acesso - via mídia e via escola - às variedades prestigiadas na sociedade.

Os resultados de Spessato (2021) são muito interessantes, pois indicam uma resistência não muito comum entre os jovens que vivem em comunidades colonizadas por imigrantes, mesmo em zonas rurais, como é o caso da localidade pesquisada nesta tese e do Espírito Santo, de modo geral.

### *2.1.2.3 A realização variável de /r/ em onset silábico em Planalto/Concórdia-SC: Curioletti e Battisti (2022)*

O artigo de Curioletti e Battisti, intitulado *A realização variável de /r/ em onset silábico no português brasileiro de contato com o talian: diferenciação linguística e construção*

*de identidade em uma comunidade do oeste catarinense*, analisa o uso dos róticos na localidade de Planalto, distrito de Concórdia (SC). A variável em questão, nessa comunidade, se realiza como tepe, [r]; vibrante alveolar, [r]; ou fricativas glotais, [h] (desvozeada) e [ɦ] (vozeada). As autoras informam ainda que, eventualmente, ocorrem as fricativas velares, [x] (desvozeada) e [ɣ] (vozeada). No estudo em questão, apenas as três primeiras variantes foram analisadas.

A pesquisa de Curioletti e Battisti (2022, p. 201) objetiva responder a três perguntas:

“(a) que variáveis linguísticas e sociais se correlacionam à realização das três variantes de (r) no PB de Planalto? (b) em que práticas sociais e na construção de que *personas* as variantes emergem? (c) como os planaltenses percebem e avaliam as variantes fricativa, vibrante e tepe?”

Como hipóteses iniciais, as autoras estipulam que o tepe é a variante característica das interações cotidianas, na comunidade. Por outro lado, quando as interações se dão em ambiente urbano e/ou quando existe a necessidade de uma maior formalização do discurso, por parte dos moradores do distrito, as variantes utilizadas são a fricativa e/ou a vibrante.

Os procedimentos metodológicos constaram das seguintes etapas:

- 1) estudo etnográfico, utilizando-se as técnicas de observação, realizadas em oito comunidades de prática da comunidade;
- 2) análise de fala obtida a partir de entrevistas sociolinguísticas com 24 informantes classificados com relação ao seu sexo, faixa etária e escolaridade, com dois informantes em cada célula;
- 3) análise de percepção e avaliação linguística. Esta etapa consistiu na audição de seis áudios com a leitura do mesmo texto por seis pessoas, sendo três mulheres e três homens. Em cada um dos áudios, o rótico em *onset* silábico foi pronunciado como tepe, vibrante e fricativa. Os 24 informantes, ao ouvirem cada áudio, o avaliaram como “*Prestigiado, Sotaque urbano e Sotaque do interior*, numa escala de Likert de seis pontos (de 0 a 5, em que 0 significa nenhuma relação da categoria com o áudio ouvido, e 5 significa total relação do áudio com a categoria) (CURIOLETTI; BATTISTI, 2022, p. 209).

Como resultado geral, tem-se que “das variantes tepe, vibrante e fricativa, presentes no PB de Planalto em contexto de r-forte, o tepe é a mais frequente. A vibrante é prestigiada

localmente e a fricativa é menos associada à identidade planaltense, pois sinaliza um contexto mais sofisticado e urbano” (CURIOLETTI; BATTISTI, 2022, p. 220). Outras considerações das autoras são:

1) para a pergunta “que variáveis linguísticas e sociais se correlacionam à realização das três variantes de (r) no PB de Planalto?”, tem-se que as mulheres são as que mais favorecem o uso da variante fricativa. Outra conclusão se dá com respeito à mudança em progresso: o fato de a vibrante ser a variante que menos ocorre sugere que a mudança está ocorrendo do tepe diretamente para a fricativa, sem o uso da vibrante<sup>15</sup>.

2) Para a pergunta “em que práticas sociais e na construção de que *personas* as variantes emergem?”, o estudo indica que a vibrante e, especialmente, o tepe gozam de prestígio relativo entre os moradores da comunidade. A fricativa, a variante inovadora, “ora intercalada com vibrante, se mostra mais associada aos jovens, às práticas femininas e urbanas” (CURIOLETTI; BATTISTI, 2022, p. 220).

3) Para a questão “como os planaltenses percebem e avaliam as variantes fricativa, vibrante e tepe?”, a fricativa é a variante mais prestigiada e está associada ao sotaque urbano, especialmente na fala masculina. O tepe está associado a sotaque do interior, especialmente na fala masculina. E a variante vibrante recebe avaliações intermediárias.

Concluindo o estudo, as autoras indicam que “os informantes produzem mais frequentemente tepe, mas não atribuem as maiores notas para essa variante na avaliação de *Prestigiado*, por exemplo” (CURIOLETTI; BATTISTI, 2022, p. 220-221), justificando o fato pela mudança em progresso que a realização dos róticos estão passando em Planalto: os moradores usam a variante conservadora, mas valorizam a inovadora. Estes resultados encontram eco em outras localidades colonizadas por imigrantes, inclusive no Espírito Santo.

Tendo sido apresentadas as pesquisas de contato linguístico no nível fonético-fonológico, segue o estudo de Fornara (2019), sobre os aspectos sociais desse contato.

---

<sup>15</sup> O processo de posteriorização dos róticos será discutido à frente, nesta tese.

#### 2.1.2.4 O bilinguismo Talian-português em Nova Erechim-SC: Fornara (2019)

A pesquisa de Ana Elizabeht Fornara, intitulada *Aspectos do bilinguismo Deutsch-português em Saudades-SC e Talian-português em Nova Erechim-SC*, foi defendida em 2019 junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (SC). O estudo teve por objetivo geral analisar aspectos do bilinguismo *Deutsch*-português em falantes teuto-brasileiros, residentes em Saudades-SC, e Talian-português em falantes ítalo-brasileiros, residentes em Nova Erechim-SC.

Especificamente, Fornara (2019), seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia pluridimensional e relacional, investigou dois aspectos do bilinguismo: i) os graus de competência de 16 entrevistados – oito em cada língua – nas quatro habilidades linguísticas; e ii) as funções nas quais essas línguas são utilizadas: com quem e em que situações/contextos elas são faladas.

Para a obtenção dos dados da pesquisa, foi utilizado um questionário metalinguístico do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, aplicado majoritariamente em cada uma das línguas; das técnicas de conversa livre e das anotações de um caderno de campo, a partir de observações feitas durante a coleta de dados; de um texto escrito em cada língua, para a testagem da capacidade de leitura dos participantes; e da redação de um texto escrito por cada um deles na respectiva língua de imigração, para a testagem de sua capacidade de escrita.

Os resultados de Fornara (2019) são:

- a) os descendentes de imigrantes germânicos se consideram mais bilíngues que os ítalo-brasileiros (87,5% contra 50%, respectivamente);
- b) todos os bilíngues afirmaram ter mais desenvolvidas as habilidades de fala e compreensão oral do que as de escrita;
- c) as duas línguas de imigração já não têm um espaço público exclusivo para serem faladas; seu principal domínio é o ambiente familiar, principalmente em se tratando do grupo teuto-brasileiro;
- d) nas duas línguas, os mais jovens são aptos na leitura, ao passo que a fala é mais desenvolvida entre os mais idosos. Assim, muitos jovens são bilíngues passivos;

e) os participantes com nível superior são os que mais utilizam as línguas de imigração em contextos gerais e em espaços públicos, enquanto os de escolaridade até o Ensino Médio usam mais as línguas no lar, demonstrando, inclusive, insegurança no seu uso fora de casa;

f) há uma equivalência geral entre homens e mulheres, tanto no uso das línguas em diferentes contextos quanto no domínio de algumas habilidades, como na leitura e na fala, com um leve predomínio masculino; e

g) quanto à dimensão diafásica, os 16 participantes compreenderam as suas línguas ancestrais; 13 (oito teuto-brasileiros e cinco ítalo-brasileiros) as falaram; oito informantes – quatro de cada grupo étnico – escreveram nas línguas; 12 informantes leram, com uma pequena tendência de os teuto-brasileiros lerem mais; e oito – quatro de cada grupo étnico – escreveram.

Por fim, a autora afirma perceber diferentes movimentos, em ambas as comunidades, para manter e salvaguardar as suas línguas, fatos que “indicam os caminhos prósperos em relação às línguas de imigração” (FORNARA, 2019, p. 138). Estes resultados ao mesmo tempo se assemelham e diferem em relação à situação das línguas de imigração no Espírito Santo: os capixabas descendentes de imigrantes germânicos conservam mais as línguas de seus antepassados do que os descendentes de italianos; o principal domínio das línguas de imigração é o lar, mas as germânicas também são usadas (e incentivadas) em domínios públicos, especialmente o Pomerano; muitos jovens são bilíngues passivos, especialmente os descendentes de italianos residentes em zonas rurais.

Por outro lado, no Espírito Santo as línguas de imigração não são mais faladas pelos descendentes de imigrantes com nível superior, pelo contrário: a escolarização muitas vezes está vinculada ao deslocamento dos jovens para as cidades maiores, que não incentivam o uso de outra língua que não seja o português; e a habilidade da leitura nas línguas de imigração não faz parte de nenhum grupo étnico.

Por fim, as pesquisas apresentadas até aqui se revelam extremamente importantes para esta tese, por tratarem de aspectos linguísticos – especificamente fonético-fonológicos – e extralinguísticos do português resultante do contato com línguas italianas de imigração. Seus resultados gerais evidenciam semelhanças com a comunidade de São Bento de Urânia e outras do Espírito Santo, o que traz luz aos estudos de Contatos Linguísticos e, principalmente, de planejamento para a manutenção dessas línguas. A seguir, então, serão

reportadas algumas das investigações de Contatos Linguísticos realizadas no território capixaba.

## **2.2 As pesquisas sobre os contatos entre o português e as línguas faladas pelos imigrantes italianos no Espírito Santo**

As pesquisas que envolveram os contatos entre o português e as línguas faladas pelos imigrantes italianos no Espírito Santo visavam responder a perguntas sobre as consequências desses contatos tanto no nível linguístico quanto no social. Dessa forma, no nível linguístico, o interesse residia na influência das línguas italianas sobre o português quando os fonemas em questão eram diferentes nas duas línguas: as fricativas [h/ɦ/, x/ç] realizadas como tepe, quando este não era esperado; as oclusivas dentais diante de /i/ pronunciadas como [ti, tɪ] e [di, dɪ]; e o ditongo nasal realizado como [õ, õw̃]<sup>16</sup>. Além desses fenômenos, a prosódia da fala de descendentes de imigrantes italianos também foi estudada no município de Santa Teresa.

A realização variável dos róticos, no Espírito Santo, ainda não contou com pesquisas de pós-graduação concluídas<sup>17</sup>, mas as oclusivas dentais diante de /i/, o ditongo nasal e a prosódia, sim. A seguir, então, os resultados dessas investigações são apresentados<sup>18</sup>, a fim de caracterizar o português de contato no estado.

---

<sup>16</sup> Em algumas localidades do Espírito Santo, como Santa Teresa e São Roque do Canaã, ouviu-se dos moradores, mesmo os jovens, a vogal epentética após a vogal nasal média anterior, em palavras como [ˈtẽjɾu] (tempo) e [ˈvẽjtɔ] (vento). Por outro lado, a epêntese não é atestada em outras comunidades do estado. Este é um tema de pesquisa bastante interessante, mas ainda não há estudos sobre este fenômeno, no Espírito Santo, segundo o conhecimento desta autora.

<sup>17</sup> Até onde é do conhecimento desta autora, há uma tese de Doutorado em andamento sobre os róticos em outra comunidade de Alfredo Chaves, realizada por Márcio Favero Fiorin, junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>18</sup> A pesquisa de Avelar e as outras que serão apresentadas neste capítulo faziam parte de um projeto maior, intitulado “O português e o italiano no Espírito Santo”, que foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo em 23/06/2010 (Anexo 2.1).

### 2.2.1 As pesquisas de contato no nível linguístico

#### 2.2.1.1 As oclusivas /t, d/ diante de /i/: Avelar (2015)

A pesquisa de Daillane dos Santos Avelar (2015), intitulada “A realização variável das consoantes oclusivas dentais por descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa, ES”, foi defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (doravante, PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Os dados foram retirados de uma amostra composta por 24 entrevistas sociolinguísticas com moradores da zona urbana de Santa Teresa, município que recebeu os primeiros imigrantes italianos no estado, provenientes de várias localidades da Itália setentrional.

Todos os informantes são descendentes de imigrantes e foram classificados por seu sexo/gênero, faixa etária (de 12 a 25, de 26 a 50 e acima de 50 anos) e escolaridade (até 08 anos e acima de 08 anos de escolarização). Além dessas variáveis extralinguísticas, foram testadas as seguintes variáveis linguísticas: classe gramatical da palavra, tonicidade da sílaba onde se encontra o alvo e o contexto seguinte ao alvo.

A pesquisadora obteve 2174 dados de /t/ e 2383 dados de /d/ diante de /i/, sendo que 252 (11,6%) e 409 (17,2%), respectivamente, apresentaram influência da língua de imigração<sup>19</sup> no português falado pelos entrevistados. Para a pronúncia de /t/ diante de /i/ como [ti, ti], as variáveis selecionadas pelo programa GoldVarb X foram: faixa etária, sexo/gênero, escolaridade e tonicidade da sílaba onde se encontra o alvo. Os resultados obtidos por Avelar (2015, p. 70) para /t/ são:

- 1) **Faixa etária:** os participantes acima de 50 anos favorecem grandemente a pronúncia com influência da língua de imigração (PR = .97), sendo que os

---

<sup>19</sup> Como se afirmou, Santa Teresa foi colonizada por italianos de diferentes origens, o que significa que mais de uma língua entrou em contato com o português. Por sua vez, o município ainda não conta com estudos de contatos linguísticos no nível social, para se conhecer quais línguas italianas entraram em contato com o português. Dessa forma, está-se denominando genericamente ‘língua italiana de imigração’ à mescla de línguas faladas pelos imigrantes ali estabelecidos.

participantes das demais faixas etárias (de 26 a 50 anos e de 12 a 25 anos) a desfavorecem (PR = .34 e .11, respectivamente);

- 2) **Sexo/gênero:** a pronúncia com influência é favorecida pelos homens (PR = .75) e desfavorecida pelas mulheres (PR = .25);
- 3) **Nível de escolaridade:** o favorecimento da pronúncia com influência se dá pelos que estudaram até 08 anos (PR = .95), ao passo que os que estudaram mais de 08 anos a desfavorecem (PR = .21);
- 4) **Tonicidade da sílaba onde se encontra o alvo:** a pronúncia com influência é favorecida quando /ti/ está na sílaba pretônica (PR = .67); é levemente favorecida quando o alvo está em sílaba tônica (PR = .54); é levemente desfavorecida em sílaba postônica medial (PR = .45); e é fortemente desfavorecida quando está em sílaba postônica final (PR = .15).

Para /d/ diante de /i/, o Programa GoldVarb X selecionou somente as variáveis extralinguísticas. Os resultados obtidos foram (AVELAR, 2015, p. 71):

- 1) **Faixa etária:** os sujeitos acima de 50 anos favorecem grandemente a pronúncia com influência da língua de imigração (PR = .99), ao passo que as demais faixas etárias a desfavorecem muito: (PR = .23) para os adultos e (PR = .20) para os jovens;
- 2) **Sexo/gênero:** o favorecimento da pronúncia se dá pelos homens (PR = .63), sendo que as mulheres a desfavorecem (PR = .35);
- 3) **Nível de escolaridade:** os participantes com até 08 anos de escolaridade favorecem muitíssimo a pronúncia com influência (PR = .99), sendo que a maior escolarização a desfavorece muito (PR = .18).

Pelos resultados de Avelar (2015), observa-se que a variação das oclusivas dentais está mais fortemente relacionada a fatores extralinguísticos do que a linguísticos. Realmente, a pronúncia [ti, di] não é característica da linguagem da Grande Vitória, nem de outras localidades do Espírito Santo que não foram colonizadas por imigrantes, o que faz com que essa pronúncia seja marcada e, por isso, preterida pelos mais jovens, mulheres e os mais escolarizados.

### 2.2.1.2 *O ditongo nasal tônico -ão no município de Alfredo Chaves: Meneghel (2015) e Peterle (2017)*

A pronúncia do ditongo nasal -ão foi tema da dissertação de Silvia Angela Picoli Meneghel (2015), intitulada *O ditongo nasal tônico –ão falado por ítalo-descendentes de Santa Maria do Engano/ES: uma análise sociolinguística*, e da dissertação de Beatriz Dona Peterle (2017) também na comunidade de São Bento de Urânia, intitulada *Análise sociolinguística da realização do ditongo nasal tônico <ão> em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves/ES: o papel da variável sexo/gênero*. Em ambos os estudos, as variáveis linguísticas testadas foram: classe de palavras (nomes, verbos, outros), extensão do vocábulo (uma sílaba ou mais de uma sílaba), contexto fonológico precedente (ataque vazio, consoante nasal, consoante anterior ou consoante posterior) e contexto fonológico seguinte (pausa, vogal, consoante nasal, consoante anterior ou consoante posterior).

Meneghel (2015) entrevistou 40 pessoas classificadas por faixa etária (08 a 14, 15 a 30, 31 a 50 e mais de 50 anos), sexo/gênero (feminino e masculino) e escolaridade (até 5 anos e acima de 5 anos de estudos). Peterle (2017), por sua vez, analisou os dados obtidos por entrevistas com oito membros da comunidade: os mesmos adultos desta tese – quatro bilíngues em Talian e português, sendo duas mulheres e dois homens, todos acima de 57 anos, com até quatro anos de escolarização e com diferentes níveis de proficiência no Talian; e quatro crianças/adolescentes, sendo duas meninas e dois meninos, estudantes do Ensino Fundamental II, que afirmam que não falam bem a língua dos antepassados, mas a compreendem um pouco.

Em São Bento de Urânia, as entrevistas dos adultos foram realizadas em 2013 por Katiuscia Sartori Silva Cominotti (COMINOTTI, 2015) e por esta autora, Edenize Ponzo Peres, que orientou as dissertações de Cominotti e de Peterle. As entrevistas com as crianças/adolescentes foram realizadas nos dias 22 e 23 de fevereiro de 2016 por esta autora, sendo elas também utilizadas por Peterle em sua pesquisa de Mestrado.

Os dados de Meneghel (2015) e de Peterle (2017) foram codificados e, em seguida, analisados quantitativamente pelo Programa Goldvarb X. Por fim, seguiram-se as análises qualitativas.

A partir dos 1956 dados obtidos por Meneghel (2015), o Programa Goldvarb X selecionou seis grupos de fatores como relevantes para a pronúncia do ditongo nasal como [õ]. Os resultados encontrados são (cf. MENEGHEL, 2015, p. 92):

- 1) **Sexo/gênero:** os homens favorecem a pronúncia [õ] (PR = .58), ao passo que as mulheres a desfavorecem (PR = .40);
- 2) **Faixa etária:** os participantes acima de 50 anos favorecem a pronúncia [õ] (PR = .65); há neutralidade quanto aos participantes de 31 a 50 anos (PR = .50) e desfavorecimento para as outras faixas: de 15 a 30 anos, (PR = .41) e de 08 a 14 anos, (PR = .25);
- 3) **Nível de escolaridade:** favorecimento de [õ] pelos que estudaram até 05 anos (PR = .63) e desfavorecimento por aqueles que estudaram mais de 05 anos (PR = .38);
- 4) **Extensão do vocábulo:** as palavras com mais de uma sílaba favorecem a pronúncia [õ] (PR = .68), sendo que os monossílabos a desfavorecem (PR = .39);
- 5) **Contexto seguinte ao alvo:** a pausa favorece o fenômeno (PR = .60), as consoantes posteriores são neutras (PR = .51), e as consoantes nasais, as vogais e as consoantes anteriores o desfavorecem (PR = .46, PR = .45 e PR = .34, respectivamente);
- 6) **Contexto precedente ao alvo:** as consoantes posteriores favorecem o fenômeno (PR = .59); as consoantes anteriores favorecem pouco (PR = .56); e as nasais e o ataque vazio desfavorecem (PR = .48 e PR = .25, respectivamente).

Por sua vez, Peterle (2017) primeiramente utilizou os 836 dados obtidos em um estudo preliminar de Peres – inédito em 2017, mas publicado em seguida (cf. PERES; COMINOTTI; DAMACENA, 2018). Com a desconsideração dos ditongos nasais átonos, que se mostraram invariáveis, somente 438 dados foram analisados. Quanto a eles, o Programa Goldvarb X não selecionou nenhuma variável como favorecedora da pronúncia do ditongo nasal com a influência vêneta, o que evidencia a coesão linguística entre os mais idosos da comunidade.

Em uma segunda etapa da análise, a autora somou 126 dados das crianças/adolescentes aos 438 dados anteriores. Os resultados indicam que a pronúncia padrão do português do ditongo nasal é favorecida por:

- 1) **faixa etária:** crianças/adolescentes (PR = .78); ao passo que os falantes acima de 55 anos a desfavorecem (PR = .41);

- 2) **contexto fonológico seguinte:** consoante nasal (PR = .75); pausa (PR = .54); consoante anterior (PR = .47); consoante posterior (PR = .42) e vogal (PR = .26);
- 3) **classe de palavra:** palavra funcional (PR = .61); nome (PR = .31); verbo (PR = .33); e
- 4) **sexo/gênero:** feminino (PR = .61); masculino (PR = .44).

Em resumo, a pronúncia do ditongo nasal como [ẽw] é favorecida por palavras funcionais; por consoante nasal e por pausa como contexto fonológico seguinte. Quanto às variáveis extralinguísticas, a faixa etária mais jovem e informantes do sexo feminino favorecem a pronúncia do ditongo nasal como [ẽw]. Em outras palavras, a mudança linguística em favor da variante não marcada do português está sendo levada adiante pelas meninas/adolescentes da comunidade, resultado que se coaduna com estudos sociolinguistas variacionistas em muitas outras localidades.

Peterle (2017) também procurou desvelar os sentimentos dos participantes com respeito ao português falado com sotaque pela influência da língua dos antepassados e seus falantes. Para isso, formulou e aplicou testes de reação subjetiva nos oito participantes da pesquisa. O teste era composto por seis áudios de dois a três minutos de duração e que versavam sobre um mesmo tema: sua infância. Os áudios 1 (mulher) e 5 (homem) representavam o sotaque típico da Grande Vitória; os áudios 2 (homem) e 6 (mulher) representavam o sotaque do interior, mas sem traços de uma língua estrangeira; e os áudios 3 (mulher) e 4 (homem) apresentavam muitos traços da língua dos antepassados imigrantes.

Após a audição de cada áudio, os entrevistados responderam a um questionário com possíveis características da pessoa que acabaram de ouvir: profissão, classe social e aspectos físicos e psicológicos. Também foi perguntado o que achavam do sotaque de cada pessoa dos seis áudios. Com relação aos áudios gravados por pessoas que apresentavam sotaque estrangeiro, Peterle (2017) encontrou os seguintes resultados gerais<sup>20</sup>:

- a) os quatro participantes mais idosos classificaram os donos das vozes com as seguintes características, majoritariamente: pertencem à classe média, são

---

<sup>20</sup> Os resultados completos podem ser vistos em Peterle (2017, p. 113-126; 146).

moradores da zona rural e, quanto à possível profissão, seriam agricultores. São religiosos, trabalhadores, sinceros, simples, confiáveis e responsáveis. Com respeito ao sotaque da língua portuguesa com sotaque, os uranienses o classificaram, em primeiro lugar, como bonito e, em segundo lugar, como muito bonito.

- b) as crianças e adolescentes deram as seguintes características para os falantes com sotaque, em sua maioria: pertencem à classe média (apenas um adolescente indicou a classe baixa); moram no interior; seriam agricultores (apenas um adolescente indicou que a dona da voz do áudio feminino poderia ser cozinheira). São religiosos, ligados à família, trabalhadores, solidários, sinceros, simples, confiáveis, responsáveis e bons pais/mães. Com respeito ao sotaque, um menino e uma menina o julgaram bonito; para o outro menino, ele é muito bonito; e, para uma das meninas, o sotaque da mulher (áudio 3) é feio e o sotaque do homem (áudio 4) não é feio nem bonito. Portanto, o sotaque dos áudios e da própria comunidade tem avaliação positiva.

Como regra geral, vê-se que os oito informantes têm tanto o português com sotaque quanto quem o fala em alta consideração. Entretanto, apesar da estima pela linguagem de suas origens, os adolescentes não falam mais como seus pais e avós, apresentando muito menos traços da língua dos antepassados do que os adultos do lugar.

Passa-se, a seguir, para outro estudo sobre a influência da língua de imigração sobre o português.

### *2.2.1.3 A prosódia da fala de descendentes de imigrantes italianos: Majoni (2015)*

A pesquisa de Majoni (2015), intitulada *Variação prosódica de sentenças declarativas e interrogativas na fala de descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa – ES*, teve por objetivo verificar a influência da prosódia das línguas italianas de imigração que entraram em contato com o português, na Sede de Santa Teresa. Seu objetivo foi

descrever e analisar a entonação de sentenças declarativas e interrogativas em estruturas frasais pronunciadas por oito informantes.

Os procedimentos para a geração dos dados e os instrumentos de análise seguiram o Projeto AMPER - Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico<sup>21</sup>: Majoni (2015) selecionou todas as 66 estruturas frasais com expansão no complemento do sintagma verbal, onde se encontram os três tipos de acentuação do português (oxítone, paroxítone e proparoxítone). Todos os participantes eram descendentes de imigrantes italianos, sendo eles divididos e classificados pelos dois sexos, duas faixas etárias (8-14 anos e + de 50 anos) e com até 04 anos de escolaridade.

Cada participante gravou uma série de seis repetições de frases, sendo que as três mais audíveis foram selecionadas para a análise prosódica, por meio do valor da frequência fundamental (F0) - o parâmetro acústico responsável pela percepção das variações na linha melódica da fala em uma pessoa. A análise de Majoni (2015) pautou-se na comparação entre sentenças declarativas e interrogativas pronunciadas pelos informantes, complementada pela análise das variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária e escolaridade. Dessa forma, a pesquisadora pôde descrever a variação na prosódia dos participantes.

A partir dos gráficos de entonação das frases pronunciadas, Majoni (2015, p. 161-162) constatou que:

- i) “A entonação utilizada pelos falantes de 8 a 14 anos e aquela utilizada pelos falantes com mais de 50 anos, divididos em homens e mulheres, são similares na primeira análise dos gráficos, variando nas diferentes posições do acento nas frases declarativas e interrogativas”;
- ii) “O movimento inicial de F0 configura-se da seguinte forma, nas frases declarativas e interrogativas: na palavra oxítone “bisavô” acontece um pico de F0 na pretônica “sa”; porém, na paroxítone “Renato” e na proparoxítone “pássaro”, o pico entoacional incide sobre as postônicas “to” e “ssa”, respectivamente”;

---

<sup>21</sup> Dados do Projeto AMPER podem ser encontrados em: [http://www.varialing.eu/?page\\_id=704](http://www.varialing.eu/?page_id=704). Acesso em: 20 dez. 2021.

- iii) “[...] na variável *sexo/gênero* (mulheres e homens), a linha melódica manteve o mesmo padrão de F0, mostrando que, no nível prosódico, o contraste na fala de homens e mulheres não acontece”;
- iv) “[...] na variável *faixa-etária* (8-14 anos e mais de 50 anos), observou-se visualmente que os informantes mais velhos apresentam uma linha melódica com maior variação entoacional nas sentenças declarativas e interrogativas. Nos falantes mais novos, essa linha melódica se aproxima nas duas modalidades de frase, não apresentando essa variação que acontece nos idosos. Isso aponta para uma possível mudança em progresso [...]”.

Em suas considerações finais, Majoni (2015) afirma que seu estudo não esgota as possibilidades de interpretação dos gráficos apresentados e aponta para a necessidade de mais pesquisas que descrevam a prosódia dos descendentes de imigrantes italianos – e de outras etnias – no estado. No entanto, a pesquisa de Majoni (2015) contribui muitíssimo para as análises dos contatos linguísticos no Espírito Santo.

### ***2.2.2 As pesquisas de contatos no nível social***

Nesta seção, são apresentadas, por ordem cronológica, as pesquisas que se debruçam sobre os contatos linguísticos no nível social, no Espírito Santo. Diversos autores, como Weinreich (1970 [1953]); Appel; Muysken (1996 [1987]), Fasold, (1996 [1984]); Baker; Jones (1998); Winford, 2003; Matras, 2009; Coulmas, 2005; Spolsky, 2009; Montrul, 2013 etc., dissertam sobre os contatos linguísticos e suas consequências. Tendo por base os aportes desses e de outros autores, as pesquisas sobre os contatos linguísticos no Espírito Santo abordaram temas como os aspectos culturais e sociais desses contatos em Santa Teresa (RODRIGUES, 2015), como também foram alvo de investigação os fatores que levaram as línguas minoritárias a serem totalmente substituídas pelo português no Espírito Santo (PERES, 2014) e em Alfredo Chaves (COMINOTTI, 2015; 2021; FIORIN, 2019). A seguir, apresentam-se as principais conclusões desses estudos.

### 2.2.2.1 A variação linguística e as tradições orais italianas em Santa Teresa: Rodrigues (2015)

Rodrigues (2015), em sua pesquisa, intitulada *Mi parlo Taliàn: uma análise sociolinguística do bilinguismo português-dialetto italiano no município de Santa Teresa, Espírito Santo*, teve como objetivos gerais: 1) dar um panorama dos usos das variedades setentrionais italianas no município, apontando em quais localidades elas são usadas e as atitudes linguísticas dos participantes em relação às línguas que falam; e 2) documentar algumas tradições orais italianas presentes no município.

Seus objetivos específicos foram (RODRIGUES, 2015, p. 22): *a)* Analisar a influência dos fatores sociais *idade e local de residência* para o uso das línguas; *b)* Verificar o grau de bilinguismo dos falantes (falar, ler, escrever e entender) em relação ao dialeto italiano e ao português; *c)* Discutir as atitudes linguísticas dos falantes em relação ao italiano standard e ao dialeto italiano; *d)* Analisar diacronicamente o processo de uso do dialeto italiano no período da infância dos informantes e na atualidade; *e)* Identificar os domínios e as funções desempenhadas pelo português e pelo dialeto italiano; e *f)* Documentar canções e tradições orais dialetais italianas ainda presentes em Santa Teresa.

Para alcançar esses objetivos, a autora utilizou-se da observação participante, de um questionário sociolinguístico e de entrevistas semiestruturadas, contando com um total de 146 participantes. Estes foram classificados por seu local de residência (zonas rural e urbana) e faixa etária (de 08 a 30, de 31 a 60 e acima de 60 anos). Resumidamente, seus principais resultados foram:

- a) o uso da língua de imigração, quando ocorre, se dá principalmente com os familiares, no lar, depois com os amigos e, em seguida, com os vizinhos;
- b) as habilidades de entender e falar a língua dos antepassados são maiores entre os informantes acima de 60 anos e os moradores da zona rural;
- c) os mais idosos relatam fatos negativos em relação ao uso da língua de imigração durante a sua infância. Já os participantes da pesquisa que têm entre 08 e 30 anos a veem de forma positiva e desejam que ela seja mantida;
- d) Algumas das causas citadas para a substituição da língua ancestral pelo português foram:

- i) a atuação da escola, quer seja pelo ensino exclusivamente na língua majoritária, quer pelas atitudes negativas de seus docentes;
- ii) a ausência da veiculação da língua de imigração pelos meios de comunicação de Santa Teresa. Foram eles que levaram a língua portuguesa para os lares, contribuindo para a sua expansão. Em Santa Teresa, o elevado uso das novas tecnologias de comunicação fez e ainda faz crescer a propagação do português e do italiano standard entre os mais jovens, sobretudo os residentes na zona urbana;
- iii) a estigmatização da língua de imigração, que passou a ser vista como língua de pessoas *da roça*, de baixo nível social e de pouca escolaridade, por parte dos residentes na zona urbana e de alguns descendentes que ascenderam econômica e socialmente;
- iv) a falta de incentivo ou até mesmo a proibição do uso da língua ancestral pelos pais, para que os filhos assimilassem o mais rápido possível a cultura brasileira e, assim, pudessem prosperar economicamente;
- v) a proibição do uso de línguas estrangeiras durante o Estado Novo do presidente Getúlio Vargas (1937-1945).

Rodrigues (2015) conclui seu estudo afirmando que, não obstante a atual valorização da língua dos ancestrais pelos mais jovens, ela está em avançado estágio de substituição pelo português, o que implica a necessidade urgente de políticas que freiem – e revertam – esse processo.

Outras pesquisas sobre os contatos linguísticos no Espírito Santo se voltaram para a análise das causas da substituição das línguas de imigração pelo português, como Peres (2014); Cominotti (2015; 2021), no distrito de São Bento de Urânia, Alfredo Chaves; e Fiorin (2019), no distrito de Santa Maria de Ibitiruí e na Sede de Alfredo Chaves. A seguir, elas são apresentadas.

#### *2.2.2.2 Análise da substituição das línguas dos imigrantes no Espírito Santo: Peres (2014)*

O primeiro estudo reportado é de autoria de Peres (2014), que tem por objetivo analisar algumas das causas da substituição das línguas de imigração pelo português, no Espírito Santo. Nesse trabalho, a autora analisou somente “os aspectos externos [favorecedores da manutenção ou da substituição de uma língua minoritária] (cf. MONTRUL, 2013), ou

seja, aqueles que não dependem das atitudes ou dos sentimentos dos falantes para atuar” (PERES, 2014, p. 64).

Os fatores externos analisados, com base nos autores citados anteriormente, foram:

1. *O isolamento geográfico da comunidade.* “De acordo com Weinreich (1970), enquanto a substituição linguística ocorre total e rapidamente com os imigrantes urbanos, ela se processa parcialmente e leva de duas a três gerações, pelo menos, nas comunidades rurais” (PERES, 2014, p. 64). No Espírito Santo, os imigrantes – italianos e outros – ocuparam regiões desabitadas, sendo que a locomoção era feita por picadas na mata que os circundava. Assim, os contatos com brasileiros ficavam dificultados e, dessa forma, as línguas ancestrais poderiam permanecer sendo faladas e as comunidades poderiam ser bilíngues;
2. *O número de falantes.* “Montrul (2013) afirma que, dentre os muitos fatores externos que contribuem para a substituição de uma língua, um dos mais óbvios é o número de falantes dessa língua em relação ao de outra. Assim, os grupos minoritários, ao ficarem em desvantagem numérica, sofrem uma pressão maior do grupo majoritário, e essa pressão se transfere para a sua língua” (PERES, 2014, p. 65). Os lugares ocupados pelos primeiros imigrantes italianos concentravam-se nas serras da região Centro-Sul do Espírito Santo, e os italianos eram maioria, especialmente os originários do Vêneto. Assim, as línguas italianas de imigração poderiam ter sido preservadas, pois eram praticamente as únicas faladas nas comunidades habitadas pelos imigrantes italianos e seus primeiros descendentes.
3. *A religião.* “Segundo Weinreich (1970), a religião pode atuar como uma grande barreira de integração entre os grupos, quando estes professam diferentes confissões religiosas, pois os contatos entre esses grupos ficam restringidos” (PERES, 2014, p. 65). Os imigrantes italianos do Espírito Santo não puderam contar com padres no início de sua fixação na antiga província. Entretanto, as famílias se reuniam para rezar o terço e, aos domingos, fazer suas celebrações. Assim, pelo menos no início da imigração, a religião foi um fator que agregou os imigrantes e propiciou a manutenção da língua ancestral.
4. *Os casamentos intra/interétnicos.* “[...] em casamentos em que estão envolvidas duas línguas distintas, pode acontecer de uma delas ser preterida em favor da outra, possivelmente a de maior prestígio social dentro da comunidade” (PERES, 2014, p. 66). Os imigrantes italianos se estabeleceram em lugares mais isolados, de difícil

acesso. Além disso, chegaram ao Brasil, em sua maioria, com a família e vizinhos. Assim, as festas, as celebrações e as reuniões para rezar ou por qualquer outro motivo congregavam italianos. Dessa feita, os casamentos eram essencialmente intraétnicos.

5. *O contato com a comunidade de origem.* “Montrul (2013, p. 33) aponta que, se os membros de um grupo minoritário têm a oportunidade de visitar seu país de origem e/ou de ter contato com seus familiares [...] [a língua ancestral] terá mais chances de se manter na comunidade” (PERES, 2014, p. 66). Devido à distância que separa o Brasil da Itália, as dificuldades financeiras e as condições de vida dos imigrantes italianos, estes não poderiam se deslocar para a sua pátria de origem. Por outro lado, a constante imigração por mais de 25 anos, sobretudo do norte da Península, propiciou o uso das línguas de imigração no Espírito Santo por décadas (DERENZI, 1974).
6. *O apoio institucional à língua minoritária.* “O apoio institucional a uma língua minoritária – que é a sua utilização [...] pelos veículos de comunicação de massa, na administração pública, na Igreja e na escola – podem garantir a sua sobrevivência (APPEL; MUYSKEN, 1996; FASOLD, 1996)” (PERES, 2014, p. 67). Neste ponto, não restam dúvidas de que as línguas faladas pelos grupos minoritários não tiveram qualquer apoio institucional no país, pelo contrário. As proibições acerca das línguas estrangeiras durante a Era Vargas sempre são apontadas pelos entrevistados de várias comunidades como um poderoso fator que levou à substituição dessas línguas pelo português.

Peres (2014) encerra seu estudo afirmando que as diversas circunstâncias que envolveram a imigração italiana favoreceriam a manutenção do bilinguismo nas localidades onde os italianos se fixaram. Assim, somente as proibições impostas às línguas faladas por eles não justificam a sua substituição pelo português, haja vista a permanência do Pomerano (cf. por exemplo, BREMENKAMP, 2014) e do *Hunsrückisch* (cf. KLIPPEL-MACHADO, 2018) no estado, que sofreram as mesmas restrições que elas. Dessa forma, era preciso realizar outras pesquisas que ajudassem a pensar na questão da manutenção/substituição das línguas faladas pelos imigrantes italianos. A seguir, são expostas três dessas investigações.

### 2.2.2.3 A análise da vitalidade da língua italiana de imigração em São Bento de Urânia: Cominotti (2015)

Em sua pesquisa de Mestrado, intitulada *O contato linguístico entre o vêneto<sup>22</sup> e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica*, Cominotti (2015) buscou investigar a substituição da língua falada pelos imigrantes vênets em São Bento de Urânia a partir dos fatores que desencadeiam esse processo. Seus dados foram obtidos a partir de 62 entrevistas sociolinguísticas com uranienses descendentes de imigrantes italianos divididos em quatro faixas etárias (de 08 a 14, de 15 a 30, de 31 a 50 e acima de 50 anos) e dos dois sexos/gêneros, que falaram sobre temas como as tradições históricas da comunidade, a história da família na Itália e no Brasil, a religião, a escola etc.

Cominotti (2015, p. 77-118), assim como Peres (2014), analisou alguns dos principais fatores que atuam para a manutenção ou para a substituição de línguas faladas por grupos minoritários e os aplicou ao caso de São Bento de Urânia. Seus principais resultados são:

*A religião*: em São Bento de Urânia, embora a língua das rezas e terços, em casa, fosse o vêneto, as missas passaram do latim diretamente para o português, desde os primeiros anos de colonização do distrito. Assim, a religião contribuiu para a substituição linguística.

*O apoio institucional à língua*: segundo os uranienses entrevistados, a escola foi determinante para a substituição do vêneto pelo português, pois levou a proibição de se falar uma língua estrangeira, durante o Estado Novo de Vargas, para a comunidade.

*A transmissão intergeracional, no convívio do lar*: sabe-se que a sobrevivência de uma língua – qualquer que seja ela – depende de sua transmissão dos pais para seus filhos. Em São Bento de Urânia, os mais jovens, das faixas etárias de 08 a 14 e de 15 a 30 anos, têm pouco ou nenhum conhecimento do vêneto. Já os uranienses de 31 a 50 e principalmente

---

<sup>22</sup> No início dos estudos do Gediles – Grupo de Estudos da Diversidade Linguística do Espírito Santo –, coordenado por esta autora, os integrantes usavam o termo *vêneto* para se referirem à língua de imigração falada em São Bento de Urânia e outras comunidades de Alfredo Chaves. Entretanto, após um aprofundamento dos estudos feitos sobre a comunidade, sabe-se agora que se trata do Talian.

os acima de 50 anos têm um maior domínio da língua, embora não o falem diariamente, e sim quando encontram outros falantes, depois da missa ou das celebrações e em festas. Com isso, a transmissão da língua foi interrompida, o que está gerando o seu desaparecimento na comunidade.

*O número de falantes da língua minoritária:* quanto maior for o número de falantes e quanto mais próximos viverem, mais chances a sua língua terá de ser mantida. Os relatos nas entrevistas de Cominotti (2015) evidenciam que os participantes da pesquisa têm consciência da redução do número de falantes da língua dos antepassados e, por isso, muitos disseram que gostariam que ela fosse revitalizada.

*A localização da comunidade:* os grupos linguísticos que se encontram afastados dos centros urbanos têm maiores chances de manter sua língua, pois recebem menor pressão para usarem a língua majoritária. São Bento de Urânia é um distrito pequeno, rural e tinha dificuldades de acesso às zonas urbanas dos municípios vizinhos, devido às condições de suas duas estradas e à falta de transporte público. Portanto, a língua vêneta poderia ser mantida, na comunidade, mas não foi isso o que ocorreu.

*O caráter permanente ou temporário da imigração:* se a imigração for temporária, com grandes perspectivas de retorno ao país natal; se os membros da comunidade viajarem constantemente à pátria dos antepassados; ou se a comunidade receber constantemente falantes nativos de sua língua ancestral, maiores chances de esta continuar a ser falada. Em São Bento de Urânia, nenhum desses fatos sucedeu, o que contribuiu para a substituição linguística, haja vista os relatos dos participantes de Cominotti (2015), que alegam a falta de falantes de vêneta para eles pararem de se comunicar nessa língua.

*O status da língua minoritária e do grupo de falantes:* segundo diversos pesquisadores dos contatos linguísticos, se o status da língua minoritária e de seus falantes for baixo, haverá uma maior propensão à substituição linguística, pois, ao buscar ascender socialmente, os falantes procurariam adotar a língua majoritária. Em São Bento de Urânia, entretanto, a substituição ocorreu por outras razões, pois os entrevistados são trabalhadores rurais e se mostram bastante satisfeitos com sua condição socioeconômica, não almejando deixar suas terras e sua vida no campo.

Enfim, a análise dos dados de Cominotti (2015) evidencia que haveria a possibilidade de os mais jovens da comunidade de São Bento de Urânia serem bilíngues, pois diversos fatores de manutenção se encontram ali. Por conseguinte, caberia investigar mais a fundo

por que o bilinguismo não foi levado adiante nesse distrito, analisando-se outros fatores de manutenção/substituição linguística, além dos que já haviam sido expostos em sua dissertação de Mestrado. Essa tarefa foi realizada em sua tese de Doutorado, como descrito a seguir.

#### *2.2.2.4 O sentimento de identidade e a substituição linguística em São Bento de Urânia: Cominotti (2021)*

Os resultados obtidos por Cominotti (2015) deixaram algumas perguntas que, para serem respondidas, requeriam um maior aprofundamento de análise. Dessa forma, em sua pesquisa de Doutorado, intitulada *O sentimento de identidade e o processo de manutenção/substituição linguística: o caso de São Bento de Urânia, Espírito Santo*, Cominotti (2021) se propôs a investigar alguns fatores mais subjetivos de manutenção ou de substituição do vêneto no distrito. Assim, as atitudes dos moradores para com sua gente, sua cultura e sua língua, os seus sentimentos de lealdade linguística e a etnicidade ganharam a atenção da autora.

Os dados de análise foram obtidos por meio: 1) da observação participante realizada durante a sua pesquisa de Mestrado e de Doutorado; 2) das 62 entrevistas realizadas anteriormente, durante os anos de 2013-2014; e 3) da aplicação de três questionários sociolinguísticos – o primeiro, para 81 crianças e adolescentes, de 08 a 17 anos; o segundo, para 34 adultos acima de 21 anos; e o terceiro, para três líderes da Associação de Moradores do distrito. Esses questionários traziam questões sobre os sentimentos dos respondentes em relação às suas origens, aos seus antepassados, à sua cultura e à sua língua ancestral, dando uma ideia bastante precisa da situação sociolinguística da língua de imigração e do processo de substituição desta pelo português, em São Bento de Urânia. De forma resumida, apresentam-se os dados obtidos por Cominotti (2021, p. 109-167):

- 1) o vêneto ainda é falado pelos moradores do distrito, sobretudo os mais idosos, mas também pelos adultos jovens e, em uma proporção bastante menor, pelas crianças e adolescentes;

- 2) A língua é falada principalmente no lar, mas também em outras casas de falantes, na lavoura, na igreja e no comércio, quando um falante se encontra com outro. Os interlocutores de vêneto mais citados nos questionários foram, em ordem decrescente de citações: os pais e os filhos (empatados com nove indicações cada), os avós, os irmãos, os vizinhos/amigos e, por último, os netos (com apenas uma indicação). Essa situação de uso da língua é apontada pelos entrevistados de Cominotti (2015) como um importante fator do declínio do vêneto na comunidade, pois os falantes são majoritariamente os mais idosos, e eles estão falecendo.
- 3) Os respondentes dos questionários assim se declararam, quanto à própria proficiência no vêneto:
  - i) entre as crianças e adolescentes que responderam a essa pergunta, 16,22% disseram que entendem bem a língua; 54,05% entendem razoavelmente; 10,81% entendem pouco; e 18,92% não entendem nada. Quanto à habilidade de falar o vêneto, 24,25% das crianças e adolescentes afirmam que falam bem; 21,21% falam razoavelmente; 15,15% falam pouco; e 39,39% não falam nada.
  - ii) Entre os respondentes acima de 21 anos, 19,35% afirmam que entendem bem; 38,71% entendem razoavelmente; 41,94% entendem pouco e nenhum deles afirma que não entende nada. Para a habilidade de falar, 3,23% afirmam que falam bem; 35,48% falam razoavelmente e 61,29% que falam “pouco”, sendo que ninguém afirmou que não falava nada.
- 4) A transmissão do vêneto às gerações mais novas ocorreu pouco, em São Bento de Urânia: dos 32 adultos que responderam à pergunta do questionário sobre a transmissão da língua, somente 10 (31,25%) afirmaram que a ensinaram aos filhos. As principais causas da não transmissão, segundo os participantes da pesquisa, foram a falta de interesse em ensinar e aprender, pela falta de/pouco conhecimento da língua, pela ausência de necessidade de ela ser falada etc.

- 5) As 81 crianças e adolescentes indicaram as línguas que gostariam de aprender mais, resultando em um total de 85 respostas<sup>23</sup>. Das 85 respostas, 31 (36,47%) indicaram o vêneto, ao passo que 53 respostas (62,35%) indicaram outras línguas, como o inglês, o espanhol e o alemão.
- 6) A cultura vêneta está fortemente presente na comunidade, por meio da culinária, dos jogos, das festas, das missas e/ou celebrações e também da língua.
- 7) Os resultados gerais indicam que o vêneto é bem considerado na comunidade:
  - i) Entre as crianças e adolescentes que responderam à questão quanto aos sentimentos sobre a língua, ela é considerada bonita para 35,14% dos respondentes, feia para 4,05%, antiquada para 12,16%, moderna para 8,11%, difícil para 35,14% e fácil para 8,11% deles;
  - ii) Entre os adultos acima de 21 anos que responderam a essa questão, o vêneto é bonito para 90,63% dos respondentes, feia para 3,13%, antiquada para 3,13%, fácil para 9,38% e difícil para 6,25%.
- 8) É constante a alusão ao preconceito linguístico sofrido pelos moradores de São Bento de Urânia. As suas causas estão relacionadas à proibição de se falar outra língua que não fosse o português, durante o período Vargas, perpetuada pela atuação da escola e da sociedade, que ajudaram a incutir o medo e a vergonha de falar a sua língua ancestral.

Cominotti (2021) conclui, assim, que os uranienses se sentem muito identificados como descendentes de italianos e sentem orgulho de seus antepassados, o que explica, em parte, por que a cultura e a língua dos ancestrais ainda estão presentes no distrito, apesar de o português ter substituído amplamente o vêneto em praticamente todos os domínios de uso. Portanto, apesar de o forte sentimento de identidade com os antepassados não ter sido capaz de manter a língua dos ancestrais, ele é o principal fator para se pensar em uma possível revitalização linguística, na comunidade.

---

<sup>23</sup> Nessa questão, os respondentes poderiam marcar mais de uma opção de língua que gostariam de aprender.

#### 2.2.2.5 O papel da escola na substituição linguística: Fiorin (2019)

É fato que a escola foi um importante órgão fiscalizador e disseminador da política de repressão às línguas estrangeiras no Brasil, por parte do Governo Vargas, impondo o ensino e a veiculação apenas da língua portuguesa no país. Esse é um fator constantemente citado em pesquisas que envolvem os contatos linguísticos no Espírito Santo e em outros estados, para justificar o declínio do uso das línguas de grupos minoritários.

Dessa forma, Fiorin (2019), em sua pesquisa, intitulada “Aspectos sócio-históricos da substituição do vêneto pelo português nas zonas urbana e rural de Alfredo Chaves-ES: o papel da escola”, procura analisar os fatores que levaram à substituição do vêneto pelo português e, especificamente, a atuação dos agentes escolares nesse processo, em duas comunidades de Alfredo Chaves-ES: a Sede, com aproximadamente 7.000 habitantes (IBGE, 2018), e Santa Maria de Ibitiruí, uma comunidade rural com cerca de 300 habitantes, todos descendentes de imigrantes vênetos.

Os procedimentos metodológicos adotados por Fiorin (2019) foram a pesquisa documental e bibliográfica, além de entrevistas semiestruturadas com 10 residentes da zona urbana e 20 da zona rural. Para os propósitos de seu estudo, o pesquisador entrevistou também 10 agentes escolares de ambas as localidades, que falaram sobre como é tratada a diversidade linguística nas escolas onde trabalhavam/trabalham, isto é, como eram e como são tratadas as línguas de imigração e o português falado com traços de outra língua.

Os fatores de manutenção/substituição do vêneto analisados por Fiorin (2019) são: a localização geográfica da comunidade; a (dis)similaridade cultural entre os grupos minoritário e majoritário, incluindo-se a religião; os casamentos intra/interétnicos; a escolarização e o status econômico e social do grupo minoritário e da língua falada por eles; as atitudes linguísticas dos falantes; e as políticas linguísticas de preservação/substituição das línguas minoritárias.

Os resultados obtidos por Fiorin (2019) não diferem muito dos encontrados por pesquisadores que analisaram outras zonas urbanas e rurais capixabas, com relação ao

contexto político e social em que a comunidade vivia e à transmissão da língua dos imigrantes aos mais novos.

Sobre as atitudes linguísticas dos moradores de Santa Maria do Ibitiruí, alguns entrevistados afirmam que gostam da língua de seus antepassados e que gostariam de vê-la sendo falada na comunidade, mas, por outro lado, outros afirmam que preferem o português. Fiorin (2019) aponta três razões para isso, com base nos relatos dos participantes da pesquisa: o fato de eles serem brasileiros e viverem no Brasil, sendo necessário falar a língua do país; o fato de o português ser a língua de que eles necessitam para trabalhar e sobreviver, a língua que lhe garante progresso econômico e social; e o fato de a língua ancestral ou seus traços no português gerarem vergonha, devido ao preconceito que sofrem.

Tudo o que Fiorin (2019) encontrou em Santa Maria de Ibitiruí se aplica à Sede de Alfredo Chaves, sendo que, na Sede, pelos contatos mais estreitos com os brasileiros, o vêneto foi substituído pelo português há mais tempo.

Partindo para a parte principal de sua pesquisa, Fiorin (2019) entrevistou cinco agentes escolares – duas da Sede e três da zona rural – para testar sua hipótese de que a escola contribuiu significativamente para o desaparecimento do vêneto no município. Para isso, o pesquisador formulou perguntas para identificar como os profissionais da educação viam e veem a língua vêneta e como tratavam e tratam a diversidade linguística em sala de aula. As entrevistas não deixaram dúvidas: as professoras eram obrigadas a ensinar o que os documentos oficiais exigiam, ou seja, o português. Não havia espaço para a variação linguística, e as línguas de imigração não entravam na sala de aula.

A maioria das professoras entrevistadas relata que o português com marcas vênetas era terminantemente corrigido, deixando a sensação de ser esta uma língua “errada” e, portanto, que deveria ser abandonada. As entrevistas também revelam que a escola, ao obedecer ao que diziam as leis educacionais e às demais leis do país, serviu desde sempre como grande propulsora do monolinguismo em português e, assim, favorecedora da substituição do vêneto no município. Diante de seus resultados, Fiorin (2019) conclui que é preciso haver um trabalho contínuo junto aos agentes escolares, para sensibilizá-los quanto à riqueza linguística e cultural do município de Alfredo Chaves, a fim de que a sua diversidade seja valorizada e preservada.

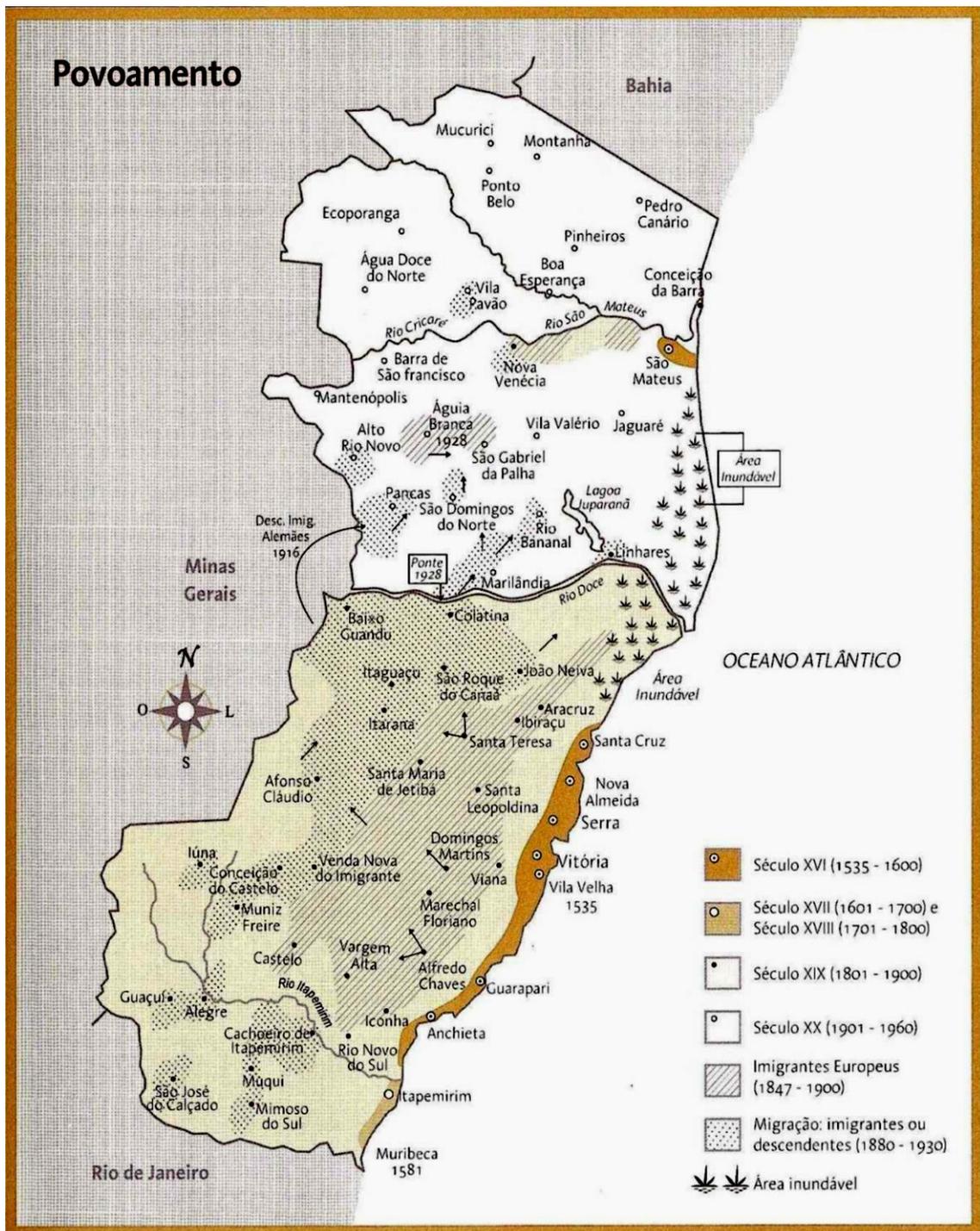
Com base nos estudos citados neste capítulo, pode-se afirmar que: a) ainda existem interferências do sistema sonoro das línguas de imigração no sistema sonoro do português, nos aspectos em que eles se diferenciam, tanto no Espírito Santo quanto em estados do Sul do país; b) os fatores de substituição de línguas de grupos minoritários se aplicam a várias comunidades capixabas colonizadas por imigrantes italianos; e c) boa parte dos participantes das pesquisas realizadas no Espírito Santo desejaria que as línguas italianas fossem preservadas, mas a sua substituição pelo português avança. As causas dessa substituição estão associadas à perseguição que os antigos imigrantes e seus primeiros descendentes sofreram, principalmente durante a Era Vargas, além do preconceito que envolve aquele que fala diferente da maioria.

Por outro lado, como apontam alguns dos estudos reportados neste capítulo, o orgulho pelos antepassados e sua cultura podem ser a fonte de incentivo necessária à revitalização dessas línguas. No próximo capítulo, o contexto econômico, político e social em que viveram os imigrantes é abordado, possibilitando uma compreensão mais profunda da realidade sociolinguística atual do Espírito Santo.

### **3 BREVE HISTÓRICO DO POVOAMENTO E DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO ESPÍRITO SANTO**

Neste capítulo, procura-se registrar a história da imigração italiana nos seus primórdios, no Espírito Santo, a fim de se conhecer como ocorreram os contatos entre as línguas faladas por esses imigrantes e as demais que aqui eles encontraram. Também buscou-se retratar o contexto político, social, cultural e econômico mais importante do Espírito Santo desde o início da colonização da Capitania, no séc. XVI, até a chegada das primeiras grandes levas de imigrantes, no século XIX. As progressivas etapas do povoamento do Espírito Santo podem ser vistas na figura a seguir.

Figura 3.1 — O povoamento do Espírito Santo



Fonte: Martinuzzo (2009, p. 69).

Para a elaboração deste capítulo, buscaram-se informações em obras como Moreira e Perrone (2007), Grosselli (2008), Oliveira (2008), Saletto (2011), Salles (2017), Zettiry (2021) etc. Também foram consultados os Relatórios dos Presidentes da Província do Espírito Santo (doravante, RPPES<sup>24</sup>) dos anos de 1873 (ano anterior à chegada da primeira grande leva de imigrantes italianos) a 1888 (quando se publicou o último Relatório da Província). Além desses, foram consultados os RPPES de 1854, 1855 e 1856, datas importantes para o estabelecimento das principais Colônias da Província.

### **3.1 Breve histórico da colonização do Espírito Santo – do séc. XVI até a chegada das primeiras levas de imigrantes**

A história da colonização de qualquer Capitania do Brasil se inicia, obviamente, na Europa, muito antes de o primeiro colonizador pisar o solo do país. Entretanto, traçar essa história, mesmo que resumidamente, não faz parte dos objetivos deste capítulo. Portanto, os fatos aqui apresentados se reportam à chegada dos portugueses à Capitania e se destinam a dar um panorama do contexto social, econômico e político-administrativo do Espírito Santo no período.

A carta de doação da Capitania do Espírito Santo foi assinada por D. João III em 01/06/1534, outorgando 50 léguas de terras a Vasco Fernandes Coutinho. Em princípios de 1535, o donatário Vasco Coutinho embarcou com outros colonizadores na caravela Grorya, chegando à localidade que posteriormente foi designada Sede da Capitania – atualmente, o município de Vila Velha – em 23 de maio de 1535<sup>25</sup>, dia dedicado à terceira pessoa da Santíssima Trindade pela Igreja Católica. Daí a Capitania ser batizada como Espírito Santo (OLIVEIRA, 2008).

Ao chegarem, os portugueses não foram bem recebidos pelos primeiros habitantes, os indígenas, que tentaram impedir o desembarque português. A recepção pouco cordial se prolongou por muito tempo, sendo constantes os conflitos entre os indígenas que habitavam a Capitania e os colonizadores. Por seu turno, a maior parte dos portugueses

---

<sup>24</sup> Mesmo que seja feita a referência a apenas um Relatório, este será abreviado como RPPES.

<sup>25</sup> Oliveira (2008) relata que não há informações precisas sobre a data do embarque de Vasco Fernandes Coutinho no porto de Lisboa, bem como as condições em que se deu a viagem.

que se aventuravam a vir para o Brasil – e para o Espírito Santo – “aliviava-se da maior parte dos preceitos morais vigentes na metrópole. Aventureiros, degredados, criminosos formavam a massa no seio da qual fermentavam e explodiam as rudes paixões daquelas mentalidades primárias” (OLIVEIRA, 2008, p. 54).

Devido a essas características, os estrangeiros não deram um tratamento humano aos que aqui já se encontravam, tentando, de todas as formas, caçá-los para que executassem os trabalhos da lavoura. Diante de tal situação, os indígenas – aimorés<sup>26</sup>, goitacás e tupiniquins – por diversas vezes formaram alianças para combater e vencer o inimigo comum, o que contribuiu para que a Capitania do Espírito Santo passasse por algumas dificuldades nos seus primeiros séculos. Nos próximos parágrafos, essa história é apresentada, de acordo com seus aspectos sociais, econômicos e político-administrativos, como se disse.

### **3.1.1 A população**

Por diferentes razões, a população do Espírito Santo sempre foi pequena. Sabe-se que, entre 1728 e 1730, a vila de Vitória contava com 5.000 pessoas, entre brancos, pardos e escravizados libertos e cativos, instaladas em 700 fogos, ou seja, casas/lares. Em 1774-1775, a população do Espírito Santo foi contabilizada em 7.773 pessoas, e as casas eram 1.434 (OLIVEIRA, 2008).

Em 1824, o recenseamento apontou que havia 5.274 lares e 35.353 pessoas na Província. Em 1827 eram 35.879 pessoas e 5.683 casas. No Quadro a seguir, apresentam-se os dados mais detalhadamente.

---

<sup>26</sup> Os aimorés também são conhecidos por *botocudos*.

Quadro 3.1 — População da Província do Espírito Santo em 1824 e 1827

Censo	Branços		Indígenas <sup>27</sup>		Pardos livres		Pardos cativos <sup>28</sup>		Pretos livres		Pretos cativos		Total
	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	
<b>1824</b>	3916	4178	3067	2721	2950	2651	1577	1710	1442	1240	4595	5306	35.353
<b>1827</b>	4325	4011	2714	2647	4110	3507	1417	1318	864	753	4781	5432	35.879

Fonte: A autora, com base em Oliveira (2008, p. 307; 333).

Analisando-se os dados do Quadro acima, observa-se que a população diminuiu, entre 1824 e 1827, com relação a homens brancos, indígenas, pardos cativos e pretos livres. As causas apontadas pelos administradores da época para a diminuição foram: i) o recrutamento de indígenas e pretos alforriados para integrarem as *forças armadas* da época; ii) o envio de cativos para fora da Província, para servirem de boleiros, caixeiros etc.; e iii) as vidas perdidas devido às epidemias que sempre assolaram a Província, como a varíola, febre amarela, cólera, coqueluche e disenteria<sup>29</sup>.

Por fim, observa-se que, em 1824, o número de pessoas brancas, 8.094, correspondia a apenas 22,89% da população. Em 1827, as pessoas brancas somavam 8.336, perfazendo 23,23% do total. Esses dados auxiliam a compreender a política racista de “embranquecimento” da população, em que se baseou o Governo Provincial para trazer europeus para o Espírito Santo.

<sup>27</sup> O número de indígenas é referente aos aldeados, isto é, não corresponde aos que habitavam as florestas, cujo contingente certo era desconhecido.

<sup>28</sup> Não se sabe com certeza quando teve início o tráfico negreiro da África para o Espírito Santo, mas Basílio Daemon, citado por Oliveira (2008), presume a data de 1621. Não será possível, nesta tese, aprofundar-se nas questões dos escravizados ou dos indígenas, especialmente antes da chegada dos imigrantes italianos.

<sup>29</sup> Segundo as fontes consultadas, a cólera foi a pior de todas as enfermidades que o Espírito Santo vivenciou. O primeiro surto se deu em 1854, ceifando milhares de vidas e inutilizando muitas outras. Entretanto, Oliveira (2008) também lança dúvidas sobre a veracidade das informações fornecidas, por omissão e/ou “pelo pouco escrúpulo com que tais alistamentos se fazem, só para descargo de consciência [...]” (OLIVEIRA, 2008, p. 316).

### **3.1.2 A economia**

#### **3.1.2.1 Agricultura e pecuária**

Era a agricultura a maior fonte de riqueza do Espírito Santo e, ao final do primeiro século de colonização, a agricultura tinha avançado um pouco. Na faixa litorânea – ou pouco adentro, no máximo quatro léguas do mar – cultivava-se principalmente cana-de-açúcar, mandioca, algodão, milho, café, arroz e feijão. Alguns agricultores cultivavam outros alimentos, como abóbora, batata, inhame, repolho, pepino, alface, couve, ervilha e frutas diversas: melão, melancia, abacaxi, laranja, limão, manga, jaca, goiaba, caju etc.

A plantação era realizada sem qualquer técnica, empregando-se machado e o fogo para limpar a área a ser cultivada. Após a colheita, os produtos eram transportados por carros de bois, bestas, cavalos e canoas até os centros urbanos. A base da comida do homem comum era a farinha de mandioca, peixe fresco ou seco, marisco e feijão. Somente os ricos comiam carne.

Quanto à pecuária, dados de 1827 apontam que havia na Província 8.000 cabeças de gado vacum. Havia também criação de “burros e bestas, cabras, carneiros, porcos, galinhas, patos, perus, marrecos e pombos” (OLIVEIRA, 2008, p. 310).

#### **3.1.2.2 Indústria**

A indústria na Província era limitada e nem sempre suficiente para atender à demanda da população. Havia fábricas de açúcar e aguardente; olarias, para a fabricação de telhas, tijolos e utensílios de cozinha; e estaleiros – ou algo semelhante –, para a construção de lanchas de 12 a 16 toneladas. A Província também contava com diversos profissionais, como curtidores de couro/sapateiros, ourives, carpinteiros, marceneiros, seleiros, pedreiros, alfaiates, ferreiros, carneiros, tecelões e latoeiros, além dos muitos lavradores

e de negociantes. Com um maior nível de estudos, havia alguns poucos médicos e boticários (cf. OLIVEIRA, 2008, p. 313; 373).

### *3.1.2.3 Comércio*

Os primeiros dados encontrados sobre o comércio no Espírito Santo datam de 1811: noticia-se que os negócios eram feitos com o que era produzido e/ou colhido na Província. Dados de 1826 e 1827 reportam que o principal produto de exportação era a farinha de mandioca, mas também se vendia açúcar, fio de algodão, cachaça, arroz, milho, feijão, colchas e redes, cal e café. Por outro lado, a Província importava farinha de trigo, carne seca, bacalhau, paio, presunto, azeite, vinho, vinagre, aguardente, sal, queijos, manteiga, sabão, fumo, vela, telhas e tijolos, ferragens, drogas para boticas etc.

Não havia restrição para as importações, sendo elas pagas em dinheiro. Quanto às exportações, havia a proibição da saída de madeira de construção naval e de pau-brasil. Por fim, não havia na terra, na segunda década dos anos 1800, feiras, mercados, bancos, casas de seguros ou companhias de comércio (cf. OLIVEIRA, 2008, p. 312).

### *3.1.2.4 Vias de comunicação*

As vias de comunicação, na Província, traziam muitos problemas para a Administração, principalmente pela falta de verba para investimentos. Dessa forma, na década de 1820, a comunicação e o transporte eram principalmente fluviais, sendo utilizadas canoas e lanchas para o deslocamento de pessoas e de mercadorias. As viagens terrestres, por sua vez, eram feitas por meio de bestas e cavalos. Entre 1830 e 1840, a situação continuava a mesma, pela persistente falta de recursos. Assim, até mesmo a principal estrada, que passava ao longo do litoral, ligando o Espírito Santo ao Rio de Janeiro e à Bahia, estava quase intransitável.

### *3.1.2.5 Educação e cultura*

Até 21/09/1757, data da expulsão dos jesuítas do Brasil, eram esses religiosos que exerciam a função de professores para as crianças capixabas. Assim, com a expulsão, a Província ficou sem escolas. Após muitas críticas e solicitações para a resolução do problema, instalou-se em Vitória, em 1771, uma cadeira de gramática latina. Mais tarde, outras cinco cadeiras foram abertas, em diferentes localidades da Província, mas, ao final dos anos 1700, havia somente dois professores públicos na capital, Vitória, sendo um de gramática latina e outro de alfabetização.

A ausência de escolas se devia à falta de verbas para abri-las e mantê-las e para garantir o pagamento dos professores. Entretanto, em 1830, a Província passou a contar com mais um educandário, contabilizando três: as aulas de gramática latina, a Escola do Ensino Mútuo e a Escola do Ensino Vulgar, todas frequentadas por meninos. Em 1855 foi inaugurada a biblioteca pública, mas foi fechada em 1872 pela falta de livros em boas condições de uso.

Em relação à cultura no Espírito Santo, o primeiro jornal da Província foi O Estafeta, impresso em 1840. Este teve breve duração, diferentemente do Correio da Vitória, fundado em 17/01/1849, dando início ao jornalismo capixaba.

## **3.2 Breve histórico da colonização do Espírito Santo – da chegada das grandes levas de imigrantes ao século XX**

Nesta seção, relata-se a situação da Província a partir da época em que as primeiras levas de imigrantes adentraram o Espírito Santo, em 1847. A seção está dividida de acordo com os tópicos de maior interesse a este estudo: estradas de rodagem e de ferro, navegação, correios, telégrafos, iluminação pública, educação, insalubridade pública e administração.

Para isso, procedeu-se a consultas aos Relatórios dos Presidentes da Província do Espírito Santo. Em sua maioria (cf. RPPES de 02/10/1872, 18/09/1875 e 28/07/1877, por exemplo), os Relatores expunham para o Governo Imperial as poucas verbas que a

Província detinha, insuficientes para a realização das obras de que a população necessitava. As soluções apontadas no RPPES de 18/09/1875 eram: a Província fazer uma economia severa, destinando a verba às obras imprescindíveis e adiando-se as demais; a rígida fiscalização da cobrança de impostos; o estabelecimento da navegação direta entre o Espírito Santo e alguns portos estrangeiros; a construção de estradas de ferro para Minas Gerais; e o desenvolvimento da agricultura, a principal fonte de riqueza da Província e do país. Sem essas medidas, ela não poderia “desempenhar-se de todos os seus compromissos” (RPPES, 28/07/1877, p. 12).

### ***3.2.1 Obras públicas***

#### *3.2.1.1 Correios*

Os correios de/para outras províncias ou o exterior se dava por meio de vapores. Para o interior da Província, o transporte da correspondência era feito por meio de correio a cavalo. Em 1861, os correios contavam com dez agências distribuídas por diferentes localidades do Espírito Santo, além da agência central, em Vitória.

Em 1874, a administração do correio contava com cinco funcionários: um dirigente, um contador, um praticante e dois carteiros. O serviço por terra era executado por doze estafetas, em 12 agências no interior da Província (RPPES, 01/09/1874), mas esses números variavam no decorrer do tempo. Assim, nos RPPES de 18/09/1875 e 15/10/1876, consta que o número de carteiros diminuiu para onze. Por outro lado, o número de agências cresceu: de 12, em 1874, passou a 14 em 1881, sendo sete no Sul - Cachoeiro, Benevente, Guarapari, Itapemirim, Povoação de Santo Eduardo, Vila de Piúma e Freguesia do Alegre; seis no Norte – Cidade de São Mateus, Vila da Barra, Vila de Linhares, Vila de Santa Cruz, Vila de Nova Almeida e Cidade da Serra; e uma no centro da Província – Freguesia de Santa Leopoldina, número considerado suficiente, de acordo com o RPPES de 08/03/1881.

Em 1882, foi criada uma agência na ex-colônia do Rio Novo e outra em Alfredo Chaves, regiões onde se fixaram muitos imigrantes, e duas outras nas localidades de Cajá e Campinho (RPPES, 21/03/1882; 09/12/1882). O RPPES de 22/10/1885 reporta o número de 24 agências – 14 no Sul, sete no Norte e três no Centro. Já o RPPES de 05/10/1886 informa que existiam 26 agências em toda a Província, além de ser proposta a criação de agências em Conde D’Eu e Santa Tereza, localidades com concentração de imigrantes. Essas informações são importantes, visto que o correio próximo poderia facilitar a correspondência entre os imigrantes e seus familiares e amigos na Europa, o que favoreceria a manutenção de sua língua materna.

### 3.2.1.2 *Telégrafo*

A Guerra do Paraguai, que exigiu comunicações rápidas entre os batalhões e a Corte, atrasou a chegada do telégrafo ao Espírito Santo (OLIVEIRA, 2008). O serviço de telégrafo na capital foi inaugurado somente em 19/02/1874, pelo Presidente da Província, Dr. Luiz Eugênio Horta Barbosa<sup>30</sup>:

Dedicado apologista das grandes ideias, regozijo-me por ver a telegrafia, esse maior invento das gerações modernas, funcionando regularmente entre Vitória e Itapemirim, entre Itapemirim e Campos, ligando-se assim esta província à do Rio de Janeiro e à sede do Império.

Em futuro não remoto estará estabelecida a linha entre esta Capital, São Mateus e Caravelas, e ficarão todos os pontos da região espírito-santense, do Norte a Sul, ligados pela telegrafia elétrica (RPPES, 29/04/1874, p. 45).

Com o passar do tempo, o número de estações foi crescendo: de três – Itapemirim, Benevente e Vitória –, em 1874, passou-se a nove, em 1882 – Itapemirim e Benevente, no Sul; Vitória, no Centro; e Serra, Santa Cruz, Linhares, São Mateus, Barra de São Mateus e Itaúnas, no Norte<sup>31</sup>. Vê-se assim que, em muitos pontos da Província, não havia esse serviço, inclusive nas localidades de residência dos imigrantes.

---

<sup>30</sup> Neste capítulo, adota-se a ortografia oficial vigente. As construções frasais e a pontuação, por sua vez, são as originais dos RPPES.

<sup>31</sup> Nos demais RPPES consultados, não há novas informações a respeito das estações telegráficas.

### 3.2.1.3 Estradas de rodagem

Diversos RPPES (cf. 02/10/1872, 29/04/1874, 01/09/1874, 04/05/1875, 18/09/1875, 22/10/1885 - anexo D frisam a necessidade premente de ligação adequada entre as diferentes localidades da Província e desta com Minas Gerais, para escoar a produção e assim trazer a prosperidade de que a população carecia:

Esta província e sua limítrofe, Minas Gerais, reconhecem que o seu futuro depende de estradas que façam desaparecer as barreiras naturais que as separam: almejam com ansiedade a construção de vias que permitam a exportação dos ricos produtos mineiros pelos portos do nosso litoral, e ao nosso comércio levar seus benefícios ao remoto interior de Minas. Mais de um administrador, cômico destas verdades, há empreendido rasgar com estradas as ubérrimas florestas que se estendem em larga zona pelos territórios do Espírito Santo e Minas. Estas tentativas, porém, não têm surtido o desejado efeito. O pouco que existe é mau, quase imprestável (RPPES, 29/04/1874, p. 25).

Também são constantes as referências, nos RPPES, às precárias condições das estradas da Província, devido principalmente às escassas verbas de que o Espírito Santo dispunha para fazer frente às necessidades do povo, incluindo-se a construção, manutenção, reforma e/ou ampliação das estradas.

As estradas existentes, como as de São Pedro de Alcântara e de Santa Tereza, eram um pouco mais do que picadas na mata (RPPES, 02/10/1872), não podendo suportar o tráfego para o escoamento dos produtos das Colônias. Outras vias de comunicação em funcionamento, citadas nos RPPES, são: de Vitória ao Porto de Souza e de São Mateus ao município do Serro/MG (29/04/1874); as da ex-Colônia de Santa Leopoldina, como a de Cachoeiro de Santa Leopoldina a Santa Tereza e a de Santa Joanna ao rio Guandu, que, somadas aos diversos caminhos entre as localidades, “formam uma verdadeira rede” (RPPES, 05/10/1886, p. 200).

Por sua vez, as estradas em planejamento ou já em execução à época eram: a de Vitória ao Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina<sup>32</sup> (RPPES 29/04/1874, 04/05/1875, 18/09/1875); a de Vitória a Minas Gerais, passando pela Colônia de Santa Izabel, isto é, a futura BR 262; a de Vitória ao Porto do Cachoeiro (04/05/1875); de Benevente à

---

<sup>32</sup> No entanto, nos Relatórios de 15/10/1876 e de 03/03/1877, é informado que a construção de tal estrada estava suspensa por determinação do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, por concluírem que ela não traria tantas vantagens como se pensava.

Colônia de Santa Izabel; e de Piúma à Vila de São Pedro de Cachoeiro de Itapemirim (18/09/1875); de Castelo à Vila de Cachoeiro de Itapemirim, do Porto de Souza à divisa com Minas Gerais e de Alegre ao Veado (RPPES, 28/07/1877).

#### *3.2.1.4 Estradas de ferro*

Entre os RPPES consultados, apenas o de 09/07/1888 informa sobre uma estrada de ferro em funcionamento, ligando o Espírito Santo a Caravelas-BA, mas havia projetos de construção de uma pequena malha, unindo: a Vila do Cachoeiro de Itapemirim a Vitória, passando pelas Colônias de Rio Novo, de Santa Izabel e de Santa Leopoldina, com um ramal para o porto de Piúma (RPPES, 02/10/1872); Vitória a Santa Tereza (RPPES, 03/03/1883) e, principalmente, Vitória a Minas Gerais (RPPES, 18/09/1875, 15/10/1876), estrada férrea essa que ainda está em operação<sup>33</sup>. Em suma, nas regiões de assentamentos dos imigrantes as dificuldades de locomoção eram grandes, dificultando as interações entre eles e entre os nacionais, o que favoreceu a manutenção das línguas faladas pelos imigrantes, a essa época.

#### *3.2.1.5 Navegação*

No Relatório de 28/07/1877, consta que as comunicações dos espírito-santenses com o Norte e o Sul do Brasil eram feitas nos vapores de duas companhias de navegação: Espírito Santo & Campos e a Brasileira de Navegação do Norte. Já no Relatório de 09/07/1888 constam as Companhias de Navegação e Estrada de Ferro Espírito Santo e Caravelas, e a de Miranda Jordão e Cia. Por outro lado, os deslocamentos das pessoas e o escoamento de boa parte da produção das fazendas e das Colônias se davam pelos rios navegáveis da Província

---

<sup>33</sup> A estrada de ferro que passava por Alfredo Chaves e por Marechal Floriano (Araguaia), importante para os imigrantes, não aparece relatada em nenhum dos RPPES consultados e também não está mais em funcionamento.

### 3.2.1.6 Iluminação pública

A iluminação pública gera, entre os seus benefícios, segurança e conforto às pessoas. Na Província, ela era feita com gás e querosene. A iluminação a gás era onerosa para os cofres públicos e, por isso, esse serviço, embora restrito a Vitória, não era regular. Já com o querosene, o sistema era prestado com a regularidade possível, conforme o Relatório de 01/09/1874. Em 1882, o número de lâmpões das vias públicas da capital era de 225, além de 84 residências, a cadeia, o quartel da Companhia de Infantaria, a biblioteca pública e a estação telegráfica.

### 3.2.2 Segurança pública

No tocante à segurança pública da Província, os RPPES a subdividiam em duas seções: i) *Tranquilidade Pública* e ii) *Segurança Individual e de Propriedade*. Quanto à primeira, diversos são os Relatórios que atestam a tranquilidade em que vivia o Espírito Santo, devido, de acordo com os seus Relatores, à índole pacífica da população e ao seu sentimento de ordem e de respeito às instituições do país<sup>34</sup> (RPPES, 06/11/1873, 29/04/1874, 18/09/1875, 15/10/1876, 06/03/1879, 22/10/1885, 05/10/1886, 09/07/1888). Também digno de louvor, segundo o Relatório de 29/04/1874, era o fato de que o Espírito Santo contava com seis comarcas – Capital, São Mateus, Conceição da Serra, Iiritiba, Santa Cruz e Itapemirim –, sendo que, destas, apenas a última não era presidida por um juiz formado. Em outras palavras, de acordo com os RPPES, a segurança pública no Espírito Santo era chefiada por pessoas de alto gabarito.

Apesar da tranquilidade geral, os RPPES trazem à luz os crimes cometidos contra a pessoa e contra a propriedade, na Província. Antes de passar a esta seção, entretanto, é preciso dizer que, em vários RPPES, é denunciada a insuficiência da força policial de que

---

<sup>34</sup> Como exemplo da tranquilidade de que gozava o Espírito Santo, tem-se que “No decurso de Junho a Dezembro do ano findo [1887] deram-se: 4 homicídios em toda a província e 2 tentativas do mesmo crime” (RPPES, 09/07/1888, p. 22).

dispunha a população, além da inexistência ou da precariedade das cadeias públicas (cf. RPPES 01/09/1874, 06/03/1879, 22/10/1885, 09/07/1888).

Os crimes mais comuns atestados nos RPPES são homicídios e suas tentativas, desordens e agressões. Dos Relatórios, especialmente a partir de 1881, também constam conflitos registrados nas colônias ou crimes cometidos por imigrantes ali instalados. Em 1873, o Vice-Presidente da Província, Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas, deixa transparecer, em seu Relatório, a preocupação que a imigração gerava no governo provincial: “Na colônia de Santa Leopoldina, onde mais ou menos se deve temer, e a cada instante, movimentos hostis, a paz continua a ser mantida, e regozijo-me de dizê-lo” (RPPES, 06/11/1873, p. 07).

Também o Relatório de 29/04/1874 se reporta à insegurança em torno dos imigrantes vindos na primeira grande leva da imigração italiana para o Espírito Santo, trazidos pelo genovês Pietro Tabachi: “[...] com relação à tranquilidade pública, merecem especial menção as ocorrências que se têm dado na colônia iniciada por Pedro Tabachi em terrenos de sua propriedade no município de Santa Cruz” (RPPES, 29/04/1874, p. 09). Tratava-se de queixas de um número não pequeno de colonos instalados na Colônia de Nova Trento quanto ao descumprimento do contrato que havia sido celebrado na Europa, especialmente a má qualidade das terras distribuídas em lotes e a larga distância desses lotes em relação ao local em que eles próprios e suas famílias estavam hospedados.

O Relatório de 18/09/1875 reporta outro tumulto envolvendo 552 imigrantes de etnia(s) não informada(s), recém-chegados ao porto da Vila de Benevente com destino à Colônia de Rio Novo. A solução encontrada foi igualmente destacar uma força policial composta por 13 praças para resolver os conflitos. Entretanto, nada mais foi revelado sobre a ida desses imigrantes para os seus destinos finais. Igualmente, Dadalto (2017) revela um clima de tensão entre imigrantes e brasileiros no então distrito de Barracão de Petrópolis, Santa Teresa, devido ao assassinato impune de um mineiro por um imigrante italiano em 1897. À impunidade, somava-se “o racismo e as disputas políticas e econômicas” por parte de imigrantes de diferentes etnias (DADALTO, 2017, p. 194).

Outro crime reportado foi o homicídio envolvendo estrangeiros: o holandês M.A., residente na Colônia de Rio Novo, contra seu sogro, de nacionalidade brasileira ou

portuguesa, dado o seu sobrenome; os colonos germânicos<sup>35</sup> A.K. e C.G., contra outro germânico, A.S., na Colônia de Santa Leopoldina (RPPES, 08/03/1881); e os italianos L.S. e G.D., contra o compatriota L.M., no distrito de Alto Benevente (RPPES, 22/10/1885).

Além dos assassinatos, foram relatados três suicídios: o do colono germânico G.D, na Colônia de Santa Leopoldina (RPPES, 21/02/1882); o do colono “alemão” A.H., na prisão do Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina (RPPES, 09/12/1882) e o do “alemão<sup>36</sup>” E.F., por ingestão de veneno, antes de ser preso por fabricação de moedas falsas, em Viana (RPPES, 22/10/1885).

Por fim, constam as agressões físicas cometidas: pelos brasileiros J.I.N. e J.G.J. contra a colona germânica A.D.; por dois indivíduos não identificados contra a holandesa F.B., ambos na Colônia de Santa Leopoldina; pelo colono germânico M.S. e sua esposa G.S. contra outra colona germânica E.F, em Santa Izabel (RPPES, 03/03/1883); pelos italianos L.F. e A.F. contra o italiano G.N., em Santa Cruz; e pelo italiano C.N. contra o brasileiro A.L.N. Vê-se portanto que, dado o número de imigrantes já instalados na Província a essa época, não era expressiva a criminalidade entre eles, convivendo de forma pacífica.

### **3.2.3 Cultos públicos**

A Província do Espírito Santo estava dividida em 26 freguesias: Vitória, Vianna, Cariacica, Serra, São Mateus, Cachoeiro, Queimado, Nova Almeida, Espírito Santo, Itapemirim, Alegre, Guarapari, São Pedro de Itabapoana, Santa Izabel, Santa Leopoldina, Carapina, Santa Cruz, Riacho, Linhares, Barra de São Mateus, Itaúnas, Benevente, Rio Pardo, Calçado, Imperial Affonsino e Veado. Dessas, as seis primeiras contavam com vigários; as sete seguintes não dispunham de párocos, mas estes já haviam sido solicitados; e as treze últimas estavam vagas, razão pela qual, de acordo com o Relator,

O espírito religioso, que se manifestava outrora tão fervoroso e sincero, diminuiu sensivelmente com grande pesar dos verdadeiros crentes, que lamentam esta inesperada transformação.

A falta de párocos em muitas freguesias que, compenetrados dos deveres de sua árdua missão, instruem o povo nos salutares princípios da religião que

<sup>35</sup> A etnia dos envolvidos não foi informada no Relatório; dessa forma, ela foi inferida pelos seus sobrenomes.

<sup>36</sup> Assim foram identificados A.H. e E.F., nos referidos Relatórios.

professamos, influi poderosamente para a indiferença que se nota no mesmo culto (RPPES, 05/10/1886, p. 21).

Falar sobre os cultos públicos se faz importante, pois ali imigrantes e brasileiros se reuniam e tinham início os primeiros contatos linguísticos. Quanto aos italianos, são muitos os seus descendentes que relatam, em entrevistas, que os ancestrais se reuniam para rezar mesmo sem a presença de um padre, ratificando a forte religiosidade dos imigrantes de então.

### ***3.2.4 Salubridade pública***

Por meio dos RPPES examinados, viu-se que o Espírito Santo continuou vivenciando diversas situações de epidemias, notadamente de varíola, sarampo, coqueluche, diarreia e as febres palustre, amarela e tifoide, que ceifaram a vida de muitas pessoas, em especial as mais pobres. As epidemias aconteciam principalmente nas estações quentes e chuvosas e atingiam toda a Província, inclusive nas localidades onde os imigrantes estavam instalados, como a Vila de Benevente (RPPES, 04/05/1875; 18/09/1875), o Núcleo Colonial de Santa Cruz (RPPES, 28/07/1877) e o Núcleo Colonial Conde D'Eu, localizado na Comarca de Aracruz (RPPES, 09/07/1888).

Segundo dois Relatores (cf. RPPES de 18/09/1875 e 09/07/1888), as causas da insalubridade na capital advinham de um pântano próximo, da falta de lugares apropriados para o depósito do lixo, da irregularidade do serviço de limpeza pública, da falta de asseio do litoral, da falta de um sistema de esgoto e de escoamento das águas pluviais, da falta de água potável para a população e da má localização dos cemitérios, adjacentes às igrejas, dentro dos centros urbanos.

Dessa forma, encontram-se nos RPPES diversos pedidos de construção de outros cemitérios, observando-se as normas de higiene e segurança e, principalmente, distantes da população. Outra queixa recorrente dos Relatórios era quanto à resistência da população em se vacinar. A vacina somente era solicitada quando a enfermidade já havia se instalado no corpo da(o) cidadã(o), o que a tornava sem efeito.

Por fim, faz-se importante observar que, não obstante as epidemias que costumavam assolar o Espírito Santo, em vários RPPES os Relatores atestam que o estado geral de salubridade da Província era bom (cf. RPEES, 29/04/1874; 01/09/1874; 04/05/1875; 18/09/1875; 15/10/1876; 06/03/1879; 08/03/1881; 03/03/1883; 17/09/1884).

### ***3.2.5 Instrução pública***

A instrução pública no Espírito Santo, segundo os RPPES consultados, consistia na oferta de instrução primária e secundária para as crianças e jovens; uma escola para formar professores, que terminou sendo fechada<sup>37</sup>; ensino noturno e ensino para os presos. Cada comarca da Província contava com um inspetor de Instrução Pública, e em cada uma das freguesias havia um Delegado Literário (RPPES, 22/10/1885). Importante lembrar que, à época, parte das escolas destinava-se ao sexo masculino e parte ao feminino. No Espírito Santo, o número de meninos que estudavam era muito superior ao de meninas, conforme todos os Relatórios que fornecem esses dados.

Outra característica da educação da Província era a classificação das escolas por entrâncias, de acordo com a importância da localidade onde elas estavam instaladas: de primeira entrância eram chamadas as que se localizavam nas freguesias e distritos; de segunda entrância, nas sedes de vilas; e de terceira entrância, nas cidades.

A instrução primária era destinada à alfabetização das crianças e ao ensino básico da leitura e da escrita, além da Matemática. Ela era oferecida em diferentes localidades da Província. O quantitativo de escolas, de docentes e, principalmente, de alunos matriculados variava bastante de ano para ano, sendo que poucos RPPES trazem esses dados completos; portanto, esses números não serão apresentados nesta tese.

A instrução secundária era oferecida, na capital, pelo Colégio Ateneu, que atendia os meninos; e pelo Colégio Nossa Senhora da Penha, para a educação das meninas. No RPPES de 15/10/1876, constam que as escolas particulares eram 12, localizadas em

---

<sup>37</sup> No Relatório de 15/10/1876, a Escola Normal ainda funcionava, mas já no Relatório de 28/07/1877 consta que ela havia sido extinta.

diferentes pontos da Província: nove para meninos, com 193 alunos matriculados, e três para meninas, frequentadas por 50 alunas. No RPPES de 05/10/1886, por sua vez, consta que o número dessas escolas havia aumentado: de 12 passou a 18, instaladas na capital e no interior: São Mateus, Itapemirim, Cachoeiro, Santa Izabel, Viana, Taquara-ussu, São João de Cariacica e Cachoeiro de Santa Leopoldina, local onde residiam muitos imigrantes.

Com relação ao ensino noturno, no Relatório de 15/10/1876 consta que havia na Província duas escolas que ofertavam esse tipo de ensino, sendo uma na cidade da Serra e outra que funcionava no Colégio Ateneu. Com respeito ao ensino de presos, o Relatório de 03/03/1883 informa que, em 18 de janeiro desse ano, foi instalada definitivamente uma escola destinada a esse fim, além de uma oficina de artefatos de couro e de tecidos de palha. Elas eram frequentadas por 20 presos.

Não obstante haver uma certa regularidade na oferta de ensino à população, observa-se, por meio dos RPPES lidos, que a instrução pública na Província apresentava vários problemas: “A província despense quase um terço de sua receita com este importante ramo do serviço público: porém, é forçoso confessarmos, os resultados não estão na proporção dos sacrificios a que se tem imposto” (RPPES, 18/09/1875, p. 15). Uma advertência comum aos RPPES era a pobreza das escolas: a maioria funcionava em casas alugadas e em quase todas elas faltavam móveis e utensílios para professores e alunos (RPPES, 08/03/1881, 21/03/1882, 22/10/1885, 09/07/1888).

Uma queixa frequentemente reportada dizia respeito aos docentes. Segundo alguns Relatores, os baixos salários atraíam pessoas desqualificadas e sem vocação para exercer o magistério – aquelas que não deram certo em outras profissões –, o que comprometia os resultados esperados para o progresso da Província (RPPES, 18/09/1875, 03/03/1877, 28/07/1877, 05/10/1886, 09/07/1888).

Outro problema da educação à época era a pouca frequência às aulas, por parte dos alunos: “A frequência das escolas primárias e dos estabelecimentos de ensino secundário é pequena; o gosto pelo estudo não acha-se suficientemente desenvolvido na população” (RPPES, 15/10/1876, p. 28). O absenteísmo dos alunos permanecia em 1886, e suas causas, segundo o Presidente da Província, desembargador Antônio Joaquim Rodrigues, eram: a) as grandes distâncias que tinham que percorrer os alunos para chegarem às

escolas, dado que as residências se encontravam espalhadas pelo território da Província; b) a não obrigatoriedade do ensino; c) a necessidade dos pais quanto ao trabalho dos filhos na lavoura e/ou em casa; d) a falta de inspeção das escolas e do aproveitamento dos alunos, por parte dos inspetores e delegados de ensino; e) as dificuldades financeiras das famílias para dar roupa, calçado e material escolar às suas crianças; e f) a falta de confiança nos professores.

Algumas soluções apontadas pelo mesmo Presidente (RPPES, 05/10/1886) são: a) subvencionar estabelecimentos nas diferentes localidades da Província, para que sirvam de escolas e que, portanto, as distâncias diminuam; b) planejar as melhores localidades onde instalar uma nova escola, levando-se em conta a importância da povoação, o número de crianças que serão atendidas e as distâncias entre as escolas; c) prover as cadeiras com melhores professores; e d) convencer os pais da importância de que seus filhos prossigam nos estudos, após serem alfabetizados e aprenderem os rudimentos de aritmética.

Por fim, o Presidente Antônio Joaquim Rodrigues, em seus RPPES de 22/10/1885 e 05/10/1886, defende a supressão de muitas escolas, tendo em vista que a frequência dos alunos não era alta. Entretanto, o Presidente Antônio Ribeiro Leite de Almeida foi contra a ideia de fechar escolas pela ausência dos alunos, haja vista que “A Lei nº 3.353 de 13 de Maio do corrente ano, abolindo a escravidão, aumentou sem dúvida a população escolar. Foi esse o motivo de meu desacordo” (RPPES, 09/07/1888, p. 30). Sendo o Relatório de 1888 o último do Império, não se pode dizer, com base nos RPPES, se houve, de fato, o fechamento das escolas.

O contexto educacional da Província deixa claro que imigrantes mais jovens e, posteriormente, seus primeiros descendentes pouco ou nada puderam frequentar a escola e, assim, travar um contato mais estreito com a língua portuguesa, o que favoreceu a manutenção das línguas faladas por seus antepassados, nos primeiros anos.

### 3.2.6 A população da província

#### 3.2.6.1 Os escravizados

Os RPPES informam que havia escolas para os escravizados e filhos livres de mulheres escravizadas. A Província também recebia verbas de um Fundo para a Emancipação dos Escravos (RPPES, 03/01/1876), as quais eram distribuídas entre os 13 municípios que concentravam fazendas com escravizados. O Quadro a seguir, elaborado a partir do Relatório de 18/09/1875, exhibe os municípios e as freguesias onde os escravizados viviam e seu número em cada lugar.

Quadro 3.2 — Número de escravizados, por freguesias e municípios

<b>MUNICÍPIOS</b>	<b>FREGUESIAS</b>	<b>NÚMERO DE ESCRAVOS<sup>38</sup></b>
Vitória (Total = 3.687)	Vitória	1001
	Queimado	780
	Cariacica	1174
	Carapina	251
	Santa Leopoldina	481
Espírito Santo <sup>39</sup>	Espírito Santo	511
Viana (Total = 1257)	Viana	1224
	Santa Isabel	33
Serra	Serra	1464
Nova Almeida	Nova Almeida	460
Santa Cruz (Total = 466)	Santa Cruz	400
	Riacho	66
Linhares	Linhares	172
Barra de São Mateus (Total = 796)	Barra de São Mateus	705
	Itaúnas	91
São Mateus	São Mateus	2017
Guarapari	Guarapari	417
Cachoeiro de Itapemirim (Total = 7.482)	Cachoeiro de Itapemirim	1947
	São Pedro de Alcântara	428
	Alegre	1110
	Veado	703
	Itabapoana	2464
	Aldeamento Imperial Afonsino	830
Itapemirim	Itapemirim	2873

Fonte: RPPES, 18/09/1875, p. 46 (adaptado).

<sup>38</sup> Manteve-se, no Quadro, o termo “Escravos”, que consta do Relatório.

<sup>39</sup> A Vila do Espírito Santo é atualmente o município de Vila Velha, pertencente à Grande Vitória.

Observa-se, assim, que o número de escravizados na Província, em 1875, era de 21.602 pessoas, vivendo sobretudo ao longo do litoral do Espírito Santo, distantes dos imigrantes italianos que se fixaram em São Bento de Urânia.

O Relatório de 09/07/1888 traz um interessante pronunciamento do Presidente da Província, Dr. Antônio Leite Ribeiro de Almeida, em que aplaude a Lei nº 3353, de 13 de maio de 1888 – A Lei Áurea –, mas recorda a exigência dos donos de terras espírito-santenses, especialmente os do sul da Província, da vinda de imigrantes para substituir o trabalhador escravo. Importante frisar que o Relator, em nenhum momento, faz referência aos escravizados libertos do Espírito Santo: seus novos lugares de moradia, sua subsistência, seu destino. A preocupação passou a ser outra: a imigração estrangeira. Antes de passar a ela, especificamente, faz-se necessário falar sobre os indígenas que viviam na Província.

### 3.2.6.2 *Os indígenas*

Os RPPES consultados indicam alguns aldeamentos de indígenas: do Imperial Afonsino, do Mutum e do rio Guandu. Quanto ao primeiro, o Relatório de 25/05/1855 informa que, não obstante as casas dos indígenas se encontrarem arruinadas e com pouco asseio, eles cultivavam mantimentos para a sua subsistência e criavam algum gado e outros animais domésticos, e as mulheres costuravam a sua roupa e a dos filhos: “Este estado [das casas e da vida dos indígenas] posto que se não possa dizer florescente, não é desanimador tendo-se em vista que estes homens ainda há pouco viviam dispersos pelas matas quase como feras” (RPPES, 25/05/1855, p. 37).

No Relatório de 25/05/1855, consta que havia indígenas em Benevente, que atualmente é o município de Anchieta. Quase duas décadas depois, o Relatório de 01/09/1874 aponta que o único aldeamento do Espírito Santo era o de Mutum, embora fosse certo que, em 1874, ainda havia na Província “[...] milhares de índios, que vivem no seio das matas virgens, errantes e fugitivos” (RPPES, 01/09/1874, p. 23), fato que não deve ter-se alterado significativamente, nos anos seguintes. Acerca de Mutum, o Relatório de

05/10/1886 informa que ele não se encontrava em boas condições, embora as aldeias recebessem ajuda constante do governo provincial para se manterem.

Os RPPES não dão muitas informações sobre as etnias indígenas, mas fazem referência a alguns incidentes com os botocudos que viviam próximos ao rio Santa Joana [atualmente, Santa Teresa] (RPPES, 25/05/1855) e que, tempos depois, invadiram o Aldeamento do Mutum (RPPES, 21/03/1882); entretanto, de acordo com Saletto (2011), habitavam a Província tupiniquins, goitacazes, tupinambás e temiminós, que falavam o tupi, a língua de comunicação entre eles e os jesuítas, na catequese. Moreira e Perrone (2007) citam também os aimorés e afirmam que, na capitania, se falavam línguas de dois principais troncos: tupi e macro jê.

Enfim, o que se depreende da leitura dos Relatórios é que os indígenas não mantinham convívio estreito com a população em geral, pois habitavam os aldeamentos ou as matas; portanto, pode-se pensar que os imigrantes também não desfrutavam desse convívio, e as línguas não tiveram contato direto. No caso desta tese, em entrevista realizada com M1, o informante revela que os mais idosos do distrito nunca falaram de contato com indígenas, em São Bento de Urânia.

### 3.2.6.3 Os brasileiros migrantes das províncias do Norte

Uns poucos Relatórios se reportam a migrantes que, fugindo da seca que assolava algumas Províncias do norte do país, chegaram ao Espírito Santo em busca de uma vida melhor. O quadro a seguir exhibe o número e para onde foram destinados os retirantes que entraram na Província do Espírito Santo de 06 de março a outubro/1878.

Quadro 3.3 — Contingente de retirantes e sua destinação no Espírito Santo

<b>Localidade</b>	<b>Contingente de pessoas</b>
São Mateus	1399
Santa Cruz	507
Itapemirim	801
Guarapari	1(?) <sup>340</sup>
Viana	490
Serra	274

<sup>40</sup> O número do meio está ilegível.

Cariacica	412
Sta. Leopoldina	46
Sta. Isabel	22
Nova Almeida	20
Linhares	14
Assentação Praça no Exército	27
Assentação Praça na Polícia	33
Na Companhia de [ilegível]	17
Em Tratamento na Sta. Casa	11
Na Capital, em Diversos Ofícios	374
Faleceram	235

Fonte: RPPES, 22/10/1878, p. 41-42.

O Relatório de 22/10/1878 informa ainda que os migrantes do Norte chegaram seminus, sendo-lhes providenciadas roupas, alimentação, tratamento médico, diárias e passagens até os seus destinos finais, na Província. Os RPPES não relatam, mas, tendo-se em vista o contexto geográfico e social do Espírito Santo e os destinos dos retirantes, eles não tiveram contato direto com a maioria dos imigrantes italianos da Província, especialmente de São Bento de Urânia.

### 3.2.7 Entradas e saídas de estrangeiros

Os RPPES dos anos de 1881 a 1886 – após, portanto, a chegada da primeira leva de imigrantes italianos, em 1874 – registraram o movimento de estrangeiros no porto de Vitória, em que pode ser observado que o fluxo de italianos era constante e estava acima do número de estrangeiros de outras procedências. O quadro a seguir evidencia esse quantitativo:

Quadro 3.4 — Entrada e saída de estrangeiros no porto de Vitória (1880-1884)

PERÍODOS	ETNIA	ENTRADA	SAÍDA <sup>41</sup>
<b>ANO DE 1880</b> (RPPES 08-03-1881, p. 19)	<b>Italianos</b>	<b>111</b>	<b>77</b>
	Alemães	62	21
	Portugueses	43	24
	Franceses	29	13

<sup>41</sup> Deve-se esclarecer que o quadro demonstra o número total do movimento de pessoas que chegavam a Vitória e **que** saíam da cidade. Em outras palavras, nem sempre as pessoas que chegavam eram as mesmas que deixavam o porto em determinado ano. Daí o número maior de saídas de algumas etnias, em determinados anos.

	Espanhóis	19	11
	Suíços	16	10
	Ingleses	14	03
<b>TOTAL</b>		<b>294</b>	<b>158</b>
<b>ANO DE 1881</b> <b>(RPPES 21-03-1882,</b> <b>p. 39)</b>	<b>Italianos</b>	<b>42</b>	<b>35</b>
	Portugueses	26	14
	Alemães	22	05
	Prussianos	17	04
	Franceses	15	06
	Espanhóis	11	06
	Ingleses	10	05
<b>TOTAL</b>		<b>143</b>	<b>75</b>
<b>DEZ-JAN/1883</b> <b>(RPPES 03-03-1883,</b> <b>p. 10-11)</b>	<b>Italianos</b>	<b>21</b>	<b>09</b>
	Portugueses	07	02
	Alemães	05	06
	Franceses	01	-
	Ingleses	01	01
<b>TOTAL</b>		<b>35</b>	<b>18</b>
<b>JAN-OUT/1885</b> <b>(RPPES 22-10-1885,</b> <b>p. 46)</b>	<b>Italianos</b>	<b>43</b>	<b>53</b>
	Alemães	28	23
	Portugueses	18	13
	Franceses	16	09
	Árabes	01	04
	Espanhóis	04	11
	Ingleses	04	07
	Prussianos	02	03
	Suíços	01	03
<b>TOTAL</b>		<b>117</b>	<b>126</b>
<b>OUT/1885 –</b> <b>AGO/1886</b> <b>(RPPES 05-10-1886,</b> <b>p. 85)</b>	<b>Italianos</b>	<b>35</b>	<b>28</b>
	Alemães	01	06
	Portugueses	01	04
<b>TOTAL</b>		<b>37</b>	<b>38</b>
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>626</b>	<b>415</b>

Fonte: A autora, com base nos RPPES de 08-03-1881, 21-03-1882, 03-03-1883, 22-10-1885 e 05-10-1886.

O Quadro evidencia que a Província recebeu muitos estrangeiros, provavelmente imigrantes, em sua maioria, mas se nota igualmente que o Espírito Santo não reteve boa quantidade deles, talvez pelas condições adversas que encontraram, as quais podem ser vistas neste capítulo. Por outro lado, os RPPES também informam sobre o número de naturalizações de estrangeiros: “Desde 15 de Janeiro de 1883, data da primeira carta concedida de conformidade com a citada lei [decreto de número 1950, de 12/07/1871, que dava permissão para os Presidentes das Províncias concederem cartas de naturalização a estrangeiros] tem esta Presidência expedido 142 cartas de naturalização” (RPPES, 05/10/1886, p. 64).

Do que foi exposto até aqui, observa-se que os imigrantes, ao chegarem ao Espírito Santo, encontraram uma Província com poucos recursos, de forma geral: pequena população, poucas vias de comunicação, poucos religiosos, poucas escolas, condições insalubres em muitas localidades e sem médicos para atendê-los.

Quanto aos contatos linguísticos, os imigrantes, em sua maioria, foram assentados no interior da Província, no meio da mata virgem e distantes dos centros populacionais maiores, onde estavam os nacionais. Com respeito a São Bento de Urânia, como se afirmou, o informante M1 relata que os ancestrais nunca mencionaram a existência de indígenas nas proximidades do lugar. Portanto, pode-se supor que, no início da imigração, a situação favoreceu a manutenção da língua de imigração. Os contatos se deram posteriormente e de formas diferentes, a depender das funções dos membros das famílias: quem saía mais da comunidade tinha mais oportunidade de encontrar falantes de português e de aprender esta língua.

Tendo sido feito um resumo do contexto social e político da Província do Espírito Santo, faz-se necessário, a partir de agora, abordar a imigração europeia no Espírito Santo, especialmente a italiana.

### ***3.2.8 O contexto político-administrativo e social da imigração italiana para o Espírito Santo***

Não é objetivo deste capítulo um aprofundamento acerca dos contextos políticos, econômicos e sociais que levaram milhões de europeus a saírem de sua terra e irem para outros países, especialmente o Brasil; no tocante aos italianos, esses contextos já foram bastante analisados e expostos (cf., por exemplo, BIGAZZI, 2006; FRANZINA, 2006; BERTONHA, 2022).

Pode-se dizer, de modo geral, que a principal razão era a crise pela qual a Europa passou, no século XIX, gerando desemprego e fome entre as classes mais pobres, especialmente nas zonas rurais. Os italianos, especificamente, viveram períodos muito difíceis e foram tentados a deixar seu país devido a diversos fatores, tais como:

a) a Revolução Industrial, que substituiu a mão de obra pelas máquinas, gerando desemprego e subempregos. Com a menor oferta de trabalho, quem os tinha viu seus salários diminuírem; b) as guerras pela unificação dos Estados que formariam a Itália, culminada em 1870; c) doenças como a cólera, malária e pelagra, além da tuberculose, raquitismo e escorbuto; d) atuação das agências de imigração brasileiras, que divulgavam propagandas – muitas vezes falsas – acerca dos benefícios que receberiam os que viessem aqui viver; e) o anseio de lucro fácil por parte das empresas de navegação italianas, especialmente os armadores genoveses, com o transporte de emigrantes para as Américas; f) o intuito de se criarem grandes colônias italianas além do continente europeu; e g) o excesso de população na Itália, gerado pela alta natalidade.

Além dessas razões, o homem do campo ainda conheceu outras, como: h) a concorrência de produtos estrangeiros, notadamente o trigo, a seda e o arroz, com desvantagem para os agricultores italianos; i) os altos impostos que os camponeses deveriam pagar por suas terras. Caso não pagassem, poderiam perdê-las; j) as pragas que devastavam as plantações; e k) a seca por um lado e as enchentes por outro, além de furacões, tempestade de granizo, más colheitas, desmoronamentos e avalanches, e ainda o rigor dos invernos (PERES, 2014, p. 57-58, com base principalmente em BIGAZZI (2006) e FRANZINA (2006)).

Esses fatores, somados, geraram uma grande desesperança entre os italianos mais pobres, e a solução que encontraram foi emigrar. O Brasil foi um dos destinos mais procurados, haja vista as condições que se ofereciam a quem quisesse estabelecer-se aqui.

Nesse período, o país vivia um momento de mudanças muito significativas em sua história. Com a iminência da abolição da escravatura no país, os agricultores e os governantes buscaram uma solução para o trabalho na lavoura. Entretanto, em vez de darem chances de emprego e melhoria de vida às pessoas recém-libertadas, intentaram cooptar estrangeiros, especialmente na Europa, e trazê-los para o Brasil. Essa tarefa coube às Companhias de Colonização, que buscavam trazer imigrantes para o país. Entretanto, como se disse, muitas destas, visando essencialmente ao lucro, faziam aos europeus propagandas falsas e promessas que não poderiam ou não queriam cumprir. Os resultados, por conseguinte, não foram os esperados. O Relatório de 15/10/1876 traz essa advertência.

Pelo que toca ao sistema misto de colonização, isto é a promovida por Companhias ou Associações mediante auxílio pecuniário do governo, parece-me que deve ser banido esse sistema. As Companhias ou Associações, salvas honrosas exceções, só visam em geral à especulação. Se propõem a colonizar terrenos que são-lhes concedidos pelo governo não esforçam-se por colocar os núcleos coloniais que fundam em condições favoráveis, porque só têm em mira uma boa encampação. Se porém contratam simplesmente a introdução de imigrantes mediante um prêmio por cada imigrante que introduzem, recrutam nas diversas cidades e vilas da Europa os vagabundos e proletários que por espírito de aventura desejam viajar e enviam-nos como bons agricultores. No meio deles vêm seduzidos por promessas exageradas alguns bons imigrantes, mas estes, além de constituírem pequeno número, desgostam-se logo ao

chegarem nos estabelecimentos coloniais e as mais das vezes retiram-se por falta do cumprimento das promessas que na Europa foram-lhe feitas.

Da má escolha dos imigrantes que nos são remetidos, assim como das exageradas descrições e promessas que lhes são feitas é que provém essa incessante circulação de colonos de uns para outros pontos do Império, em busca das felicidades e das poéticas regiões que lhes foram descritas.

Essas faltas, filhas desse mau sistema, as quais o Governo Imperial procura aqui atenuar e sanar, mas não pode evitar por maiores que sejam a diligência e a atividade que empregue para impedi-las, são na Europa lançadas à responsabilidade do próprio Governo, que aliás não poupa esforços e despende boas somas para corrigi-las (RPPES, 15/10/1876, p. 44).

Dez anos mais tarde, no Relatório de 05/10/1886, o Presidente Antônio Joaquim Rodrigues também argumentava a favor da imigração e, para isso, segundo ele, era necessário fazer propaganda:

Com a transformação do trabalho que tem de operar-se em todo o país, em vista da nova legislação sobre o elemento servil, é tempo de cuidar-se seriamente da imigração, único recurso que resta para que não estanque a nossa principal fonte de riqueza, o que é muito para recear, se cruzarmos os braços ante as dificuldades que a muitos parecem insuperáveis, mas que podem ser vencidas se todos se convencerem de que não é com queixas e censuras, mais ou menos justas, que se resolverá tão importante problema.

Entre outros meios de que se deve lançar mão, um dos mais eficazes é a propaganda pela imprensa, pelas exposições, por todos os modos enfim de tornar a província bem conhecida dos países donde nele nos possam vir imigrantes laboriosos e morigerados (RPEES, 05/10/1886, p. 22).

Uma das exposições referidas na citação acima foi realizada pela Sociedade Central de Geografia de Berlim, protetora dos interesses alemães nos países estrangeiros, sendo expostos, provenientes do Espírito Santo,

[...] 550 produtos, apresentados por 65 expositores, sendo 9 propriamente agrícolas, 596 industriais, 22 minerais, 15 florestais e 7 zoológicos. Acompanharam os produtos um rico álbum [...], uma coleção do jornal e dos periódicos que se publicam nesta província e algumas obras aqui editadas (RPPES, 05/10/1886, p. 23).

Outra exposição foi realizada em Paris, em julho de 1888. Fazia parte de seu programa uma série de conferências sobre temas relacionados à colonização e a publicação de um livro com informações sobre o Espírito Santo, como a qualidade de seu solo, o estado da agricultura, as vias de locomoção, os portos etc.

A Província do Espírito Santo oferecia aos imigrantes que desejassem viver em suas terras o pagamento da passagem, a hospedagem nos primeiros dias de sua chegada e um lote de

terra já medido<sup>42</sup>, com preço baixo e um longo prazo para o pagamento. Enquanto eles não pudessem tirar o sustento de sua terra, eram-lhes oferecidos trabalhos de construção de caminhos nas Colônias. A função de encaminhar imigrantes para a Província, recepcioná-los e dar-lhes abrigo ficou a cargo da Sociedade Espírito-Santense de Imigração, instalada em 16/07/1886.

No Relatório de 05/10/1886, o Presidente Antônio Joaquim Rodrigues informa que, de outubro de 1885 a agosto de 1886, entraram na Província 117 imigrantes, sendo 99 italianos e 18 alemães, número considerado por ele muito pequeno, tendo em vista a qualidade dos terrenos do Espírito Santo e que a Província poderia receber mais de 200.000 imigrantes. Entretanto, até os primeiros anos do século XX, o Espírito Santo recebeu 54.155 estrangeiros. Destes, 52.719 (97,34%) vieram da Europa; 880 (1,63%), da Ásia; 541 (1%), de outros países da América; e 15 (0,03%), da África e Oceania. O quadro a seguir exhibe os 18 maiores contingentes de estrangeiros entrados no estado, nos séculos XIX e XX.

Quadro 3.5 — Estrangeiros entrados no Espírito Santo nos séculos XIX e XX

<b>Países</b>	<b>séc. XIX</b>	<b>sec. XX</b>	<b>Total</b>
<b>Itália</b>	35.033	1.633	36.666
<b>Alemanha</b>	4.013	853	4.866
<b>Espanha</b>	2.942	527	3.469
<b>Portugal</b>	2.080	1.347	3.427
<b>Polônia</b>	699	898	1.597
<b>Líbano</b>	1	568	569
<b>Áustria</b>	295	131	426
<b>Estados Unidos</b>	167	219	386
<b>San Marino</b>	360	3	363
<b>Holanda</b>	329	13	342
<b>Suíça</b>	289	21	310
<b>Rússia</b>	185	58	243
<b>França</b>	162	66	228
<b>Bélgica</b>	185	5	190
<b>Síria</b>	0	130	130
<b>China</b>	66	57	123
<b>Inglaterra</b>	9	105	114
<b>Luxemburgo</b>	97	0	97
<b>Ucrânia</b>	130	8	138

Fonte: Franceschetto (2014, p. 114-115).

<sup>42</sup> Os lotes estavam sendo medidos, nos Núcleos Coloniais, como informa o Relatório de 05/10/1886.

Neste ponto, cabe uma pausa para explicar as razões da superioridade numérica dos imigrantes italianos em relação às demais etnias. Salles (2017)<sup>43</sup>, com base em diversos estudos, afirma que, das principais justificativas para a entrada de estrangeiros no mercado de trabalho brasileiro – o povoamento das regiões com fraca densidade demográfica e a substituição da mão de obra escrava –, um estava acima de todos: “a intenção da manutenção da ascendência da Igreja Católica sobre a maioria populacional do País, e assim também, da manutenção da sua influência junto à oligarquia” (SALLES, 2017, p. 36).

A autora aponta que, antes da chegada dos trabalhadores europeus, houve longas e calorosas discussões na Câmara dos Deputados sobre qual seria o tipo ideal de imigrantes para o país. Não obstante o desejo de que eles fossem protestantes – especialmente alemães, suíços, ingleses e norte-americanos, pois, segundo os congressistas, os protestantes garantiriam um maior desenvolvimento para o Brasil –, ganhou força a tese da Igreja Católica de que os imigrantes católicos – notadamente os italianos – seriam mais interessantes para o país, pois teriam uma maior identidade com os brasileiros, quer pela religião católica, quer pela similaridade das línguas.

As semelhanças tornariam o imigrante italiano menos avesso aos brasileiros, como eram os alemães: “É sabido que o imigrante italiano é muito mais inteligente e industrioso, muito mais amigo do povo brasileiro do que o alemão que é mais rotineiro” (CAMARA DOS DEPUTADOS, 5v, p. 267, apud SALLES, 2017, p. 50). Dessa forma, a Igreja garantiu a supremacia católica no país.

A situação que envolvia os imigrantes, exposta por Salles (2017), se torna realidade no Espírito Santo: primeiramente chegaram à Província os imigrantes germânicos; anos depois, os italianos aportaram. Esse é o tema das próximas seções.

---

<sup>43</sup> Salles (2017) traz com riqueza de detalhes os bastidores da campanha de importação de trabalhadores para o Brasil, mas, nesta tese, não será possível fazer esse aprofundamento. Sugere-se, para isso, a leitura da obra.

### 3.2.9 As colônias de imigrantes

São vários os (Vice-)Presidentes da Província que frisam a importância da vinda de estrangeiros para suprir a demanda de trabalho nas lavouras – devido às leis que iam gradualmente emancipando os escravizados – e para ocupar as extensas florestas do Espírito Santo (RPPES, 25/05/1855, 13/02/1857, 18/09/1875, 15/10/1876, 28/07/1877, 08/03/1881, 05/10/1886, 09/07/1888), tendo em vista que, à época, os indígenas não eram contabilizados ou mesmo considerados cidadãos. Por conseguinte, durante o período imperial, muitos esforços foram feitos, por parte dos poderes públicos do Espírito Santo, para que fossem criadas e desenvolvidas Colônias, a fim de atrair os imigrantes: a ex-Colônia de Santo Agostinho, que atualmente é o município de Viana, pertencente à Grande Vitória; Santa Izabel, Cachoeiro de Santa Leopoldina e Rio Novo<sup>44</sup>.

#### 3.2.9.1 A Colônia de Santa Izabel

A Colônia de Santa Izabel – que atualmente faz parte do município de Domingos Martins/ES – foi fundada em 1847 (RPPES, 08/03/1856) e, embora fosse considerada pequena, seus habitantes viviam “na abundância e satisfeitos” (RPPES, 13/02/1857, p. 14). O Relatório de 25/05/1855 informa que viviam ali 213 pessoas, sendo 74 brasileiras e 139 estrangeiras. Os colonos estrangeiros de Santa Izabel eram “alemães” (RPPES, 08/03/1856), sendo que, no Relatório de 05/10/1886, à página 100, afirma-se que, na Colônia, “existem não menos de 80 crianças em idade escolar que não falam senão alemão”.

Christ, Peres e Rocha (2019) e Christ, Peres e Stein (2021)<sup>45</sup> afirmam que a primeira leva de imigrantes foi composta por famílias originárias da região montanhosa do Hunsrück, na Prússia Renana, e que se fixaram nas margens do rio Jucu. Os imigrantes chegaram no

---

<sup>44</sup> No Relatório de 08/03/1856, à página 13, consta que “No Rio Roce também começa o Dr. Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite a fundar alguns estabelecimentos coloniais, que muito prometem”. Porém, não foram encontrados, nos RPPES lidos, nenhuma alusão às Colônias do Rio Doce.

<sup>45</sup> Os autores elaboraram seus estudos com base em 52 RPPES do período de 01/03/1848 a 09/07/1888, em obras que tratam da imigração germânica no Espírito Santo, em informações constantes do site da Prefeitura de Domingos Martins e em 11 entrevistas com descendentes desses imigrantes com idades de 52 a 86 anos.

período de 21/12/1846 a 13/03/1847 e, ao final da quarentena, na Hospedaria dos Imigrantes, dirigiram-se a Viana, a localidade mais próxima da Colônia de Santa Isabel. Quando finalmente chegaram a essa Colônia, “foram surpreendidos com a notícia de que, ao contrário do que fora prometido pelos agentes recrutadores, apenas a metade dos lotes havia sido demarcada e que o caminho até lá teria que ser aberto por eles próprios, em meio à mata virgem” (CHRIST, PERES, ROCHA, 2019, p. 70).

Com o decorrer do tempo, a Colônia foi recebendo mais imigrantes: 116, entre 1855 e 1858; e 267, entre 1859 e 1860. Desses estrangeiros, a maioria era germânica, mas também havia italianos e alguns franceses. De acordo com os RPPES consultados, no período de 1855 a 1866, a Colônia passou de 213 para 1.125 pessoas. Os imigrantes germânicos chegados a Santa Isabel eram católicos e protestantes, sendo que as desavenças religiosas fizeram com que se afastassem: os católicos permaneceram em Santa Isabel, enquanto os protestantes adentraram-se pelo interior, formando Campinho, que é hoje a Sede do município de Domingos Martins<sup>46</sup> (CHRIST; PERES; ROCHA, 2019; CHRIS, PERES; STEIN, 2021).

Na Colônia de Santa Isabel, os imigrantes eram originários de diferentes localidades da Europa, cada qual com sua língua. Nessa situação, existe a necessidade de se escolher uma língua para a comunicação entre todos. Além disso, a região mais próxima da Colônia, Viana, era formada por açorianos<sup>47</sup>, pessoas escravizadas e brasileiros livres, sendo o português a língua aí dominante. Por fim, o catolicismo compartilhado entre alguns dos germânicos e brasileiros propiciou uma aproximação maior das línguas. Em suma, a diversidade linguística entre os estrangeiros e a proximidade com brasileiros, incluindo-se o campo religioso, fizeram com que o português suplantasse as línguas estrangeiras mais rápida e facilmente, em Santa Isabel.

Em Campinho, por outro lado, o isolamento parcial dos protestantes proporcionou a manutenção da língua falada pela maioria deles, o Hunsrückisch. Ademais, o ensino e os cultos luteranos eram realizados em alemão standard, e professores alemães ensinavam nas escolas do local. Dessa forma, a cultura e a língua desses imigrantes estavam mais presentes nessa comunidade, fortalecendo a preservação do Hunsrückisch. Atualmente, essa língua de imigração é falada pelos luteranos de diversos municípios do Espírito

---

<sup>46</sup> Atualmente, Santa Isabel é apenas um dos distritos do município de Domingos Martins.

<sup>47</sup> Em 1813, chegaram à Província 30 casais de açorianos, que se instalaram onde atualmente é o município de Viana.

Santo, especialmente Domingos Martins, Marechal Floriano e Santa Leopoldina, antiga Sede da Colônia de mesmo nome, conforme trata a seção a seguir.

### 3.2.9.2 A Colônia de Cachoeiro de Santa Leopoldina

A Colônia de Santa Leopoldina estava situada em um terreno elevado e de clima temperado, a pouca distância da capital, sendo possível o deslocamento de pessoas e produtos por meio do rio Santa Maria. O corpo administrativo era composto, em 1857, pelo Diretor e seu ajudante, um médico, um farmacêutico, um escriturário, dois professores primários para meninos, um padre e um pastor e quatro agrimensores, que faziam a medição e demarcação dos lotes da Colônia.

A Colônia via chegar seus novos habitantes: brasileiros do Norte do país (RPPEs, 28/07/1877), que recebiam lotes de terra; e estrangeiros de diversas procedências, chegados ao porto de Vitória. Pelo vapor Werneck, vieram 1024 imigrantes (RPPEs, 15/10/1876); no vapor Itália, 893 (RPPEs, 15/10/1876); no vapor italiano Izabela, procedente de Gênova, 355 (RPPEs, 15/10/1876); no vapor Alice, procedente do Rio de Janeiro, 30 austríacos (RPPEs, 15/10/1876); e no vapor Ester, vindos de Gênova, 220 italianos<sup>48</sup>. Portanto, gradativamente a população da Colônia aumentava.

De acordo com o Relatório de 13/02/1857, havia ali uma casa destinada à Diretoria e outra para o médico, oito barracões para a acomodação de estrangeiros recém-chegados, um hospital, duas igrejas católicas, uma capela protestante, dois templos evangélicos, nove cemitérios, duas escolas públicas brasileiras, uma escola particular de língua alemã para ambos os sexos regida por um pastor evangélico e uma escola de canto junto à igreja do Tirol. Quanto aos lotes, a essa época, 1780 já estavam demarcados (RPPEs, 01/09/1874).

A Colônia estava servida por estradas, como a que unia o Porto do Cachoeiro, isto é, a Sede, às proximidades da estrada de Santa Teresa e à capital da Província; e por vias internas, que ligavam os diversos lotes dos colonos. Essas estradas e vias, além de servir

---

<sup>48</sup> Os demais Relatórios lidos não trazem o quantitativo de imigrantes dessa forma.

ao deslocamento e à comunicação das pessoas, auxiliavam o florescente comércio – quase todo feito por estrangeiros – (RPES, 21/03/1882), com o transporte de seus produtos.

A saúde dos colonos, de acordo com o Relatório de 18/09/1875, era satisfatório. Registraram-se, de 01/01 a 23/07/1875, 125 casos de varíola e, destes, 17 faleceram. O Relatório de 28/07/1877, por sua vez, informou sobre casos de febre paludosa. Os demais RPES consultados não informaram sobre quaisquer outras moléstias na Colônia.

Quanto à educação, havia ali escolas com diferentes especificidades: escolas católicas, com professores brasileiros; e protestantes, com aulas ministradas por pastores, muitos deles estrangeiros (RPES, 18/09/1875). Em 1876, a Colônia contava com cinco escolas: uma para meninas, na Sede do Porto do Cachoeiro, e quatro mistas, nos distritos de Luxemburgo, Suíça, Califórnia e Tirol. O quadro seguinte, retirado do Relatório de 15/10/1876, à página 48, informa o quantitativo de alunos, em cada distrito da Colônia:

Quadro 3.6 — Quantitativo de alunos matriculados na Colônia de Santa Leopoldina (1876)

DISTRITOS	NÚMERO DE ALUNOS						TOTAL GERAL
	Brasileiros			Estrangeiros			
	Sexo		Total	Sexo		Total	
	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.		
Porto do Cachoeiro	16	15	31	04	04	08	39
Luxemburgo <sup>49</sup>	25	-	25	08	-	08	33
Suíça	04	01	05	24	12	36	41
Califórnia	05	04	09	11	13	24	33
Tirol	-	-	-	35	27	62	62
Total	50	20	70	82	56	138	208

Fonte: RPES (15/10/1876, p. 48).

Por meio do Quadro acima, é possível observar a concentração de crianças brasileiras e estrangeiras em cada distrito: em Porto do Cachoeiro – a sede da Colônia e onde se encontrava o corpo administrativo –, tem-se um número maior de crianças brasileiras, ao passo que estas rareiam ou inexistem no interior da Colônia, onde estavam os imigrantes e seus descendentes, em seus lotes. O Quadro também evidencia que as escolas não tinham muitos alunos, o que implica que as crianças tinham dificuldades para frequentar a escola – e ter um contato mais direto com o português –, por esta ser distante de sua residência e/ou por terem que ajudar seus pais em casa ou na lavoura.

<sup>49</sup> No quadro original, as localidades aparecem com a sua ortografia oficial, à época: Luxemburg, Suíça, Califórnia e Tyrol.

Por fim, faz-se importante constar que, no Relatório de 09/07/1888, à página 30, o Presidente Antônio Leite Ribeiro de Almeida declarava: “Autorizei ao mesmo tempo a subvenção a qualquer escola que se estabelecesse nos núcleos coloniais do Estado, presidida por professor da nacionalidade predominante”. Tratava-se, realmente, de um importante ato de consideração e respeito à população local.

A Colônia de Cachoeiro de Santa Leopoldina estava dividida em três Núcleos: Porto do Cachoeiro, Santa Cruz e Timbuí. O Núcleo de Porto do Cachoeiro era o mais antigo da Colônia. Sua área era de cerca de 12 léguas quadradas, distava 52 km da capital e ficava à margem do rio Santa Maria. Estava dividido nos seguintes distritos: Bragança, Suíça, Santa Maria, Holanda, Jequitibá, Galo, Melgaço, Caramuru e Rio das Farinhas. Sua população era de aproximadamente 6.800 pessoas (RPES, 08/03/1881), de diversas etnias: alemães, holandeses, poloneses, suíços, tirolezes e alguns franceses e seus descendentes.

O Núcleo era o centro comercial da Colônia. Para lá convergiam cinco estradas, que, ao lado dos diversos caminhos existentes, formavam uma verdadeira rede (RPES, 05/10/1886). Os colonos aí residentes viviam quase que por si próprios e em prosperidade, o que levou os Presidentes Marcelino de Assis Tostes e Alpheu Adolpho Monjardim D’Andrade e Almeida, nos RPES de 1881 e 1882, respectivamente, a pedirem a sua emancipação.

O Núcleo de Santa Cruz foi criado em 1879 (RPES, 08/03/1881) – o mais novo dos três Núcleos que compunham a Colônia – e distava 66km da capital (RPES, 28/10/1878). Seu estado era considerado próspero, com diversas obras executadas. Sua população era de 1.213 pessoas – italianos e brasileiros do Norte – e contava com uma escola de instrução primária, frequentada por 27 meninas e meninos (RPES, 21/03/1882).

O Núcleo do Timbuí distava 10km do Núcleo de Porto do Cachoeiro e estava dividido em oito distritos<sup>50</sup>. Em 1878, contava com escolas públicas, farmácia e enfermaria, mas lhe faltava uma capela (RPES, 28/10/1878). Sua população, em 1881, era de 3.000 pessoas, compostas por 365 famílias, em sua maioria italianas (RPES, 08/03/1881). Já o Relatório de 21/03/1882 informa que a população havia subido para 3.600 pessoas.

---

<sup>50</sup> Os RPES consultados não informam quais eram os oito distritos do Núcleo Timbuí.

Interessante notar que o Relatório de 03/01/1876 informa que, em poucos meses, o Núcleo havia passado de uma mata virgem a uma povoação florescente.

Em termos gerais, a Colônia de Santa Leopoldina apresentava problemas de variada ordem, mas ela conseguiu firmar-se como uma importante Colônia, no período imperial. Atualmente, ela se encontra subdivida em vários municípios, como Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Itarana, Afonso Cláudio etc., bastante ricos nos níveis cultural e linguístico. As estradas foram mantidas e várias foram e estão sendo pavimentadas. O rio Santa Maria hoje já não é navegável, e o clima ameno, os terrenos acidentados e as cachoeiras tornaram-se um poderoso atrativo turístico, gerando emprego e renda para várias famílias.

### 3.2.9.3 A Colônia de Rio Novo

A Colônia de Rio Novo, onde se localizava o que viria a ser o município de Alfredo Chaves, foi fundada em 1855, conforme o RPPES, 15/10/1876, e emancipada por meio do Decreto nº 7.683, de 06/03/1880 (RPPES, 08/03/1881). Logo em seguida à sua emancipação, foi criado o Núcleo Colonial do Castelo, “para aproveitar-se a extensa zona de excelentes terras devolutas, que demoram à margem do alto Benevente” (RPPES, 08/03/1881, p. 41).

A Colônia era formada pelos municípios de Benevente e Itapemirim (RPPES, 15/10/1876) e se dividia em cinco territórios: o primeiro e o terceiro estavam às margens do rio Novo; e o segundo, o quarto e o quinto, às margens do rio Benevente. No primeiro território estava a sede da Colônia, distante 33km da Vila de Itapemirim (RPPES, 15/10/1876).

A população da Colônia era de 201 colonos, em 1857 (RPPES, 13/02/1857); 1283, em 1874 (RPPES, 29/04/1874); 2000, em 1875 (RPPES, 18/09/1875); e 2.062, em 1876, assim distribuídos: 1136 brasileiros, 148 alemães, 290 austríacos, 57 belgas, 57 franceses, 338 portugueses, 20 holandeses, 04 italianos, 01 espanhol e 11 de outras nacionalidades (RPPES, 15/10/1876). Em 1877, chegaram mais 700 colonos (RPPES, 05/01/1877), e o Relatório de 28/07/1877 informava que a população total da Colônia era de 4000 pessoas.

Outros RPPES não trazem a população local. Vê-se, assim, que as informações a respeito da procedência dos imigrantes não eram constantes nem uniformes, nos Relatórios.

O corpo administrativo estava composto pelo Diretor – o engenheiro Joaquim Adolpho Pinto Pacca –, um ajudante do Diretor, um guarda-livros, um agrimensor, um médico para o primeiro e terceiro territórios, um enfermeiro, um capelão e dois professores públicos (RPPES, 01/09/1874, 18/09/1875, 15/10/1876). O Relatório 04/05/1875 informava da necessidade de agentes para a recepção e tratamento de imigrantes, ao passo que o Relatório de 15/10/1876 informa que, na Colônia, havia falta de agrimensores, médico<sup>51</sup> e farmacêutico para o segundo e quarto territórios (RPPES, 15/10/1876). Já no Relatório de 28/07/1877, o Diretor lista as 14 necessidades mais prementes da Colônia, desde pessoas – médico, juízes, professores, padres e servidores para trabalhos pesados – até reparações e construções – capela, edifício de recepção de colonos, escolas, farmácias, enfermarias, agências de correios etc.

Havia na Colônia uma casa da Diretoria, uma capela católica, uma escola pública – e outra estava em construção –, duas padarias, quatro moinhos de grão, uma serraria, sete engenhos de pilar café, duas olarias, seis lojas de tecidos, ferragens, secos e molhados e nove tavernas (RPPES, 29/04/1874). Diferentes RPPES informam ter a Colônia um bom estado geral: boa administração e bons serviços prestados à população (RPPES, 13/02/1857, 29/04/1874, 04/05/1875).

Por outro lado, no tocante à saúde, os imigrantes recém-chegados à vila de Benevente se viram assolados pela varíola, diarreia e febres intermitentes: “Posteriormente com a chegada daqueles emigrantes no 2º território, tendo sido este ponto invadido por aquelas moléstias, [...] continua a não ser lisonjeiro o estado sanitário da colônia” (RPPES, 18/09/1875, p. 77-78).

Na Colônia havia 713 lotes, sendo que 426 já estavam ocupados antes da chegada dos imigrantes (RPPES, 15/10/1876). Ligavam-nos diversas estradas e caminhos em mau estado (RPPES, 28/10/1879), já prontos ou sendo abertos: uma estrada em direção a Minas Gerais, os caminhos dentro do 3º território, uma estrada de ferro que partia de Cachoeiro de Itapemirim em direção a Alegre e Castelo, uma estrada que unia o 3º e 4º territórios. Para esses trabalhos, empregavam-se imigrantes recém-chegados à Colônia,

---

<sup>51</sup> O Relatório de 15/10/1876 informa que as distâncias entre os territórios eram muito grandes, impossibilitando que apenas um médico atendesse as pessoas dessas localidades.

que ainda não poderiam viver a partir do que haviam plantado (RPPES, 28/07/1877, 05/10/1886).

O Sul da Colônia, especialmente o município de Cachoeiro de Itapemirim, era a região mais rica de toda a Província, com fazendas de café – o principal produto da lavoura capixaba –, mas os seus terrenos férteis também produziam milho, feijão, arroz, cana, açúcar, batata etc., que, para serem vendidos, seguiam em canoas ou pranchas até o porto de Itapemirim, Piúma e Benevente (RPPES, 18/09/1875, 15/10/1876). Além da agricultura, os colonos criavam animais para seu serviço e consumo: cavalos, gado, cabras, porcos e aves (RPPES, 18/09/1875).

A educação às crianças da Colônia era dada em duas escolas de primeiras letras, em 1874, passando a três, em 1876. Destas, duas eram destinadas a meninos, com 60 alunos, e uma a meninas, com 20 alunas. O diretor da Colônia afirmou ser necessária a construção de mais quatro escolas, sendo duas para o 1º território, uma para o 2º e uma para o 4º. As novas escolas iriam servir aos filhos dos imigrantes recém-chegados a essas localidades, como haviam solicitado (RPPES, 15/10/1876). Em suma, a Colônia de Rio Novo apresentou uma importante concentração de imigrantes, especialmente italianos.

Após a terceira fase da imigração estrangeira, que vai de 1892 a 1896 (DADALTO, 2007), outros imigrantes chegam ao Espírito Santo, que se somam à migração interna, formando as bases sociais do estado:

[...] após esse período [1892/1896] ainda se assentam no território árabes, turcos e libaneses, juntamente com uma leva de poloneses. Com a redução do movimento imigratório europeu e a queda nos preços do café, e seu conseqüente enfraquecimento, se desenha no primeiro quartel do século XX um intenso processo migratório interno: busca-se a expansão econômica com a abertura de novas fronteiras agrícolas no norte, ainda coberto de floresta. É período de reinício da saga de desbravamento para inúmeros imigrantes e descendentes. Reinício também para migrantes nacionais que trabalhavam nas fazendas de café do sul (DADALTO, 2007, p. 62).

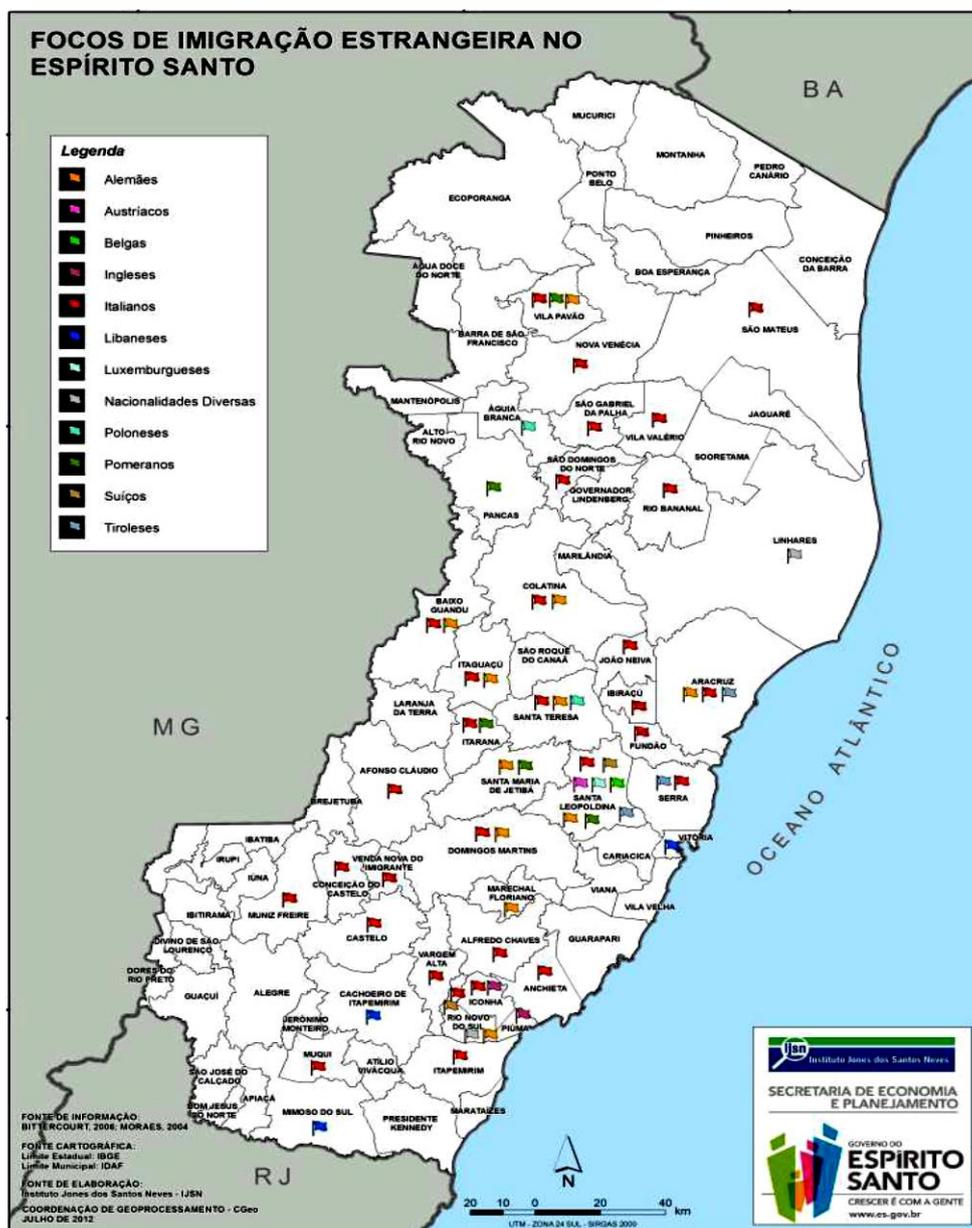
De acordo com Dadalto (2007, 2008), a migração interna e a miscigenação dos imigrantes e seus descendentes com brasileiros – nortistas, nordestinos, mineiros, fluminenses, afrodescendentes e indígenas – fizeram do Espírito Santo um grande caldeirão étnico<sup>52</sup>.

---

<sup>52</sup> Em Dadalto (2008), a autora desconstrói o mito de que o Espírito Santo seja formado maciçamente por italianos. Segundo a autora (DADALTO, 2008, p. 164): “Contudo, não há dados objetivos suficientes que justifiquem afirmar que o estado é constituído em mais de 60% por ítalo-descendentes ou que a identidade do capixaba seja fundada na italianidade. O Espírito Santo é sabidamente território em que prospera a diversidade cultural”.

Politicamente, o estado está dividido em 78 municípios, sendo que vários se localizam onde eram as antigas Colônias. O Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) fornece um mapa com os focos de imigração no estado.

Figura 3.2 — Focos de imigração estrangeira no Espírito Santo



Esse mapa comprova o que se disse a respeito da majoritária imigração italiana no Espírito Santo, assim como a relevância dos movimentos migratórios que ocorreram. Vencendo dificuldades de toda ordem e com constantes conflitos, imigrantes e brasileiros constituem hoje o que é o Espírito Santo: um estado rico e diverso étnica e culturalmente.

Tendo sido apresentado um resumo da história do Espírito Santo, nos próximos parágrafos relata-se, também resumidamente, a história da colonização do município de Alfredo Chaves e do Distrito de São Bento de Urânia.

### 3.3 A colonização do município de Alfredo Chaves

A Colônia de Rio Novo era constituída por cinco territórios. Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao quarto território em 1875, todos procedentes do Vêneto. O quinto território<sup>53</sup>, por sua vez, recebeu imigrantes do Vêneto e da Lombardia, em 1876. Pessali (2010) relata o desembarque dos imigrantes:

O desembarque, legal ou clandestino, se dava em Benevente, onde [os imigrantes] eram recebidos por um representante do Governo que mascava algumas palavras em italiano. Os recém-chegados cumpriam uma curta quarentena na Hospedaria São Martinho e eram levados de prancha rio acima até um barracão coberto com folhas de palmito na Fazenda Quatinga. A pressa em colocar o colono em contato com a terra e as poucas acomodações da hospedaria reduziam a quarentena a uma mera formalidade (PESSALI, 2010, p. 18).

As famílias imigrantes recém-chegadas a Benevente<sup>54</sup> enfrentaram muitas dificuldades, no início. Além do estranhamento da terra, da cultura e da língua, se depararam com a desorganização do serviço de imigração: promessas não cumpridas, mudanças da destinação dos colonos, condições de trabalho muito adversas, ausência de assistência médica, atraso na entrega da alimentação etc. Em suma, faltava-lhes o necessário e não tinham dinheiro.

Nesse contexto, um imigrante italiano foi uma personagem importante para a história de Benevente e um esteio para seus compatriotas: Giuseppe di Agostino Togneri, que desembarcou no Rio de Janeiro em 1870. Togneri, em 1877, vendeu uma parte de sua

---

<sup>53</sup> O quinto território posteriormente recebeu o nome de Todos os Santos, localizado atualmente no município de Guarapari. O nome se deve ao fato de os primeiros imigrantes ali chegarem no dia 01 de novembro, dia dedicado a todos os santos católicos que não haviam sido homenageados com um dia específico dentro do calendário litúrgico (cf. PESSALI, 2010, p. 18).

<sup>54</sup> A vila de Benevente, que pertencia à Colônia de Rio Novo, é o atual município de Anchieta, [como se disse, situado](#) no litoral sul do Espírito Santo. Em 24 de janeiro de 1891, a vila de Alfredo Chaves desmembrou-se de Anchieta e foi alçada à categoria de município. O seu nome foi uma homenagem ao Inspetor Geral de Terras e Colonização do Império, Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves.

propriedade para a Colônia de Rio Novo, especificamente na região de Benevente, onde instalou seu comércio. Era na venda de Togneri que os imigrantes compravam durante um ano e pagavam com a venda da colheita, o que se constituía em um grande auxílio para eles. Era ali também o ponto de encontro de colonos de diferentes localidades, onde podiam descansar, cantar as músicas da pátria longínqua e ainda fechar negócios.

A partir de 1890, cerca de 250 famílias italianas de Alfredo Chaves saíram em busca de novas terras: a Fazenda do Centro (próxima ao município de Castelo), Marechal Floriano, Pedra Azul, Vargem Alta e Venda Nova do Imigrante. As causas da dispersão foram a ausência de lotes para os novos imigrantes que continuavam a chegar, não obstante a proibição do governo italiano; e a busca por terrenos mais férteis e propícios à agricultura. As famílias partiram a pé pelas trilhas no meio da mata, com a mudança às costas. Apesar das dificuldades, o município de Alfredo Chaves foi, aos poucos, prosperando quanto à sua infraestrutura, economia, educação, cultura e turismo.

### ***3.3.1 Infraestrutura***

Alfredo Chaves pôde contar com uma estrada de ferro que facilitou a comunicação entre as localidades do interior e ainda gerou empregos para os imigrantes recém-chegados que não conseguiram lotes de terra. As estações de Araguaia (Marechal Floriano) e Matilde (Alfredo Chaves) foram inauguradas em 15 de março de 1902 (cf. PESSALI, 2010, p. 32).

Em 1903, foi inaugurado o telégrafo e, por essa época, a primeira farmácia. Em 1915, o primeiro médico fixou residência no município. Em 1918, foi construída a primeira ponte sobre o rio Benevente e, em 1922, inaugurou-se a primeira hidrelétrica, possibilitando a substituição dos lampiões a querosene por iluminação elétrica em algumas localidades. Também em 1922 a Sede do município ganhou uma rede de abastecimento de água e uma pequena rede de esgoto. Em 1923, era inaugurada uma rede de telefonia a magneto, com postos instalados em dez localidades do interior.

O censo de 1950 apontou que a Sede de Alfredo Chaves contava com “um posto telefônico, uma agência postal-telegráfica, um cinema, um hotel, uma entidade

desportiva, duas farmácias, dois dentistas e um médico e 36 unidades de ensino” (PESSALI, 2010, p. 56). No fim da década de 1960, foi adquirido um terreno para a construção de um hospital, o qual fechou suas portas em 2005. Nas décadas posteriores, as comunicações avançaram: na de 1960, construiu-se uma antena repetidora de sinal de TV; na de 1970, a telefonia comercial e domiciliar entrou em Alfredo Chaves; e em 1989, o município ganhou sua primeira emissora de rádio AM – a emissora de FM viria algum tempo depois.

### **3.3.2 Economia**

No plano econômico, Alfredo Chaves se desenvolveu e mantém sua riqueza em torno da agropecuária, da indústria e do turismo. Quanto à agricultura, os destaques foram e são o cultivo do café, nas altitudes médias; do trigo, da batata inglesa e do algodão, nas localidades mais frias; hortaliças, banana, uva e inhame, em diversas localidades. Na pecuária, o gado de leite se destaca.

A produção agrícola e leiteira, por sua vez, gera outras fontes de renda para os produtores e o município: em 1962, foi criada a Cooperativa de Laticínios de Alfredo Chaves, que funciona ainda hoje, além de outra fábrica e dos produtores individuais de laticínios<sup>55</sup>. Por sua vez, a colheita da banana, da uva e do inhame incrementa o turismo no município ainda hoje. A Festa da Banana e do Leite foi instituída em 1971 e é considerada a festividade mais importante do município. Em São Bento de Urânia, acontece a Festa da Uva e do Vinho, instituída em 1964, e a Festa do Inhame, que teve início em 2007.

Além das Festas citadas, outros empreendimentos impulsionam a economia do município: em 1994, foi inaugurada a primeira pousada no interior, em Carolina, aproveitando-se as cachoeiras do lugar como atrativo turístico. Em 2000, foi criada a Associação de Voo Livre de Alfredo Chaves e, em 2005, a Associação Moto Trial de Alfredo Chaves, que o levou a sediar uma etapa do campeonato brasileiro de motocross.

---

<sup>55</sup> Informação dada pelo Prof. Marcio Favero Fiorin, a quem esta autora agradece.

### **3.3.3 Cultura**

Para além do esporte e do turismo rural, acontecem anualmente outros eventos culturais, em Alfredo Chaves: a Festitália, organizada pela Associação Vêneta de Alfredo Chaves, com exposição de fotografias, apresentação de corais e de grupos de dança e ainda a *carretella*<sup>56</sup>. O segundo evento que acontece anualmente é a *congada*<sup>57</sup>, visando à valorização dos escravizados e seus descendentes, que também ajudaram a colonizar o município.

### **3.3.4 Educação**

Já foi reportado, nesta tese, que os imigrantes italianos, quando chegaram ao Espírito Santo, não dispunham de escolas nem de professores: as grandes distâncias e as matas dificultavam o acesso das crianças à educação. Foi apenas a partir da década de 1920 que Alfredo Chaves fortaleceu o ensino público; entretanto, em 1938, das 28 escolas do interior, somente 14 contavam com professores (cf. PESSALI, 2010, p. 49). Essas escolas normalmente eram unidocentes, ou seja, em uma mesma sala, uma única professora ministrava aulas para crianças da primeira à quarta série – ou do primeiro ao quinto ano, atualmente –, que era o último ano escolar oferecido.

Os problemas da educação no interior foram minimizados, em parte, somente com a instalação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (Mepes) – a escola-família –, em abril de 1968. O diferencial das escolas-família era a permanência dos alunos por uma semana na escola e duas semanas em casa. Assim, os alunos tinham um local para morar, enquanto estudavam. Nas aulas, os discentes aprendiam a como trabalhar melhor no campo: os cuidados com o uso de agrotóxicos, o plantio, o manejo do gado, a proteção das nascentes etc.

---

<sup>56</sup> Em 1998, foi criado o Coral della Mamma, o grupo *Gioco di Mora*, a Orquestra do Alto Benevente e o Coro dos Camponeses, em Carolina. Nesse mesmo ano foi fundado o Círculo Italiano de Alfredo Chaves (cf. PESSALI, 2010).

<sup>57</sup> O Congo Mirim Mestre Valdo, também criado em 1998, se apresenta em diversas ocasiões durante o ano (PESSALI, 2010).

De 1968 a 1972, o Mepes oferecia um ensino informal: foi em 1972 que a escola-família recebeu a certificação de ensino de quinta e sexta séries. Dessa forma, as crianças do interior poderiam avançar um pouco mais nos seus estudos. Atualmente, Alfredo Chaves conta com uma escola estadual, na Sede, 13 escolas de Educação Infantil e 21 escolas municipais de Ensino Fundamental – sendo uma escola-família –, que atendem as crianças e os adolescentes do interior, com o auxílio do transporte escolar<sup>58</sup>.

### ***3.3.5 Política social***

É da década de 1930 a implantação de políticas voltadas à população carente do município: consulta médica gratuita para indigentes e passagem para os mais pobres se consultarem em Vitória. Em 1999, foi instituído no município o Conselho Tutelar; em 2001, teve início o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil; em 2006, foi criado o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e, em 2008, a Associação de Costureiras. Atualmente o município conta com um espaço para convivência da Terceira Idade, que, em alguns casos, serve como moradia para idosos sem recursos e sem amparo familiar.

Em resumo, a Vila de Benevente – e, posteriormente, o município de Alfredo Chaves – foi progredindo aos poucos, oferecendo uma melhor qualidade de vida a seus moradores. Hoje a Sede é uma simpaticíssima cidade, limpa, arborizada, tranquila e com pessoas acolhedoras e amáveis, incluindo-se as autoridades e servidores públicos que esta autora teve a oportunidade de conhecer. O mesmo se pode dizer de São Bento de Urânia, o lócus de estudo desta pesquisa, que será apresentado a seguir.

---

<sup>58</sup> Fonte: Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves. Disponível em: <https://www.alfredochaves.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/relacao-de-escolas-e-pre-escolas-do-municipio/6541>. Acesso em: 01 out. 2022.

### 3.4 O distrito de São Bento de Urânia

Os imigrantes italianos foram os primeiros habitantes de São Bento de Urânia. Chegaram no final do século XIX, vindos da Sede de Alfredo Chaves e de outras localidades do estado por meio das picadas abertas na mata virgem. Tudo era diferente da antiga pátria: o solo, a vegetação, os produtos agrícolas e alguns animais, como as onças. Segundo Vilaça (2010, p. 22), em São Bento existia, desde o início,

[...] a necessidade de vencer o confronto travado contra flora e fauna excêntricas, a urgência de se aprender o fabrico de ferramentas, a imperiosa demanda de recolher a técnica para edificação de choupanas e depois casas para o abrigo familiar, a precisa memorização de referências do espaço geográfico e, para não estender a lista mais largamente, a indicação providencial dos contatos para comércio – a colônia, na fase inicial, consumia o mínimo.

A vida difícil nos primeiros tempos é narrada pelas pessoas entrevistadas<sup>59</sup> por Vilaça (2010):

Armando Zequini: *As coisas foram difíceis para os mais velhos, meus antepassados que vieram da Itália.* (p. 73);

Natalin Gratieri: *Germano Zequini morou dentro de um toco de árvore, e por isso ficou conhecido como “Germano de La Soca”. Quer dizer, a vida do agricultor, desde lá da Itália, e aqui, nunca foi fácil para ninguém* (p. 45);

Catharina Gratieri: *Foi muita dureza para ter o que nós temos o que nós temos agora, essa paz, essa bênção de Deus. [...] Não passava a fome, e ele [seu filho primogênito] chorava de frio também, porque não tinha uma coberta, não tinha dada. Ele passou por tanta necessidade que eu tenho pena dele até hoje* (p. 45-46);

Maria Peterle Mognol: *Para comprar sal ou querosene, o jeito era andar até Vitor Hugo<sup>60</sup>, e se trazia tudo nas costas, pois não se tinha nenhum animal nem nada. Hoje em dia é só mordomia. Quando viemos para cá foi a pé, e uma tropa trazia a mudança* (p. 55);

Sante Lorenzon: *Morava-se num paiol, num paiol alto porque se tinha muito bicho, até onça. Quando meu avô ia viajar ficávamos naquele paiol. Eu mesmo já corri de onça. [...] Criei meus filhos trabalhando, lutando, dia e noite, muitas vezes chagava em casa às 10 horas e saía com o gelo no outro dia, ia lá pra cima, depois que os passarinhos dormiam e vinha para casa e chegava em casa por volta das 7, 8 horas. Tomava banho numa gamela de pau, acordava e dormia com os passarinhos* (p. 59-60);

Zaudino Busato: *A gente dormia com as galinhas, mas era o galo quem botava todos para fora. Nem despertador existia, o despertador era o galo. Os galos eram treinados para cantar ali pelas três ou três e meia da madrugada, e às*

<sup>59</sup> O autor transcreveu as narrativas dos entrevistados na modalidade culta do português.

<sup>60</sup> Vitor Hugo se localiza às margens da BR262, distando cerca de 11km de São Bento de Urânia.

*cinco, cinco e meia nós já íamos para a roça. Os homens e as mulheres faziam o mesmo tipo de serviço na roça. Tudo a mesma coisa* (p. 64);

João Gava: *A minha primeira casa, depois de casado, foi um barraco de folha – o assoalho era de palmito lascado de aricanga* (p. 69).

O relato de Zaudino Busato atesta a importância das mulheres para a prosperidade da família. Elas trabalhavam em casa – limpando, cozinhando e cuidando dos filhos – e na lavoura, como diz Neusa Gratieri: “Além disso, participo da produção na propriedade. Trabalhando, plantando inhame, tomate, pimentão, uva, uma horta boa, que a gente sempre tem de ter” (VILAÇA, 2010, p. 50).

Os filhos eram muitos e vinham ao mundo pela mão das parteiras, pois não havia médico, como afirma João Gava: “O nascimento das crianças era com a parteira, a minha cunhada foi uma delas. Não havia médico, nem remédio: em caso de doença, quando uma pessoa ficava doente, era tratada com chá, remédio de ervas, purgante de óleo” (VILAÇA, 2010, p. 69).

Além da inexistência de médicos no lugar, os hospitais não eram próximos e, para se chegar até eles, era preciso percorrer as trilhas no meio da mata, pois não havia estradas. Essa dificuldade ocasionou o isolamento cultural da comunidade até quase o final da década de 1960 (cf. VILAÇA, 2010, p. 91). Por outro lado, esse isolamento levou os imigrantes e seus primeiros descendentes a preservarem vários de seus traços culturais, como a reza do terço todo dia, depois do trabalho, sob a luz da lamparina de querosene; a culinária, como a polenta, a linguiça, o macarrão e a minestra; o trabalho pesado de todos os dias, com exceção dos domingos, que era dedicado à reza; o mutirão para a construção da igreja e das novas casas para as famílias da localidade; e o uso cotidiano da língua dos antepassados, que os locais denominam, genericamente, *italiano/dialeto italiano*:

João Gava: *Vi os integralistas marchando, e depois o Getúlio Vargas mandando prender todos eles – meu pai participou do integralismo. Todos falavam italiano, eu ainda falo, mas não participei do integralismo* (VILAÇA, 2010, p. 69);

Armando Zequini: *Meu avô [Germano Zequini] contava que ia a pé de Carolina, Alfredo Chaves, a Benevente para pegar sal, o que era quatro dias a pé. Ele falava italiano e ninguém entendia [...] Depois veio o meu pai, Antonio Zequini. Falava-se muito no dialeto italiano, eu ainda falo, porém os mais novos perderam a língua* (VILAÇA, 2010, p. 73).

Neste ponto, faz-se importante destacar as origens de algumas das primeiras famílias que habitaram o distrito. Por meio da pesquisa de Vilaça (2010) e também da busca desta autora à obra de Franceschetto (2014), obteve-se o seguinte quadro:

Quadro 3.7 — Procedência de famílias do distrito de São Bento de Urânia

FAMÍLIA	ORIGEM	DATA DA CHEGADA AO ESPÍRITO SANTO
Busato	Creazzo, Vicenza, Vêneto	05/12/1892
De Nadai	Treviso, Vêneto	09/08/1888; 28/12/1888 <sup>61</sup>
Gava	Cappella Maggiore, Treviso, Vêneto	13/06/1877
Lorenzon	Refrontolo, Treviso, Vêneto	05/12/1888
Mazzocco	Quero, Belluno, Vêneto	31/03/1895
Mognol	Farra D'Alpago, Belluno, Vêneto	06/12/1894
Peterle	Farra D'Alpago, Belluno, Vêneto	08/05/1892
Pianzola	Alessandria, Alexandria, Piemonte	06/12/1894
Zechini	Verona, Vêneto	28/02/1889

Fonte: A autora (2023), com base em Vilaça (2010) e Franceschetto (2014).

Por meio do Quadro acima, observa-se que, à exceção da família Pianzola, todas as outras referidas por Vilaça (2010) eram procedentes do Vêneto, sendo as variedades vênetas as que predominaram na comunidade, nos primeiros anos da instalação das famílias. O autor também cita três famílias que hoje residem em São Bento de Urânia, mas que, à época de sua formação, moravam em comunidades relativamente próximas – Vítor Hugo e São Francisco de Urânia:

- i) a família Reggiani, residente em Vítor Hugo (ES), procedente de San Martino Spino, Di Mirandola/Módona, Emilia-Romagna e que chegou ao Espírito Santo em 29/09/1889;
- ii) a família Cosmo, residente em Vítor Hugo, procedente de Polcenigo, Pordenone, Friuli-Venezia Giulia e que chegou em 10/04/1893;
- iii) a família Gratieri, residente em São Francisco de Urânia, originária de Fontanella, Bérgamo, Lombardia e que chegou ao Espírito Santo em 18/02/1893.

Das duas localidades – Vítor Hugo e São Francisco de Urânia –, esta última é a mais próxima, podendo ter havido um contato linguístico mais estreito, em festas religiosas,

<sup>61</sup> Em Franceschetto (2014), constam duas entradas, no Espírito Santo, da família De Nadai, originárias da mesma região: Treviso, Vêneto.

casamentos, batizados etc. Entretanto, na convivência diária, eram as variedades vênetas as normalmente faladas, em São Bento de Urânia.

A manutenção da língua dos antepassados também foi favorecida pela ausência de escolas na localidade, como informam as pessoas entrevistadas por Vilaça (2010) e também os informantes desta pesquisa. Posteriormente, quando os membros da comunidade construíram uma, o tratamento dado aos estudantes pela professora os afugentava:

*Zaudino Busato: Eu comecei a ir à escola aos oito anos, mas só fiquei três meses, porque a professora era muito má. Eu não sabia ler e ela tinha umas unhas que cobriam meio metro de comprimento, pegava pelas minhas orelhas e batia nossa cabeça em cima da cartilha. Pegava as nossas mãos e batia nelas, a régua nem aguentava. Batia com aquela régua toda furada e ficavam uns caroços nas nossas mãos. Hoje se uma pessoa dessas bate, ela é presa. Então, para não passar por burro e apanhar, o melhor era ficar em casa. E trabalhar com a família, para sustentar a casa (VILAÇA, 2010, p. 64).*

As dificuldades relatadas dos primeiros tempos contrastam com os elogios à comunidade atualmente: a tranquilidade e, principalmente, a prosperidade de São Bento de Urânia, graças ao trabalho árduo de seus moradores. No próximo capítulo, quando da descrição do lócus da pesquisa, aspectos atuais do município de Alfredo Chaves e do Distrito de São Bento de Urânia serão reportados.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, encontram-se os procedimentos metodológicos adotados neste estudo: as características da pesquisa, onde ela foi realizada, como se deu a geração e o tratamento dos dados e a descrição dos informantes.

### 4.1 Características desta pesquisa

Nesta tese, intenta-se descrever uma das características do português que entrou em contato com as variedades vênetas. Especificamente, busca-se analisar a realização dos róticos por descendentes de imigrantes italianos bilíngues em ambas as línguas, mas com diferentes graus de proficiência em Talian<sup>62</sup>. Os dados foram analisados quantitativamente por meio do Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) e qualitativamente por meio da teoria fonética e fonológica, da Sociolinguística e da teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos.

Para alcançar os objetivos propostos, foi necessário realizar várias tarefas menores, que permitem caracterizar este estudo, conforme Gil (1999, 2002)<sup>63</sup>, Minayo (2002), Andrade (2005), Thiollent (2011) e Severino (2013). De acordo com o que aponta Andrade (2005), esta tese, em sua tipologia, têm as seguintes características:

- i) *quanto à natureza*, trata-se de uma investigação científica original, pois, apesar de a linguagem e as atitudes da comunidade de São Bento de Urânia já terem sido estudadas, esta tese se debruça sobre um tema novo: a realização variável dos róticos, para que seja observada a influência do Talian sobre o português;
- ii) *quanto aos objetivos*, é uma pesquisa descritivo-explicativa, em que ocorre a descrição do fenômeno estudado sem haver nele interferência direta do(a)

---

<sup>62</sup> Como já se afirmou, o vêneto em contato com o português deu origem ao Talian.

<sup>63</sup> Das partes lidas dos trabalhos de 1999 e de 2022, de Antônio Carlos Gil, observa-se que as diferenças entre as duas obras se encontram na redação dada aos dois trabalhos, não em termos de conceitos.

pesquisador(a)<sup>64</sup>. É também explicativa, pois há o registro do fenômeno, a sua análise, a interpretação e a busca por suas causas;

- iii) *quanto aos procedimentos*, é uma pesquisa de campo, tendo em vista que os dados foram coletados na própria comunidade em estudo<sup>65</sup>. Por sua vez, como aponta Andrade (2005, p. 126), “todo trabalho científico pressupõe uma pesquisa bibliográfica preliminar”, o que realmente ocorreu nesta pesquisa.

Em se tratando de métodos de pesquisa, segundo Andrade (2005), estes se subdividem em *métodos de abordagem* e *métodos de procedimentos*. No primeiro caso, que se referem ao “conjunto de procedimentos utilizados na investigação de fenômenos” (ANDRADE, 2005, p. 130), esta tese se enquadra no método indutivo, em que a análise parte do particular para o geral, ou seja, das características da linguagem de alguns informantes, se crê que podem ser feitas generalizações para membros de toda a comunidade com as mesmas características, quanto ao sexo, faixa etária, nível de escolaridade, profissão e etnia dos informantes, tendo em vista o pequeno número de moradores e a estreita e permanente convivência entre eles.

No que se refere aos *métodos de procedimentos*, eles se referem às etapas do trabalho. Nesse sentido, este estudo se caracteriza por seu método comparativo, haja vista as comparações entre os róticos nos sistemas sonoros do Vêneto, do Talian e de distintas variedades do português.

Quanto às técnicas de pesquisa, que são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas” (SEVERINO, 2013, p. 107), isto é, que estão relacionadas à coleta de dados, utilizou-se a documentação indireta – a pesquisa bibliográfica<sup>66</sup> (livros, artigos, dissertações, teses, relatos de viagens e Relatórios dos

---

<sup>64</sup> Em se tratando desta pesquisa, presume-se que não houve interferência direta desta autora na geração dos dados, haja vista que estes foram obtidos por meio de entrevistas no modelo sociolinguístico (LABOV, 1972; 2008), em que as pessoas entrevistadas falavam espontânea e livremente. Dessa forma, crê-se haver conseguido dados de fala próximos do vernáculo dos entrevistados.

<sup>65</sup> Segundo Severino (2013, p. 107), “Na *pesquisa de campo*, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador”.

<sup>66</sup> Gil (1999, 2002) distingue a pesquisa bibliográfica da pesquisa documental. De acordo com o autor, a diferença se encontra na natureza das fontes: “enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 1999, p. 66).

Presidentes da Província do Espírito Santo) – e a documentação direta intensiva – a observação da comunidade e de seus membros, além das entrevistas semiestruturadas com os informantes. As entrevistas semiestruturadas se caracterizam pelo fato de que, apesar de haver um roteiro com perguntas previamente estabelecidas, as(os) entrevistadas(os) normalmente partem para outros temas, muito diferentes do que lhes foi perguntado inicialmente. Essa espontaneidade é muito importante, quando se pretende conseguir o vernáculo de quem está sendo entrevistado.

Por último, conforme Minayo (2002), Thoillent (2011) e Severino (2013), quando se referem às pesquisas quantitativas e qualitativas, este estudo se caracteriza por trabalhar com ambos os dados, pois, ao mesmo tempo em que quantifica os róticos na fala das pessoas entrevistadas, também procura aprofundar-se na análise do significado dessa linguagem. Enfim, segundo Minayo (2002) e Thiollent (2011), os dados qualitativos e quantitativos não se opõem, e sim se complementam, dando conta do real. É o que se almeja com esta pesquisa.

#### **4.2 O locus da pesquisa: o município de Alfredo Chaves e o distrito de São Bento de Urânia**

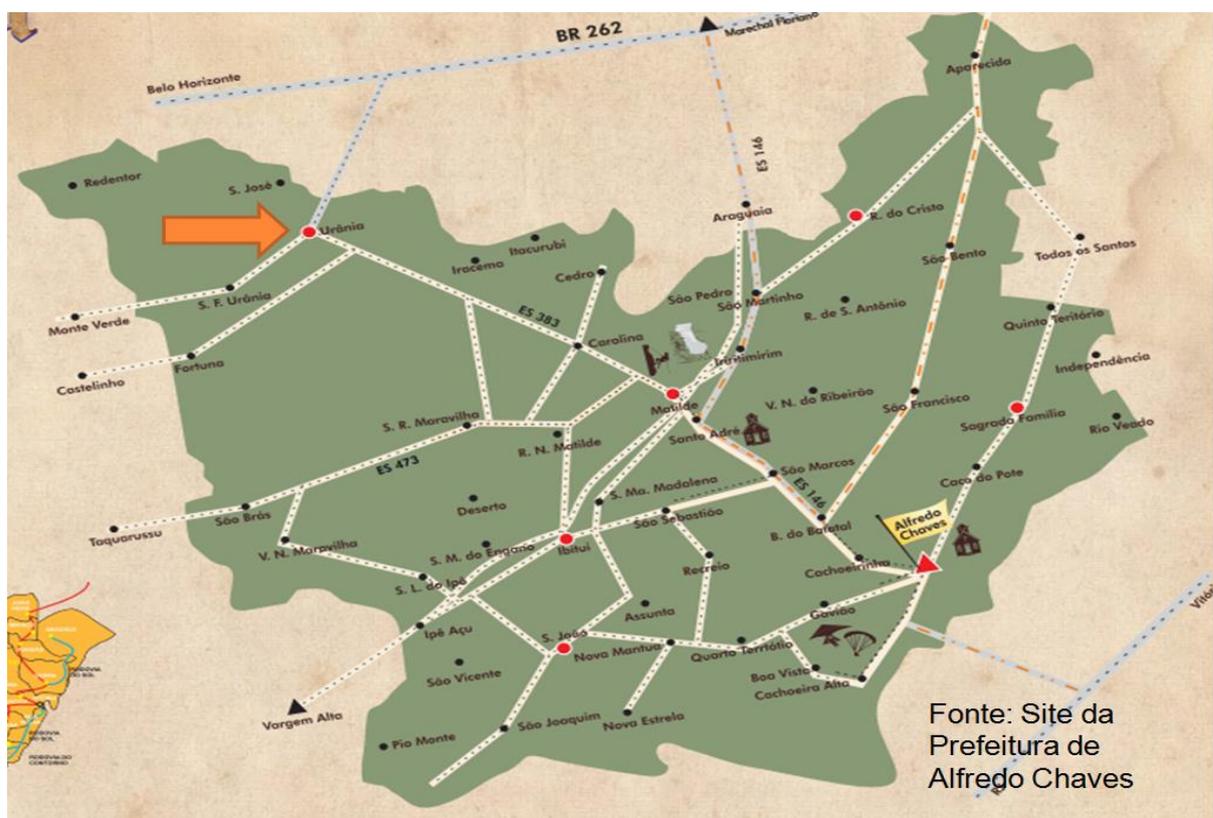
Segundo dados da Prefeitura Municipal (PMAC)<sup>67</sup>, Alfredo Chaves se localiza às margens do rio Benevente, na região sul do Espírito Santo, a 81km de distância da capital, Vitória. Os municípios limítrofes são: Marechal Floriano e Domingos Martins, ao norte; Iconha e Rio Novo do Sul, ao sul; Anchieta e Guarapari, a leste; e Vargem Alta, a oeste. Suas principais vias de acesso são as BRs 101 e 262. A seguir, o mapa do município e a vista aérea da Sede de Alfredo Chaves<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> Disponível em: Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves. Disponível em: <https://www.alfredochaves.es.gov.br/>. Acesso em: 30 set. 2022.

<sup>68</sup> Outras imagens do município podem ser obtidas em: Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves. Disponível em: <https://www.alfredochaves.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/apresentacao---alfredo-chaves-destino-certo-para-sua-proxima-viagem/6522>. Acesso em: 16 out. 2022.

Figura 4.1 — Mapa de Alfredo Chaves, com destaque para o distrito de São Bento de Urânia



Fonte: Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves<sup>69</sup>.

<sup>69</sup> Disponível em: <http://www.alfredochaves.es.gov.br/> - adaptado. Acesso em: 16 out. 2022.

Figura 4.2 — Vista aérea da Sede de Alfredo Chaves



Fonte: Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves<sup>70</sup>.

O município tem uma extensão territorial aproximada de 616,50 km<sup>2</sup>, e sua altitude varia de 16 a 1.800 metros. O clima é o subtropical quente, mas, graças ao relevo montanhoso, as temperaturas variam de comunidade para comunidade. Devido ao clima e à grande precipitação pluviométrica anual, o município foi dotado de uma floresta densa, em boa parte ainda conservada. De acordo com dados do IBGE<sup>71</sup>, a população estimada em 2021 era de 14.670 pessoas.

O Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER)<sup>72</sup> aporta outros dados sobre Alfredo Chaves:

- a) a população foi formada por portugueses, africanos, italianos, indígenas, povos germânicos e sírio libaneses. Os descendentes de italianos estão concentrados em São Bento de Urânia, Carolina, Matilde e a Sede;

---

<sup>70</sup> Disponível em: <https://www.alfredochaves.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/localizacao/6496>. Acesso em: 16 out. 2022.

<sup>71</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/alfredo-chaves/panorama>. Acesso em: 30 set. 2022.

<sup>72</sup> Disponível em: [https://incaper.es.gov.br/media/incaper/proater/municipios/Alfredo\\_Chaves.pdf](https://incaper.es.gov.br/media/incaper/proater/municipios/Alfredo_Chaves.pdf). Acesso em: 19 jan. 2024.

- b) a atividade econômica estava assim dividida, em 2016: agropecuária, 24,2% do PIB do município; indústria, 19,8%; serviços, 35,2%; administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social, 20,8%;
- c) em 2017, a maior parte da agricultura era familiar: 82% dos estabelecimentos eram de agricultores familiares.

Atualmente o município conta com sete distritos, assim distribuídos:

Quadro 4.1 — Distritos de Alfredo Chaves, distâncias em relação à Sede e altitudes

Distritos	Distância da Sede do município (km)	Altitude (m)
Crubixá	18	419
Ibitiruí	16	490
Matilde	18	510
Ribeirão do Cristo	35	670
Sagrada Família	11	72
São Bento de Urânia	41	900
Alfredo Chaves (Sede)	00	16

Fonte: Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves<sup>73</sup>.

O distrito de São Bento de Urânia, especificamente, localiza-se a noroeste, em seu ponto mais elevado, o que, somado à mata em boa parte preservada, faz com que o distrito tenha temperaturas muito baixas, principalmente no inverno. Dados de suas localidades se encontram no Quadro a seguir.

Quadro 4.2 — Comunidades do distrito de São Bento de Urânia, distâncias em relação à Sede do município e altitudes

Localidades	Distância da Sede do município (km)	Altitude (m)
Redentor	48	1.160
São Francisco de Urânia	47	990
Santa Luzia de Urânia	48	960
Três Cruzes	30	810
Córrego Fortuna	45	940

Fonte: Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves<sup>74</sup>.

A seguir, uma foto da Sede do distrito de São Bento de Urânia.

<sup>73</sup> Disponível em: <https://www.alfredochaves.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/localidades-e-distancia/6517>, adaptado. Acesso em: 30 set. 2022.

<sup>74</sup> Disponível em: <https://www.alfredochaves.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/localidades-e-distancia/6517>, adaptado. Acesso em: 02 out. 2022.

Figura 4.3 — Vista da Sede de São Bento de Urânia



Fonte: Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves<sup>75</sup>.

A economia de São Bento de Urânia sempre girou em torno da agricultura. No início, cultivava-se especialmente milho e feijão, mas também café, arroz e mandioca. Posteriormente, além desses, outros produtos foram sendo cultivados: batatas – baroa, doce e batatinha –, cenoura, feijão, inhame, jiló, milho, pimentão, repolho, salsa e coentro, tomate e uva (VILAÇA, 2010; INCAPER, 2023). Entre eles, o destaque vai para o inhame e a uva, cujas colheitas dão origem às duas maiores festas do distrito, atraindo turistas da região e de outras localidades do estado: a Festa do Inhame e a Festa da Uva e do Vinho. Em São Bento também há a criação de animais, como carneiro, cavalo, gado, peru, porco, peixes e abelhas (VILAÇA, 2010; INCAPER, 2023).

A comunidade, aos poucos, vai crescendo: em 2013, quando da primeira visita desta autora a essa comunidade, havia uma escola municipal de Ensino Fundamental, um posto de saúde com visitas médicas duas vezes por mês, duas igrejas – uma Católica e outra Adventista –, uma mercearia, uma lanchonete contígua à Igreja Católica e uma pastelaria

---

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.alfredochaves.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/sao-bento-de-urania-tem-a-maior-presenca-do-dialeto-veneto-no-estado/38575>. Acesso em: 16 out. 2022.

que funcionava nos finais de semana. Na visita de 2016, já havia sido inaugurada outra lanchonete e, na visita de 24 a 26 de setembro de 2022, a comunidade já ganhara uma Igreja da Assembleia de Deus, um bar, uma loja de material de construção, outra de roupa e um salão de beleza.

As tradições dos antigos imigrantes ainda são mantidas, em São Bento de Urânia: depois da missa ou da celebração do domingo, muitos se reúnem ao redor da igreja católica e conversam. Alguns homens, ao jogarem mora e bocha, aproveitam a oportunidade para relembrar os seus antepassados italianos e falar a sua língua, especialmente os números que *cantam* no jogo de mora. Realmente, a cultura ancestral e a própria Itália ainda estão muito presentes na comunidade, principalmente entre os mais idosos:

Maria Peterle Mognol: *Eu e o meu marido conversávamos na língua italiana, mas agora eu moro só com um filho, que precisou ficar comigo porque ele teve um problema de meningite. Mas quando tem Copa do Mundo eu torço para a Itália. Azzurra!* (VILAÇA, 2010, p. 55).

Zaudino Busato: *Eu jogava um pouquinho de bocha, que aqui ainda é jogada do jeito antigo, sem campo marcado – joga-se o ‘bolim’ pelo terreno, pelo mato, e se vai atrás. Quando a Itália não joga contra o Brasil, eu torço para a Itália; mas aqui na região há muita gente que torce para a Itália em qualquer situação* (VILAÇA, 2010, p. 65).

Como se disse, as famílias italianas que chegaram a São Bento não vieram diretamente da Itália, mas sim de outras localidades do estado e, principalmente, da Sede de Alfredo Chaves. De acordo com os professores Adriana Grillo, Gilmar Peterle e Itamar Peterle, em entrevista concedida a esta autora em São Bento de Urânia, em 23/02/2016, a chegada dos imigrantes italianos ao porto do rio Benevente, a sua permanência na Sede de Alfredo Chaves para esperar por seus lotes e a longa viagem pelas matas, beirando o rio, fizeram com que os italianos mantivessem contato com os nacionais, aprendendo deles o português. Porém, ao chegarem a São Bento de Urânia, esses contatos diminuíram muito, o que propiciou a veiculação praticamente exclusiva das variedades vênetas entre os imigrantes.

Nas entrevistas registradas por Vilaça (2010) e nas realizadas com os informantes, em 2013, por esta autora, não há qualquer menção, por parte dos entrevistados, a problemas de comunicação entre os moradores mais antigos. Pode-se pensar, assim, que o Talian em São Bento de Urânia teve sua base primordialmente formada pelas variedades vênetas em contato com outras línguas italianas faladas pelas famílias das comunidades vizinhas e com o português.

Em face de todo o exposto, a escolha de São Bento de Urânia como lócus desta pesquisa se deve aos seguintes fatos<sup>76</sup>:

- a) os contatos linguísticos que ocorreram em São Bento de Urânia se deram entre uma língua de imigração formada basicamente por variedades vênetas e o português, isto é, entre apenas duas línguas, o que permite uma melhor comparação entre elas;
- b) à época da realização das entrevistas com os informantes, em 2013, São Bento de Urânia contava com poucos residentes – cerca de 500 no Centro e de 900 no distrito, o que atesta o estreito vínculo entre os moradores. Assim, assume-se que a linguagem de quatro entrevistados representa o português da comunidade;
- c) em 2013, a internet estava presente em poucas residências, e a primeira torre de telefonia celular havia sido instalada no mesmo ano de 2013; entretanto, a comunidade já contava com telefonia fixa e sinal de rádio e de televisão<sup>77</sup>;
- d) São Bento de Urânia contava com uma estrada que havia sido pavimentada pouco tempo antes, em 2006. A outra, que a liga à Sede, tem a extensão de 41 km e não conta com infraestrutura, sendo cercada por mata fechada;
- e) já há estudos linguísticos anteriores sobre a comunidade, como está descrito no capítulo de revisão da literatura, havendo, porém, a necessidade de outros, para se ter uma descrição mais real do português ali falado. Uma importante característica do português principalmente dos mais idosos é a pronúncia das fricativas posteriores como tepe, ou seja, em ambientes onde essa variante não é esperada.

As características expostas fazem de São Bento de Urânia uma localidade muito interessante para os estudos linguísticos, devido aos poucos contatos que a maioria de seus primeiros habitantes teve com outras comunidades, o que se reflete na linguagem dos mais idosos. A dos mais jovens, por sua vez, já não apresenta as mesmas características da fala de seus pais e avós, devido a seu crescente contato com o português

---

<sup>76</sup> Os fatos citados têm por base, principalmente, Cominotti (2015), Peterle (2017) e Peres, Cominotti e Pardino (2018), além das observações feitas quando das visitas à comunidade.

<sup>77</sup> Segundo os Profs. Gilmar e Itamar Peterle, a energia elétrica foi instalada em São Bento de Urânia no ano de 1988 e, a partir dessa data, muitas casas da comunidade passaram a contar com aparelhos de TV. Os rádios de pilha, por sua vez, estavam nas casas há muito mais tempo.

de fora da comunidade, via escolas de Ensino Médio e Faculdades, viagens e passeios, o turismo local durante as Festas do Inhame e da Uva e do Vinho, o acesso à internet etc.<sup>78</sup>.

Do exposto, observa-se que os resultados obtidos neste estudo podem oferecer luz para pesquisas futuras quanto à (socio)linguística de contato. A seguir, descreve-se como se deu a geração dos dados que serão analisados.

### 4.3 A geração dos dados

Conforme se afirmou, os dados analisados nesta tese foram retirados de quatro entrevistas sociolinguísticas realizadas em português, em julho de 2013, com quatro bilíngues com diferentes níveis de proficiência na língua ancestral: as informantes F1 e F2, que afirmaram que apenas compreendiam a língua de imigração; e os informantes M1 e M2, que a compreendiam e a falavam. Essas entrevistas faziam parte do Projeto de Pesquisa intitulado Línguas em Contato: o português e o italiano no Espírito Santo, que tinha por objetivo registrar e analisar sociolinguisticamente o português resultante do contato com as diferentes línguas italianas de imigração, denominadas, genericamente, de *italiano*.

A fim de que os participantes da pesquisa se descontraíssem e se pudesse conseguir a sua linguagem mais espontânea, mais próxima ao seu vernáculo, as entrevistas versaram principalmente sobre a história das famílias na Itália e no Brasil, sobre o distrito de São Bento de Urânia, a família da pessoa entrevistada e seus sentimentos em relação à Itália, ao Brasil e à língua e à cultura dos antepassados. Também foram adotados alguns dos meios sugeridos por Labov (1972) para a obtenção de uma linguagem mais próxima ao natural, como a interrupção da entrevista em determinados momentos e perguntas sobre fatos marcantes da sua vida, como uma situação de perigo vivida (cf. LABOV, 1972, p. 209-210). Em cada entrevista, partiu-se de um roteiro prévio de perguntas, mas as conversas fluíram naturalmente para outros assuntos, conforme o interesse dos participantes.

As quatro gravações, que foram feitas com um gravador digital Sony PX240, serviram de base para o estudo de Peres, Cominotti e Dadalto (2015), Peres (2017, 2019), a dissertação

---

<sup>78</sup> Informação dada a esta autora pela Profa. Adriana Grillo, em entrevista no dia 23/02/2016.

de Mestrado de Peterle (2017) e o Trabalho de Conclusão de Curso de Zeferino (2020). Cominotti, em suas pesquisas de Mestrado e de Doutorado, (COMINOTTI, 2015; 2021) também utilizou parcialmente as informações constantes das quatro entrevistas.

Para a pesquisa de Peres, Cominotti, Pardino (2018) e o Trabalho de Conclusão de Curso de Zeferino (2020), as entrevistas foram transcritas e posteriormente revisadas por esta autora, com o auxílio do Programa Express Scribe Transcription Software, com a velocidade de 50% da normal. As variáveis sob estudo – o ditongo nasal -ão (cf. PERES, COMINOTTI, PARDINHO, 2018) e a palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ (cf. ZEFERINO, 2020) – foram ouvidas a uma velocidade de 25%.

As entrevistas de F2 e de M2 tiveram duração de 50 minutos cada, e a do casal F1 e M1, que foram entrevistados juntos, uma hora e cinco minutos. A entrevista de M2 foi gravada no pátio anexo à igreja católica, depois da missa dominical; as demais, nas respectivas residências dos informantes. Os informantes deram seu consentimento para as entrevistas no início da gravação e também assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo o uso das informações prestadas<sup>79</sup>.

#### 4.4 O tratamento dos dados

Para esta tese, as entrevistas foram ouvidas mais de uma vez, especialmente no tocante à pronúncia dos róticos. As variantes foram codificadas para a sua caracterização, levando-se em consideração os resultados de estudos variacionistas que tiveram como foco o estudo dos róticos:

- a) *A classe da palavra* em que o rótico se encontra: verbo e não verbo. Pesquisas anteriores, que são apresentadas nesta tese, indicam um comportamento diferenciado das variantes, quando a palavra é um verbo ou quando pertence a outra classe de palavras. Assim, pretende-se testar se o apagamento das variantes ocorre mais com os verbos;
- b) *A posição do rótico na sílaba*: ataque (inicial e no interior da palavra), intervocálico e coda (no interior e no final de palavra). As pesquisas apresentadas

---

<sup>79</sup> As assinaturas nos Termos de Consentimento foram recolhidas pela Profa. Dra. Katiúscia Sartori Silva Cominotti, que guarda esses documentos.

nesta tese evidenciam que o apagamento se dá especialmente em posição de coda final do que em coda interna. Na posição de ataque, não se dá o apagamento e em posição intervocálica a ocorrência das variantes depende da região geográfica da comunidade de fala. Assim, esses comportamentos serão testados com os dados de fala de São Bento de Urânia;

- c) *Tonicidade da sílaba*: tônica, pretônica, postônica e posterior à postônica. Estudos anteriores indicam que o acento é uma importante variável para ser pesquisada, pois condicionam a realização de (r);

A caracterização dos contextos sonoros em que a variável dependente está é muito importante para a descrição dos fenômenos fonético-fonológicos. Assim, os contextos serão avaliados, nesta pesquisa.

- d) *Contexto precedente ao rótico*: vazio, vogal oral anterior, vogal oral posterior, vogal nasal anterior, vogal nasal posterior e consoante fricativa alveolar ou palatal;
- e) *Ponto de articulação do elemento seguinte ao rótico*: vazio, vogal e consoantes bilabial, labiodental, dental, alveopalatal, palatal<sup>80</sup> e velar;
- f) *Modo de articulação do elemento seguinte ao rótico*: pausa, vogal e consoantes oclusiva, fricativa, nasal, africada e lateral;
- g) *Sonoridade do elemento seguinte ao rótico*: vozeado, não vozeado e sem segmento seguinte à variável.

Devido às características dos informantes deste estudo, somente o fator extralinguístico *sexo* foi pesquisado, tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é analisar a realização dos róticos pelos moradores que conviveram com os primeiros descendentes de imigrantes e que sofreram pouca ou nenhuma influência da escola em seu modo de falar. Assim, não há variação nas variáveis *faixa etária* e *nível de escolaridade*.

Os dados, depois de codificados, foram submetidos ao Programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), a fim de que se obtivessem as porcentagens de ocorrência e os Pesos Relativos (PR), ou seja, o (des)favorecimento de cada fator para a ocorrência das variantes. No capítulo de Análise dos Dados, estes

---

<sup>80</sup> Os fatores ‘rótico em ataque no interior de palavra’, ‘rótico em sílaba posterior à postônica’, ‘rótico precedido de consoante lateral’, ‘rótico precedido de consoante vibrante’ e ‘rótico seguido por consoante palatal’ foram retirados das análises, pela falta de ocorrência no corpus.

resultados serão apresentados e discutidos. As variantes encontradas nas amostras de fala e os grupos de fatores analisados constam do quadro a seguir.

Quadro 4.3 — Variantes e grupos de fatores relativos aos róticos

<b>VARIÁVEL DEPENDENTE: (r)</b>	
VARIANTES	Fricativa glotal [h, h̥]
	Tepe [r]
	Vibrante [r]
	Zero fonético
	Fricativa velar [x, χ]
	Aproximante retroflexa [ɻ]
<b>GRUPOS DE FATORES EXTRALINGUÍSTICO</b>	
SEXO	Feminino
	Masculino
<b>LINGUÍSTICOS</b>	
CLASSE DE PALAVRA	Verbo
	Não verbo
POSIÇÃO NA SÍLABA	Ataque inicial
	Coda no interior de palavra
	Coda no final de palavra
	Intervocálico
TONICIDADE DA SÍLABA	Acentuada
	Pretônica
	Anterior à pretônica
	Postônica
CONTEXTO PRECEDENTE	Vazio/zero
	Vogal oral anterior
	Vogal oral posterior
	Vogal nasal anterior
	Vogal nasal posterior
	Fricativa alveolar ou palatal
PONTO DE ARTICULAÇÃO DO CONTEXTO SEGUINTE	Vogal
	Vazio
	Bilabial
	Labiodental
	Dental
	Alveopalatal
	Velar
MODO DE ARTICULAÇÃO DO CONTEXTO SEGUINTE	Oclusiva
	Fricativa
	Nasal
	Africada
	Lateral
	Pausa
	Vogal
SONORIDADE DO SEGMENTO SEGUINTE	Vozeado
	Não vozeado
	Sem segmento seguinte

Fonte: A autora (2023).

#### 4.5 Os informantes

Os informantes desta pesquisa são quatro bilíngues em Talian e português com diferentes níveis de conhecimento da língua dos antepassados, sendo dois homens e duas mulheres. Todos nasceram e sempre residiram em São Bento de Urânia, tinham idade acima de 57 anos, à época da entrevista, em 2013, e tinham baixo nível de escolaridade. Os informantes foram indicados por pessoas também nascidas e residentes na comunidade, colegas de trabalho da Profa. Dra. Katiuscia Sartori Silva Cominotti. As características das pessoas entrevistadas aparecem a seguir.

M1: Nascido em 1936 (78 anos), do sexo masculino, com menos de um ano de escolarização, agricultor aposentado. Ia comercializar seus produtos agrícolas na Grande Vitória, onde mantinha contato com falantes de português. Este informante teve como língua materna o Talian, falando-o ainda hoje. A família de M2 é procedente da província de Treviso, Vêneto.

M2: Nascido em 1941 (73 anos), do sexo masculino, sem escolarização, agricultor aposentado. Na vida adulta, assim como M1, ia comercializar seus produtos agrícolas na Grande Vitória. Sua língua materna foi o vêneto e ainda hoje o fala. A família de M1 é procedente da província de Pádova, Vêneto.

F1: Nascida em 1946 (68 anos), do sexo feminino, com menos de um ano de escolarização, agricultora aposentada e dona de casa, esposa de M1. Passou a vida em São Bento de Urânia, sem sair da comunidade, trabalhando na roça e em casa. Afirma que apenas compreende o vêneto. A informante sabe apenas que seus ancestrais eram do Vêneto.

F2: Nascida em 1956 (58 anos), do sexo feminino, com 04 anos de escolarização e atualmente dona de casa e proprietária de um dos únicos estabelecimentos comerciais do lugar. Quase não saía da comunidade, quando jovem e adulta. Afirma que não fala o vêneto, apenas o compreende. A família de F2 é procedente da província de Treviso, Vêneto.

Concluindo a apresentação dos informantes, é necessário que se faça uma observação: os dois homens declararam saber falar o Talian e o comprovaram, durante as entrevistas. As

informantes F1 e F2, por sua vez, afirmaram que apenas compreendem essa língua; entretanto, a hipótese desta autora é de que ambas têm um forte senso crítico, comparando o seu conhecimento atual da língua com o das gerações anteriores, o que faz com que julguem que não a falam. Tal pensamento se justifica pelo fato de que, nas entrevistas, os informantes relatam que, quando crianças, a língua corrente na comunidade era o Talian. Desse modo, foi ele a língua materna dos mais idosos do lugar, inclusive das informantes F1 e F2.

Neste capítulo, apresentaram-se os procedimentos metodológicos desta tese. No próximo, seguem os aportes teóricos que embasam as análises presentes nesta pesquisa.

## 5 O SISTEMA FONÉTICO-FONOLÓGICO DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, apresenta-se o sistema fonético-fonológico do português brasileiro (doravante, PB). Inicia-se este capítulo com um resumo da história dos estudos fonéticos e fonológicos, a partir do séc. XVIII, para situar teoricamente as análises que serão feitas. Em seguida, apresentam-se os constituintes do sistema fonético-fonológico do PB: a sílaba, as vogais, as consoantes e o acento. Por fim, será abordado o objeto deste estudo: os róticos.

### 5.1 Breve histórico dos estudos de Fonética e Fonologia

O passado esclarece e faz compreender melhor o presente. Por isso, inicia-se este capítulo com um resumo histórico das principais investigações e escolas da Fonética e da Fonologia, no Ocidente, a partir do século XVIII, quando se iniciam estudos que estão em discussão ainda hoje e que serão referidos nesta tese.

#### 5.1.1 O século XIX

O grande avanço dos estudos fonéticos no Ocidente foi dado com a descoberta do sânscrito, na Índia, e o subsequente estabelecimento do método comparativo e da linguística histórica do século XIX. Os sábios hindus tinham por objetivo preservar a pronúncia correta dos textos religiosos ancestrais que eram transmitidos oralmente desde o período védico<sup>81</sup> e, por isso, preocuparam-se em registrar fielmente os sons vocais do sânscrito, desenvolvendo o estudo de sua articulação (CAMARA Jr., 1986).

A obra linguística dos hindus pode ser considerada sob três enfoques: teoria linguística geral e semântica; fonética e fonologia; e gramática descritiva (ROBINS, 2004). Quanto à fonética, realizou-se uma classificação detalhada e precisa dos sons vocais do sânscrito,

---

<sup>81</sup> O período védico data de 1200 a 1000 a.C., “o mais antigo estágio conhecido da literatura sânscrita” (ROBINS, 2004, p. 108).

com base no critério articulatório, haja vista a inexistência, à época, de aparelhos que medissem as ondas sonoras<sup>82</sup>.

A descoberta do sânscrito suscitou a curiosidade de alguns estudiosos do Ocidente sobre as semelhanças entre essa língua e outras europeias. Foi William Jones, da East India Company, quem fez tal proposição, em uma comunicação na Royal Asiatic Society of Calcuta, em 1786. Na ocasião, estabelecia ele o parentesco entre o sânscrito, o latim, o grego e línguas germânicas (ROBINS, 2004). Também August Schlegel – quem cunhou a expressão “gramática comparativa” – se referiu a essa relação e à origem comum entre o sânscrito e algumas línguas europeias<sup>83</sup> (CAMARA Jr., 1986).

Os estudos histórico-comparativos trouxeram avanços e refinamentos teóricos e metodológicos importantes para os estudos linguísticos. Com base nesse método, o sistema fonético, a estrutura gramatical e o vocabulário das línguas puderam ser comparados de forma sistemática. Um dos grandes nomes dos estudos histórico-comparativos foi Wilhelm Humboldt (ROBINS, 2004). Conforme Robins (2004), Humboldt, em sua teoria da linguagem,

[...] ressalta o aspecto criativo da habilidade linguística de todo ser humano. A linguagem deve ser identificada com a capacidade viva que têm os falantes de produzir e entender enunciados, e não com os produtos observáveis que resultam do ato de falar ou de escrever. Consoante às suas próprias palavras, a linguagem é uma habilidade criadora (*energia, Tätigkeit, Erzeugung*) e não um mero produto (*ergon, Werk, Erzeugetes*). Muito menos ainda deve a língua ser identificada com os produtos inertes analisados pelos gramáticos. A capacidade da linguagem é uma propriedade essencial da mente humana, pois nenhum fator do meio ambiente poderia de per si fazer surgir uma língua. Em virtude da própria natureza dessa capacidade mental, as línguas são suscetíveis de se alterarem, adaptando-se às exigências das circunstâncias. Além disso, somente dentro dessa concepção é que se pode explicar a parte central (e misteriosa!) da linguagem: a possibilidade que têm os falantes de fazer uso infinito de recursos linguísticos finitos. Destarte, por mais que se analise e descreva uma língua, algo de sua natureza essencial sempre permanece sem ser dito (ROBINS, 2004, p. 141).

Esse excerto dá mostras de algumas ideias que, na segunda metade do século XX, o Gerativismo abraçaria.

---

<sup>82</sup> Às páginas 113 e 114, Robins (2004) apresenta algumas características fonético-fonológicas do sânscrito e de seu estudo pelos gramáticos hindus, como os órgãos articulatórios, os segmentos e seu processo de articulação, a sílaba, as propriedades tonais, o ritmo etc.

<sup>83</sup> Outros sanscritistas e comparativistas célebres, segundo Robins (2004), foram os alemães Friedrich Schlegel, Franz Bopp, August Friedrich Pott, Jacob Grimm e o dinamarquês Rasmus Rask.

A linguística histórico-comparativa como ciência estava firmemente assentada na ideia da regularidade das mudanças sonoras. Assim, na década de 1870, o estudo dessas mudanças ganhou relevância por parte de autores que ficaram conhecidos como neogramáticos, cujos expoentes foram Karl Brugmann, Hermann Osthoff, Berthold Delbrück, Jakob Wackernagel e Hermann Paul (WEEDWOOD, 2002). Posteriormente, aderiram os seguintes: August Leskien, Graziadio Ascoli, Johannes Schmidt, Hermann Collitz e Adalbert Bezzenberger (CAMARA Jr., 1986).

O movimento neogramático foi inspirado nas ideias de Wilhelm Scherer, para quem a atuação das leis fonéticas era categórica, na mudança sonora; se houvesse exceções, estas seriam explicadas pela analogia e pelos empréstimos. No artigo basilar da teoria neogramática, publicado na revista fundada por Osthoff e Brugmann<sup>84</sup>, afirmou-se que

[...] todas as mudanças fônicas, como processos mecânicos, ocorrem de acordo com leis que não admitem nenhuma exceção [...] dentro do mesmo dialeto, e o mesmo som, em contextos idênticos, evoluirá sempre da mesma maneira; porém as criações e as modificações analógicas de determinadas palavras como entidades lexicais ou gramaticais constituem também componente universal da mudança linguística em todos os períodos históricos e pré-históricos (ROBINS, 2004, p. 148).

Para os neogramáticos, dois campos de estudos deveriam receber a maior atenção dos que se propunham a estudar línguas: a fonética e a dialetologia, ou seja, o estudo das línguas vivas, pois não seria possível chegar-se à pronúncia real de línguas já mortas, registradas apenas pela escrita. Entretanto, as maiores críticas aos neogramáticos partiram exatamente de especialistas em dialetologia e geografia linguística, na Europa. Algumas dessas críticas se referiam ao fato de que as proposições dos neogramáticos não eram novas, tendo sido feitas anteriormente pelos historicistas e comparativistas.

Outras objeções surgiram a partir dos resultados de estudos das línguas locais, chegando-se à conclusão de que cada palavra tem a sua própria história semântica, gramatical e fonética. Os adeptos desta última corrente de pensamento receberam, posteriormente, a denominação de difusionistas, partidários da tese da Difusão Lexical<sup>85</sup>. No capítulo

---

<sup>84</sup> Robins (2002) afirma que vários estudiosos haviam tido ideias semelhantes às dos neogramáticos, mas foram estes quem as admitiram formalmente.

<sup>85</sup> Para um aprofundamento sobre os pressupostos neogramáticos e difusionistas, cf. Robins (2002, p. 147-155), quanto à polêmica na Europa, e trabalhos como Oliveira (1991, 1992, 1995, 1997), Mollica (1992), Madureira (1997, 1999, 2000) etc., com respeito a essa discussão com dados do português.

referente ao sistema fonético-fonológico do português (especificamente, na seção sobre os róticos), este tema retornará; e, no capítulo de análises dos dados, será visto o papel do léxico para a variação do uso de (r).

No final século XIX e início do século XX, os foneticistas haviam observado que muitas descobertas da fonética não tinham qualquer importância para o funcionamento dos sons da língua e para a comunicação humana: “Foi um linguista polonês radicado na Rússia, Baudouin de Courtenay, quem primeiro estabeleceu explicitamente distinção terminológica entre som da fala ou fone e fonema (em russo, *fonema*). A sua teoria sobre o fonema foi publicada em 1893” (ROBINS, 2004, p. 165-166). Entretanto, segundo Robins (op. cit.), foi somente na segunda década do século XX que o termo *fonema* passou a ser aceito e a teoria fonêmica se desenvolveu, graças aos trabalhos da Escola de Praga, como será visto na próxima seção.

### **5.1.2 O século XX na Europa**

#### *5.1.2.1 Saussure e o Curso de Linguística Geral*

Os estudos fonéticos e fonológicos do século XX tomaram caminhos diferentes na Europa e nos Estados Unidos da América. Na Europa, deve-se mencionar o ano de 1916, com a publicação póstuma do Curso de Linguística Geral<sup>86</sup> (CLG), uma compilação das notas de aulas ministradas na Universidade de Genebra por Ferdinand de Saussure, organizadas por Charles Bally e Albert Sechehaye<sup>87</sup>. Segundo Robins (2004), Saussure foi

[...] a principal figura responsável pelas mudanças de atitude ocorridas entre os séculos XIX e XX. [...] Saussure mostrou que a langue deve ser sincronicamente considerada e descrita como um sistema de elementos lexicais, gramaticais e fonológicos interrelacionados, e não como um aglomerado de entidades autônomas [...] (ROBINS, 2004, p. 163).

---

<sup>86</sup> Como informam Bally e Sechehaye, no Prefácio à primeira edição, e Isaac Salum, na Introdução à edição brasileira do *Curso de Linguística Geral*, a organização dessa obra se deu a partir de apontamentos em cadernos de alunos matriculados nos três cursos oferecidos por Saussure na Universidade de Genebra, no período de 1906 a 1911.

<sup>87</sup> No *Curso de Linguística Geral*, consta também a colaboração de Albert Riedlinger.

Tendo em vista os objetivos desta tese, não serão enfocadas aqui as dicotomias que fazem parte da teoria geral apresentada no CLG, mas sim as ideias ali presentes quanto à fonologia. Saussure a concebia de forma distinta de como era e de como é pensada atualmente:

A fisiologia dos sons [...] é frequentemente chamada de “Fonética” [...]. Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *Fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A *Fonologia* se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo. [...] Longe de se confundir, esses dois estudos nem sequer podem ser postos em oposição. O primeiro é uma das partes essenciais da ciência da língua; a *Fonologia*, cumpre repetir, não passa de disciplina auxiliar e só se refere à fala (SAUSSURE, 1989, p. 42-43).

Saussure, dessa forma, faz uma inversão com respeito às atuais designações de Fonética e Fonologia, mas estava atento às diferenças entre: a fisiologia dos sons das línguas; a ciência que estuda a sua evolução, ou seja, as leis que regem a mudança sonora; e o sistema sonoro. De acordo com o autor, “[...] cumpre traçar o sistema fonológico do idioma estudado, isto é, o quadro dos sons de que ele se utiliza; cada língua, de fato, opera com um número determinado de fonemas bem diferenciados. A única realidade que interessa ao linguista é esse sistema” (SAUSSURE, 1989, p. 44).

A classificação dos fonemas pelo autor parte da abertura da cavidade oral – 0, 1, 2, 3, 4, 5 e 6 – para, em seguida, tomar os pontos de articulação (SAUSSURE, 1989, p. 56-61):

A – ABERTURA ZERO: OCLUSIVAS – Essa classe abrange todos os fonemas obtidos pelo fechamento completo, a oclusão hermética, mas momentânea, da cavidade bucal. [...] Conforme o lugar de articulação, distinguem-se três tipos principais de oclusivas; o tipo labial (p, b, m), o tipo dental (t, d, n), o tipo chamado gutural (k, g, ŋ) (p. 56);

B – ABERTURA 1: FRICATIVAS OU EXPIRANTES, caracterizadas por um fechamento incompleto da cavidade bucal, que permite a passagem do ar. [...] Nos sons que afetam o palato, o ouvido distingue geralmente uma articulação anterior (palatais) e uma articulação posterior (velares) (p. 57-58);

C – ABERTURA 2: NASAIS. As nasais m, n, ñ (p. 57);

D – ABERTURA 3: LÍQUIDAS (p. 58):

1) A articulação lateral: [...] Conforme o ponto de articulação, distinguem-se l dental, l’ palatal ou “molhado” e ʎ gutural ou velar (p. 59);

2) A articulação vibrante: [...] Essa vibração pode ser produzida de dois modos; com a ponta da língua aplicada à frente, sobre os alvéolos (r chamado “roulé” em francês), ou atrás, com a parte posterior da língua (r “grasseyé” dos franceses) (p. 59);

E – ABERTURA 4: i, u, ü;

Com relação às outras vogais, esses sons supõem um fechamento ainda considerável, bastante próximo do das consoantes. Disso resultam certas consequências, que aparecerão mais tarde e que justificam o nome de semivogais dado geralmente a esses fonemas (p. 60);

F – ABERTURA 5: e, o, ö, cuja articulação corresponde respectivamente à de i, u, ü. As vogais nasalizadas são frequentes: ě, õ, õ̃ (por exemplo em francês: pin, pont, brun). As formas surdas são o há aspirado de he, ho, hö (p. 60);

G – ABERTURA 6: a, abertura máxima, que tem uma forma nasalizada, um pouco mais fechada, certamente, ã (por exemplo em *grand*), e uma forma surda, o h de ha (p. 61).

Saussure também se ocupa da descrição do aparelho fonador, discriminando os órgãos ativos e passivos da produção da fala, bem como aborda a produção dos sons surdos e sonoros, explicando o papel da vibração das cordas vocais para isso. Saussure, ao classificar os fonemas, observa qual é a sua articulação bucal, se comporta um som laríngeo ou não e se comporta uma ressonância nasal ou não. Segundo ele, “quando um desses três elementos não está determinado, a identificação do som é incompleta” (SAUSSURE, 1989, p. 55).

Outra corrente muito importante dentro da Fonética e da Fonologia na Europa foi o Círculo Linguístico de Praga, apresentado a seguir.

#### 5.1.2.2 O Círculo Linguístico de Praga

Como dito anteriormente, foi o linguista polonês Barão Jan Baudouin de Courtenay, professor de Linguística na Universidade de São Petersburgo, quem estipulou e desenvolveu a hipótese da

[...] distinção entre os sons que eram realmente emitidos e os que os falantes acreditam fazê-lo e os ouvintes julgam ouvir. Os primeiros se constituem no objeto da investigação da fonética; mas os últimos tinham um conteúdo linguístico, uma vez que é por meio destes sons “pretensamente” emitidos que a comunicação se realiza. Chamou a esses sons “intencionais” de “fonemas” em oposição àqueles emitidos realmente, que são os sons vocais da fonética. [...] Baudouin definia o fonema como “a ideia de um som vocal” e advogava uma análise psicológica a fim de se chegar a ele, partindo do nível da fonética e seus

sons vocais. Isto quer dizer que atribuía o som vocal à física e o fonema à psicologia<sup>88</sup> (CAMARA JR., 1986, p. 162).

A distinção feita por Courtenay entre som vocal e fonema não foi aceita de pronto por seus discípulos na Rússia, mas ganhou a adesão de um ex-aluno, Nikolai Trubetzkoy, o qual, junto com Roman Jakobson, Serge Karcevsky e outros, mantinham reuniões regulares e formaram o que ficou conhecido posteriormente por Círculo Linguístico de Praga. Essa escola foi fundada por linguistas tchecos e de outras nacionalidades, liderados por Trubetzkoy. O Círculo fez sua primeira aparição no Primeiro Congresso Internacional de Linguistas, em Haia/Holanda, em 1928. Em sua comunicação, Jakobson, Karcevski e Trubetzkoy propuseram a divisão dos estudos sonoros em Fonética – uma ciência natural – e Fonologia – parte da Linguística que trata da significação desses sons.

Trubetzkoy e seus colegas, embora tenham desenvolvido as ideias de Courtenay, chegaram mais tarde a um conceito de fonema completamente diferente daquele apresentado pelo linguista polonês (CAMARA JR., 1986). Trubetzkoy, aceitando a ideia de Jakobson, define o fonema como formado por um feixe de traços distintivos:

Cada fonema, então, é composto de um número de características articulatórias e se torna distinto de cada outro fonema da língua pela presença ou ausência de ao menos um traço. [...] Esta análise dos traços distintivos da fonologia da Escola de Praga, tal como desenvolvida por Jakobson, se tornou parte do arcabouço criado para a fonologia gerativa” (WEEDWOOD, 2002, p. 140).

O Círculo desenvolveu ainda algumas teses importantes sobre o fonema e a Fonologia. A primeira, lançada por Trubetzkoy e companheiros, foi vincular o fonema à teoria de Saussure: o fonema está relacionado com a “*langue*”, ao passo que os sons da fala se relacionam com a fala, a “*parole*” (ROBINS, 2004). Essa tese vigora ainda hoje. Outro novo conceito foi o de “arquifonema”, proposto por Trubetzkoy, assim definido por Silva (2011, p. 62): “termo utilizado [...] para representar a neutralização de dois ou mais fonemas em um contexto específico”. Os arquifonemas do português serão vistos adiante.

Uma terceira ideia desenvolvida pelo Círculo foi a da marcação: “quando dois fonemas são distinguidos pela presença ou ausência de um único traço distintivo, diz-se que um deles é marcado e o outro, não-marcado para o traço em questão. Por exemplo, /b/ é

---

<sup>88</sup> Camara Jr. (1986) afirma que o termo *fonema* já era usado pelos antigos gregos, mas com a acepção de ‘enunciação’ ou ‘voz’.

marcado e /p/ é não-marcado com respeito à sonoridade” (WEEDWOOD, 2002, p. 141). A noção de marcação, que havia sido desenvolvida para a fonologia, logo se estendeu à morfologia e à sintaxe. Também as análises das vogais e das consoantes realizadas pelos membros do Círculo de Praga se estenderam para os elementos prosódicos, como a quantidade, a intensidade, o tom e a entonação (ROBINS, 2004).

A Escola de Praga deu uma grande contribuição para os estudos dos sistemas sonoros das línguas naturais, tanto do ponto de vista teórico quanto do metodológico. O grupo publicou anualmente um volume das atas das reuniões, sob o título de *Travaux du Cercle Linguistique de Prague (Trabalhos do Círculo Linguístico de Praga)*. “O primeiro volume foi editado em 1929 e a série foi interrompida logo depois de 1941 no seu décimo volume. [...] O nono volume é a obra póstuma de Trubetzkoy, escrita em alemão, e intitulada *Princípios de Fonologia*” (CAMARA JR., 1986, p. 164). De acordo com Robins (2004), essa foi a principal obra publicada pelo Círculo<sup>89</sup>.

Concluindo esta seção, tomam-se emprestadas as palavras de Robins (2004, p. 181):

A teoria elaborada por Trubetzkoy e por seus colegas da escola de Praga, tendo em vista sobretudo o campo fonológico, trouxe valiosas contribuições para o progresso da linguística. O objetivo básico da fonologia de Praga, a análise do fonema em traços distintivos, também se encontra nos estudos de “análise componencial”, tanto em fonologia como em gramática, feitos por linguistas americanos. Nesses estudos, analisam-se “verticalmente” os fonemas e os morfemas, que são tratados como unidades complexas formadas de traços ou categorias distintivas; não se chega, porém, a empregar, como o faz a escola de Praga, o conceito de neutralização.

A seguir, então, apresenta-se um resumo dos estudos fonéticos e fonológicos realizados nos Estados Unidos.

---

<sup>89</sup> Outro linguista citado por Camara Jr. (1986) e Robins (2004), por sua importante contribuição para os estudos fonológicos na Europa, foi o inglês John Firth. Para Firth, é a sílaba a verdadeira unidade fonológica, não necessitando ser dividida em fonemas. Entretanto, o aspecto mais importante de sua obra é a análise prosódica.

### ***5.1.3 O século XX nos Estados Unidos da América***

#### *5.1.3.1 A primeira metade do século XX*

Nos Estados Unidos, no início do século XX, a linguística recebeu grande acolhida, graças aos trabalhos de Franz Boas, Edward Sapir, Leonard Bloomfield, Kenneth Pike e Roman Jakobson, após este mudar-se para os Estados Unidos.

O grande foco da linguística americana, nos seus primórdios, foi a descrição de línguas indígenas, iniciada por Franz Boas, um antropólogo alemão que formou toda uma geração de linguistas (ROBINS, 2004). Com relação a elas, Boas objetivava “postular uma difusão de traços linguísticos gerais, tais como categorias gramaticais e traços fonéticos de nasalidade, glotalização etc. que tendem a dar às línguas indígenas americanas, geneticamente separadas, um aspecto estrutural semelhante” (CÂMARA JR., 1986, p.168).

Edward Sapir foi outro pesquisador de destaque na linguística americana. Sapir também se voltou para o estudo das línguas indígenas, após assistir a uma palestra de Boas (CAMARA JR, 1986). Segundo Robins (2004, p. 168), “em seus escritos fonológicos, Sapir adotou expressamente o ponto de vista psicológico na definição de fonema, acentuando as correspondências que existem entre a abstração do linguista e as reações e intuições do falante nativo sobre a sua própria língua”. Assim, a partir de Sapir, a descrição linguística nos moldes formalistas entrou em cena na linguística americana. De acordo com Robins (2004, p. 169), “do ponto de vista prático, os interesses antropológicos de Boas e Sapir redundaram no estreito relacionamento e cooperação entre antropólogos e linguistas nas universidades americanas”.

O terceiro linguista a ser citado é Leonard Bloomfield. Com uma concepção behaviorista da língua, Bloomfield a vê como um comportamento, podendo ser estudada sem se levar em consideração a realidade psicológica e/ou mental do falante/ouvinte. Assim, para esse autor, as formas da língua serão vistas a partir do exterior, não importando a sua evolução histórica e a função que desempenham no sistema linguístico (PAVEAU; SARFATTI, 2006).

Bloomfield, em sua obra *Language*, de 1933, assim como Trubetzkoy e Jakobson, postulou o conceito de fonema como um feixe de traços distintivos, fornecendo “a base teórica para o desenvolvimento da fonêmica, a réplica americana para a ‘fonologia’ de Trubetzkoy” (CAMARA JR., 1986, p. 173). Entretanto, ao contrário da Escola de Praga, Bloomfield não levou em consideração os conceitos de Arquifonema e Neutralização.

Mais um eminente linguista americano foi Kenneth Pike. Para ele, a linguagem não pode ser vista como um sistema autônomo, mas sim como um comportamento humano. Por isso, a linguística deve inspirar-se em outras ciências, como a psicologia, a sociologia e a antropologia. Pike priorizou a dimensão funcional e semântica do estudo da língua; daí integrar a função e a significação à fonologia (PAVEAU; SARFATTI, 2006).

Roman Jakobson, ilustre integrante do Círculo Linguístico de Praga, emigrou para os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Graças às suas contribuições, a análise dos traços distintivos dos fonemas, em conjunto com o estudo instrumental e acústico, logrou um grande avanço nos Estados Unidos (ROBINS, 2004). Para Jakobson, os problemas de ordem fonológica seriam mais facilmente solucionados se os traços distintivos fossem estudados com base no critério acústico, em vez do articulatório. Para isso, uniu-se a especialistas em instrumentos como o espectrógrafo, para analisar os traços distintivos “com base na distribuição de sua energia em diferentes frequências (‘formantes’) das ondas sonoras [...]” (ROBINS, 2004, p. 182).

Em resumo, os estudos fonéticos e fonológicos do início do século XX, nos Estados Unidos, estiveram centrados: i) na descrição do fonema, cujo conceito foi ampliado para abranger vários tipos de propriedades fônicas; e do morfema, a unidade mínima de análise gramatical. A interseção de ambas constituía o campo de estudo da morfofonêmica<sup>90</sup> (ROBINS, 2004); e ii) na análise prosódica, com o apoio de instrumentos capazes de registrar com rigor as propriedades dos sons da fala. Entretanto, foi o trabalho de Bloomfield que mais impactou a fonética e a fonologia da primeira metade do século XX, nesse país, até o surgimento da teoria gerativa, como será visto a seguir.

---

<sup>90</sup> Os membros da Escola de Praga, analogamente, utilizavam o termo morfofonologia. Assim, a fonêmica era a contraparte americana do que era a fonologia, para o Círculo Linguístico de Praga (CAMARA JR., 1986; ROBINS, 2004).

### 5.1.3.2 A segunda metade do século XX

A partir da década de 1950, a linguística americana sofreu a influência do trabalho de Noam Chomsky, com a publicação, em 1957, de *Syntact Structure*, obra que lança as bases da teoria gerativa, conhecida hoje como “teoria padrão”. A elas seguiram-se mais duas: a “teoria padrão ampliada”, na década de 1970; e a “teoria dos princípios e parâmetros”, na década de 1980, sendo desenvolvida na década de 1990 (PAVEAU; SARFATTI, 2006). O impacto da obra de 1957 e das seguintes foi tal que “o nome de Chomsky se tornou quase um sinônimo do de linguística” (PAVEAU; SARFATTI, 2006, p. 167).

Com relação aos estudos fonéticos e fonológicos sob a perspectiva gerativa, o grande salto ocorrido nos Estados Unidos foi o lançamento de *The sound pattern of English* (SPE), publicado em 1968 por Noam Chomsky e Morris Halle. Nessa obra, os autores expõem as bases da fonologia gerativa, que seguia a teoria padrão da gramática gerativo-transformacional. De acordo com essa teoria,

[...] a gramática é um sistema modular que consiste em Léxico, Sintaxe e Fonologia. O Léxico é um componente no qual as informações não previsíveis e idiossincráticas estão guardadas e é dado pela gramática universal junto com o sistema de regras (regras de reescritas (sintáticas)); a Sintaxe é responsável pela ordem das sentenças por meio da transformação; a Fonologia é responsável pela estrutura sonora que se aplica na saída da Sintaxe e converte as informações sintáticas e semânticas em formas fonéticas (LEE, 2017, p. 31).

A fonologia gerativa, assim como a Escola de Praga, descrevia os sons das línguas com base em traços distintivos, ou seja, não trabalhava com o conceito de fonema. Para os fonólogos gerativistas, os fonemas são caracterizados como conjuntos de traços distintivos que se relacionam com seus alofones. Dessa forma, um fonema se distingue dos demais por apresentar certas características que outros não têm. Como exemplo, tem-se que os fonemas /t/ e /d/ diferem por aquele apresentar o traço [- vozeado] e este, o traço [+ vozeado] (LEE, 2017).

Entre os traços distintivos presentes no SPE, de Noam Chomsky e Morris Halle, os mais importantes para o português são, conforme Silva (1999, p. 193-194; 2022, p. 193-194; Quadro 3, p. 195):

*Consonantal* – um som é [+consonantal] quando é produzido com uma obstrução significativa na região médio-sagital do trato vocal. Um som é [-consonantal] quando é produzido sem tal obstrução. As consoantes são [+consonantal].

*Silábico* – um som é [+silábico] quando constitui núcleo de sílaba. Um som é [-silábico] quando não ocupa esta posição. As vogais apresentam o traço [+silábico].

*Soante/sonorante* – um som é [+soante] quando é produzido com a configuração do aparelho fonador de maneira que seja possível o vozeamento espontâneo. Um som é [-soante] quando o vozeamento espontâneo não é possível. As vogais e as consoantes nasais e líquidas apresentam o traço [+soante].

*Contínuo* – um som é [+contínuo] quando a constrição principal do trato vocal permite a passagem do ar durante todo o período de sua produção. Um som é [-contínuo] quando durante a sua produção ocorre o bloqueio da passagem da corrente de ar no trato vocal. As fricativas, as líquidas e as vogais são [+contínuo].

*Soltura retardada* – um som é [+soltura retardada] quando é produzido com uma obstrução no trato vocal bloqueando a passagem da corrente de ar seguida pelo escape desta corrente de ar provocando turbulência. Um som é [-soltura retardada] quando não ocorre este fenômeno. Os dois casos em português são [tʃ] e [dʒ].

*Nasal* – um som é [+nasal] quando é produzido com o abaixamento do véu palatino permitindo o escape do ar através do nariz. Um som é [-nasal] quando é produzido sem o abaixamento do véu palatino. Os sons [m, n, ŋ] são [+nasal].

*Lateral* – um som é [+lateral] quando durante a sua produção o ar escapa lateralmente. Um som é [-lateral] quando o ar não escapa lateralmente. Os sons [l, ʎ] apresentam o traço [+lateral].

*Anterior* – um som é [+anterior] quando é produzido com uma obstrução localizada na parte anterior à região alveopalatal. Um som [-anterior] quando é produzido sem uma obstrução deste tipo. Os sons [p, b, t, d, f, v, s, z, m, n, l, ʎ] apresentam o traço [+anterior].

*Coronal* – um som é [+coronal] quando é produzido com o levantamento da lâmina da língua a um ponto superior à posição neutra. Um som é [-coronal] quando a lâmina da língua permanece na posição neutra. Os sons [t, d, s, z, ʃ, ʒ, n, ɲ, l, ʎ, ʀ] são [+coronal].

*Alto* – um som é [+alto] quando é produzido com o levantamento do corpo da língua a uma posição acima daquela verificada na posição neutra. Um som é [-alto] quando é produzido sem tal levantamento. Os sons [k, g, ʃ, ʒ, h, ɲ, λ, i, u, ɪ, ʊ] apresentam o traço [+alto].

*Recuado* – um som é [+recuado] quando é produzido com a retração da língua da posição neutra. Um som é [-recuado] quando é produzido sem tal retração. Os sons [k, g, h, a, ɐ, ɔ, o, u, ʊ] apresentam o traço [+recuado].

*Arredondado* – um som é [+arredondado] quando é produzido com uma aproximação do orifício labial. Um som é [-arredondado] quando é produzido sem tal aproximação. Os sons [ɔ, o, u, ʊ] são [+arredondado].

*Baixo* – um som é [+baixo] quando é produzido com o abaixamento do corpo da língua a uma posição abaixo daquela verificada na posição neutra. Um som é [-baixo] quando é produzido sem este abaixamento. Os sons [ɛ, a, ɔ] apresentam o traço [+baixo]<sup>91</sup>.

*Vozeado* – um som é [+vozeado] quando durante a sua produção as cordas vocais permanecem vibrando. Um som é [-vozeado] quando não ocorre tal vibração. Os sons vozeados do português são [b, d, g, dʒ, v, z, ʒ, m, n, ɲ, l, λ, r] e todas as vogais.

*Tenso* – um som é [+tenso] quando é produzido com um gesto exato e preciso que envolve considerável esforço muscular. Um som é [-tenso] quando é produzido rápida e indistintamente. No português, os únicos sons [-tenso] são as vogais finais átonas, [ɪ ɐ ʊ].

Outro objetivo da fonologia gerativa é a tentativa de descrever as alternâncias sonoras das línguas naturais por meio de regras. As regras traduzem os processos que ocorrem quando da transformação dos fonemas que estão na mente do falante – na representação subjacente<sup>92</sup> – em um (alo)fone da língua, que se manifesta na representação superficial.

<sup>91</sup> Dessa forma, as vogais médias altas, [e, o], são caracterizadas pelos traços [-alto, -baixo].

<sup>92</sup> No caso da fonologia, a representação subjacente é uma abstração que falantes e ouvintes têm dos sons das línguas, caracterizados pelos traços distintivos. Ao se manifestarem, esses sons são reconhecidos como (alo)fonos das línguas.

Esquemáticamente, tem-se:

$$A \rightarrow B / C \_ D$$

$$CAD \rightarrow CBD$$

/CAD/          Representação subjacente

↓                Aplicação da regra

[CBD]          Representação superficial/fonética

(LEE, 2017, p. 33)

Nos esquemas acima, A é a classe natural<sup>93</sup> de um fonema que não é o mais adequado ao contexto C\_\_D. Portanto, há a mudança de A para outra classe natural de fonema – neste caso, B –, gerando a representação superficial [CBD]. Lee (2017) afirma que a descrição estrutural e o processo (A → B) são o foco e o objeto da fonologia gerativa. Lee (2017, p. 34) exemplifica alguns processos:

/...CAD.../ → [...CAD...] (não há mudança)

[...CBD...] (mudar /A/ para [B])

[...CED...] (mudar /A/ para [E])

[...CD...] (apagar /A/)

[...CDA...] (metátese)

[...CAED...] (inserir [E] entre A e D), etc.

---

<sup>93</sup> Uma classe natural é “determinada como um grupo de segmentos, seja ele consonantal ou vocálico, que possam ser caracterizados por um número de dados informacionais menor do que qualquer um dos elementos da classe individualmente” (SILVA, 2011, p. 73). Crystal (2000) exemplifica uma classe natural apresentando o conjunto de consoantes oclusivas vozeadas /b/, /d/, /g/, que apresentam três traços em comum: sonoridade, saída instantânea e são interrompidos. Entretanto, para caracterizar cada um deles separadamente, seriam necessários outros traços, como o [coronal] para /d/, por exemplo.

A fonologia gerativa dos primeiros anos do SPE, chamada linear, foi aprimorada graças aos estudos que se aprofundaram nas características fonológicas das diferentes línguas. Assim, com o passo do tempo, surgiram outras vertentes da fonologia gerativa, conhecidas por fonologias gerativas não-lineares, como a Teoria dos Traços, a Fonologia Autossegmental, a Lexical etc. (cf. HORA; MATZENAUER, 2017), cada uma ocupando-se de um ou mais fenômenos fonológicos.

Esboçar um histórico dos estudos de Fonética e de Fonologia ajuda a entender melhor os pressupostos e as questões que ainda hoje ocupam os estudiosos dos sistemas sonoros das línguas naturais. A partir daqui, apresentam-se os constituintes fonético-fonológicos do português.

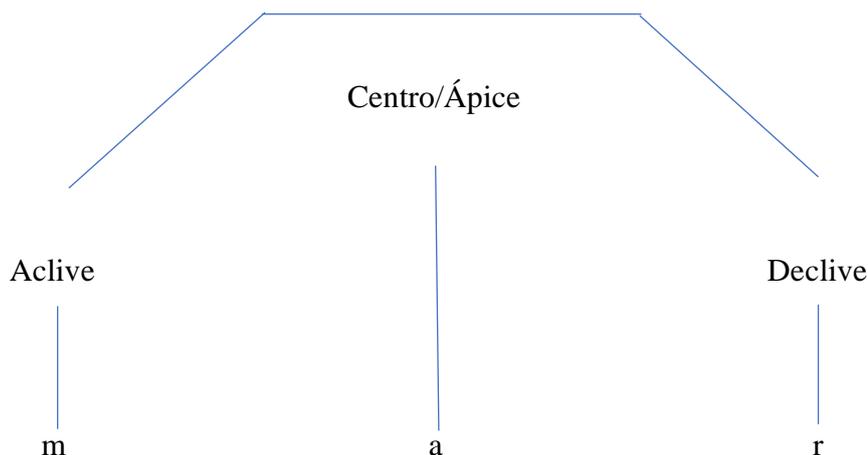
## **5.2 Os constituintes fonético-fonológicos do português**

Nesta seção, apresentam-se os constituintes do sistema fonético-fonológico do português que permitem uma melhor compreensão dos (grupos de) fatores condicionantes da realização dos róticos na linguagem dos quatro bilíngues estudados: a sílaba, as vogais, as consoantes e o acento. Observe-se, porém, que um estudo aprofundado de cada um deles ultrapassa os objetivos desta tese. Assim, serão apresentadas as suas características principais, a fim de se esclarecer o que consta do capítulo de Análise dos Dados.

### **5.2.1 A sílaba em português**

Como observam Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2015), o conceito de sílaba, apesar de parecer simples, é bastante complexo e tem estreita relação com a teoria que se empregue para estudá-la. A seguir, listam-se os conceitos e as características da sílaba no português.

Em uma perspectiva estrutural, Camara Jr. (1984) aponta as principais características da sílaba em português: ela se constitui de um aclave, um centro (ou ápice) e um declive, sendo que somente o centro é obrigatoriamente preenchido, por uma vogal.



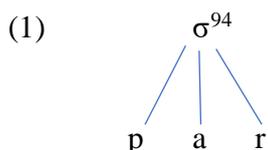
Se a sílaba terminar por vogal, ela é denominada *aberta*; se, ao contrário, terminar por consoante, ela é designada *fechada* ou *travada*. De acordo com o autor (CAMARA JR, 1984, p. 38), “em português, [...] só algumas consoantes podem ser posvocálicas. E predominam de muito as sílabas livres sobre as travadas”.

Silva (1999, p. 154; 2022, p. 154) apresenta a constituição possível da sílaba em português, em que V' é uma semivogal (ou *glide*).

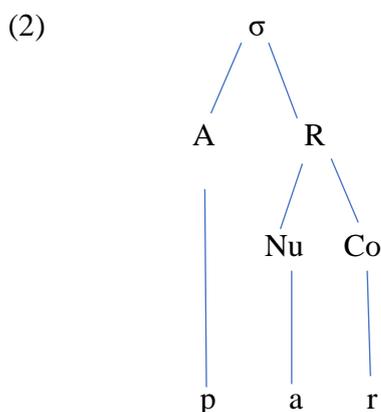
$$C_1 C_2 V V' C_3 C_4 \text{ ou } C_1 C_2 V' V C_3 C_4$$

Da estrutura acima, depreende-se que: i)  $C_1$  e  $C_2$  são consoantes pré-vocálicas, localizadas no aclave da sílaba, ao passo de  $C_3$  e  $C_4$  são pós-vocálicas, localizadas no declive, segundo a denominação de Camara Jr. (1984); e ii)  $VV'$  corresponde ao ditongo decrescente, ou seja, tem-se uma vogal e, em seguida, uma semivogal. Já em  $V'V$ , há um ditongo crescente.

Em outra perspectiva, Collischonn (2001) apresenta duas teorias a respeito da estrutura silábica: o primeiro modelo é o proposto por Kahn, em 1976, inspirado na Fonologia Autossegmental. Aqui, os segmentos estão ligados diretamente à sílaba, o que implica uma independência maior entre eles. O exemplo dado pela autora (COLLISCHONN, 2001, p. 91) é a palavra *par*, assim esquematizada:



A segunda teoria referida por Collischonn (2001) é proposta por Selkirk (1982), “baseando-se em propostas feitas anteriormente por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969)” (COLLISCHONN, 2001, p. 92). Neste modelo, “uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazio” (COLLISCHONN, op. cit., p. 92). Neste modelo, a vogal do Núcleo está mais estreitamente relacionada à consoante da Coda do que à do Ataque. Esquemáticamente, tem-se:



Collischonn (2001) afirma que não existiu unanimidade entre os autores sobre a estrutura interna da sílaba, havendo debates entre eles sobre a defesa de uma ou de outra teoria. Collischonn (2001), mesmo adotando uma posição neutra em relação a essa discussão, adota a segunda representação da sílaba. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 118-121) têm a mesma posição e ela também será adotada nesta tese.

O ataque silábico pode ser ocupado por uma consoante (e aí tem-se um *ataque simples*) ou por duas consoantes (em um ataque denominado *complexo*). No caso de ataque simples, as possibilidades no português são: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /R̃/, /r/, /m/, /n/, /ɲ/, /l/ e /ʎ/ (cf. SILVA, 1999, p. 155; 2002, p. 155).

<sup>94</sup> A representação da sílaba é feita pela letra *sigma* minúscula, ( $\sigma$ ).

Os exemplos dados pela autora para /  $\bar{R}$  / são: /  $\bar{R}$  /ato, /  $\bar{R}$  /ei, ca/  $\bar{R}$  /o e co/  $\bar{R}$  /eu (‘rato’, ‘rei’, ‘carro’ e ‘correu’, respectivamente) (cf. SILVA, 1999, p. 155; 2022, p. 155). Para o fonema /r/, que não ocorre em ataque na sílaba inicial das palavras, os exemplos são: ‘ca/r/o’ e ‘sa/r/ou’ (‘caro’ e ‘sarou’, respectivamente). Essas características dos róticos se fazem importante para esta tese, pois elas se opõem ao sistema fonológico do Talian, como será visto adiante.

No caso de ataque complexo, as possibilidades no português são, conforme Silva (1999, p. 156-157; 2002, p. 156-157): /pt/, /pl/, /br/, /bl/, /tr/, /tl/, /dr/, /dl/, /kr/, /kl/, /gr/, /gl/, /fr/, /fl/, /vr/ e /vl/. A autora observa que o encontro /dl/ não ocorre em português, e /vl/ ocorre em nomes estrangeiros, como *Vladimir*, por exemplo. Os encontros /tl/ e /vr/ não ocorrem em início de palavra e são poucos os exemplos na língua portuguesa<sup>95</sup>.

Com respeito às consoantes pós-vocálicas no português, são elas: /l/, /S/, /N/<sup>96</sup>, “r-fraco” e “R-forte”, além das semivogais, embora outras possibilidades possam ocorrer, como em *ap.to*, *sub.ser.vi.en.te*, *rit.mo* etc. Quando houver dois fonemas em posição pós-vocálica, o último deverá ser o arquifonema /S/, como em *pers.pi.caz*, *subs.tan.ti.vo* etc. (cf. SILVA, 1999, p. 157-170; 2022, p. 157-170).

A posição das vogais e das consoantes, na sílaba, depende da escala de soância, nos termos de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015):

- a) No núcleo, está o segmento de maior soância, que é a vogal;
- b) É preciso haver uma escala crescente de soância, no caso de ataque complexo, e uma escala decrescente, no caso coda complexa;
- c) No ataque e na coda não são permitidos elementos que estejam na mesma escala de soância.

A escala de soância – ou de sonoridade – aparece a seguir:

<sup>95</sup> Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 120) apresentam alguns exemplos desses encontros consonantais, em português, todos onomatopaicos: ‘tlim’ e ‘dlim-dlim’, para imitar o som de sino ou campainha; e ‘vrum’, para imitar o som de um motor de carro.

<sup>96</sup> O arquifonema /S/ representa os fonemas /s/, /ʃ/, /z/ ou /ʒ/, em final de sílaba, a depender do contexto seguinte e da variedade linguística do falante. Já o arquifonema /N/, em final de sílaba, representa a neutralização dos fonemas /m/ e /n/, que se reproduzem como um dos fones [m], [n] ou [ŋ], dependendo do contexto seguinte: *campo*, *tanto* e *tanque* (cf. SILVA, 1999, 2022; SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015). Na seção 5.2.2.2, resume-se a discussão entre os autores sobre as interpretações das vogais nasais do PB.

Quadro 5.1 — Escala de soância/sonoridade que constituem as sílabas

Segmentos	Vogais	Líquidas (laterais e róticos)	Nasais	Oclusivas e fricativas
<b>Escala de soância/sonoridade</b>	3	2	1	0

Fonte: Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 117, adaptado).

Quando há uma semivogal (ou *glide*) em uma sílaba, produz-se o ditongo: se a semivogal vier antes da vogal, tem-se um aumento da força de elocução, produzindo-se um ditongo crescente. Se, ao contrário, a semivogal vier após a vogal, tem-se um ditongo decrescente. Nesta tese, por limitações de tempo e de espaço, não serão feitos comentários a respeito da discussão envolvendo os ditongos crescentes e a possibilidade de ocorrer um hiato. Para um maior aprofundamento desta questão, as obras indicadas nesta seção podem ser consultadas. A seguir, são apresentadas as principais características das vogais do PB.

### 5.2.2. As vogais do PB

As vogais do PB podem ser orais ou nasais. A seguir, as vogais orais.

#### 5.2.2.1 As vogais orais do PB

Nesta seção, apresentam-se as principais características fonológicas e articulatórias das vogais orais do PB. Em termos fonológicos, “as vogais são as unidades que funcionam no centro das sílabas” (CRYSTAL, 2000, p. 269), como visto na seção anterior. Em termos articulatórios, um critério fonético para defini-las é atribuir-lhe a passagem livre do ar pela cavidade bucal (CAMARA JR., 1984).

Todos os sons do PB são produzidos com uma corrente de ar pulmonar egressiva, ou seja, que sai dos pulmões. Na produção das vogais orais, a corrente de ar, após passar pela

glote, sofre alterações devido à posição da língua no trato oral. Este, no caso das vogais, é relativamente restrito, indo da parte frontal da boca até o véu palatino. As sete vogais orais do PB são classificadas articulatoriamente por:

1) posição horizontal da língua no trato oral:

*Anteriores:* são produzidas quando “o corpo da língua se encontra no ponto máximo de deslocamento horizontal para frente em relação à posição de repouso” (SILVA et al., 2019, p. 18), no trato oral. São as vogais /i, e, ε/, no PB;

*Central:* é produzida quando a língua se encontra na parte central do trato oral. No PB, é a vogal /a/;

*Posteriores:* são produzidas “quando o corpo da língua se encontra em seu ponto máximo de deslocamento horizontal para trás em relação à posição de repouso” (SILVA et al., 2019, p. 18), no trato oral. São as vogais /ɔ, o, u/, no PB.

2) elevação da língua no trato oral<sup>97</sup>:

*Altas:* são produzidas com a altura mais elevada da língua, a partir da posição de repouso. São as vogais /i, u/;

*Médias-altas:* são produzidas com um leve abaixamento da língua. São as vogais /e, o/;

*Médias-baixas:* são produzidas com um abaixamento maior da língua. São as vogais /ε, ɔ/;

*Baixa:* é produzida com a língua em sua posição mais baixa. É a vogal /a/.

3) arredondamento dos lábios:

*Arredondadas:* são produzidas com os lábios unidos e projetados para a frente. São as vogais /o, ɔ, u/.

*Não-arredondadas:* são produzidas com os lábios estirados. São as vogais /i, e, ε, a/.

---

<sup>97</sup> Quanto à altura das vogais, também é possível classificá-las de acordo com a abertura/fechamento da mandíbula. Assim, as vogais altas podem ser classificadas como fechadas, pelo fato de a abertura da mandíbula ser mínima, durante a sua produção. Seguindo a mesma ordem, as vogais médias-altas e médias-baixas são classificadas como meio-fechadas e meio-abertas, respectivamente; e a vogal baixa, como aberta.

O quadro a seguir resume a classificação das vogais em posição tônica. Em seguida, serão tratadas as vogais em posição pretônica e em posição postônica na sílaba.

Quadro 5.2 — Classificação das vogais orais do PB em posição tônica

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
<b>alta</b>		i			u	
<b>média-alta</b>		e			o	
<b>média-baixa</b>		ɛ			ɔ	
<b>baixa</b>				a		

Fonte: Silva (1999, p. 79; 2022, p. 79).

Uma observação a ser feita quanto ao Quadro 5.2 é de que, quando vier uma consoante nasal após a vogal tônica, desaparece a oposição entre as vogais médias-altas e médias-baixas, ocorrendo apenas as médias-altas. Exemplos dados por Battisti e Vieira (2001, p. 160) são: l[e]nda e c[o]nto, inexistindo l[ɛ]nda ou c[ɔ]nto.

As vogais orais apresentadas até aqui são as regulares ou plenas, que ocorrem nas sílabas tônicas e são produzidas com a vibração das pregas vocais; já as vogais que estão em sílabas átonas podem tornar-se reduzidas ou desvozeadas. As vogais reduzidas são aquelas que não têm as mesmas qualidades das plenas ou regulares. As desvozeadas, por sua vez, são as reduzidas que não têm a propriedade de vozeamento. As vogais reduzidas são identificadas pelos seguintes símbolos do IPA: [ɪ, ɐ, ʊ]; por sua vez, as vogais desvozeadas recebem o diacrítico (◌̥) abaixo das vogais reduzidas: [ɪ̥, ɐ̥, ʊ̥].

As vogais átonas do PB podem ocorrer antes da sílaba tônica, sendo assim chamadas de pretônicas, ou após a sílaba tônica, denominadas postônicas. Neste último caso, a vogal pode estar na primeira sílaba após a tônica – a postônica medial –, no caso de palavras proparoxítonas, ou na sílaba final – a postônica final. Os quadros a seguir apresentam essas vogais.

Quadro 5.3 — Classificação das vogais pretônicas do PB

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
<b>alta</b>		i				u
<b>média alta</b>		e				o
<b>média-baixa</b> <sup>98</sup>		(ɛ)		(ə)		(ɔ)
<b>baixa</b>				a		

Fonte: Silva (1999, p. 81; 2022, p. 81).

Quadro 5.4 — Classificação das vogais postônicas mediais do PB

	Anterior não-arred.	Central não-arred.	Posterior arred.
<b>altas</b>	i		u
<b>baixa</b>		a	

Fonte: Camara Jr. (1970, p. 34, apud Battisti; Vieira, 2001, p. 162, adaptado).

Quadro 5.5 — Classificação das vogais postônicas finais do PB

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
<b>alta</b>		(i) ɪ				ʊ
<b>média-alta</b>		(e)				(o)
<b>média-baixa</b>				ə		
<b>baixa</b>				(a)		

Fonte: Silva (1999, p. 86; 2022, p. 86).

Os quadros acima indicam que a maioria das variações existentes entre as diferentes variedades regionais do PB ocorre entre as vogais médias. Assim, tem-se, por exemplo, ‘p[e]rigo’, ‘p[ɛ]rigo’ e ‘p[i]rigo’, a depender da região geográfica do falante.

Tendo-se exposto sucintamente as vogais orais do PB, passa-se, a seguir, à apresentação das vogais nasais.

<sup>98</sup> Os fones entre parênteses estão presentes em algumas variedades do PB.

### 5.2.2.2 As vogais nasais do PB

No PB, as vogais podem ser nasais ou nasalizadas. São nasais as que estão em final de sílaba ou que têm como contexto seguinte uma consoante oral. Exemplos dados por Silva et al. (2019, p. 110) são ‘sim’ [sĩ] e ‘cinto’ [‘sĩ.tõ], respectivamente. Por outro lado, vogais que têm, no contexto seguinte, uma consoante nasal podem ser pronunciadas como oral ou nasal, como em ‘caneta’: [ka'netə] ou [kã'ne.tə]. Neste segundo caso, não existe contraste fonêmico, ou seja, o significado da palavra não se altera, e a vogal é denominada nasalizada.

Nas seções a seguir, serão apresentadas as características fonológicas e articulatórias das vogais nasais. Em termos fonológicos, existem duas possibilidades de interpretação das vogais nasais em português. A primeira, do contraste fonêmico, considera que o sistema sonoro do português conta, ao lado das sete vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/, com cinco vogais nasais /ĩ, ê, ĩ, õ, ã/, isto é, o sistema fonológico do português apresenta doze vogais. Argumentos para esta interpretação são a oposição existente entre palavras como ‘lá’ vs. ‘lã’ e ‘mito’ vs. ‘minto’ (cf. Silva, 1999, p. 165; 2022, p. 165).

A segunda proposta é de Camara Jr. (1984), que considera as vogais nasais como vogais orais seguidas de um arquifonema nasal /N/. Segundo essa proposta, o sistema fonológico do português conta com sete vogais. Dessa forma, em termos fonológicos, as vogais nasais são: /aN/, /eN/, /iN/, /oN/ e /uN/. Camara Jr. (1984) advoga em favor da existência de uma consoante nasal após a vogal oral com base nos seguintes argumentos:

- a) uma vogal nasal não criaria oposição, em português, “entre vogal pura envolvida de nasalidade e vogal seguida de consoante nasal posvocálica”;
- b) “a sílaba dita nasal se comporta como sílaba travada por consoante. Prova-o a repugnância à crase”;
- c) “depois de vogal nasal só se realiza um /r/ forte e nunca o /r'/ brando próprio exclusivamente da posição intervocálica”; e
- d) “no interior de vocábulo, não há em português vogal nasal em hiato”, como em bom ~ boa ou valentão ~ valentona (CAMARA JR., 1984, p. 59).

Silva (1999, p. 166; 2022, p. 166) adota a mesma posição de Camara Jr. (1984) para a estrutura subjacente das vogais nasais. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 112) aderem à primeira proposta, isto é, de o português apresentar 12 fonemas vocálicos: sete orais e cinco nasais. E Battisti e Vieira (2001) afirmam que López (1979), Wetzels e outros autores concordam com a posição de Mattoso Camara Jr. Nesta tese, adota-se a posição de que, subjacentemente, o arquifonema nasal /N/ segue a vogal, nasalizando-a.

Em termos articulatórios, as vogais nasais são produzidas com o véu palatino abaixado, fazendo com que o ar seja expelido, ao mesmo tempo, pela boca e pelas narinas. As notações fonéticas das vogais nasais do PB são: as anteriores [ĩ, û], a central [ẽ] e as posteriores [ẽ, õ]. De acordo com Silva et al. (2019), a ausência de vogais nasais médias-baixas, no PB, se deve ao fato de que as línguas naturais não diferenciam as vogais nasais médias-baixas e as médias-altas.

Concluída a seção concernente às vogais, passa-se a tratar das consoantes do português.

### 5.2.3 As consoantes do português

As consoantes podem ser definidas, do ponto de vista fonológico, a partir de sua posição na sílaba: “as consoantes são as unidades que funcionam nas margens da sílaba, sozinhas ou em grupos” (CRYSTAL, 2000, p. 61), isto é, elas podem ocupar o ataque da sílaba, sendo denominadas pré-vocálicas; a coda, denominadas pós-vocálicas; e podem estar entre duas vogais, separando as sílabas, denominadas intervocálicas. Na posição intervocálica, segundo Camara Jr. (2019, p. 78), o PB apresenta 19 consoantes<sup>99</sup>:

---

/p/	/b/	/f/	/v/	/m/		
/t/	/d/	/s/	/z/	/n/	/l/	/r/
/k/	/g/	/ʃ/	/ʒ/	/ɲ/	/ʎ/	/r/

---

<sup>99</sup> Na notação de Camara Jr. (1984, p. 50), /r/ está representado como /r'/; /f/ é /s'/; /z/ é /z'/; /ɲ/ é /n,/ e /ʎ/ é /l,./.

Não é objetivo desta tese fazer um aprofundamento sobre as consoantes. Por exemplo, em Monaretto; Quednau; Hora (2001, p. 198-201), Callou; Leite (2005, p. 70-74) e Seara; Nunes; Lazarotto-Volcão (2015, p. 69-82), os autores apresentam outros aspectos concernentes a elas, vistas principalmente sob o enfoque gerativista.

As consoantes são os sons em que, em sua emissão, ocorre algum tipo de impedimento, no trato vocal, à livre passagem do ar (cf. CAMARA JR., 1984, p. 37). Esse impedimento pode ser desde a obstrução total até um pequeno bloqueio à passagem do ar no trato oral. De acordo com o modelo estruturalista, as consoantes são classificadas segundo:

a) seu ponto/lugar de articulação.

Os vários pontos de articulação são nomeados em função dos articuladores ativos e passivos envolvidos na produção de uma consoante. Assim, as consoantes são classificadas como:

- i) bilabial [p, b, m], como o primeiro segmento de ‘pata’, ‘bata’ e ‘mãe’;
- ii) labiodental [f, v], como em ‘faca’, ‘vaca’;
- iii) alveolar [t, d, s, z, n, r, r], como em ‘tudo’, ‘devagar’, ‘seu’, ‘Zeca’, ‘nada’, ‘carinho’, ‘carro’;
- iv) alveopalatal [ʃ, ʒ], como em ‘chave’ e ‘jato’;
- v) retroflexa [ɻ], como em ‘porta’, em algumas variedades do português;
- vi) palatal [ʎ, ɲ], como em ‘malha’ e ‘ganhar’;
- vii) velar [k, g], como ‘capa’ e ‘gosto’. Também são pronunciadas como velares a fricativa não vozeada [x] e a vozeada [ɣ], a depender da variedade do português. Ex.: ‘porto’ e ‘verde’;
- viii) uvular [ʀ] e sua forma vozeada [ʁ], também dependendo da variedade do português: ‘porto’ e ‘verde’;
- ix) glotal [h] e sua forma vozeada [ɦ], mais uma vez a depender da variedade do português: ‘porto’ e ‘verde’.

No quadro a seguir, encontram-se os pontos de articulação das consoantes e seus respectivos articuladores.

Quadro 5.6 — Relação entre os pontos de articulação das consoantes e os articuladores

Ponto de articulação	Articulador ativo → articulador passivo
bilabial	lábio inferior → lábio superior
labiodental	lábio inferior → dentes superiores
dental	ponta da língua → dentes superiores
alveolar	ponta ou lâmina da língua → alvéolos
alveopalatal	lâmina da língua → região entre alvéolos e palato
palatal	corpo da língua → palato
velar	corpo da língua → véu palatino
glotal	pregas vocais

Fonte: Silva *et al.* (2019, p. 31).

#### b) seu vozeamento

De acordo com o seu vozeamento, tem-se uma consoante vozeada ou não-vozeada<sup>100</sup>. Vozeado é o som produzido com a vibração das pregas vocais, devido à passagem da corrente de ar pela glote. Por seu turno, na produção da consoante não-vozeada, não há vibração das pregas vocais.

#### c) seu modo de articulação

Por seu modo de articulação, as consoantes podem ser oclusivas, nasais, fricativas, africadas, tepe, vibrante, retroflexa e laterais.

### 5.2.3.1 As oclusivas

As consoantes oclusivas são produzidas com um fechamento completo do trato vocal em pontos específicos, utilizando para isso diferentes articuladores.

<sup>100</sup> Silva *et al.* (2019, p. 32) afirmam que “alguns autores adotam, na classificação das consoantes, o termo desvozeado no lugar de não-vozeado [...]. Este livro adota o termo não-vozeado no lugar de desvozeado ao assumir que a natureza do som em questão é SEM a propriedade de vozeamento. Por outro lado, desvozeamento envolve casos em que um som tipicamente vozeado perde parte da propriedade de vozeamento e é, então, produzido como desvozeado”. Concordando com a justificativa das autoras, nesta tese também será adotado o termo *não-vozeado*.

### 5.2.3.2 *As nasais*

As consoantes nasais são produzidas quando ocorre o bloqueio da passagem da corrente de ar na cavidade oral, mas há a abertura do véu palatino, fazendo com que o ar escape pelas narinas. São elas:

### 5.2.3.3 *As fricativas*

As consoantes fricativas são os sons produzidos quando dois órgãos se aproximam tanto que o ar que passa entre eles produz uma fricção.

### 5.2.3.4 *As africadas*

As consoantes africadas são produzidas com uma oclusão e, imediatamente após, uma soltura do ar com fricção, como nas fricativas.

### 5.2.3.5 *O tepe*

O termo *tepe* surgiu a partir da palavra inglesa *tap*, que significa batida repentina e breve. Portanto, o *tepe* é produzida com a ponta da língua tocando rapidamente os alvéolos ou a parte de trás dos dentes superiores.

### 5.2.3.6 A vibrante

A consoante vibrante – também chamada de ‘vibrante múltipla’ –, é produzida com a ponta da língua batendo mais de uma vez nos alvéolos ou na parte de trás dos dentes superiores. Silva et al. (2019, p. 28) afirmam que “atualmente, a vibrante tem ocorrência restrita no PB e, quando ocorre, é em regiões do Sul do Brasil apresentando-se sempre em início de sílaba”. Como se verá adiante, a vibrante múltipla teve algumas ocorrências no corpus desta pesquisa.

### 5.2.3.7 A aproximante retroflexa

A aproximante retroflexa é produzida “com a aproximação dos articuladores ativo e passivo, mas em que a aproximação não é suficiente para produzir a obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar” (SILVA, 2011, p. 62). A resistência à passagem do ar envolve a curvatura da ponta sobre o corpo da língua. Ao mesmo tempo, os lábios ficam levemente arredondados, alongando o trato oral. Segundo Silva et al. (2019, p. 29), “a região no céu da boca onde se dá o contato da ponta encurvada da língua diferencia vários graus de retroflexão”. A consoante retroflexa também teve um número pequeno de ocorrências no corpus desta tese.

### 5.2.3.8 As laterais

As consoantes laterais do PB “apresentam o bloqueio à passagem da corrente de ar e, ao mesmo tempo em que ocorre o bloqueio, são formados canais nos lados do trato vocal, que dão vazão lateral à corrente de ar” (SILVA et al., 2019, p. 29-30), por meio do abaixamento e estreitamento do corpo da língua.

Silva et al. (2019) subdividem a análise das consoantes laterais em alveolares e palatais. A consoante lateral alveolar [l] tem como variante a velarizada [ɫ], que ocorre em

determinadas variedades do PB. A lateral palatal [ʎ], por sua vez, tem por variantes a alveolar palatalizada vozeada [jʎ] e o glide palatal [j].

As consoantes nasais, as semivogais e as líquidas formam a classe das soantes ou não obstruintes. As soantes são sons cuja energia deriva da passagem do ar pelas pregas vocais, sem que haja uma total oclusão do trato oral (SILVA et al., 2019). No quadro a seguir, constam os modos de articulação das consoantes do PB.

Quadro 5.7 — Pontos e modos de articulação das consoantes do PB

Articulação		Bilabial	Labio-dental	Dental ou Alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Modo	Voz.							
Oclusiva	Desv	p		t			k	
	Voz	b		d			g	
Africada	Desv				tʃ			
	Voz				dʒ			
Fricativa	Desv		f	s	ʃ		x	h
	Voz		v	z	ʒ		ɣ	ɦ
Nasal	Voz	m		n		ɲ ỹ		
Tepe	Voz			r				
Vibrante	Voz			ʀ <sup>101</sup>				
Retroflexa	Voz			ɻ				
Lateral	Voz			l ɭ		ʎ jʎ		

Fonte: Silva (1999, p. 37; 2022, p. 37).

Nesta seção, foram apresentadas as características articulatórias das consoantes. Na próxima, será apresentado outro componente do sistema sonoro do português: o acento.

#### 5.2.4 O acento em português

O acento “é o termo usado em fonética para se referir ao grau de força ou intensidade ao se produzir uma sílaba” (CRYSTAL, 2000, p. 15), e a sua presença caracteriza um vocábulo fonológico. Em cada palavra fonológica, a vogal tônica recebe o acento primário. Quando a palavra recebe um sufixo derivacional, na maioria das vezes o acento

<sup>101</sup> Nesta tese, a vibrante múltipla será transcrita como [r].

primário muda para o sufixo e ocorre um deslocamento do acento. Os exemplos a seguir, de Collischonn (2001, p. 136), ilustram esse deslocamento:

<u>f</u> aca	fa <u>ca</u> da
<u>á</u> rvore	arv <u>o</u> do
pol <u>í</u> cia	pol <u>ic</u> ial
cap <u>i</u> tal	cap <u>i</u> tal <u>is</u> ta

Por outro lado, não há mudança de acento quando se agrega à palavra um prefixo ou um sufixo flexional de número, como nos exemplos a seguir, também de Collischonn (2001, p. 136):

<u>s</u> olo	sub <u>s</u> olo
intelig <u>e</u> nte	superintelig <u>e</u> nte
mod <u>e</u> rno	ultramod <u>e</u> rno

caras-pintadas  
 autopeça  
casca-grossa  
música-tema

<u>g</u> ato	<u>g</u> atos
prof <u>e</u> ssor	prof <u>e</u> ssores

Ao contrário dos sufixos flexionais de número, os sufixos número-pessoais dos verbos podem ou não mudar a posição do acento. Os exemplos, igualmente de Collischonn (2001, p. 137), são:

<u>a</u> ma	am <u>a</u> mos
<u>f</u> ala	fal <u>a</u> mos

mas

<u>a</u> ma	am <u>a</u> m
-------------	---------------

fa <u>l</u> ava	fa <u>l</u> avamos
pu <u>d</u> esse	pu <u>d</u> essemos

Quanto à intensidade do acento, as sílabas pretônicas têm maior intensidade que as postônicas. Dessa forma, de acordo com Camara Jr. (1984, p. 63), se a sílaba tônica receber grau de intensidade 3, a pretônica receberá 1 e as postônicas, 0 (zero)<sup>102</sup>. Em uma sequência de palavras em que não haja pausa, o grau 3 da sílaba tônica da palavra anterior baixará para 2, como mostra o exemplo a seguir, de Camara Jr. (1984, p. 63):

/grand <sup>i</sup> /	e	/amor/	que passam a	/graNd <sup>i</sup> amor/
3 0		1 3		2 0-1 3

O padrão acentual generalizado do português é o paroxítono, ou seja, o acento recai sobre a penúltima sílaba da palavra, assim como no espanhol e no latim<sup>103</sup> (COLLISCHONN, 2001). As proparoxítonas, ou seja, as que têm o acento na antepenúltima sílaba, são o menor grupo, constituído principalmente por empréstimos do latim e do grego. Dessa forma, o grupo das oxítonas, que têm o acento na última sílaba, é bastante maior do que o das proparoxítonas.

Segundo Collischonn (2001), há uma preferência por parte do acento pela última sílaba quando esta termina por consoante: “Segundo levantamento apresentado por Bisol (1992), no Dicionário Delta Larousse, 78% das palavras terminadas por consoante são oxítonas, ao passo que apenas 22% são paroxítonas” (COLLISCHONN, 2001, p. 134).

Existem outras questões a respeito do acento, como a discussão sobre o seu status. Para Camara Jr. (1984), o acento é um fonema da língua, por ser distintivo – e, então, é imprevisível –, como no conhecido exemplo de ‘sáb<sup>i</sup>a’, ‘sab<sup>i</sup>a’ e ‘sab<sup>i</sup>á’, em que a posição do acento distingue as três palavras.

<sup>102</sup> Silva (1999, 2022) e Lee (2002) adotam a mesma ideia de Camara Jr. (1984), sobre o grau de intensidade zero para as sílabas postônicas.

<sup>103</sup> No latim, o acento era determinado pela estrutura interna da penúltima sílaba: esta seria acentuada se fosse longa (que contivesse vogal longa, ou ditongo, ou fosse fechada por consoante). Se a penúltima sílaba fosse breve, a acentuada seria a antepenúltima. Outra característica do acento no latim é a inexistência de polissílabos oxítonos (cf. PEREIRA, 2007, p. 62-66; FERREIRA NETTO, 2011, p. 182-185).

Por outro lado, Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2015) afirmam que os autores contrários à ideia de o acento ser um fonema argumentam que ele tem previsibilidade de ocorrência: sempre recai em uma das três últimas sílabas das palavras. Além disso, em português, as palavras paroxítonas são a maioria, seguidas das oxítonas e depois das proparoxítonas, como se disse. E uma terceira observação a respeito do acento é que ele se sobrepõe aos segmentos, sendo chamado de suprassegmento. Dessa forma, se o acento for considerado um fonema, não seria como os outros (cf. SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 127; COLLISCHONN, 2001, p. 132-133).

Outros temas relacionados ao acento são analisados nos textos consultados, mas fazer um estudo aprofundado deles não faz parte dos objetivos desta pesquisa. Para maiores detalhes sobre as análises gerativas e métricas do acento e sobre o acento secundário, cf. Collischonn (2001, p. 138-155). Também merece ser consultada, por exemplo, a obra organizada por Araújo (2007), que traz um conjunto de textos a respeito dos acentos primário e secundário, do latim ao português, vistos sob diferentes perspectivas teóricas. A seguir, então, aborda-se o objeto de estudo desta tese: os róticos.

### 5.3 Os róticos

Como já exposto, o objetivo principal desta pesquisa é descrever e analisar a realização dos róticos na linguagem de quatro bilíngues em Talian e Português de uma comunidade rural do Espírito Santo. Portanto, nesta seção, caracterizam-se os róticos no Português Brasileiro, explicitando-se sua realização em diferentes variedades do país e discutindo suas particularidades quanto ao nível fonológico e fonético. Como se apontou nas Considerações Iniciais desta tese, os róticos são uma

classe de segmentos consonantais com características articulatórias heterogêneas e que se relacionam fonologicamente entre si. Tanto em português quanto em outras línguas, os róticos são associados a segmentos relacionados a um **som de r**. No português, os róticos são o tepe [r], a vibrante [r̃], as fricativas [x, ʁ, h, ð], a retroflexa [ɹ] (SILVA, 2011, p. 197).

Os autores consultados para a elaboração deste estudo apresentam diferentes transcrições para os róticos. Nesta tese, seguindo Oliveira (1983), eles são transcritos por (r).

Os róticos do português tiveram origem no ‘r’ latino, que era realizado como “uma vibrante pré-palatal, como o r italiano, sendo produzido pela vibração da ponta da língua, lembrando o rosnar de um cão, donde chamarem-na os romanos de *canina littera*” (FARIA, 1957, p. 105). Faria (1957) e Oliveira (1983) afirmam que, no latim, ocorria a assimilação do grupo ‘rs’, com o apagamento de ‘r’ em coda silábica interna, como em *persicu* > pêssego, ou *persona* > pessoa, fatos estes corrigidos pelo Appendix Probi (cf. OLIVEIRA, 1983, p. 76).

A diversidade dos róticos no português brasileiro atual está diretamente relacionada à sua zona de articulação, podendo ser produzidos desde os dentes até a faringe: “o chamado r-fraco, a vibrante simples, ou tepe, é realizado como uma vibrante apical simples, um tepe alveolar sonoro [...]” (CALLOU; LEITE, 2005, p. 75). Por sua vez, o /R/ - ou r-forte - tem diversas variantes, cada qual apresentando um ponto e um modo de articulação, podendo realizar-se como vibrante, fricativa ou aproximante. Do ponto de vista articulatorio, o r-forte é produzido

[...] pela ponta ou dorso da língua contra a arcada dentária superior ou contra os alvéolos ou, ainda, contra o véu palatino, por pequenas oclusões. A língua pode não fechar totalmente a passagem do ar, fazendo desaparecer a vibração e dando lugar a um som fricativo ou aspirado, muito comum nas línguas. Essas articulações são chamadas de *r-forte*. [...] Existe também o *retroflexo*, em que se levanta e se encurva a ponta da língua em direção à região palato-alveolar ou mesmo palatal, de realização mais rara no português (MONARETTO, 1997, p. 18).

As variantes de (r) são encontradas nas diferentes variedades do português. Cagliari (1999, p. 50) as exemplifica e indica a sua localização:

[r]	[mar]	[porko]	Português europeu
[r]	[mar]	[porko]	dialeto paulista
[ɾ]	[maɾ]	[poɾko]	dialeto paulista
[r̄]	[maɾ̄]	[poɾ̄ko]	dialeto paulista
[r̄̄]	[maɾ̄̄]	[poɾ̄̄ko]	dialeto paulista
[ɻ]	[maɻ]	[poɻko]	dialeto caipira
[x]	[max]	[porku]	dialeto carioca
[ɣ]	[kəɣda]	[moɣno]	dialeto carioca
[h]	[mah]	[pohko]	dialeto mineiro

Oliveira (1983, p. 63) aponta as variantes encontradas em seu corpus, composto por entrevistas sociolinguísticas realizadas com belo-horizontinos<sup>104</sup>:

(r)

1. Tepe alveolar;
- A fonologia 2. Vibrante múltipla alveolar;
3. Vibrante posterior articulada (velar ou uvular);
4. Fricativa velar;
5. Fricativa glotal;
6. Espirante palatal retroflexa;
7. Vogal médio-central retroflexa;

Callou, Moraes e Leite (2002, p. 464) apresentam as variantes encontradas nas amostras de fala de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, obtidas por meio de dados do Projeto Nurc:

/r/  
 vibrante apical múltipla;  
 vibrante uvular;  
 fricativa velar;  
 fricativa laríngea;  
 vibrante apical simples;  
 aproximante retroflexa;  
 zero fonético.

Hora e Wetzels (2010, p. 62) encontraram as seguintes variantes de /R/, em seu corpus de João Pessoa/PB<sup>105</sup>:

/R/  
 [r] po[r].ta, ma[r]  
 [x] po[x].ta  
 [ɾ] po[ɾ].ta  
 [h] po[h].ta  
 [j] po[j].ca  
 [w] ga[w].fo  
 [∅] ga[∅].fo, ma[∅]  
 [ʃ] a[ʃ].tis.ta

<sup>104</sup> Nos dados de Oliveira (1983) também ocorreu o apagamento de (r).

<sup>105</sup> Em Hora e Wetzels (2010), constam dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas do Projeto *Varição Linguística na Paraíba-VALPB*. Em seu estudo, os autores levaram em consideração também os contextos de /R/ em coda silábica, tanto interna quanto externa.

Oushiro (2015, p. 103), em sua pesquisa sobre a ocorrência de róticos na cidade de São Paulo<sup>106</sup>, obteve as seguintes variantes:

(-r)

Tepe/trill<sup>107</sup>;  
Aproximante retroflexa/alveolar;  
Fricativa (velar ou glotal);  
Apagamento.

As diferentes realizações dos róticos estão relacionadas a fatores tanto linguísticos – os contextos em que eles ocorrem – quanto extralinguísticos, como o sexo, a faixa etária e a escolaridade dos informantes. Entretanto, é certo que a região geográfica é de suma importância para essa variação. Segundo Hora e Wetzels (2010), as variantes de (r) estão distribuídas regionalmente, no Brasil. Esses autores, assim como Oliveira (1983); Monaretto (1997); Callou, Moraes e Leite (2002, 2013)<sup>108</sup>, Callou e Leite (2005), Brescancini e Monaretto (2008) e Oushiro (2015), apresentam diversos estudos que atestam essa diversidade.

Na posição de coda silábica interna, estas são as ocorrências das variantes, nas seguintes capitais (CALLOU, MORAES; LEITE, 2002):

- a) Porto Alegre/RS: tepe (83%), retroflexa (7%), queda/apagamento (4%), fricativa velar (3%), vibrante alveolar (2%) e aspirada/glotal (1%);
- b) São Paulo/SP: tepe (87%), retroflexa (5%), vibrante alveolar (3%), queda (2%), fricativa velar (2%) e vibrante uvular (1%);
- c) Rio de Janeiro/RJ: fricativa velar (54%), aspirada (32%), tepe (7%), vibrante uvular (4%) e queda (3%);
- d) Salvador/Bahia: fricativa velar (55%), aspirada (40%), tepe (2%), queda (2%) e vibrante uvular (1%);

<sup>106</sup> O corpus da pesquisa é constituído por 118 entrevistas sociolinguísticas constantes do Projeto SP2010. Nesse estudo, os contextos dos róticos levados em consideração são as codas interna e externa. Os resultados gerais de 68 mil dados são: tepe/trill (29,2%), aproximante retroflexa/alveolar (14,1%), fricativa velar ou glotal (0,4%) e apagamento (56,3%) (cf. OUSHIRO, 2015, p. 103; OUSHIRO; MENDES, 2014, p. 254).

<sup>107</sup> Trill é o nome em inglês para a consoante vibrante.

<sup>108</sup> Os autores apresentam e analisam dados de falantes cultos, cujas gravações constam do Projeto Norma Urbana Culta – NURC.

- e) Recife/PE: aspirada (56%), fricativa velar (38%), queda (3%), vibrante uvular (2%) e tepe (1%).

Para o contexto de coda externa, os resultados são estes, para as mesmas cidades (CALLOU, MORAES; LEITE, 2002):

- a) Porto Alegre/RS: tepe (57%), queda/apagamento (37%), retroflexa (3%), vibrante alveolar (2%) e fricativa velar (1%);
- b) São Paulo/SP: queda/apagamento (49%), tepe (41%), vibrante múltipla (7%), retroflexa (2%) e fricativa velar (1%);
- c) Rio de Janeiro/RJ: queda (47%), fricativa velar (22%), tepe (15%) e aspirada (12%) e vibrante uvular (4%);
- d) Salvador/Bahia: queda (62%), fricativa velar (18%), aspirada (18%) e tepe (10%);
- e) Recife/PE: queda (50%), aspirada (18%), fricativa velar (17%), tepe (14%) e vibrante uvular (1%).

Brescancini e Monaretto (2008, p. 55) relacionam as variantes encontradas em posição de ataque e de coda interna e externa, em cidades do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages) e Paraná (Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco), que compõem o Projeto Varsul:

- a) No ataque:
- Fricativa velar: 40%
  - Vibrante alveolar: 30%
  - Tepe: 25%
- b) Na coda:
- Tepe: 60%
  - Apagamento: 24%
  - Vibrante alveolar: 10%
  - Retroflexo: 5%
  - Fricativa velar: 1%

Os resultados acima explicitam:

- 1) a grande variação de (r), estreitamente relacionada à região geográfica dos falantes, como já mencionado;
- 2) o status fonético e fonológico de (r), derivado de sua posição na sílaba.

A primeira questão será retomada e discutida no capítulo de Análise de Dados, mas se faz importante abordar algumas questões teóricas a respeito da segunda questão. São elas:

*1 A variação de (r), de acordo com contexto em que as variantes se encontram*

Além do que já foi citado nesta seção, alguns dos autores consultados fazem referência a que o tepe e os demais róticos apenas apresentam contraste fonológico na posição intervocálica: a) no interior do vocábulo, como em ‘*caro/carro*’; e b) no final de palavra seguida por vogal, como em ‘*andar a pé*’, em que pode ocorrer um tepe ou o apagamento de (r).

Nos demais ambientes, como em ataque inicial (‘*roda*’) ou ataque no meio da palavra (‘*en.rai.ve.ci.do*’), pode dar-se qualquer uma das variantes, sem que haja mudanças de significado do termo. Em posição de coda silábica, especialmente a coda em final de verbos, pode ocorrer o apagamento de (r). O apagamento, devido às suas peculiaridades, será abordado no tópico a seguir.

*2 O apagamento de (r)*

O apagamento de (r), muito comum no português brasileiro atual, também ocorria no português arcaico, segundo Oliveira (1983, p. 76): “No Português Antigo havia formas como: *cossairo* em vez de *corsário*, *vesso* em vez de *verso*, *osso* em vez de *urso*, conforme relatado por Lima Coutinho (1954). Observe que em todos esses casos há uma consoante [s] seguindo ‘r’”<sup>109</sup>. No capítulo de Análise dos Dados, quanto aos resultados de São Bento de Urânia, essa afirmação será retomada e analisada.

O apagamento em final de verbos no português também pode ser observado no século XVI, nas obras de Gil Vicente, em que aparecem registradas formas como ‘*cassá*’, por ‘*casar*’; ‘*trazee*’, por ‘*trazer*’; ‘*queree*’, por ‘*querer*’; ‘*falaa*’, por ‘*falar*’. Por outro lado,

---

<sup>109</sup> No original: “Old Portuguese there were forms like: *cossairo* instead of *corsário* 'corsair', *vesso* instead of *verso* 'verse', *osso* instead of *urso* 'bear', as reported by Lima Coutinho (1954). Notice that in all these cases there is a following [s]” (OLIVEIRA, 1983, p. 76). Esta e todas as traduções constantes desta tese são desta autora.

nos finais de nomes, o (r) era sempre grafado, como em ‘amor’, ‘labor’ e ‘moyer’ (mulher) (cf. OLIVEIRA, 1983, p. 78-80).

Oliveira (1983), fazendo referência a diferentes autores, afirma que o apagamento também se verifica em crioulos de base lexical portuguesa, como o de Malaca, Damao, Bombay, Macau e Cabo Verde. O autor cita Leite de Vasconcellos (1970 [1901])<sup>110</sup>, que aponta alguns casos de apagamento no crioulo de Malaca, como ‘fazê’, ‘mulhe’ e ‘lugá’. O que se diz aqui evidencia que o processo de apagamento não é recente, nem está circunscrito ao Brasil.

Quanto ao Português do Brasil, Oliveira (1983) afirma que os casos de apagamento de (r) em coda final de vocábulos é mais comum que na posição de coda interna. Exemplos de apagamento em coda interna reportados pelo autor são: de Chaves de Mello (1976)<sup>111</sup>: Albuquerque; de Cândido Jucá Filho (1937)<sup>112</sup>: ‘ca(r)naval’ e ‘ma(r)melada’; de Marroquim (1945)<sup>113</sup>: ‘su(r)presa.

Exemplos de apagamento de (r) em coda externa são os de Leite de Vasconcellos (1970): ‘flô’, ‘muyé’, ‘ardê’, ‘botá’; e Silva Neto (s/d)<sup>114</sup>, citando uma publicação de 1819: ‘mió’ e ‘cuié’. Segundo os autores consultados por Oliveira (1983), o apagamento de (r) em coda se verificava na linguagem das pessoas com pouca ou nenhuma escolarização: “De acordo com Cunha (1968: 76), o apagamento de -r era, na década de 1940, uma característica dos grupos socioeconomicamente mais baixos<sup>115</sup>” (OLIVEIRA, 1983, p. 91).

Oliveira (1983, p. 93) resume o que afirmou acerca do apagamento de (r):

- a) “é muito mais frequente e saliente em posição final de palavra do que em posição interna;
- b) a ausência de (r) em final de palavras é mais comum em verbos do que em não-verbos;

---

<sup>110</sup> VASCONCELLOS, José Leite de. **Esquisse d'une Dialectologie Portugaise**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970 [1901].

<sup>111</sup> MELLO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.

<sup>112</sup> JUCA-FILHO, Cândido. **Língua nacional**. Rio de Janeiro: Grafica Apollo, 1937.

<sup>113</sup> MARROQUIM, Mario. **A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)**. Companhia Editora Nacional, 1945.

<sup>114</sup> SILVA NETO, Serafim. **Capítulos de história da Língua Portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, s/d.

<sup>115</sup> No original: “According to Cunha (1968:76), final -r deletion was, in the 40's, a characteristic of the lowest socioeconomic groups” (OLIVEIRA, 1983, p. 91).

- c) segundo alguns relatos, o apagamento de (r) estava relacionado a falantes da classe baixa e era considerado um vulgarismo;
- d) o apagamento é um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico”<sup>116</sup>.

Do exposto, observa-se que o cancelamento de (r) está relacionado a fatores linguísticos e extralinguísticos. De acordo com Oliveira (1983), um desses fatores seria a característica morfofonêmica de (r), pois o apagamento ocorre mais quando se trata de desinência de infinitivo dos verbos. Segundo Callou e Leite (2005), outros fatores que favorecem o apagamento de (r) é a simplificação da estrutura silábica e a força articulatória mais débil do segmento em posição de coda:

A consoante implosiva [a que ocorre após o núcleo da sílaba] é débil por sua natureza e favorece um relaxamento máximo. Haveria então duas forças a atuar: uma articulatória e outra silábica, que leva a aumentar o desequilíbrio ou assimetria que constitui uma lei fundamental da sílaba: reforço da explosão e debilitação da implosão silábica (CALLOU; LEITE, 2005, p. 78).

A estrutura silábica do português e a força articulatória dos segmentos na sílaba também são as razões dadas por Callou, Moraes e Leite (2013) para o não apagamento de (r) em posição de ataque silábico: nesta situação, o apagamento de (r) levaria uma sílaba CV a transformar-se em V, apenas: “Em *onset* o apagamento conduz ao padrão V e à possibilidade de encadeamento de várias vogais, o que não é, de um modo geral, desejável nas línguas” (CALLOU, MORAES, LEITE, 2002, p. 485). Ainda de acordo com esses autores, o cancelamento de (r) antes da vogal contrariaria o Princípio de Sequenciamento da Sonoridade, que estipula um aumento da sonoridade do ataque em direção ao núcleo da sílaba e uma diminuição da sonoridade do núcleo para a coda.

---

<sup>116</sup> No original, acerca do resumo feito pelo autor sobre o apagamento de (r): “a- It is much more frequent and salient in word final position than in word internal position. b- The absence of word final (r) is more common in verbs than in non-verbs. c- According to some of the reports, (r) deletion was related to lower class speakers and considered a vulgarism. d- (r) deletion is a variable process, subject to phonological conditioning” (OLIVEIRA, 1983, p. 93).

### 5.3.1 A posteriorização de (r)

Relacionado ao cancelamento de (r) em posição de coda está o processo de esse segmento passar a ser articulado na parte posterior do trato vocal. Se, no latim, apenas existia o *tepe*, atualmente, no português brasileiro, ocorrem tanto as variantes anteriores quanto as posteriores. O processo de posteriorização se deu não somente no português. De acordo com Monaretto (1997),

Observa-se um processo de mudança da vibrante com a passagem da articulação anterior para a posterior, [...] no francês, no alemão, no sul da Suécia, na Holanda, no dinamarquês, no norueguês, em Turim, norte da Itália, no português e em algumas regiões de língua espanhola da América. Esse fenômeno parece representar uma tendência universal (MONARETTO 1997, p. 19).

No Português do Brasil, a mudança das articulações anteriores para as posteriores de (r) foram atestadas no final do século XIX, sendo julgadas, à época, como uma pronúncia estigmatizada (CALLOU; LEITE, 2005). Callou, Moraes e Leite (2013, p. 176) apontam como possivelmente teria se dado esse processo:

$$r \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$$

Os autores discutem possíveis causas para a posteriorização da pronúncia de (r); por exemplo, um processo de enfraquecimento. Segundo Callou, Moraes e Leite (2013),

O processo de enfraquecimento é geralmente tratado em termos de uma escala de força estabelecida com base em graus de abertura do trato vocal, que provocariam um decréscimo gradual da resistência à saída da corrente de ar: quanto menor a resistência, maior a sonoridade do segmento. A escala de força parte dos sons para cuja produção há um maior obstáculo, portanto, os de menor sonoridade. Essa resistência vai diminuindo gradativamente – a sonoridade aumentando – até seu apagamento (CALLOU; MORAES; LEITE, 2013, p. 184)

A hierarquia de força a que se referem os autores se traduz por esta escala de sonoridade (CALLOU; MORAES; LEITE, 2013, p. 184):

Oclusiva > fricativa > nasal > líquida > aspiração > zero

Na escala acima, as oclusivas são os segmentos mais fortes e com o menor grau de sonoridade; à medida que a escala avança para a direita, os segmentos tornam-se mais fracos e mais sonoros até ser atingido o cancelamento (o zero).

Com relação ao processo de cancelamento de (r) em posição de coda, entretanto, os autores apontam um problema com respeito à escala acima, tendo em vista que a passagem de [r] → [x] não consiste em um enfraquecimento, pelo contrário, pois [r], sendo líquida, está em uma posição mais baixa na hierarquia que a fricativa [x]. Assim, se a hipótese de enfraquecimento se verifica, por que se fortalece um som para depois enfraquecê-lo – e até apagá-lo?<sup>117</sup>

A resposta a essa pergunta e a explicação da posteriorização de (r), segundo Callou, Moraes e Leite (2013), estão no Princípio do Sequenciamento da Sonoridade e na Escala de Sonoridade, proposta por Clements e Hume, como consta no quadro a seguir.

Quadro 5.8 — Escala de sonoridade de Clements e Hume (1995)

	[soante]	[aproximante]	[vocoide]	Escala de sonoridade
Obstruente	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vocoide	+	+	+	3

Fonte: Callou, Moraes e Leite (2013, p. 186).

De acordo com os autores, “o enfraquecimento de /r/ pode ser visto como uma tendência a tornar maior a distância entre a sonoridade do núcleo para a coda. É exatamente o que se está fazendo ao se optar por uma fricativa: o decréscimo núcleo/coda, se coda for a líquida, é apenas 1, já, se a coda for uma fricativa, o decréscimo é 3” (CALLOU, MORAES, LEITE, 2013, p. 186). Portanto, se o objetivo for o decréscimo da sonoridade do núcleo para a coda, tanto faz escolher-se a velar ou a glotal, já que ambas são fricativas. Explica-se, dessa forma, a posteriorização de (r), embora os autores afirmem que “fica sem uma explicação a realização posteriorizada das fricativas em detrimento de um ponto de articulação [+anterior]” (idem, ibidem).

<sup>117</sup> Os autores perguntam ainda se é possível pular etapas nesse processo; por exemplo, passar-se diretamente de uma variante [r] para zero. A resposta parece ser afirmativa, ao se pensar nos dados de São Paulo e de Porto Alegre, onde a posteriorização de (r) está no início. Nessas localidades, o número de ocorrência das consoantes posteriores é bastante baixo, mas o apagamento em coda final é alto. Este tema será retomado no capítulo de Análise dos Dados desta tese, pois o que sucede nessas cidades também acontece em São Bento de Urânia, Espírito Santo.

Por sua vez, Oliveira (1983), com base em sua amostra de dados de fala, afirma que existe uma tendência de eliminação das consoantes líquidas no português. Daí a articulação dos róticos passar da parte anterior para a parte posterior da boca.

Resumindo o que foi exposto acerca da posteriorização e do cancelamento de (r) em coda silábica, tem-se que:

- a) “Há evidências para se afirmar que, no final do século XIX, ocorreram pelo menos duas modificações fonéticas que afetaram as líquidas não-laterais em Portugal:
  1. um perceptível caráter fricativo na realização do fonema /rr/;
  2. um processo pelo qual a vibrante anterior foi substituída por uma vibrante posterior [...]”<sup>118</sup> (OLIVEIRA, 1983, p. 83);
- b) É preciso distinguir verbos e não-verbos, quando se pensa no cancelamento de (r) em posição de coda silábica, bem como distinguir a ocorrência de (r) no interior e no final da palavra, pois as variantes são distintas, assim como os fatores que favorecem sua ocorrência (OLIVEIRA, 1983; CALLOU, MORAES, LEITE, 2002, 2013);
- c) “O chamado processo de enfraquecimento pode ser traduzido como uma tendência a aumentar a distância na escala de sonoridade entre *núcleo* e *coda*” (CALLOU, MORAES, LEITE, 2002, p. 487; 2013, p. 187);
- d) Para Oliveira (1983), a posteriorização de (r) é mais uma evidência de que os segmentos líquidos estão sendo eliminados, no português;
- e) A variação de (r) e seu grau de cancelamento, em posição de coda, se dão de acordo com as diferentes regiões geográficas do Brasil (CALLOU, MORAES, LEITE, 2002, 2013).

Trazer aqui essas informações faz-se útil, quando se pensa nas origens da variação e da mudança, com respeito ao (r). Há ainda uma última questão apontada pelos autores lidos que é necessário abordar nesta seção, pois será importante para a análise dos dados desta tese.

### **5.3.2 Processos envolvendo o (r) - explicação de natureza neogramática vs. Difusionista**

Os processos envolvendo o (r) são mais bem explicados pela análise neogramática ou pela difusionista? Conforme aponta Oliveira (1997), a discussão entre uma e outra

---

<sup>118</sup> No original: “a- There is evidence to say that by the end of the 19th Century there were at least two phonetic modifications affecting non-lateral liquids in Portugal:

1. a noticeable fricative character in the realization of the phoneme /rr/; 2. a process by which the front articulated trill was replaced by a back articulated trill (cf. Gonçalves Vianna (1903) (OLIVEIRA, 1983, p. 82).

posição envolve o papel do léxico nas mudanças sonoras. Segundo esse autor, tanto os teóricos neogramáticos não ignoram a importância dos itens lexicais quanto os difusionistas não ignoram a importância do ambiente fonético, para a efetivação desse tipo de mudança:

Embora as análises de inclinação neogramática privilegiem o efeito fonético na implementação de uma mudança sonora, enquanto que as análises de inclinação difusionista privilegiam um controle lexical, não podemos dizer que nenhuma análise séria, independentemente de seu sabor neogramático ou difusionista, ignore as razões do modelo oposto. Por exemplo, por mais neogramática que seja a análise, ninguém irá dizer, seriamente, que todas as palavras de uma determinada classe de palavras tenham sido alteradas ao mesmo tempo por uma regra do tipo

$$X \rightarrow Y / \text{_____} Z$$

Do mesmo modo, por mais difusionista que seja uma análise, não há como ignorar que certas 'coincidências' fonéticas sejam coincidentes demais para serem ignoradas (OLIVEIRA, 1997, p. 35).

Dessa forma, segundo Oliveira (1997), a divergência entre os partidários de cada uma dessas duas correntes teóricas está no controlador principal e no secundário da mudança: para os neogramáticos, o controlador principal é o som e o secundário, a palavra; para os difusionistas, ocorre o inverso. O autor deixa clara a sua posição quanto a este tema:

Estou assumindo, neste trabalho, um modelo idêntico, em essência, àquele proposto por Chen & Wang (1975): a mola mestra de uma mudança sonora deve ser buscada nos dispositivos fisiológicos e perceptuais dos falantes, enquanto que sua implementação se dá por difusão lexical.

Assumi, portanto, que cada som é uma mudança em potencial, pelas suas propriedades individuais. Estas propriedades são de natureza fisiológica e perceptual. Assim sendo, teremos sons mais propensos do que outros às mudanças. Uma vez concretizada uma mudança, ela se implementará lexicalmente (OLIVEIRA, 1997, p. 35-36).

Oliveira (1997) comprova sua tese quanto à prevalência da análise difusionista ao estudar o cancelamento de (r) final em nomes e verbos em um corpus de Belo Horizonte/MG. A partir de seus resultados com relação aos nomes<sup>119</sup>, o autor afirma que:

a) não são necessariamente as palavras mais frequentes que serão mais atingidas por um processo fonológico;

---

<sup>119</sup> Quanto ao cancelamento de (r) em final de verbos, os dados de Oliveira (1997) indicam que se trata de um processo quase categórico (95,4% do total). Daí o Programa Varbrul não ter selecionado nenhum fator como favorecedor para o apagamento. Dessa forma, o autor afirma que fenômenos muito antigos "podem acabar apresentando, ao seu final, uma 'regularidade' neogramática" (idem, p.39).

b) o papel do indivíduo, no processo em questão, se mostrou mais significativo do que o papel do grupo;

c) os dados revelam que o apagamento de (r) final nos nomes está sendo implementado lexicalmente.

Em trabalhos posteriores (OLIVEIRA, 2014, 2015, 2018a), a partir dos resultados encontrados principalmente quanto à realização variável das vogais médias pretônicas em Belo Horizonte, o autor constata que as explicações difusionistas para as mudanças sonoras são mais adequadas que as neogramáticas.

Por sua vez, Callou, Moraes e Leite (2002), com base em dados de (r) em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, afirmam que os resultados encontrados não confirmam categoricamente nenhum dos dois modelos em sua hipótese mais radical (cf. CALLOU; MORAES; LEITE, 2002, p. 482). Assim, para os autores, restaria investigar “se o(s) processo(s) de mudança é(são) de natureza neogramática ou difusionista” (CALLOU; MORAES; LEITE, 2002, p. 487; 2013, p. 187).

Faz-se importante trazer para este estudo a discussão sobre as hipóteses neogramáticas e difusionistas, haja vista os resultados de São Bento de Urânia. Por se tratar de uma comunidade pequena e afastada dos centros urbanos e de os entrevistados serem bilíngues, os dados que a linguagem da comunidade aporta podem trazer luz aos estudos não somente do (r), mas de contatos linguísticos de modo geral.

Neste capítulo, foram apresentados alguns dos componentes do sistema fonético-fonológico do português. No próximo, apresentam-se os sistemas sonoros do Vêneto e do Talian, para que se possa compreender melhor o português de contato, objeto desta tese.

## **6 O VÊNETO E O TALIAN**

Neste capítulo, faz-se uma apresentação dos aspectos históricos e socioculturais do Talian, bem como o sistema fonético-fonológico dessa língua. Antes, porém, faz-se importante descrever, mesmo que resumidamente, o mesmo sistema para o vênето, haja vista que a base do Talian em São Bento de Urânia são as variedades vênéticas. O Talian, por sua vez, “é o resultado da mistura dos dialetos vênето, lombardo e trentino, somados a empréstimos lexicais e também morfossintáticos do português brasileiro regional” (RIBEIRO; MAGGIO, 2019, p. 75). Primeiramente, será focado o sistema sonoro do vênето; em seguida, enfoca-se o Talian.

### **6.1 O Vênето**

O que se denomina nesta tese como vênето é, de fato, um conjunto de variedades faladas na região do Vênето, no norte da Itália. A seguir, apresenta-se um mapa da região do Vênето, com suas províncias.

Figura 6.1 — Mapa da região do Vêneto, Itália



Fonte: Tour na Itália<sup>120</sup>.

Frosi e Mioranza (2013, p. 88), com base em estudos do Prof. Giovan Battista Pelegrini (1977)<sup>121</sup>, apresentam as línguas<sup>122</sup> do Norte da Itália:

- a) Galo-italico e vêneto (ou ‘cisalpino’);
- b) Friulano;
- c) Ladino central.

Do galo-italico e vêneto, as variedades apresentadas são o lígure, o piemontês, o lombardo, o emiliano e o vêneto. Este último está assim dividido, segundo Frosi e Mioranza (2013, p. 89)<sup>123</sup>:

<sup>120</sup> Disponível em: <https://tournaitalia.com/15-curiosidades-sobre-o-veneto/>. Acesso em: 06 set. 2023.

<sup>121</sup> PELLEGRINI, Giovan Battista. **Carta dei dialetti d'Italia**; profilo dei dialetti italiani. Manlio CORTELAZZO, Ed. Pisa, Pacini, 1977.

<sup>122</sup> O termo usado originalmente por Frosi e Mioranza é *dialetto*. Nesta tese, optou-se pelo termo *língua*, sabendo-se que se trata de um sistema linguístico que serve à comunicação de seus usuários.

<sup>123</sup> Outra divisão do vêneto, apresentada por Frosi e Mioranza (2013), é de autoria de Tagliavini (1972), assim especificada: a) veneziano; b) veronês; c) vicentino-paduano-polesano; d) trevisano; e) feltrino-

- i) Veneziano e lagunar, compreendendo a Província de Veneza;
- ii) Meridional ou paduano-vicentino-polesano, compreendendo Pádua, Vicenza e Rovigo. Esta variedade, especificamente o paduano/padovano, é considerada o vêneto standard moderno, na Itália atualmente (cf. PANIZ, 2006, p. 45)<sup>124</sup>;
- iii) Centro-setentrional ou trevisano-feltrino-belunês, correspondendo às províncias de Treviso e Belluno;
- iv) Veronês, da província de Verona;
- v) Triestino-juliano, correspondendo a Trieste;
- vi) Trentino-oriental, compreendendo a parte oriental de Trento com variedades de caracterização vêneta.

Para delimitar as variedades vênetas que interessam a esta tese, veja-se o Quadro 3.7, repetido a seguir, que indica a procedência das primeiras famílias de São Bento de Urânia.

Quadro 6.1 — Procedência de famílias do distrito de São Bento de Urânia

FAMÍLIA	ORIGEM	DATA DA CHEGADA AO ESPÍRITO SANTO
Busato	Creazzo, Vicenza, Vêneto	05/12/1892
De Nadai	Treviso, Vêneto	09/08/1888; 28/12/1888
Gava	Cappella Maggiore, Treviso, Vêneto	13/06/1877
Lorenzon	Refrontolo, Treviso, Vêneto	05/12/1888
Mazzocco	Quero, Belluno, Vêneto	31/03/1895
Mognol	Farra D'Alpago, Belluno, Vêneto	06/12/1894
Peterle	Farra D'Alpago, Belluno, Vêneto	08/05/1892
Pianzola	Alessandria, Alexandria, Piemonte	06/12/1894
Zechini	Verona, Vêneto	28/02/1889

Fonte: A autora (2023), com base em Vilaça (2010) e Franceschetto (2014).

Portanto, das línguas e variedades listadas por Frosi e Mioranza (2013), aquelas que influenciaram o português falado em São Bento de Urânia são as variedades vênetas de Beluno, Treviso, Verona e Vicenza. Quanto ao piemontês, falado por uma família de São Bento de Urânia, crê-se que, em meio ao constante contato com vizinhos provenientes do

---

belunês; g) triestino e vêneto-juliano. Entretanto, Frosi e Mioranza (2013) levam em consideração a classificação de Pellegrini (1977). A obra de Carlo Tavagliani intitula-se “Le origini delle lingue neolatine; introduzione allá filologia romanza”, cuja segunda edição foi publicada pela editora Pàtron, de Bologna, em 1972.

<sup>124</sup> Informação prestada a Paniz pelo Prof. Dr. Luciano Canepari, da Università Ca' Foscari Venezia (PANIZ, 2006, p. 45).

Vêneto, os imigrantes do Piemonte tenham substituído a sua língua pelo vêneto, falado pela maioria.

De acordo com Frosi e Mioranza (2013), baseados em Zamboni (1974, p. 10, 36, 46, 52, 78) e Trumper (1977, p. 269-270), o sistema fonético-fonológico em todas as variedades vênetas é constituído por 18 fonemas consonantais, sete fonemas vocálicos em posição tónica, cinco em posição átona medial e quatro em posição átona final de palavra:

- 1) Em posição tónica<sup>125</sup>, as vogais vênetas são: /i, e, ε, a, ɔ, o, u/;
- 2) Em posição átona medial, há: /i, e, a, o, u/;
- 3) Em posição átona final de palavra, as vogais são: /i, e, a, o/.

Observa-se, assim, que as vogais vênetas são as mesmas que as do português, em contexto tónico e, nas posições átonas, o vêneto compartilha as vogais de algumas variedades do português, conforme os quadros apresentados no capítulo anterior, dedicado ao sistema fonético-fonológico do português. Quanto às semivogais [ɨ] e [ʉ], elas estão presentes em todas as variedades vênetas, ao passo que também existe, na variedade paduano-vicentino-polesano, uma semivogal [ɛ̞].

Alguns aspectos fonético-fonológicos das vogais vênetas são apresentados por Frosi e Mioranza (2013, p. 91):

- 1) Nas variedades de Verona e Beluno, há a presença das vogais arredondadas palatais [ö, ü], por influência do lombardo e do ladino;
- 2) As vogais átonas finais [e, o] sofrem queda depois da consoante [n], na variedade paduano-vicentino-polesano; são suprimidas depois de [r, l], no veronês; e são suprimidas depois de qualquer consoante, na variedade trevisano-feltrino-belunês;
- 3) a metafonia de [e] e de [o] por influência de [i] seguinte acarreta a transformação de e > i e de o > u, na variedade paduano-vicentino-polesano;
- 4) o ditongo [ɨe] é comum a todas as variedades vênetas, com exceção do veronês.

---

<sup>125</sup> Em Frosi e Mioranza (2013), é empregado o sistema de transcrição fonética adotado por filólogos brasileiros e portugueses presentes ao I Congresso Brasileiro de Dialetologia, que ocorreu em setembro de 1958, em Porto Alegre (RS). Frosi e Mioranza (2013) acrescentaram ainda outros sinais, para melhor representar a linguagem da Região de Colonização Italiana estudada. Os diacríticos usados pelos autores são, em parte, os utilizados por Néelson Rossi, no Atlas Prévio dos Falares Baianos (cf. FROSI; MIORANZA, 2013, p. 07). Neste capítulo, os símbolos utilizados para os fonemas e fones do vêneto e do Talian serão os do IPA, acordes com os empregados para representar os fonemas e fones do português.

Com relação às consoantes, o Quadro a seguir, de Frosi e Mioranza (2013), apresenta os pontos e modos de articulação das consoantes vênetas<sup>126</sup>.

Quadro 6.2 — Fonemas consonantais do Vêneto

		Bilabiais	Labiodentais	Interdentais	Alveodentais	Palatais	Velares
Oclusivas	Surdas	p			t		k
	Sonoras	b			d		g
Africadas	Surdas					tʃ	
	Sonoras					dʒ	
Nasais		m			n		
Fricativas	Surdas		f	θ	s		
	sonoras		v		z		
Líquidas	Vibrante				r		
	Lateral				l		

Fonte: Frosi; Mioranza (2013, p. 92).

Paniz (2006) descreve as consoantes vênetas enfocando as variedades padovano-vicentino-polesana e trevisano-feltrino-belunesa.

Quadro 6.3 — Sistema consonantal padovano-vicentino-polesano

	Bilabial		Dental/ Interdental		Alveolar		Palatal	Velar	
Plosiva	p	b	t	d				k	g
Fricativa	ɸ	β	θ		s	z			
Nasal		m				n	ɲ		
Líquida lateral						l			
Líquida vibrante						r			

Fonte: Paniz (2006, p. 45, Quadro 04).

Quadro 6.4 — Sistema consonantal do grupo trevisano-feltrino-belunês

	Bilabial		Labiodental	Dental/ Interdental		Alveolar		Palatal	Velar
Plosiva	p	b		t	d				k g
Fricativa			f v	θ	ð	s	z		
Africada								tʃ dʒ	
Nasal		m					n	ɲ	
Líquida lateral							l		
Líquida vibrante							r		

Fonte: Paniz (2006, p. 46, Quadro 05).

<sup>126</sup> Agradece-se ao estudante do curso de Letras-Português da Ufes Alberto Moretto, falante nativo de Vêneto, pelas explicações adicionais sobre o sistema consonantal dessa língua.

Paniz (2006, p. 47-48) faz um cruzamento dos dois últimos Quadros e aponta os fonemas consonantais comuns ao grupo padovano-vicentino-polesano e trevisano-feltrino-belunês:

As plosivas/oclusivas labiais: /p/ /b/

As plosivas/oclusivas dentais: /t/ /d/

As plosivas/oclusivas velares: /k/ /g/

A fricativa dental surda: /θ/

As fricativas alveolares: /s/ /z/

A nasal bilabial: /m/

A nasal alveolar: /n/

A nasal palatal: /ɲ/

A líquida lateral: /l/

A líquida vibrante: /r/

Por outro lado, as consoantes não compartilhadas pelos dois grupos de vêneto são (cf. PANIZ, 2006, p. 47):

- i) Fazem parte somente do grupo Padovano-Vicentino-Polesano:  
As fricativas bilabiais: [ɸ] e [β]
- ii) Fazem parte apenas do grupo Trevisano-Feltrino-Belunês:  
As fricativas labiodentais: [f] e [v]  
A fricativa dental (interdental) sonora: [ð]  
As africadas palatais: [tʃ] e [dʒ]

Quanto ao objeto deste estudo, em todos os três quadros apresentados, consta o tepe como a única consoante vibrante. Entretanto, há outras variantes, no Vêneto, embora raras e limitadas territorialmente, como informa o Manual de Grafia Veneta (cf. GRAFIA VENETA UNITARIA, 1995).

Frosi e Mioranza (2013) fazem alguns apontamentos sobre as consoantes vênetas:

- a) A fricativa interdental surda [θ] é uma característica importante de todas as variedades vênetas e sofre variação diatópica: nas zonas rurais, a consoante é interdental, mas, nas zonas urbanas, ela é produzida como alveopalatal;
- b) O sistema consonantal vêneto conta com a fricativa interdental sonora, [ð], mas esta é um alofone da consoante alveodental sonora;
- c) A consoante oclusiva velar sonora, [g], é realizada como fricativa em contexto intervocálico;
- d) A fricativa bilabial surda, [ɸ], e a sua homorgânica sonora, [β], correspondem a alofones de /p/ e /b/, respectivamente;
- e) No vêneto não há consoantes geminadas, como no italiano;
- f) Ocorre uma velarização acentuada da consoante nasal [n] em final de sílaba medial ou em final de palavra;
- g) No feltrino-belunês, em final de palavra, [m] é substituído por [n];
- h) A variedade trevisano-feltrino-belunesa apresenta os finais de palavras terminados por consoante, devido à queda de vogais átonas distintas de /a/. Também em final de palavra desaparece a oposição entre consoante surda e sonora;
- i) A consoante interdental sonora, [ð], é realizada como tal em contexto intervocálico, na variedade trevisano-feltrino-belunês, estabelecendo a oposição entre ela e a contraparte surda, [θ]; entretanto, em final de palavra, devido à neutralização entre consoantes surdas e sonoras, ocorre sempre a oclusiva surda [t] (cf. FROSI; MIORANZA, 2013, p. 92);
- j) No veronês, existe a tendência de a semivogal [ɹ] substituir a africada surda, [tʃ], ao passo que todas as variedades vênetas substituem [dʒ] pela semivogal [ɹ];
- k) Também no veronês, ocorre a queda da consoante fricativa labiodental sonora, [v], em contexto inicial de palavra e em posição intervocálica. Este fenômeno também incide nas outras variedades, mas com menos frequência.

Finalizando esta seção, é preciso informar que, no português falado atualmente pelos moradores de São Bento de Urânia, independentemente de sua procedência quanto à região do Vêneto, idade e sexo, não é observada a ocorrência das fricativas bilabiais [ɸ] e [β] e das fricativas dentais [θ] e [ð].

Por outro lado, na linguagem dos moradores do distrito, não se observa a falta de nenhum fonema consonantal do português, apesar da atuação dos processos fonológicos do

Vêneto e do Talian, como a tendência à não palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/, por exemplo. Entretanto, espera-se que o sistema fonético-fonológico do vêneto tenha influenciado fortemente o Talian falado em São Bento de Urânia. Esse é o tema da próxima seção.

## 6.2 O Talian

Nesta seção, apresentam-se os aspectos socioculturais, a regulamentação e a estrutura sonora básica do Talian.

### 6.2.1 Aspectos socioculturais do Talian<sup>127</sup>

O Talian é o resultado natural da necessidade de comunicação entre imigrantes originários de diferentes localidades da Itália, especialmente do Norte<sup>128</sup>. Trata-se da confluência de distintas variedades linguísticas do Norte da Itália que entraram em contato com o português, tendo este último influenciado sua estrutura gramatical e, principalmente, seu léxico (LOREGIAN-PENKAL; STIVAL-SOARES, 2020), emprestando ao Talian termos referentes à realidade brasileira, como a flora, fauna, objetos, comércio etc.

O Talian apresenta notável vitalidade no Sul do país, especialmente Rio Grande do Sul<sup>129</sup> e Paraná<sup>130</sup>, sendo falado cotidianamente no trabalho, universidade, televisão, rádio,

---

<sup>127</sup> Para um histórico a respeito da origem do termo *Talian*, no Brasil e nas regiões setentrionais da Itália, cf. Ribeiro; Maggio, 2019).

<sup>128</sup> Por sua origem e suas características, o Talian é designado, por alguns dos autores consultados, pelos termos de *coiné* ou *coiné vêneto*. É também denominado por *italiano*, *dialeto*, *dialeto vêneto*, *vêneto* e *vêneto-brasileiro* (LOREGIAN-PENKAL; STIVAL-SOARES, 2020, p. 825). Os falantes residentes no Espírito Santo também adotam alguns desses termos, como *italiano* e *dialeto*.

<sup>129</sup> No Rio Grande do Sul, “os dialetos italianos subsistem ainda hoje como meio de comunicação linguística, sendo acentuada a sua utilização na área rural e bastante restrita nos centros urbanos maiores” (FROSI; MIORANZA, 2013, p. 109).

<sup>130</sup> A manutenção do Talian no Paraná é atestada em Campo Largo (LOREGIAN-PENKAL; STIVAL-SOARES, 2020), em Santa Felicidade, um bairro de Curitiba, e em Colombo (LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2021). Trata-se de comunidades formadas majoritariamente por imigrantes vênetos, especialmente de Treviso e Vicenza.

produções teatrais, musicais, artigos de jornal, festas, jogos e nas orações durante as missas (cf. FROSI; MIORANZA, 2013, p. 109-111; MORELLO, 2015b; RIBEIRO; MAGGIO, 2019, p. 75-76; LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2021, p. 06).

O Talian, que nasceu como língua oral, apenas, ganhou a forma escrita em 1924, com a publicação do livro de literatura *Vita e storia di Nanetto Pipetta, nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la cucagna*, de Aquiles Bernardi. Anos depois, a escrita se consolida com o surgimento do Clube de Editores do Talian do Rio Grande do Sul, em 1989; com o Primeiro Encontro da Imprensa Vêneta do Brasil, em 1993, quando é criada uma Comissão de Estudos para a unificação do Talian; e com os lançamentos, em 1996, do Vocabulário Vêneto-Português e, mais tarde, do Dicionário Vêneto Rio-grandense-Português, por Alberto Stravinski (cf. MORELLO, 2015a, p. 57-58).

Também dignas de nota são as produções de Darcy Loss Luzzatto, que, entre outras obras, publica o Dicionário Português-Talian, cuja segunda edição data de 2015; e *Talian par Cei e Grandi*; gramática e stòria, organizada por Dal Castel, Loregian-Penkal e Tonus, publicada em 2021 (LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2021). Atualmente, também Grupos de Pesquisa atuam para salvaguardar e promover o Talian, como o CEVEP – Centro de Estudos Vênetos no Paraná –, criado em 2018 com vistas ao estudo e ao fortalecimento da língua Talian naquele estado. O CEVEP congrega pesquisadores de diferentes áreas e instituições, como o Museu Municipal Cristòforo Colombo, a Associazione Veneti nel Mondo, a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a Unicentro - Paraná, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (LOREGIAN-PENKAL; STIVAL-SOARES, 2020).

As atividades do CEVEP constam de encontros com as comunidades para que se fale a língua, realização de palestras e congressos, montagem de acervo de documentos históricos e de bancos de dados de fala<sup>131</sup> e de escrita em Talian, produção de material didático<sup>132</sup>, elaboração de glossários para o registro da variação linguística nas

---

<sup>131</sup> Segundo Loregian-Penkal; Stival-Soares (2020, p. 828), em 2020 o Grupo contava com “40 entrevistas realizadas em Santa Felicidade; 32 em Colombo e 04 entrevistas em Campo Largo. A equipe objetiva coletar de 30 a 50 entrevistas em cada comunidade pesquisada e os falantes são estratificados pelas variáveis sexo e etnia”

<sup>132</sup> Para maiores informações sobre a atuação do CEVEP no campo educacional, especificamente sobre a elaboração e aplicação de material didático para o ensino do Talian, cf. Balthazar e Perin-Santos (2020), disponível em <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/76820>. Acesso em: 22 jan. 2023.

comunidades de falantes etc. (LOREGIAN-PENKAL; STIVAL-SOARES, 2020; LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2021).

No Espírito Santo, os vários municípios que receberam imigrantes italianos congregam entidades e grupos culturais que se organizam para celebrar, a cada ano, a chegada, a luta, as conquistas e o legado dos antepassados. Uma delas é a Associação Federativa Comunità Italiana do Espírito Santo, ou COMUNITÀ-ES, uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1º outubro de 1999, que reúne descendentes de imigrantes italianos e/ou simpatizantes das tradições italianas no estado. Seus principais objetivos são: i) desenvolver ações e projetos que promovam os interesses sociais e culturais da comunidade italiana do Espírito Santo; e ii) promover a integração das entidades italianas, formais e informais, dos diversos segmentos da comunidade ítalo-capixaba, do Estado Italiano e ainda com as congêneres do Brasil.

### ***6.2.2 A regulamentação do Talian***

De sua modalidade estritamente oral até ganhar sua forma escrita e de língua usada normalmente nas interações, nas antigas colônias do Sul do país, até o seu reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira pelo IPHAN/MinC, em 2014 (LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2021), os avanços políticos do Talian são especialmente relevantes.

As primeiras tentativas de reconhecimento do Talian como um patrimônio imaterial brasileiro abriram caminho para que fosse instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), por meio do Decreto Federal nº 7.387, de 09/12/2010 (Anexo 3). O Talian foi a primeira língua escolhida pelo IPHAN a ser inventariada. Seguiram-lhe duas outras línguas – o Guarani Mbya e o Assurini –, que, juntamente com o Talian, receberam o Certificado de Referência Cultural Brasileira, em 2014, durante o I Seminário Iberoamericano da Diversidade Linguística, realizado em Foz do Iguaçu (MORELLO, 2015a).

Em âmbito estadual, Rio Grande do Sul e Santa Catarina reconheceram o Talian como patrimônio histórico e cultural em 2009, cabendo ao município de Serafina Corrêa (RS)

o pioneirismo na cooficialização do Talian, por meio da Lei Municipal nº 2615, de 13/11/2009. De acordo com dados do Ipol de outubro de 2022, o Talian é cooficializado em 18 municípios<sup>133</sup> de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

### 6.2.3 A(s) estrutura(s) sonora(s) do Talian

Nesta tese, busca-se referenciar as características sonoras do Talian constantes das obras consultadas, para que seja possível fazer uma descrição e análise da influência do Talian no português de contato, especificamente quanto à produção dos róticos, em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, Espírito Santo.

Como se disse, o Talian é uma língua formada pelo contato entre falantes de distintas línguas e variedades linguísticas italianas com o português. Sua base é majoritariamente vêneta, mas, a depender da formação da comunidade de fala, recebe possivelmente a influência de línguas/variedades do Trentino-Alto Ádige, Friuli-Venezia Giulia, Piemonte, Lombardia, Emilia-Romagna e Ligúria (LOREGIAN-PENKAL; STIVAL-SOARES, 2020, p. 826, citando LUZZATTO, 1994<sup>134</sup>). Dessa forma, em termos de estrutura, o sistema sonoro do Talian é composto por outros diversos sistemas.

Nas Regiões de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul, o grupo étnico predominante foi o vêneto-lombardo e, em um segundo plano, os trentinos e friulanos, sendo essas as línguas – e variedades – que entraram em contato (FROSI; MIORANZA, 2013). No Paraná, por sua vez, a base do Talian é majoritariamente vêneta, especialmente as variedades de Vicenza e Treviso (LOREGIAN-PENKAL; STIVAL-SOARES, 2020). Assim, cabe salientar que as diferenças de composição étnica entre as comunidades de fala poderão alterar os fonemas na linguagem de cada localidade.

Dal Castel, Loregian-Penkal e Tonus (2021, p. 31) apresentam o alfabeto em Talian, com suas 21 letras: A, B, C, D, E, F, G, H, I, L, M, N, O, Q, R, S, T, U, V, Z, que, algumas vezes, se combinam para representar os fonemas vocálicos e consonantais. A partir das

<sup>133</sup> Para a relação dos municípios e das leis que regulamentam as cooficializações, cf. <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>. Acesso em: 07 jan. 2024.

<sup>134</sup> LUZZATTO, D. L. **Talian (vêneto brasileiro)**: noções de gramática, história, cultura. Porto Alegre: Sagra; D.C. Luzzatto, 1994.

observações a respeito do alfabeto, feitas pelos autores, algumas características do sistema sonoro do Talian podem ser notadas (DAL CASTEL; LOREGIAN-PENKAL; TONUS, 2021, p. 31-37):

- 1) A vogal A é sempre produzida com a boca aberta, sem nasalização [La vogal A la sona sempre verta, senza nasalisassion, se la pronuncia cola boca verta [...] (p. 32)].
- 2) No Talian, todas as letras das palavras são pronunciadas, ou seja, o processo de apagamento de segmentos, por exemplo, não é verificado [Ntel Tlian, come ntel Italiano, tute le letre dele parole le ze pronunsiade]. Também as consoantes são pronunciadas conforme aparecem registradas (p. 32)].
- 3) As consoantes oclusivas D e T, quando se encontram diante da vogal I, são pronunciadas [di] e [ti], e não [dʒi] e [tʃi], atestando a ausência do processo de palatalização no Talian [“Sempre che la consonante oclusiva D la vien davanti dela vogal I, magari, la pronùnsia la ze palatal (DI) e nò palatalizada (DJI) [...]” (p.33); e “Sempre che la consonante oclusiva T la vien davanti dela vogal I, magari, la pronùnsia la ze palatal (TI) e nò palatalizada (TCHI), come sucede spesse volte nte un per de variassion del Portoghese” (p. 36)].
- 4) A letra H não representa nenhum fonema [Questa consonante, la H, ntel Talian la ze muta, no la ga sonorità (p. 34)].
- 5) A letra R representa o tepe, o único rótico do sistema sonoro do Talian. Mesmo no início de palavra, R é pronunciado como tepe. [“La R la ga la stessa sonorità dela R (ere) sémpia del Italiano, Portoghese e Spagnol, sempre fiaco, mai far come la dópia del Italiano o del Portoghese, se anca la sîpia metesta ntel scomînsio dela parola: tera (téra); radio (radio)” (35)].
- 6) O S, quando está entre duas vogais, é pronunciado como [z]. Quando aparece duplicado, SS – o S é a única consoante em que isso pode ocorrer –, o som é de [s] [“La S, quando la se presenta ela sola fra due vogai, la ga el son dela Z del Portoghese. [...] Quando la S la se presenta dópia SS, única consonante che la pol presentarse dópia ntel Talian, anca la sona stessa ala Ç (C sedilia) del Portoghese” (35)].

No capítulo 2 de sua Gramática do Talian, Dal Castel, Loregian-Penkall e Tonus (2021) apresentam algumas regras da ortografia em Talian, especificamente para diferenciar as vogais /e, ε, o, o/:

- a) O acento grave indica que a vogal é aberta [“El assento grave: ( ` ) – par segnalare la sonorità verta” (p. 41)].
- b) O acento agudo indica que a vogal é fechada [“El assento acuto: ( ^ ) – par indicar la sonorità ciusa, serada, come se fusse el circonflesso del Portoghese” (p. 41)].

Os autores também indicam as regras de acentuação gráfica, as quais evidenciam que no Talian há palavras proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas:

- c) Primeira: todas as palavras proparoxítonas são acentuadas [“PRIMA RÈGOLA: Tute le parole proparossitone le ga de portar assento: sàntola, sésola; spirito; grùpola etc.” (p. 41)].
- d) Segunda: as paroxítonas não recebem acento gráfico, com exceção das palavras terminadas em ditongo. [“SECONDA RÈGOLA: Le parole parossitone, de un modo general, no le porta assento: gavemo; storto; dona; mama etc. Ecession: le parossitone finide in ditongo le porta acento” (p. 41-42)].
- e) Terceira: As oxítonas – e monossílabas – que terminam por consoante não recebem acento<sup>135</sup>. [“TERSA RÈGOLA: Le parole ossitone e stesso le monossilabe, finide in consonante, no le porta assento” (42)].

Após apresentação do resumo acima, faz-se importante indicar as características fonético-fonológicas do português de contato com outras línguas, para fins de comparação com a linguagem dos moradores de São Bento de Urânia. Esse paralelo pode lançar luz à atuação de fatores linguísticos e sociais em relação às diferentes situações de contato linguístico.

Altenhofen e Margotti (2011, p. 289) explicitam os “principais traços fonético-fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos que caracterizam o português de contato com o alemão e o italiano, dois dos grupos de línguas de imigração mais representativos no Brasil”. Os autores abrangem o português do Sul do país, mas, como se tem falado neste estudo, esses dados são necessários para uma melhor caracterização da linguagem na comunidade de São Bento de Urânia e outras semelhantes, no Espírito Santo.

Altenhofen e Margotti (2011) listam as principais características fonético-fonológicas desse português de contato:

---

<sup>135</sup> Os autores seguem com as regras de acentuação das oxítonas, mas esse aprofundamento foge aos objetivos desta tese; por isso, elas não serão apresentadas aqui. Sugere-se a leitura da obra de Dal Castel, Loregian-Penkall e Tonus (2021), para um maior aprofundamento nesta e em outras questões gramaticais do Talian.

- 1) Comuns aos adstratos<sup>136</sup> alemão e italiano (2011, p. 299):
  - a) “realização do [r] fraco (tepe) no lugar de [r] forte ou fricativa /x/ e vice-versa (hipercorreção)”: [ka' rɔsɐ], para ‘carroça’, e ['ratɔ], para ‘rato’.
  - b) “Monotongação do ditongo decrescente nasal tônico final [ãũ] por [õ] ou [õũ] e vice-versa (hipercorreção)”: [kora'sõ], para ‘coração’ e [fo'gõũ], para ‘fogão’.
  - c) “Ausência da palatalização das consoantes dentais /t/ e /d/ diante de /i/”: ['tipɔ], para ‘tipo’, e ['ditɔ], para ‘dito’.

Especificamente ao adstrato italiano, Altenhofen e Margotti (2011, p. 300) citam:

- d) “Realização de fricativas alveolares /s/ e /z/ ou de fricativas pré-palatais /ʃ/ e /ʒ/<sup>137</sup> em lugar das correspondentes fricativas alveopalatais /j/ e /z/ do português”. Segundo os autores, essa pronúncia é própria da geração dos mais idosos. Exemplos são: [ka'syas] ou [ka'ʃyas], para ‘Caxias’; ['zogo] ou ['ʒogo], para ‘jogo’ etc.
- e) “Ausência de alçamento para as vogais átonas finais /e/ e /o/”, originando pronúncias como ['de<sup>n</sup>te] e [to<sup>n</sup>mate].
- f) “Realização da vogal nasal /ã/ com traço [+ aberto] ao invés de traço [-aberto], em sílabas travadas por consoante nasal”, como em [ba' rãko], para ‘barranco’, e [ameri' kãno] para ‘americano’.

Tendo em vista os seis traços acima, pode-se afirmar que, nas comunidades do Espírito Santo colonizadas por imigrantes italianos e seus descendentes que já foram pesquisadas e/ou visitadas por esta autora, foram observados os fenômenos relatados nos itens a), b) e c), de adstrato alemão e italiano, embora muitas comunidades não tenham tido contato muito estreito com os imigrantes germânicos, no início da colonização. Com relação ao adstrato específico italiano, não foram observados os fenômenos retratados nos itens d) e e), mas sim o f).

As diferenças entre a linguagem das comunidades do Sul do Brasil e as capixabas apontam para a complexidade dos contatos linguísticos e para a necessidade de estudá-los sob diversas perspectivas que se complementem. Assim, descubrem-se os matizes das relações entre etnias, culturas e línguas, o que aponta para a pertinência dos estudos sobre

<sup>136</sup> Adstratos são diferentes línguas que entram em contato entre si.

<sup>137</sup> Altenhofen e Margotti (2011), ao se referirem às fricativas pré-palatais, utilizam os símbolos /ʃ/ e /ʒ/, os quais, segundo o IPA, são classificados como consoantes fricativas retroflexas. Nesta tese, estão sendo mantidas as representações dadas pelos autores.

a linguagem vista sob a perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos, que é o tema do próximo capítulo.

## 7 A LINGUAGEM E OS SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS

Neste capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos que embasam parte das análises qualitativas dos resultados obtidos neste estudo. Não obstante, trata-se de uma análise inicial, devendo ser aprofundada com outros estudos no futuro. Especificamente, aborda-se a variação linguística<sup>138</sup> sob a perspectiva da Teoria dos Sistemas Complexos (SAC), conforme consta de Oliveira (2014, 2015, 2016, 2018a, 2018b, 2022). O autor, ao levar a perspectiva dos sistemas complexos para o âmbito da linguagem, busca responder a três perguntas que há muito inquietam os (socio)linguistas – e, particularmente, a ele próprio:

- 1) Por que a variação linguística acontece?
- 2) Como a variação linguística se propaga?
- 3) Como a variação linguística se resolve?

Respectivamente em seus trabalhos de 2014, 2015 e 2016, Oliveira analisa com mais profundidade cada uma das três perguntas acima, as quais serão enfocadas nos próximos parágrafos. Inicia-se com a definição de um sistema complexo.

### 7.1 Os Sistemas Complexos

De acordo com Oliveira (2014), um sistema é qualquer parte do universo limitado por uma fronteira, seja ela real ou imaginária. Em um sistema complexo, os vários componentes que o formam interagem entre si, sendo capazes de se auto-organizarem. Seu comportamento final é “complicado, organizado e imprevisível” (OLIVEIRA, 2014, p. 15).

---

<sup>138</sup> Oliveira (2018a) salienta que a proposta de se pensar a linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo já estava posta por alguns autores. Dessa forma, coube-lhe ajustar essa teoria à variação linguística: “[...] não fui eu quem propôs que a linguagem fosse vista como um sistema complexo. Isso já estava posto por outros pesquisadores. O que eu fiz foi, pura e simplesmente, tentar levar essa perspectiva para o entendimento da variação e mudança linguística” (OLIVEIRA, 2018a, p. 15).

Por sua vez, a imprevisibilidade dos sistemas complexos não é total, o que os diferencia dos sistemas caóticos, que, estes sim, são totalmente imprevisíveis<sup>139</sup>. A imprevisibilidade, no primeiro caso, se limita a um espaço fase – ou estado base –, sendo previsível dentro desses limites. Um espaço fase “pode ser entendido como um espaço que comporta todos os estados de um sistema” (OLIVEIRA, 2015, p. 56). O espaço fase é limitado por coordenadas, as quais limitam as trajetórias dentro do espaço fase (OLIVEIRA, 2014). É nesse sentido que “podemos dizer que um sistema muda sem, de fato, mudar” (OLIVEIRA, 2018b, p. 75). Este último pensamento é importante para se entender a variação linguística.

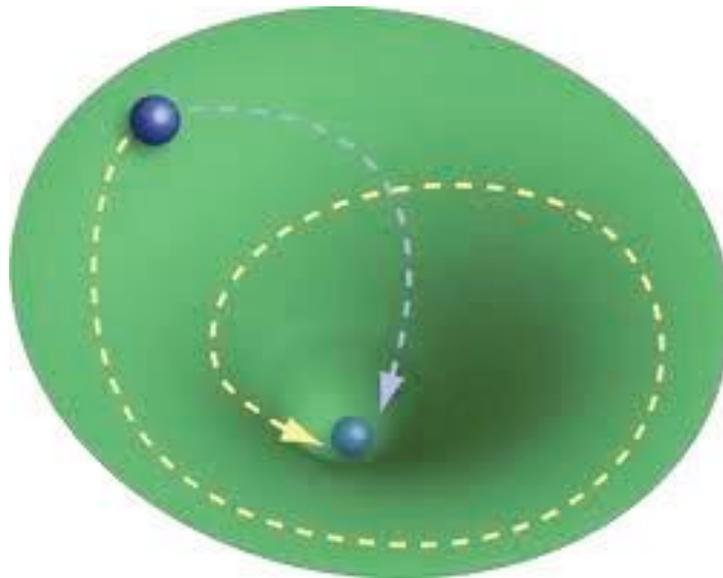
A dinâmica do espaço fase converge para um determinado conjunto de possibilidades, um padrão, que é denominado *atrator*. De acordo com Oliveira (2014, p. 18), um atrator é “uma espécie de formador de padrão, uma tendência para estabelecer o comportamento de um sistema ao longo do tempo em termos do conjunto de estados que esse sistema pode assumir”. Em outras palavras, um atrator molda um espaço de fases ou espaço base.

Os atratores podem ser de vários tipos, como o *ponto fixo* (*fixed point*), o *ciclo-limite* (*limit cycle*), o *estranho* (*strange*) etc. O primeiro atrator apresenta apenas um estado. A trajetória do sistema conduz a um ponto fixo do espaço fase/base. Oliveira (2014) o exemplifica com a ideia da água que cai em uma pia: não importando onde cairá a água, ela irá dirigir-se para o centro da pia. A figura a seguir representa este atrator.

---

<sup>139</sup> O autor afirma que “os sistemas complexos podem se tornar temporariamente caóticos quando perturbados” (OLIVEIRA, 2014, p. 15), mas, posteriormente, retoma a sua organização.

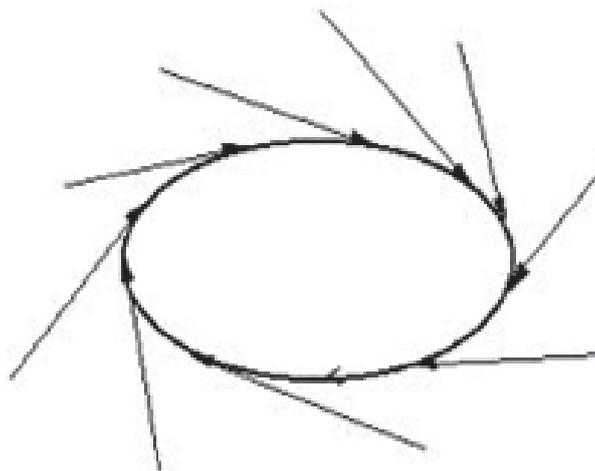
Figura 7.1 — Representação de um atrator de *ponto fixo*



Fonte: Oliveira (2014, p. 19).

Um atrator do tipo *ciclo-limite* se caracteriza por ser periódico, isto é, seu padrão de atuação se repete ao longo do tempo. Um exemplo do atrator tipo *ciclo-limite*, dado por Oliveira (2014), é o movimento dos planetas em torno do sol. De acordo com Oliveira (2014, p. 19), “um atrator do tipo *ciclo-limite* define uma área de dispersão na qual os vários estados do sistema se situam”. A Figura a seguir demonstra a atuação deste tipo de atrator.

Figura 7.2 — Representação de um atrator do tipo *ciclo limite*



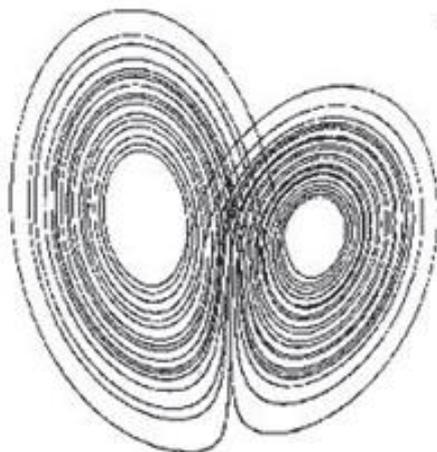
Fonte: Oliveira (2014, p. 19).

O terceiro tipo de atrator é o *estranho* (*strange*), que se caracteriza por ser não periódico. Nas palavras de Oliveira (2014), neste tipo de fator,

“[...] a evolução de um sistema ao longo de um conjunto possível de estados nunca se repete. [...] Na verdade, nunca se atinge um estado estável. Geometricamente os atratores *strange* são fractais: a trajetória do sistema é a mesma, mas os estados (ou pontos no espaço fase) não se repetem. Um bom exemplo disso é a borboleta de Lorentz” (OLIVEIRA, 2014, p. 19-20).

A Figura 7.3, a seguir, representa este tipo de atrator.

Figura 7.3 — Representação de um atrator do tipo *estranho*



Fonte: Oliveira (2014, p. 20).

Os atratores serão retomados ao se abordar a variação linguística no português brasileiro sob a perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos. Passa-se agora às características dos sistemas complexos.

- 1) Os sistemas complexos podem ser fechados ou abertos.

Nos sistemas fechados, os seus componentes interagem entre si de modo definido. Os sistemas fechados, como o circulatório ou o ecossistema, por exemplo, se sustentam por forças internas, sem que recebam a influência de fatores externos a eles.

Já os sistemas abertos são influenciados e/ou modificados por forças externas, como os sistemas biológicos e sociais, que sofrem ajustes constantemente. Eles exibem também caráter dissipativo, no sentido de que eles estão abertos a trocas de energia e/ou de matéria. Os sistemas abertos contam, assim, com três componentes: o próprio sistema, o meio ambiente e a interação entre eles (OLIVEIRA, 2016).

- 2) Os componentes de um sistema complexo são interdependentes e interagem de modo não linear.

A interdependência é condição para o funcionamento de um sistema. Oliveira (2014) cita como exemplo o problema que traria a remoção de um dos componentes do tráfego, como as ruas. A não linearidade, por sua vez, é uma condição para a imprevisibilidade dos sistemas complexos.

- 3) Os sistemas complexos têm comportamento emergente.

Os sistemas complexos exibem comportamento emergente e criam conexões mais altas entre seus elementos, evidenciando uma estrutura composta por níveis hierárquicos. Oliveira (2014) exemplifica esses níveis com o corpo humano:

[...] o corpo humano contém níveis hierárquicos que vão desde (i) cabeça, tronco e membros a (ii) ossos, músculos, sangue, até... (iii) células...(iv) cromossomos, etc. A emergência pode ser vista quando o foco de atenção se move de um nível  $x$  para um nível  $y$ , sendo  $y$  hierarquicamente superior a  $x$  (OLIVEIRA, 2014, p. 16).

Segundo Oliveira (2014), o comportamento emergente é um fato novo em relação a um determinado nível, que não pode ser previsto a partir do comportamento de nenhum de seus constituintes isoladamente. O exemplo de comportamento emergente dado pelo autor é o da fonologização, “em que uma nova estrutura se forma pela utilização de um novo conjunto de traços distintivos. Outros exemplos podem ser dados pela Lei de Grimm ou pela evolução das consoantes do latim ao português” (OLIVEIRA, 2015, p. 54).

Os sistemas complexos podem emergir de diferentes formas, mas conseguem preservar a sua identidade. Oliveira (2018a) afirma que isso é possível porque as coordenadas que definem um sistema formam um espaço de pontos – também conhecido por espaço fase/espaço base –, e não apenas um único ponto. O espaço fase é um espaço que comporta todos os estados de um sistema. Ele é constituído de duas partes: um *estado* e uma *dinâmica*. Nas palavras do autor,

O estado é sempre temporário e pode ser definido como sendo a conformação do sistema num determinado ponto do tempo. É como se fotografássemos esse sistema num ponto  $x$  do tempo. Sua dinâmica, por outro lado, pode ser concebida como sendo um conjunto de instruções que controlam as possibilidades de alterações de estado ao longo do tempo (OLIVEIRA, 2018a, p. 17).

Segundo Oliveira (2018a), um estado cria sempre a impressão de ordem, ao passo que a dinâmica cria a impressão de desordem. Entretanto, essa desordem são apenas os muitos estados que um sistema exibe ao longo do tempo; portanto, ela não somente é previsível, como é constante nos sistemas complexos.

4) Os sistemas complexos variam entre um comportamento caótico e não caótico.

Os sistemas complexos beiram o caos, mas, quando isso está prestes a acontecer, os sistemas se auto-organizam, voltando à estabilidade. A estabilização ocorre devido à capacidade de os sistemas complexos se adaptarem a um ambiente em mudança – advindo daí o nome de Sistema Adaptativo Complexo. Oliveira (2014) exemplifica esta quarta característica novamente com o trânsito:

Alguns dos valores dos componentes do tráfego são não caóticos, como as luzes (verde/vermelho/amarelo), as ruas, a mão de direção, entre outros; contudo outros valores dependerão de certas condições iniciais, como a velocidade desenvolvida (que irá depender das condições de pavimentação das ruas, do volume do tráfego, de eventuais acidentes, das condições atmosféricas, etc.) (OLIVEIRA, 2014, p. 16).

Assim, de acordo com o autor, os sistemas complexos são capazes de se adaptar dinamicamente por meio da auto-organização.

5) Os sistemas complexos apresentam causalidade circular e retroalimentação.

A causalidade circular é uma sequência de causas e efeitos em que a explicação para um determinado padrão volta à primeira causa, confirmando-a ou alterando-a. Se houver alteração, tem-se um caso de retroalimentação – ou *feedback loop* –, em que pelo menos uma parte do *output* realimenta o seu próprio *input*. Uma vez retroalimentado, o sistema processa um novo input – que já não é mais o mesmo. Dessa forma, a retroalimentação acaba influenciando o comportamento de todo o sistema.

A retroalimentação pode ser negativa ou positiva. Será negativa quando reduzir o desvio (ou erro) de um estado esperado para o estado inicial, promovendo a estabilidade do sistema. Em outras palavras, ela “acontece quando a ocorrência de um determinado evento torna menos provável a ocorrência de eventos semelhantes” (OLIVEIRA, 2016, p. 05). Um exemplo de retroalimentação negativa é o termostato do forno: “quando a temperatura atinge um valor predeterminado, o termostato desliga o forno para evitar superaquecimento; quando o calor cai abaixo de um valor predeterminado, o termostato

liga o forno novamente para que o aquecimento desejado seja atingido” (OLIVEIRA, 2018b, p. 76).

A retroalimentação positiva, por sua vez, ocorrerá quando esse desvio for aumentado, ampliando o desequilíbrio do sistema. Segundo Oliveira (2016, p. 05), ela acontece quando “um determinado evento aumenta as chances de ocorrência de um evento similar”. A retroalimentação positiva se relaciona com o conceito de autocatálise: “Um conjunto autocatalítico é uma coleção de elementos que podem ser criados por outros elementos incluídos neste mesmo conjunto” (OLIVEIRA, 2014, p. 17).

A retroalimentação se dá pela interação entre os componentes internos de um sistema ou entre eles e o ambiente. É nessa alternância entre ambas as retroalimentações que sucede a auto-organização: de acordo com Oliveira (2018a), a auto-organização acontece quando uma retroalimentação negativa age, após um desequilíbrio provocado por uma retroalimentação positiva. No próximo item, referente à linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo, o conceito de auto-organização será retomado.

## **7.2 A linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo**

Em diferentes textos, Oliveira defende a posição adotada por Hauser, Chomsky e Fitch (2010)<sup>140</sup>, de que as línguas naturais são organismos vivos que fazem parte de um organismo maior – o ser humano. Sendo assim, a linguagem assume as características do organismo que a sustenta: um fenômeno biológico natural, com uma arquitetura específica.

Dessa forma, encontram-se na linguagem as características de um sistema adaptativo complexo (SAC), como exposto no item anterior, com natureza não linear, em constante mutação – mas capaz de se autorreorganizar –, aberto e, portanto, dissipativo, no sentido de que os organismos – neste caso, os falantes – interagem entre si e com o seu entorno social, recebendo as influências dele. Segundo Oliveira (2018b, p. 74), “É justamente essa

---

<sup>140</sup> HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? In: LARSON, Richard K., DEPREZ, Viviane; YAMAKIDO, Hiroko. (eds.): **The evolution of language** – biolinguistic perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 14–42.

natureza dissipativa que permite a adaptação. [...] Sistemas complexos são adaptativos por se auto-organizarem para se adaptarem a um ambiente em mudança”.

Como se afirmou, a auto-organização ocorre por meio da atuação de *atratores*. Em se tratando da linguagem como um SAC, Oliveira (2016) aponta que os atratores não periódicos, como o espaço, têm precedência sobre os atratores periódicos, no sentido de que aqueles reorganizam a atuação destes. Essa hipótese incide diretamente sobre a questão da variação linguística, no sentido de que o espaço exerce pressão na direção da minimização ou da resolução da variação. Assim, o espaço se torna o “responsável por diferenciações dialetais” (OLIVEIRA, 2018a, p. 24). Especificamente, a região geográfica atua de forma a limitar a ocorrência de variantes possíveis dentro de uma determinada região.

O autor exemplifica sua tese principalmente com fenômenos fonético-fonológicos variáveis do português brasileiro<sup>141</sup>, como a palatalização das oclusivas /t/ e /d/ e a realização das vogais médias pretônicas. Tome-se o primeiro caso: a variação que ocorre é entre [t] ~ [tʃ] e [d] ~ [dʒ]. Atualmente, tem-se a seguinte distribuição das oclusivas dentais em várias regiões do Brasil: [ta, tɛ, te, tʃi, tɔ, to, tu] e [da, dɛ, de, dʒi, dɔ, do, du], ao passo que, em outras regiões, os mesmos [t] e [d] ocorrem diante de qualquer vogal. Não obstante a realidade atual, afirma Oliveira (2016, p. 08) que “é legítimo pensar que em algum ponto do tempo ocorreu a variação entre [tʃ] e [t], por um lado, e entre [dʒ] e [d], por outro lado, diante de [i]. Essa variação foi “resolvida” numa distribuição em termos de alofonia condicionada”<sup>142</sup>, isto é, a ocorrência de uma das variantes depende da vogal que a segue.

Oliveira (2016) propõe a seguinte hipótese, vendo-se o fenômeno da palatalização sob a ótica de um sistema adaptativo complexo:

**Hipótese 1:** Um estado de desequilíbrio em um sistema linguístico, provocado pela variação livre, será auto-(re)organizado pela (a) eliminação de uma das variantes, permanecendo monomodal, ou (b) pela distribuição dessas mesmas variantes em ambientes mutuamente excludentes, passando a bimodal. Em ambos os casos, o espaço de fases é alterado (OLIVEIRA, 2016, p. 09).

<sup>141</sup> A variação e a mudança atestada por Gauchat de [ʌ] para [y], ocorrida em Charmey, Suíça, além da centralização dos ditongos [ay] e [aw] em Martha’s Vineyard, estudada por Labov, também são tomadas como exemplo nos textos de Oliveira lidos. Nesta tese, serão reportados somente os fenômenos fonético-fonológicos do PB.

<sup>142</sup> A afirmação do autor se refere à região de Belo Horizonte, mas também se aplica às demais regiões onde ocorrem as variantes africadas.

Continua o autor:

Observe-se que a Hipótese 1 leva em consideração algum tipo de auto-organização controlada **apenas** por atratores periódicos, do tipo ciclo-limite. Mas, conforme já dissemos, nenhum sistema atua no vácuo, estando, portanto, sujeito às influências do contexto em que ocorre. Essa é a natureza dos sistemas abertos, dissipativos (OLIVEIRA, 2016, p. 09, grifos do autor).

Assim, a palatalização das oclusivas dentais no português brasileiro demonstra a atuação dos atratores não periódicos na variação linguística. Dado que os contextos fonético-fonológicos são os mesmos – /t/ e /d/ diante de [i], sendo a vogal produzida como [i] ou [ɪ] –, é certo que fatores extralinguísticos, como a região, estão atuando sobre essa variação, limitando-a. Daí a afirmação de Oliveira (2016) de que os atratores não periódicos têm precedência sobre os periódicos. Finaliza o autor:

Resumindo, considerando-se o espaço como atrator não periódico, podemos entender o quadro divergente nas variedades do português brasileiro no que se refere à palatalização de /t, d/. [...] Em cada caso desses há uma retroalimentação positiva, que amplia uma das ocorrências, atuando em conjunto com uma retroalimentação negativa, que inibe a ocorrência alternativa. Eventualmente se chega a um novo estado de estabilidade no sistema, como já aconteceu nas variedades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, numa distribuição bimodal ou, alternativamente, como parece estar acontecendo em Recife, Sergipe e Paraíba, em favor de um atrator de ponto fixo<sup>143</sup> (OLIVEIRA, 2016, p. 11).

Outro fenômeno fonético-fonológico utilizado pelo autor é a variação das vogais médias pretônicas no português brasileiro. Este tema já foi alvo de bastantes estudos, mas Oliveira (2014, 2015, 2016, 2018a) o explica sob a ótica dos SAC. As vogais no português brasileiro são distintas, conforme a posição de sua sílaba na palavra, conforme Oliveira (2014, p. 21):

- |  |                                   |
|--|-----------------------------------|
| a- Sílaba tônica                           | { a, e, ε, i, ɔ, o, u }           |
| b- Sílaba pretônica e pós-tônica não final | { a, [e, ε, i], i, [ɔ, o, u], ʊ } |
| c- Sílaba pós-tônica final                 | { a, [e, i], [o, u] }             |

Os colchetes que delimitam as vogais anteriores e as posteriores, acima, indicam a variação existente no país, com relação a essa pronúncia. Em Belo Horizonte, cidade a que se refere em especial o autor, palavras como *boletim*, *dedal*, *moderno*, *colégio* e *legítimo* apresentam as variações vistas a seguir, conforme Oliveira (2014, p. 21):

<sup>143</sup> Um atrator de ponto fixo, nesse caso, seria um estado monomodal, de ocorrência apenas de [t] e [d].

(1)	[e, o]	[ɛ, o] (Harmonia vocalica) <sup>144</sup>	[i, u] (Redução vocalica)
<i>Bo<u>l</u>etim</i>	OK	*	OK
<i>De<u>d</u>al</i>	OK	*	OK
<i>Mo<u>d</u>erno</i>	OK	OK >	OK
<i>Co<u>l</u>égio</i>	OK	OK >	OK
<i>Le<u>g</u>ítimo</i>	OK	*	OK

A ocorrência das palavras de (1), acima, indica um caso claro de variação linguística, não somente dentro de uma mesma comunidade, como também no Brasil, haja vista que as pronúncias que não ocorrem em Belo Horizonte são atestadas em outras localidades do país. Apesar de haver essas diferentes realizações das vogais médias pretônicas, os falantes de português as percebem como sendo uma mesma categoria fonêmica, /e, o/.

Por sua vez, há palavras em que apenas uma pronúncia ocorre, em Belo Horizonte, como em (2), disposto em Oliveira (2014, p. 23):

(2)	[e, o]	[i,u] (Redução vocalica)
<i>bebida</i>	*	OK
<i>bebível</i>	OK	*
<i>coar</i>	*	OK
<i>coala</i>	OK	*
<i>cochilo</i>	*	OK
<i>cochilha</i>	OK	*
<i>domingo</i>	*	OK
<i>domínio</i>	OK	*
<i>notícia</i>	*	OK
<i>notista</i>	OK	*
<i>pedido</i>	*	OK
<i>pedinte</i>	OK	*
<i>peludo</i>	*	OK
<i>pelúcia</i>	OK	*
<i>polícia</i>	*	OK
<i>polido</i>	OK	*
<i>serviço</i>	*	OK
<i>servil</i>	OK	*

<sup>144</sup> Na listagem acima, o asterisco significa que a pronúncia não é atestada em Belo Horizonte, e o sinal de maior (>) indica que a pronúncia é a que mais se verifica, nessa cidade.

Outro fato que merece atenção, com respeito a essas vogais, é a variação de pronúncia existente nas mesmas palavras. Em alguns casos, as diferentes pronúncias não alteram o significado do vocábulo, como em b[o]neca, b[u]neca e b[u]neca (OLIVEIRA, 2015), mas há situações em que isso não se dá, como em p[o]rção e p[u]rção ou f[o]gão e f[u]gão, por exemplo. Nestes casos, as pronúncias diferentes levam a significados diferentes dos termos:

p[o]rção = uma quantidade determinada de algum alimento, como em “porção de batata frita”;

p[u]rção = muito, como em “uma porção de coisas”;

f[o]gão = aumentativo de fogo;

f[u]gão = aparato que serve para cozer alimentos.

Exemplos como estes reforçam a importância do item léxico dentro dos SAC<sup>145</sup>. Assim, a região geográfica e o léxico atuam como atratores não periódicos, influenciando a variação linguística: aquela em um nível hierárquico maior; este, em um nível inferior, em um âmbito menor. O que se pode dizer é que as variações lexicais são mais semelhantes entre si dentro de uma mesma região (OLIVEIRA, 2016).

Dessa forma, em se tratando das vogais médias pretônicas na variedade de Belo Horizonte, Oliveira (2014, p. 24-25) afirma:

1. As vogais médias pretônicas podem aparecer em três formas fonéticas distintas: média aberta, média fechada ou alta, configurando um caso de variação;
2. A variante média aberta e a variante alta resultam, supostamente, dos processos de HV [Harmonia vocálica] e RV [Redução vocálica];
3. Quando as palavras individuais são focalizadas, observa-se que alguns itens lexicais apresentam variação, enquanto outros só aparecem numa das três formas possíveis;
4. Para os itens lexicais que apresentam variação, alguns falantes optam, categoricamente, por uma variante, enquanto outros falantes optam, categoricamente, por outra variante;
5. Não obstante as opções lexicais e as opções individuais, essa situação não coloca nenhum problema de compreensão para a totalidade dos falantes da comunidade de fala de Belo Horizonte ou de qualquer outra comunidade de fala.

---

<sup>145</sup> Neste ponto, cabe salientar que Oliveira (2016) advoga a favor da Hipótese da Difusão Lexical, supondo-a mais consistente teoricamente que a Hipótese Neogramática, para explicar a mudança linguística.

Observando-se a linguagem como um sistema adaptativo complexo, vê-se que a variação é uma condição esperada da linguagem. Entretanto, uma vez que a variação ocorre, desestabilizando o sistema, ela tende a ser resolvida ou, então, minimizada por diferentes maneiras, como a manutenção de uma variante e o desaparecimento de outra(s), a sua especialização semântica, o seu condicionamento em termos contextuais e sociais ou a fixação de uma das pronúncias do fonema em vocábulos específicos.

Fazendo um resumo da variação linguística de acordo com os Sistemas Adaptativos Complexos, Oliveira (2022, p. 08) indica que:

- a. Enquanto SAC's, de caráter dissipativo, as línguas naturais estão sujeitas à retroalimentação positiva, que promove um desequilíbrio temporário no sistema, o que leva à variação linguística.
- b. Esse desequilíbrio é eventualmente resolvido pela atuação de uma retroalimentação negativa, sob o controle de atratores periódicos e não periódicos, o que leva o sistema a retomar sua estabilidade.
- c. Uma vez que os atratores não periódicos têm precedência sobre os atratores periódicos na reequilibração do sistema, [...] fica claro que a questão apresenta não apenas aspectos estruturais, determinados pelo espaço fase do sistema, mas também aspectos ecológicos e etológicos.

Diante do exposto até aqui, pode-se, então, responder às perguntas que inquietam linguistas – e também Oliveira – há muito tempo:

*Por que a variação linguística acontece?*

Acontece porque ela sempre esteve lá, prevista no espaço fase e controlada por atratores do tipo ciclo limite. A maneira como ela vai emergir dependerá da ação de atratores não periódicos. Em resumo, estou dizendo que a variação faz parte do DNA da linguagem, de sua natureza.

*Como variação linguística se propaga?*

As emergências possíveis, permitidas pelos atratores periódicos, se propagam de maneira diferenciada, levando em conta o nicho sociocultural de cada situação, de maneira etológica e ecológica. Nichos diferentes favorecerão possibilidades diferentes de emergências, qualitativa e quantitativamente. É uma questão de ajuste.

*Como a variação linguística se resolve?*

Pela interação entre os agentes de um sistema (os falantes) e pela interação entre esses agentes e seu ambiente. [...] É assim que se reduz um desvio, por retroalimentação negativa. (OLIVEIRA, 2018a, p. 35).

A visão da linguagem, em geral, e da variação linguística, em específico, sob o prisma dos Sistemas Adaptativos Complexos vai ao encontro dos pressupostos tanto dos Contatos Linguísticos quanto da Sociolinguística – especialmente a Teoria da Variação e Mudança. Levar em consideração os falantes individualmente e a interação entre eles e o meio é uma ideia cara a todas as teorias que veem a linguagem a partir de uma abordagem mais ampla, relacionada aos aspectos sociais de uma comunidade.

No caso do objeto desta tese - a variação dos róticos em uma comunidade bilíngue, colonizada por imigrantes italianos -, é nítida a atuação dos atratores, especialmente os não periódicos, na conformação sociolinguística do lugar. Na seção 8.3 do próximo capítulo, analisam-se os resultados obtidos para São Bento de Urânia sob o ponto de vista dos SAC. A seguir, então, o capítulo de Análise dos Dados.

## 8 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos quanto aos róticos ocorridos nas entrevistas com os quatro informantes de São Bento de Urânia. Inicialmente, faz-se a descrição dos resultados gerais das variantes; na seção 8.1, analisam-se os dados obtidos para a pronúncia que não evidencia contatos linguísticos; na seção 8.2, apontam-se os fatores (des)favorecedores do apagamento dos róticos; por fim, na seção 8.3, analisam-se os dados sob a perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos.

Como já exposto no capítulo 4 – Procedimentos Metodológicos –, das variantes de (r) no Português do Brasil, as que são encontradas na linguagem dos falantes mais idosos em São Bento de Urânia são:

- i) o tepe, [r];
- ii) a vibrante alveolar, [r];
- iii) as fricativas velares, [x/ɣ];
- iv) as fricativas glotais, [h/ɦ];
- v) a aproximante retroflexa, [ɻ];
- vi) o apagamento.

Os resultados gerais da pronúncia dos róticos – com os nocautes destacados em negrito – estão na Tabela 8.1, a seguir.

Tabela 8.1 – Resultados gerais dos róticos – São Bento de Urânia

Grupos de Fatores		r		ø		r		x/y		h/f		ɹ		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo	Feminino	293	54,3	230	42,6	2	0,4	6	1,1	7	1,3	2	0,4	540	36,9
	Masculino	386	41,8	432	46,8	46	5,0	40	4,3	13	1,4	7	0,8	924	63,1
Classe de palavra	Não-verbo	477	72,3	92	13,9	33	5,0	37	5,6	14	2,1	7	1,1	660	45,1
	Verbo	202	25,1	570	70,9	15	1,9	9	1,1	0,7	30	2	0,2	804	54,9
Posição do alvo na sílaba	Ataque inicial	88	50,3	0	0	34	19,4	40	22,9	12	6,9	0	0	175	12,0
	Coda interna	410	80,7	82	16,1	4	0,8	2	0,4	3	0,6	7	1,4	508	34,7
	Coda final	76	11,5	580	88,0	0	0	0	0	2	0,3	2	0,3	659	45,0
	Intervocálico	105	86,1	0	0	10	8,2	4	3,3	3	2,5	0	0	122	8,3
Tonicidade da sílaba em que ocorre o alvo	Tônica	312	32,2	586	60,4	26	2,7	29	3,0	10	1,0	7	0,7	970	66,3
	Pretônica	291	73,3	74	18,6	14	3,5	7	1,8	9	2,3	2	0,5	397	27,1
	Anterior à pretônica	36	73,5	1	2,0	4	8,2	7	14,3	1	2,0	0	0	49	3,3
	Postônica	40	83,3	1	2,1	4	8,3	3	6,2	0	0	0	0	48	3,3
Contexto fonético precedente	Vogal oral anterior	222	47,7	216	46,5	7	1,5	13	2,8	4	0,9	3	0,6	465	31,8
	Vogal oral posterior	341	42,4	401	49,8	27	3,4	22	2,7	9	1,1	5	0,6	805	55,0
	Vogal nasal anterior	12	44,4	13	48,1	0	0	2	7,4	0	0	0	0	27	1,8
	Vogal nasal posterior	95	64,2	32	21,6	9	6,1	6	4,1	5	3,4	1	0,7	148	10,1
	Vazio	3	25	0	0	4	33,3	3	25	2	16,7	0	0	12	0,8
	Fricativa alveolar ou palatal	6	85,7	0	0	1	14,3	0	0	0	0	0	0	7	0,5
Ponto de articulação do segmento seguinte	Vogal	214	41,2	202	38,8	44	8,5	45	8,7	15	2,9	0	0	520	35,5
	Vazio	15	12,3	104	85,2	0	0	0	0	2	1,6	1	0,8	122	8,3
	Dental	258	60,7	161	37,9	1	0,2	1	0,2	2	0,5	2	0,5	425	29,0
	Bilabial	73	55,7	56	42,7	0	0	0	0	0	0	2	1,5	131	8,9
	Labiodental	19	46,3	21	51,2	0	0	0	0	0	0	1	2,4	41	2,8
	Alveopalatal	15	55,6	11	40,7	0	0	0	0	0	0	1	3,7	27	1,8
	Velar	85	42,9	107	54,0	3	1,5	0	0	1	0,5	2	1,0	198	13,5
Modo de articulação do segmento seguinte	Vogal	214	41,2	202	38,8	44	8,5	45	8,7	15	2,9	0	0	520	35,5
	Pausa	15	12,3	104	85,2	0	0	0	0	2	1,6	1	0,8	122	8,3
	Oclusiva	277	59,3	179	38,3	4	0,9	1	0,2	2	0,4	4	0,9	467	31,9
	Fricativa	74	45,7	87	53,7	0	0	0	0	0	0	1	0,6	162	11,1
	Africada	11	91,7	0	0	0	0	0	0	0	0	1	8,3	12	0,8
	Lateral	3	15,0	17	85,0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	1,4
	Nasal	85	52,8	73	45,3	0	0	0	0	1	0,6	2	1,2	161	11,0
Sonoridade do segmento seguinte	Vozeado	407	46,6	355	40,7	44	5,0	45	5,2	17	1,9	5	0,6	873	59,7
	Não vozeado	254	54,5	203	43,6	4	0,9	1	0,2	1	0,2	3	0,6	466	31,9
	Sem segmento	17	13,8	103	83,7	0	0	0	0	2	1,6	1	0,8	123	8,4
<b>TOTAL</b>		<b>679</b>	<b>46,4</b>	<b>662</b>	<b>45,2</b>	<b>48</b>	<b>3,3</b>	<b>46</b>	<b>3,1</b>	<b>20</b>	<b>1,4</b>	<b>9</b>	<b>0,6</b>	<b>1464</b>	<b>100</b>

Fonte: A autora (2023).

Da Tabela 8.1, acima, podem ser observadas as características gerais dos róticos na linguagem dos bilíngues estudados:

1) O tepe, [r]

A variante com maior ocorrência foi o tepe - 679 (46,4% do total) -, o fonema do Talian. Dadas as características sociolinguísticas da comunidade e das pessoas entrevistadas, esse resultado era esperado, em se tratando do português de contato. O relativo isolamento dos moradores e o seu contato estreito com monolíngues na língua de imigração oportunizaram a manutenção desse fone. Alguns exemplos encontrados no corpus, em diferentes posições na sílaba, são: *ca[r]egava*, *ca[r]tório*, *mo[r]eu*, *mo[r]ta*, *[r]ei*, *[r]eza*, *[r]odava* etc.

2) O apagamento de (r)

O segundo maior número de ocorrências – 662 (45,2% do total), muito próximo do tepe – é do apagamento de (r) em coda silábica, que está muito presente no Português do Brasil<sup>146</sup>. Por outro lado, em caso de ataque silábico, já se poderia esperar que o cancelamento não ocorreria. O apagamento se faz notar fortemente entre os quatro entrevistados, independentemente da classe da palavra proferida. Exemplos são: *sentá/sentar*, *testá/testar*, *fô/for*, *pô/por*, *mulhé/mulher*, *convesa/conversa*, *convesava/conversava* etc. Mais à frente, o apagamento será discutido.

3) A vibrante alveolar, [r]

O terceiro maior número de ocorrências, mas muito abaixo dos dois primeiros – 48 (3,3% do total) coube à vibrante alveolar, [r]. Os casos encontrados no corpus são: *rei* (5 vezes), *roupa* (5 vezes), *morro* (4 vezes), *Rucrânia* (3 vezes), *Reinaldo* (3 vezes), *roncando* (2 vezes), *raiva* (2 vezes), *ruinha* (2 vezes), *respeito* (2 vezes) e, com uma ocorrência de cada, *recebe*, *circo*, *morreu*, *morri*, *morrendo*, *enterrou*, *Rubim*, *corria*, *torradinha*, *rádio*, *carro*, *reclamava*, *resolveu*, *rir*, *ruinho*, *barco*, *resolvira*, *rola* (enrola), *Renô* (Reinor) e *porco*.

---

<sup>146</sup> Bortoni-Ricardo (2005) afirma que o apagamento de (r) em coda silábica é característico dos falares rurais do Brasil, mas os estudos apresentados evidenciaram que o cancelamento também ocorre na linguagem de residentes das cidades.

## 4) A fricativa velar, [x/χ]

A quarta maior ocorrência foi da fricativa velar – 46 (3,1% do total). A pronúncia [x/χ] foi encontrada nos seguintes vocábulos: *rei* (5 vezes), *roupa* (4 vezes), *ruinho* (4 vezes), *raiva* (3 vezes), *rapaz* (2 vezes), *régua* (2 vezes), *rádio* (2 vezes), *Ribeirão* (2 vezes), *respondo* (2 vezes) e, com uma ocorrência de cada, *resolvía*, *Renato*, *rápido*, *reto*, *carro*, *morrer*, *morreu*, *morro*, *raça*, *reunia*, *rir*, *resolvido*, *receber*, *perto*, *Roma*, *retirado*, *remédio*, *errada*, *ria* e *ruim*.

## 4) A fricativa glotal, [h/ħ]

A quinta maior ocorrência foi da fricativa glotal, com apenas 20 casos (1,4% do total). Observe-se que as fricativas posteriores são as mais pronunciadas na Grande Vitória e em cidades que não foram colonizadas por imigrantes italianos e que também não contam com a presença maciça de seus descendentes. Dessa forma, o baixo número dessas fricativas revela a distância que os uranienses mais antigos mantiveram com os falantes nativos de português e confirma as dificuldades de comunicação de São Bento de Urânia com comunidades falantes do Português Brasileiro. As seguintes palavras foram pronunciadas com a fricativa glotal: *rapaz* (6 vezes), *rápido* (2 vezes) e, com uma ocorrência, *morreu*, *morto*, *dever*, *rua*, *pergunta*, *jornal*, *Ribeirão*, *gostar*, *rega* (*régua*), *errado*, *recebe*.

## 5) A aproximante retroflexa, [ɻ]

Por fim, o fone retroflexo foi aquele que teve a menor ocorrência – apenas 09 (0,6% do total) –, pronunciado por uma mulher e um homem: *conforme* (2 vezes) e, com uma ocorrência, *morte*, *acordava*; *carga*, *serviço*, *qua[ɻ]quer*, *for* e *perto*.

Retirando-se os 662 casos de apagamento e observando-se apenas as variantes pronunciadas em São Bento de Urânia, as percentagens se alteram. Assim, para as 802 variantes, tem-se:

- i) Tepe: 679 (84,66%);
- ii) Vibrante alveolar: 48 (5,99%);
- iii) Fricativa velar: 46 (5,74%);
- iv) Fricativa glotal: 20 (2,49%);
- v) Aproximante retroflexa: 09 (1,12%).

Os resultados gerais de São Bento de Urânia se assemelham à maioria dos estudos apresentados nesta tese<sup>147</sup>, quando se trata de comunidades com uma expressiva presença de descendentes de imigrantes italianos: o tepe está fortemente presente na linguagem de seus moradores e, com ocorrências bastante menores, a vibrante alveolar e a aproximante retroflexa. As variantes posteriores – fricativas velares e glotais – têm ocorrência reduzida. O apagamento, por sua vez, ocorre predominantemente em posição de coda final. A seguir, apresentam-se os resultados de outras comunidades.

Em Porto Alegre, Monaretto (1997) encontrou 1498 dados de tepe, perfazendo 55% do total. Outras variantes foram a vibrante anterior, posterior e a aproximante retroflexa.

Outro estudo com dados de Porto Alegre apontou as seguintes variantes, em posição de coda medial (CALLOU, MORAES, LEITE, 2002):

- i) Tepe: 83%;
- ii) Retroflexa: 7%;
- iii) Apagamento: 4%;
- iv) Fricativa velar: 3%;
- v) Vibrante alveolar: 2%;
- vi) Aspirada: 1%.

Em posição de coda final, os resultados de Porto Alegre encontrados por Callou, Moraes e Leite (2002) são:

- i) Tepe: 57%;
- ii) Apagamento: 37%;
- iii) Retroflexa: 3%;
- iv) Vibrante alveolar: 2%;
- v) Fricativa velar: 1%.

Na cidade de São Paulo, Callou, Moraes e Leite (2002) encontraram os seguintes resultados, na posição de coda medial:

---

<sup>147</sup> Os resultados de Margotti (2004) não se assemelham aos de São Bento de Urânia. O autor analisou dados de quatro municípios de Santa Catarina e quatro do Rio Grande do Sul, todos de colonização italiana.

- i) Tepe: 87%;
- ii) Retroflexa: 5%;
- iii) Vibrante alveolar: 3%;
- iv) Apagamento: 2%;
- v) Fricativa velar: 2%;
- vi) Vibrante uvular: 1%.

Ainda em São Paulo, em contexto final, as variantes encontradas por Callou, Moraes e Leite (2002) foram:

- i) Apagamento: 49%;
- ii) Tepe: 41%;
- iii) Vibrante alveolar: 7%;
- iv) Retroflexa: 2%;
- v) Vibrante uvular: 1%.

Também em São Paulo, Oushiro (2015) encontrou os seguintes resultados gerais das variantes dos róticos:

- i) Apagamento: 56,3%;
- ii) Tepe/trill: 29,2%;
- iii) Aproximante retroflexa/alveolar: 14,1%;
- iv) Fricativa (velar ou glotal): 0,4%

Comiotto e Margotti (2019) atestam que, em comunidades onde houve o contato entre o português e as línguas italianas, a variante com maior ocorrência é o tepe, especialmente em contexto intervocálico: Flores da Cunha (60%), Erechim (48,08%), Concórdia (71,15%) e São Miguel do Oeste (55,77%).

Em Chapecó/SC, os resultados gerais de Spessato (2021) foram:

- i) Tepe: 87%;
- ii) Vibrante alveolar: 12%;

iii) Uma consoante intermediária entre as duas variantes: 1%.

Em Concórdia/SC, Curioletti e Battisti (2022) obtiveram:

- i) tepe: 78,8%;
- ii) fricativas glotais: 12%;
- iii) vibrante alveolar: 9,2%.

Em Vargeão/SC, Gubert (2012) encontrou:

- i) tepe: 77%;
- ii) vibrante alveolar: 23%.

O autor ainda atestou 06 (seis) realizações da fricativa glotal, mas, dado o baixo número de ocorrências, essa variante foi retirada de suas análises.

Dos resultados acima, encontrados em comunidades com histórico de imigração italiana, observa-se que o tepe está muito presente na linguagem de seus moradores, além da vibrante alveolar e a aproximante retroflexa, embora estas com menor ocorrência. Por outro lado, dados obtidos em localidades que não viveram intensamente o contato entre o português e uma língua de imigração (cf. seção 5.3 desta tese) atestam a predominância das variantes posteriores – as fricativas velares e glotais – não vozeadas e vozeadas.

Os resultados apresentados levam à indagação sobre a variação dos róticos, em São Bento de Urânia. Conforme já reportado no capítulo teórico desta tese, Callou, Moraes e Leite (2013) discutem a posteriorização dos róticos, apontando-lhes o seguinte processo: vibrante alveolar, vibrante uvular, fricativa velar, fricativa glotal e, por fim, o apagamento. Em notação fonética, tem-se (CALLOU; MORAES; LEITE, 2013, p. 177):

$$r \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$$

Por sua vez, os resultados de São Bento de Urânia evidenciam que, no português de contato, em uma comunidade rural, o apagamento não se dá do mesmo modo que no português dessas grandes capitais: o *tepe* foi a variante mais pronunciada, seguida muito de perto pelo apagamento; a vibrante alveolar teve muito poucas ocorrências, com número pouco superior ao da fricativa velar; o número de glotais foi muito pequeno; o de retroflexas, quase nulo; e a vibrante uvular não ocorreu.

Em suma, os dados desta tese revelam que o apagamento pode não ser a ponta do processo de posteriorização e, por conseguinte, que não é preciso que as vibrantes e fricativas ocorram. Nas próximas seções, o uso das variantes posteriores e o apagamento em São Bento de Urânia serão analisados mais detalhadamente.

### ***8.1 A pronúncia de (r) que não evidencia contato linguístico***

Para que fossem identificados os fatores que condicionariam a pronúncia das variantes posteriores, [x/ɣ] e [h/ɦ], o Programa GoldVarbX (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) foi rodado novamente, desta vez reunindo as variantes em dois grupos: o primeiro, com as variantes posteriores [h/ɦ] e [x/ɣ], majoritárias em localidades que não contaram com imigração italiana; e o segundo, com as variantes [r, ɾ, ʀ]. Nesta segunda rodada, os casos de apagamento de (r) foram retirados. Os resultados aparecem na Tabela 8.2, a seguir, com os nocautes destacados em negrito.

Tabela 8.2 — A produção dos róticos, de acordo com a (não) influência da língua de imigração

Grupo de Fatores		Pronúncia [x/y, h/fi]		Pronúncia [r, r, ʀ]		Total	
		N	%	N	%	N	%
<b>Sexo</b>	Feminino	13	4,2	297	95,8	310	38,7
	Masculino	53	10,8	439	89,2	492	61,3
<b>Classe de palavra</b>	Não verbo	51	9,0	517	91,0	568	70,8
	Verbo	15	6,4	219	93,6	234	29,2
<b>Posição do alvo na sílaba</b> <sup>148</sup>	Ataque inicial	52	29,9	122	70,1	174	21,7
	Coda interna	05	1,2	421	98,8	426	53,1
	Coda final	02	2,5	78	97,5	80	10,0
	Intervocálico	07	5,7	115	94,3	122	15,2
<b>Tonicidade da sílaba em que ocorre o alvo</b> <sup>149</sup>	Tônica	39	10,2	345	89,8	384	47,9
	Pretônica	16	5,0	307	95,0	323	40,3
	Anterior à pretônica	08	16,7	40	83,3	48	6,0
	Postônica	03	6,4	44	93,6	47	5,9
<b>Contexto fonético precedente</b> <sup>150</sup>	Vogal oral anterior	17	6,8	232	93,2	249	31,0
	Vogal oral posterior	31	7,7	373	92,3	404	50,4
	Vogal nasal anterior	02	14,3	12	85,7	14	1,7
	Vogal nasal posterior	11	9,5	105	90,5	116	14,5
	Vazio	05	41,7	07	58,3	12	1,5
	Fricativa alveolar ou palatal	0	0	07	100	07	0,9
<b>Ponto de articulação do segmento seguinte</b>	Vogal	60	18,9	258	81,1	318	39,7
	Vazio	02	11,1	16	88,9	18	2,2
	Dental	03	1,1	261	98,9	264	32,9
	Bilabial	0	0	75	100	75	9,4
	Labiodental	0	0	20	100	20	2,5
	Alveopalatal	0	0	16	100	16	2,0
	Velar	1	1,1	90	98,9	91	11,3
<b>Modo de articulação do segmento seguinte</b>	Vogal	60	18,9	258	81,1	318	39,7
	Pausa	02	11,1	16	88,9	18	2,2
	Oclusiva	03	1,0	285	99,0	288	35,9
	Fricativa	0	0	75	100	75	9,4
	Africada	0	0	12	100	12	1,5
	Lateral	0	0	03	100	03	0,4
	Nasal	1	1,1	87	98,9	88	11,0
<b>Sonoridade do segmento seguinte</b>	Vozeado	62	12,0	456	88,0	518	64,7
	Não vozeado	02	0,8	261	99,2	263	32,8
	Sem segmento seguinte	02	10,0	18	90,0	20	2,5
<b>TOTAL</b>		<b>66</b>	<b>8,20</b>	<b>736</b>	<b>91,8</b>	<b>802</b>	<b>100</b>

Fonte: A autora (2023).

<sup>148</sup> No grupo de fatores ‘Posição do alvo na sílaba’, o fator ‘Ataque no interior de palavra’, como em *honra* e *genro*, foi colocado a priori, mas foi retirado da amostra por não ter sido encontrado nenhum exemplo neste corpus.

<sup>149</sup> O fator ‘Após a postônica’ foi retirado do grupo de fatores ‘Posição do alvo na sílaba’ por não ter ocorrido neste corpus.

<sup>150</sup> No grupo de fatores ‘Contexto precedente’, os fatores ‘Consoante lateral’, como em *guelra* e *palra*; e a vibrante, como em *ar rarefeito* e *ar ruim*, foram retirados por não haver nenhuma ocorrência no corpus.

O fato mais evidente da Tabela 8.2 é o pequeno número de ocorrências das fricativas posteriores, [x/ɣ] e [h/f]: 66 (8,20%), em um total de 802 dados. Esse resultado demonstra a forte presença do Talian entre as pessoas mais idosas de São Bento de Urânia, que conviveram com os imigrantes e/ou seus primeiros descendentes. As fricativas posteriores foram produzidas pelos quatro informantes, nas seguintes frases:

a) [x/ɣ] - 46 ocorrências:

- (F1) Já resolvía o negócio.  
(01 ocorrência)
- (F2) Eu tinha só começado a namorar com o P. R. [o nome de seu marido].  
(05 ocorrências)  
[...] que ela ia morrer tão rápido.  
É tudo reto.  
[...] tudo em carro fechado.  
É a mãe do S., do rapaz ali.
- (M1) É R. [seu próprio nome], é muitos me chamam.  
(22 ocorrências)  
Eles me chamam de rei, né?  
Daqui eu sou mesmo rei, mas ninguém sabia não.  
Morreu. Matou ele.  
Ali naquele morro do lado aí.  
Um pedacinho de régua assim.  
[...] televisão não existia, rádio, pouco também.  
[...] assistindo o rádio porque televisão não existia.  
[...] a raça de B., a que é a família.  
Aí eu falando, falando do rei, eu quase me casei com a filha do rei.  
Não era R. [seu próprio nome] não [...]  
[...] então se reunia ali um pessoalzinho, [...]  
Eu sei muitas historinhas de rir, achar graça.  
Morrer, morre de doença.  
O italiano tem o sangue meio resolvido, bravo.  
Eu, me dá raiva, eu mesmo.  
Eu queria falar... Ribeirão Capixaba.  
É Ribeirão.  
Então eu respondo também em italiano.  
Eu respondo e...  
Aquele pessoal de raiva, que fica guardando a raiva [...]  
[...] que receber um desaforo.
- (M2) [...] lá perto em Roma, fazer estrada.  
(17 ocorrências) [...] assim, retirado, sozinho.  
[...] um chá ruim, pra dor de barriga.  
É um remédio.  
Que troço ruim aquilo. Aquele que é ruim.

**R**uim a professora!  
 Descia a **r**égua mesmo!  
 Aí depois de grande é **r**uim.  
 Junto com a mãe, lavar **r**oupa, assim, trabalhar.  
**R**apaz, você tinha mandar um conversar com a menina.  
 [...] a **r**oupa dela que se vestia?  
 Ela fazia **r**oupa em casa.  
 Você [ia] comprar a peça, a **r**oupa e fazer, mamãe fazia.  
 [...] que ele não quer as coisa **err**rada não.  
 [...] cantava e **r**ia entre eles.

b) [h/h̃] - 20 ocorrências:

- (F1)  
 (02 ocorrências) Vinte e nove ano que ela **mor**reu.  
 [...] não sabia fazer o **dever**.
- (F2)  
 (05 ocorrências) Os grito na **r**ua todo mundo escutava.  
 Ah, **r**apaz, quando eu cheguei lá...  
 Aí falava: “**R**ápido, **r**ápido!”, falava.  
 Deixamo ela **mor**rer.
- (M1)  
 (05 ocorrências) Eu **per**gunto os italiano que eu encontro hoje [...]  
 Uma vez eu assistia televisão, eu assistia o **jorn**al também.  
 [...] nunca... **mor**to, matado não, aqui nunca.  
 Não, isso é **R**ibeirão, não?  
 Ela batia por **gostar**.
- (M2)  
 (08 ocorrências) Lá não tinha comer não, **r**apaz!  
 Meu avô, **r**apaz, muita vez saía [...]  
 Batia com a **r**égua.  
 Aquele tempo, **r**apaz, as mulher tudo sabia costurar.  
 Eu aprendi, meu avô, **r**apaz, era, ocê não podia brincar nem com  
 ele.  
 [...] gosta andar muito **err**rado.  
 Italiano **re**cebe também bem.  
**R**apaz, cê faz uma amizade [...]

Na tabela 8.2, observam-se alguns nocautes, isto é, nenhuma das variantes [x/ɣ] e [h/h̃] ocorreu:

- a) contexto precedente: fricativa alveolar ou palatal;
- b) ponto de articulação do contexto seguinte: bilabial, alveopalatal e labiodental;

c) modo de articulação do contexto seguinte: fricativa, africada e lateral.

Para que sejam obtidos os pesos relativos dos fatores analisados, por meio do Programa GoldVarb X, nos dados não pode haver índices absolutos – zero ou 100%. Segundo Guy e Zilles (2007), em caso de nocautes, é preciso verificar se o fato se deu por haver um pequeno número de ocorrências de determinada variante na amostra ou se os nocautes são verdadeiros, ou seja, se a quantidade de dados foi maior – diga-se mais de 30 – e a variante não ocorreu. De acordo com os autores,

Se determinado caso parece ser um nocaute verdadeiro [...], a opção mais válida é não incluir na análise com o Varbrul os dados que ocorrem nesse contexto. Sabemos que existem muitos processos e contextos linguísticos que são categóricos, ou seja, que exigem ou proíbem certo resultado: justamente esses não são os itens que analisamos com metodologia variacionista. Portanto, normalmente, retiramos completamente do *corpus* os dados que são nocautes verdadeiros. [...] Note-se que o único motivo válido para reter tais dados seria comparar dialetos ou falantes diferentes, entre os quais uns não têm nocaute enquanto outros têm (GUY; ZILLES, 2007, p. 159-160).

A partir da citação de Guy e Zilles (2007), decidiu-se retirar da amostra os casos em que houve 100% de ocorrências das variantes [r, r, ʀ], pois não há motivos para retê-los: a) não estão sendo comparados dialetos/variedades diferentes; b) neste estudo, os participantes tampouco estão sendo comparados. Portanto, entre os casos acima de 30 dados, os 75 de consoantes bilabiais e os 75 de fricativas no contexto seguinte ao alvo foram retirados do corpus, para a verificação dos pesos relativos dos demais fatores.

No caso de nocautes em que há menos de 30 dados, Guy e Zilles (2007) indicam as seguintes possibilidades de os nocautes serem retirados dos corpora, a fim de que o Programa Varbrul – neste caso, o GoldVarb X – possa ser utilizado:

a) amalgamar o fator com outro, se o pesquisador quiser reter em sua amostra os dados com 100% de ocorrência. Neste caso, juntam-se fatores que são social ou linguisticamente semelhantes ou que possam ser tratados como subtipos de uma supercategoria;

b) não usar o fator na análise. Para este caso de tratamento do nocaute, quando se trata de um grupo de fatores binário, pode-se excluir o grupo. Quando não se trata de grupo

binário, os dados podem ser retidos, recodificando o nocaute como ‘não aplicável’. Os autores afirmam que esta última opção é menos preferível que a amalgamação<sup>151</sup>.

Diante do exposto, decidiu-se eliminar os nocautes apresentados na amostra desta tese com a amalgamação de fatores semelhantes:

- a) no grupo de fatores ‘Contexto precedente’, os dados das fricativas foram reunidos com o vazio, já que é difícil amalgamar fricativas e vogais, por suas diferenças linguísticas;
- b) no grupo de fatores ‘Ponto de articulação do segmento seguinte’, os dados das consoantes posteriores (alveopalatais e velares) foram reunidos, assim como os dados das anteriores (labiodentais e dentais). As bilabiais foram retiradas;
- c) no grupo de fatores ‘Modo de articulação do segmento seguinte’, foram amalgamados os dados das africadas e os das oclusivas e os dados das laterais e os das vogais.

Após serem retirados os nocautes, foi possível observar os fatores considerados pelo Programa Goldvarb X como significativos para a pronúncia dos róticos [x/ɣ] e [h/ɦ], as mais raras entre os informantes.

Tabela 8.3 — Fatores significativos para a pronúncia [h/ɦ, x/ɣ] (em Pesos Relativos)

Grupo de Fatores		Total/%	P.R.
Sexo	Masculino	53/492 = 10,8%	0.578
	Feminino	13/310 = 4,2%	0.379
Posição do rótico na sílaba	Ataque inicial	52/174 = 29,9%	0.754
	Coda no interior de palavra	05/496 = 1,2%	0.574
	Intervocálica	07/122 = 5,7%	0.363
	Coda em final de palavra	02/80 = 2,5%	0.037
Modo de articulação do segmento seguinte ao alvo	Pausa	02/18 = 11,1%	0.991
	Vogal/Lateral	60/318 = 18,9%	0.766
	Nasal	1/88 = 1,1%	0.590
	Oclusiva/Africada	03/288 = 1%	0.165

Input = 0.036; Log likelihood = -158.756; Significance = 0.018

Fonte: A autora (2023).

<sup>151</sup> Os autores citam outra forma de eliminação de nocautes, que é a criação de um dado falso: em vez de zero, haverá uma (01) ocorrência em determinado fator. Este caso é aplicável quando se tem “um estudo comparativo de várias cidades, ou uma comparação do comportamento de vários indivíduos numa amostra etc.” (GUY; ZILLES, 2007, p. 162). Este modo de eliminação de nocaute não será usado neste estudo.

A Tabela 8.3 evidencia os três grupos de fatores considerados favorecedores da pronúncia marcada para os informantes, em ordem de seleção pelo Programa GoldVarb X: sexo, posição do rótico na sílaba e modo de articulação do segmento seguinte ao rótico. O sexo será tratado na seção 8.2, que trata do apagamento de (r), haja vista que ele também foi o primeiro selecionado como favorecedor desse processo. Passa-se, então, para a apresentação dos resultados da posição do rótico na sílaba e do modo de articulação do segmento seguinte ao rótico.

### 8.1.1 A posição do rótico na sílaba

O segundo grupo de fatores selecionado foi a posição que o rótico ocupa na palavra. Os resultados da Tabela 8.3 são:

<b>Fatores</b>	<b>Total/%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Ataque inicial	52/174 = 29,9%	0.754
Coda interna	05/496 = 1,2%	0.574
Intervocálica	07/122 = 5,7%	0.363
Coda final	02/80 = 2,5%	0.037

Nos dados da amostra, as fricativas posteriores são mais propensas a ocorrer, em primeiro lugar, na posição de ataque inicial (PR = .754) e, em segundo lugar, na posição de coda interna (PR = .574). Na coda medial, as fricativas sofrem a *concorrência* especialmente do tepe e, em segundo lugar, do apagamento.

Digno de nota é o forte desfavorecimento de [x/ɣ, h/ɦ] em posição intervocálica (PR = 0.363) e, principalmente, em coda final (PR = 0.037). Em posição intervocálica, a variante normalmente usada pelos informantes é o tepe. Essa é, ao lado do ditongo nasal pronunciado como [õ] ou [õw̃], uma das características mais marcantes da linguagem de adultos e idosos de São Bento de Urânia. A ocorrência das fricativas nesse contexto é, realmente, incomum.

Outra posição que desfavorece as fricativas posteriores, na amostra de São Bento de Urânia, é a coda final, ambiente em que o apagamento é quase categórico. Estes são os

casos de rótico em posição intervocálica e em coda final, com as iniciais dos informantes que os proferiram entre parênteses:

a) Posição intervocálica:

Fricativa glotal	mor <u>rr</u> eu (F1) mor <u>rr</u> er (F2) er <u>rr</u> ado (M2)
Fricativa velar	car <u>rr</u> o (F2) mor <u>rr</u> eu (M1) mor <u>rr</u> o (subst.) (M1) er <u>rr</u> ada (M2)

b) Posição de coda final:

Fricativa glotal	dever <u>r</u> (F2) gostar <u>r</u> (M1)
------------------	---

Interessante observar que, na posição de coda final, cujo número de ocorrências é muito pequeno, não houve nenhum caso de fricativa velar e, na posição intervocálica, o informante M2 utilizou duas variantes diferentes para pronunciar praticamente a mesma palavra: ‘e[h]ado’ e ‘e[ɣ]ada’, demonstrando que um falante pode apresentar mais de uma variante de (r) em seu repertório linguístico.

### 8.1.2 Modo de articulação do segmento seguinte às variantes [x/y, h/h]

O terceiro grupo de fatores selecionado pelo Programa GoldVarb X foi o modo de articulação da consoante seguinte.

Fatores	Total/%	Peso Relativo
Pausa	02/18 = 11,1%	0.991
Vogal/Lateral	60/318 = 18,9%	0.766
Nasal	1/88 = 1,1%	0.590
Oclusiva/Africada	03/288 = 1%	0.165

Quanto ao modo de articulação do segmento seguinte ao rótico, o único que desfavorece a pronúncia das fricativas posteriores (obstruintes) são as oclusivas e africadas (também obstruintes), ocorrendo um processo de dissimilação. Com os demais ambientes, há o favorecimento da produção da fricativa. Os três únicos casos são estes:

Fricativa velar	pe <u>r</u> to (M2)
Fricativa glotal	pe <u>r</u> gunta (M1)
	mo <u>r</u> to (M1)

Os exemplos mostram que os informantes bilíngues, não obstante preferirem a pronúncia do rótico como tepe, também utilizam as fricativas posteriores. Em outras palavras, os informantes variam o seu repertório de róticos. Como exemplo, tem-se que uma mesma informante (M1) pronuncia, na mesma frase, um verbo com fricativa velar e com tepe: “Mo[y]er, mo[r]e...”.

Outro dado interessante é a palavra ‘rapaz’, que apareceu 10 vezes no corpus, sendo usada como vocativo nove vezes. Dessas nove vezes, em oito (88,9%) a pronúncia foi com as fricativas posteriores, [x/y, h/h], o que pode indicar que os informantes aprenderam essa forma de expressão com a palavra pronunciada com a fricativa posterior e a reproduzem desse modo. Este exemplo aponta para o papel do léxico nas mudanças linguísticas. A seguir, então, discute-se o apagamento de (r).

## 8.2 O apagamento de (r)

Igualmente, procurou-se investigar os fatores que estariam favorecendo o apagamento de (r). Para isso, o Programa foi rodado com duas variantes: 1) o apagamento; 2) todas as variantes pronunciadas [r, r, ɹ, x/y, h/h]. Primeiramente, o Programa Goldvarb X foi rodado com todos os grupos de fatores. Os resultados estão na Tabela 8.4, a seguir, com os nocautes destacados em negrito.

Tabela 8.4 – Resultados gerais para o apagamento de (r)

Grupo de Fatores		Apagamento de (r)		Pronúncias [r, r̄, ʀ, x/χ, h/ħ]		Total	
		N	%	N	%	N	%
<b>Sexo</b>	Feminino	230	42,6	310	57,4	540	36,9
	Masculino	432	46,8	492	53,2	924	63,1
<b>Classe de palavra</b>	Não verbo	92	13,9	568	86,1	660	45,1
	Verbo	570	70,9	234	29,1	804	54,9
<b>Posição do alvo na sílaba</b> <sup>152</sup>	Ataque inicial	0	0	174	100	174	11,9
	Coda interna	82	16,1	426	83,9	508	34,7
	Coda final	580	87,9	80	12,1	660	45,1
	Intervocálico	0	0	122	100	122	8,3
<b>Tonicidade da sílaba em que ocorre o alvo</b> <sup>153</sup>	Tônica	586	60,4	384	39,6	970	66,3
	Pretônica	74	18,6	323	81,4	397	27,1
	Anterior à pretônica	1	2,0	48	98,0	49	3,3
	Postônica	1	2,1	47	97,9	48	3,3
<b>Contexto fonético precedente</b> <sup>154</sup>	Vogal oral anterior	216	46,5	249	53,5	465	31,8
	Vogal oral posterior	401	49,8	404	50,2	805	55,0
	Vogal nasal anterior	13	48,1	14	51,9	27	1,8
	Vogal nasal posterior	32	21,6	116	78,4	148	10,1
	Vazio	0	0	12	100	12	0,8
	Fricativa alveolar ou palatal	0	0	07	100	07	0,5
<b>Ponto de articulação do segmento seguinte</b>	Vogal	202	38,8	318	61,2	520	35,5
	Vazio	104	85,2	18	14,8	122	8,3
	Dental	161	37,9	264	62,1	425	29,0
	Bilabial	56	42,7	75	57,3	131	8,9
	Labiodental	21	51,2	20	48,8	41	2,8
	Alveopalatal	11	40,7	16	59,3	27	1,8
	Velar	107	54,0	91	46,0	198	13,5
<b>Modo de articulação do segmento seguinte</b>	Vogal	202	38,8	318	61,2	520	35,5
	Pausa	104	85,2	18	14,8	122	8,3
	Oclusiva	179	38,3	288	61,7	467	31,9
	Fricativa	87	53,7	75	46,3	162	11,1
	Africada	0	0	12	100	12	0,8
	Lateral	17	85,0	03	15,0	20	1,4
	Nasal	73	45,3	88	54,7	161	11,0
<b>Sonoridade do segmento seguinte</b>	Vozeado	355	40,7	518	59,3	873	59,7
	Não vozeado	203	43,6	263	56,4	466	31,9
	Sem segmento seguinte	103	83,7	20	16,3	123	8,4
	<b>TOTAL</b>	<b>662</b>	<b>45,2</b>	<b>802</b>	<b>54,8</b>	<b>1464</b>	

Fonte: A autora (2023)

<sup>152</sup> No grupo de fatores ‘Posição do alvo na sílaba’, o fator ‘Ataque no interior de palavra’, como em *honra* e *genro*, foi colocado a priori, mas foi retirado da amostra por não ter sido encontrado nenhum exemplo neste corpus.

<sup>153</sup> O fator ‘Após a postônica’ foi retirado do grupo de fatores ‘Posição do alvo na sílaba’ por não ter ocorrido neste corpus.

<sup>154</sup> No grupo de fatores ‘Contexto precedente’, os fatores ‘Consoante lateral’, como em *guelra* e *palra*; e a vibrante, como em *ar rarefeito* e *ar ruim*, foram retirados por não haver nenhuma ocorrência no corpus.

Na rodada seguinte, foram retirados os fatores em que o apagamento não ocorreu: ataque inicial e em interior de palavra/intervocálico (grupo ‘Posição do alvo na sílaba’) e o contexto precedente vazio. Esses resultados já eram esperados, tendo em vista o que foi aqui discutido acerca do apagamento. Para se eliminar o nocaute do grupo de fatores ‘Modo de articulação do segmento seguinte’, os resultados das africadas foram amalgamados com os das oclusivas, como se procedeu anteriormente.

O Programa GoldVarb X eliminou os grupos de fatores ‘Sonoridade do segmento seguinte’ e ‘Contexto fonético precedente’, por não se mostrarem significativos para o apagamento de (r). Na Tabela a seguir, encontram-se os fatores favorecedores selecionados pelo Programa, por ordem de relevância para o processo.

Tabela 8.5 — Fatores significativos para o apagamento de (r) (em Pesos Relativos)

<b>Grupo de Fatores</b>		<b>P.R.</b>
<b>Sexo</b>	Masculino	0.614
	Feminino	0.305
<b>Classe de palavra</b>	Verbo	0.736
	Não verbo	0.185
<b>Posição de /r/ na sílaba</b>	Coda em final de palavra	0.868
	Coda no interior de palavra	0.079
<b>Tonicidade da sílaba</b>	Tônica	0.547
	Pretônica	0.509
	Postônica	0.031
	Anterior à pretônica	0.015
<b>Ponto de articulação do segmento seguinte</b>	Velar	0.949
	Alveopalatal	0.501
	Vogal	0.497
	Dental	0.345
	Vazio	0.329
	Bilabial	0.313
	Labiodental	0.063
<b>Modo de articulação do segmento seguinte ao alvo</b>	Fricativa	0.823
	Lateral	0.706
	Nasal	0.605
	Vogal	0.513
	Pausa	0.477
	Oclusiva/Africada	0.332

Input = 0.594; Log likelihood = -311.499; Significance = 0.000

Fonte: A autora (2023).

A primeira observação a ser feita é a maior complexidade do processo de apagamento dos róticos: o Programa GoldVarb X selecionou apenas três grupos de fatores relevantes para as pronúncias [x/ɣ, h/ɦ] e o dobro para o apagamento de (r).

O primeiro grupo de fatores selecionado foi novamente o *sexo*, que será tratado após os grupos de fatores linguísticos – classe de palavra, posição do rótico na sílaba, tonicidade da sílaba, ponto e modo de articulação do segmento seguinte a (r). Os resultados são:

### 8.2.1 Classe de palavra

<b>Fatores</b>	<b>Total/%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Verbo	570/804 = 70,9	0.736
Não verbo	92/660 = 13,9	0.185

Os dados de São Bento de Urânia apontam que os verbos favorecem muito o apagamento (PR = 0.736), enquanto os não verbos o desfavorecem muito (PR = 0.185).

Resultados de Callou, Moraes e Leite (2002) nas capitais abarcadas pelo Projeto NURC evidenciam as diferenças de porcentagem de apagamento dos róticos com relação às classes de palavras. Em Salvador, o Peso Relativo de apagamento de (r) em verbos é de .72, enquanto o de nomes é .08. No Rio de Janeiro, o PR de verbos é .70, e o de nomes, .11. Em Recife, PR = .58 para verbos e .28 para nomes. Em Porto Alegre, o PR de verbos é de .56; em nomes, o PR baixa para .32. Em São Paulo, o apagamento de (r) nos verbos também supera em muito esse processo nos nomes: PR = 0.64 contra PR = 0.10.

Estudo de Oushiro e Mendes (2014) sobre o apagamento de róticos na capital paulista indica que o apagamento em verbos ocorre em 97% dos casos; em nomes, apenas 3%. Em dados de Oliveira (1983) sobre amostra de Belo Horizonte, o apagamento em final de nomes ocorreu em 26.09% do total de casos; em final de verbos, 81.59%.

Dessa forma, os resultados de pesquisas em diferentes localidades do Brasil atestam que o apagamento dos róticos é mais propenso em verbos do que em não verbos, e os dados de São Bento de Urânia se perfilam aos apresentados, o que indica que esse processo está bastante difundido no Brasil, independentemente do tipo da comunidade: pequena e rural ou grande e urbana.

Os Pesos Relativos mais altos para o apagamento dos róticos em verbos indicam que ele é um processo mais antigo, isto é, o apagamento em verbos teve início muito antes do apagamento em nomes. Em se tratando de São Bento de Urânia, pode-se pensar que os moradores bilíngues aprenderam o português com o processo de apagamento de (r) em verbos já consolidado e em nomes em estágio inicial. Outras pesquisas com dados de uranienses mais jovens poderão atestar se está havendo ou não mudança em progresso.

### 8.2.2 Posição de (r) na sílaba

Com relação ao grupo de fatores Posição de (r) na sílaba, no ataque inicial e no ataque interno (posição intervocálica) não houve apagamento, como foi dito. Para os demais fatores, os resultados são os seguintes:

<b>Fatores</b>	<b>Total/%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Coda final	580/660 = 87,9	0.868
Coda interna	82/508 = 16,1	0.079

Também as diferenças com relação à posição do rótico são evidentes: (r) estando em coda final, seu apagamento é bastante favorecido (PR = .868), ao passo que, se estiver em coda medial, seu apagamento é muitíssimo desfavorecido (PR = 0.079).

Os resultados para o apagamento de (r) entre os informantes de São Bento de Urânia se perfilam aos apresentados anteriormente, em outras regiões do país: dados de Callou, Moraes e Leite (2002) apontam que, em Porto Alegre, o apagamento aumenta de 4%, em coda interna, para 37%, em coda final; em São Paulo, passa de 2%, em coda interna, para 49%, em coda final; no Rio de Janeiro, vai de 3% para 47%; em Salvador, de 2% para 62%; em Recife, de 3% para 50%. Oliveira (1983) computou, para Belo Horizonte, o cancelamento de 17,59%, em coda interna; em posição de coda externa, foram 26,09% de apagamentos em nomes e 81.59 % em verbos. Oushiro e Mendes (2014) encontraram, para a cidade de São Paulo, o Peso Relativo de .37 em coda medial e .88 para o apagamento em coda final.

Dessa forma, o que se disse com respeito à generalização, no português brasileiro, do apagamento quanto às classes de palavras se aplica também aos róticos em posição de

coda silábica: o apagamento em coda final é um processo que se iniciou antes do apagamento em coda interna e está presente em diferentes variedades do Português Brasil.

Por sua vez, é fato que o apagamento não ocorreu em posição de ataque silábico na amostra de São Bento de Urânia e de nenhuma variedade do Brasil citada nesta tese. A justificativa, segundo Callou, Moraes e Leite (2013), reside no padrão silábico do português: em caso de apagamento em ataque, o padrão silábico CV, não marcado no português, seria alterado para o padrão marcado V e poderia ocorrer o encontro de vogais, o que não é desejável nas línguas.

Além disso, se o apagamento do rótico em posição de ataque silábico incidir no radical das palavras, que carrega o seu significado, poderia haver algum prejuízo para a compreensão das mensagens entre os interlocutores.

### 8.2.3 Tonicidade da sílaba

Os resultados para este grupo de fatores são:

<b>Fatores</b>	<b>Total/%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Sílaba tônica	586/970 = 60,4%	0.574
Sílaba pretônica	74/397 = 18,6%	0.509
Sílaba anterior à pretônica	01/49 = 2,0%	0.031
Sílaba postônica	01/48 = 2,1%	0.015

Os resultados deste grupo de fatores são interessantes, pois não há, propriamente, um fator realmente favorecedor: a ocorrência do rótico em sílaba tônica favorece levemente o apagamento (PR = 0.574); em sílaba pretônica, há neutralidade (PR = 0.509); e, nas posições periféricas da palavra – sílaba anterior à pretônica e a postônica –, em que a sonoridade é mais fraca, o apagamento é muitíssimo desfavorecido (PR = 0.031 e 0.015, respectivamente).

Oliveira (1983) encontrou resultados semelhantes em sua amostra de Belo Horizonte: o apagamento do rótico foi favorecido em sílaba acentuada (PR = .60) e desfavorecido em sílaba não acentuada (PR = .40), o que não é esperado, pois o apagamento dos segmentos ocorre nos contextos átonos. Conforme Oliveira (1983, p. 126), em seus resultados para Belo Horizonte,

[...] o apagamento de (r) é levemente favorecido quando acontece em sílaba acentuada. Por que isso deveria acontecer não está nada claro. Eu poderia esperar a situação inversa. [...] Nós sabemos pela história de muitas línguas que o acento exerce um importante papel em muitos processos de apagamento. O português e o francês podem ser citados aqui. Em português, segmentos pretônicos e postônicos foram apagados em muitos casos, como em<sup>155</sup>

amáre	amar	
apícula	apicla	abelha
eremíta	ermida	

O autor afirma não poder oferecer uma explicação para esse favorecimento do apagamento em contexto tônico. Afirma ainda que, quando um fenômeno linguístico não tem explicação estrutural, a(s) causa(s) está(ão) nos fatores extralinguísticos. Sabe-se que as comunidades têm seus usos linguísticos vinculados às suas regras sociais e, no caso de São Bento de Urânia, seria possível pensar que, no português aprendido pelos descendentes de imigrantes, existiam as mesmas *regras* da variedade falada em Belo Horizonte. Adiante será abordado o fator *sexo*, o único extralinguístico levado em consideração na composição da amostra de São Bento de Urânia. Outros estudos devem abarcar mais dados e mais fatores extralinguísticos, para que se tente esclarecer mais profundamente a variação e a mudança linguística entre os uranienses.

#### 8.2.4 Ponto de articulação do segmento seguinte

Os resultados são:

---

<sup>155</sup> No original: The deletion of (r) is slightly favored when it occurs in a stressed syllable. Why this should be so is not clear at all. I would expect the inverse situation to hold. [...] We know from the history of many languages that stress played an important role in many processes of deletion. Portuguese and French can be mentioned here. In Portuguese, pre-tonic and post-tonic segments were deleted in many instances, such as *amare* > *amar*; *apícula* > *apicla* > *abelha*; *eremita* > *ermida*. (OLIVEIRA, 1983, p. 126).

<b>Ponto de articulação - Fatores</b>	<b>Total/%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Velar	107/198 = 54%	0.949
Alveopalatal	11/27 = 40,7%	0.501
Vogal	202/520 = 38,8%	0.497
Dental	161/425 = 37,9%	0.345
Vazio	104/122 = 85,2%	0.329
Bilabial	56/131 = 42,7%	0.313
Labiodental	21/41 = 51,2%	0.063

Os resultados indicam que o único ponto de articulação do segmento seguinte que favorece o apagamento é a consoante velar, sendo quase categórica (PR = 0.949). Ocorre aí um processo de assimilação do ponto de articulação: a consoante subsequente com o traço [+posterior] favorece o apagamento (CALLOU; MORAES; LEITE, 2013). As consoantes alveopalatais e as vogais mostram-se neutras (PR = .501 e 0.497, respectivamente); as dentais, o vazio e as bilabiais desfavorecem muito (PR = 0.345, 0.329 e 0.313, respectivamente); e as labiodentais desfavorecem enormemente (PR = 0.063). Exemplos do corpus de apagamento antes de velares são:

- (F1) [...] não tinha estrada pra passaØ carro.
- (F2) [...] assim namoraØ comigo.  
 [...] dizendo que ia casaØ comigo.  
 é minha morte poØque [...]  
 eu tinha só começado a namoraØ com o P. R.
- (M1) É poØque já vinham, era o costume da família.  
 Outra vez chegava num lugaØ que a tábua fazia assim...  
 Sabe onde a gente ia fazeØ compra? Em Cachoeiro.  
 Eu sei muitas historinhas de rir, achaØ graça.
- (M2) [...] tinham que fazer estrada pra comeØ que eles [...]  
 Eu vou me embora poØque aqui no Brasil [...]  
 Tinha uma mulheØ que comia.  
 [...] alguma coisa pra daØ comida os porco.

Exemplos de apagamento de (r) antes de consoantes labiodentais são:

- (F1) Cê tem que compraØ farinha.  
 Ah, deve teØ ficado!

- (F2) Se eu desmaiaØ você corre aqui!  
 “Ah, vou morreØ vou morrer, me enxuga o suor [...]”  
 “Eu vou morreØ vou morreØ”  
 Começou daØ febre.  
 Ela veio buscaØ vocês?
- (M1) Comecei lá na Vila Rubim, vendeØ verdura.  
 Ah, dormir depende, depende se tiveØ visita.  
 Ela até hoje, até hoje tem de vestiØ fica ali na máquina.  
 Eu queria seØ faiate [alfaiate]. Deve teØ ficado.  
 Eu gostaria encontrar com ele pra conversaØ ver certos assunto...
- (M2) [...] meu pai começou derrubar, botaØ fogo, queimar pa poder abrir [...]  
 PocaØ você sabe?  
 Às 10, 11 hora da noite ia no moinho panhaØ fubá. Ia panhaØ fubá no moinho.  
 Ela ia no moinho, ver o moinho, panhaØ fubá pra fazer a polenta.  
 A Itália é tudo antiga, tudo que cê queØ ver antigo cê acha lá.  
 Falou se queria veØ falava sim.

Pelos exemplos, observa-se que o cancelamento de (r) antes das consoantes labiodentais se deu sempre em coda de verbos, ao contrário das consoantes velares, quando o cancelamento ocorreu três vezes com a palavra ‘porque’, uma vez com a palavra ‘mulher’ e uma vez com a palavra ‘lugar’. A palavra ‘porque’ ocorreu 78 vezes no corpus, sendo pronunciada como tepe em 33 ocasiões (42,31%) e com o apagamento de (r) em 45 palavras (57,69%). O informante M1 foi o que mais pronunciou a palavra com o apagamento, mas ele também produziu o tepe.

### 8.2.5 *Modo de articulação do segmento seguinte*

Para este grupo de fatores, os resultados são estes:

Fatores	Total/%	Peso Relativo
Fricativa	87/162 = 53,7	0.823
Lateral	17/20 = 85,0%	0.706
Nasal	73/161 = 45,3%	0.605
Vogal	202/520 = 38,8	0.513
Pausa	104/122 = 85,2%	0.477
Oclusiva/Africada	179/479 = 37,4%	0.332

Os resultados mostram que as consoantes seguintes fricativas, laterais e nasais favorecem o apagamento de (r). As vogais e a pausa são neutras, e as oclusivas/africadas desfavorecem o apagamento. A explicação para os fatores favorecedores está, como se disse na seção 5.3, no “Princípio de Sequenciamento da Sonoridade, que exige o aumento da sonoridade dos *onsets* silábicos na direção do núcleo e a sua diminuição a partir do núcleo para a coda” (CALLOU; MORAES; LEITE, 2013, p. 185, grifos desta autora). A seguir, traz-se de novo o quadro 5.8, que traz a escala de sonoridade dos segmentos, retirado de Callou, Moraes e Leite (2013, p. 186).

Quadro 8.1 — Escala de sonoridade de Clements e Hume (1995)

	[soante]	[aproximante]	[vocoide]	Escala de sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vocoide	+	+	+	3

FONTE: Callou, Moraes e Leite (2013, p. 186).

Por esse Princípio, uma consoante fricativa (obstruinte) na coda apresenta o maior grau de decréscimo de sonoridade, 3 (3 de sonoridade da vogal – 0 da sonoridade da obstruinte = 3); o grau de decréscimo de uma lateral na coda é 1 (3 da vogal – 2 da líquida = 1); e o grau de decréscimo de uma nasal na coda é 2 (3 da vogal – 1 da nasal = 2). Nesse sentido, de acordo com a escala de sonoridade acima, os resultados de São Bento de Urânia para o contexto seguinte ao alvo deveriam ser, em ordem decrescente de favorecimento ao apagamento do rótico, a fricativa, a nasal e a lateral, mas não foi isso o que o Programa GoldVarb X selecionou, com base nos dados da amostra.

Os resultados de São Bento de Urânia também indicaram um desfavorecimento do apagamento de (r) quando o contexto seguinte era uma consoante oclusiva/africada (que também são obstruintes, com grau de decréscimo de sonoridade igual a 3). Segundo Callou, Moraes e Leite (2013, p. 186), “é o traço [+contínuo] do /r/ que preestabelece a seleção [do rótico]”.

Outros resultados encontrados para o modo de articulação do segmento seguinte são:

- i) em João Pessoa: o Peso Relativo para o apagamento é de .90, quando o contexto fonológico seguinte é um segmento [+contínuo] (HORA; WETZELS, 2010);

ii) em Porto Alegre, a consoante no contexto seguinte ao alvo favorece levemente o apagamento (PR = .57), ao passo que a vogal é neutra (PR = .51) e a pausa desfavorece esse processo (PR = .31) (CALLOU; MORAES; LEITE, 2002);

iii) em São Paulo, o contexto seguinte sendo consoante favorece levemente o apagamento (PR = .56), a vogal mostra-se neutra (PR = .51, o mesmo valor para Porto Alegre) e a pausa desfavorece muito (PR = .27) (CALLOU; MORAES; LEITE, 2002);

iv) ainda em São Paulo, os dados de Oushiro e Mendes (2014) indicam que o traço [-contínuo] (consoantes oclusivas e africadas) do segmento seguinte ao rótico favorece seu apagamento (PR = .54), ao contrário do segmento [+contínuo] (líquidas e fricativas) (PR = .41);

v) em Belo Horizonte, Oliveira (1983) observou que o ambiente seguinte mais propício ao apagamento de (r) em coda final era uma lateral ou nasal; já o apagamento do rótico em coda medial era favorecido por um segmento [+ contínuo] e [+vozeado].

Um dado importante do estudo de Oliveira (1983) é o apagamento de (r) ser favorecido quando em seguida vem a fricativa [s]. Como se afirmou na Seção 5.3, no latim já ocorria a assimilação do grupo ‘rs’, com o apagamento de ‘r’ em coda silábica interna (cf. FARIA, 1957; OLIVEIRA, 1983), e esse processo continua ocorrendo no português atual, entre monolíngues urbanos e bilíngues rurais. Na amostra deste estudo, das 59 ocorrências da palavra *conversa/conversar* e seus derivados, 29 (49,15%) tiveram o (r) em coda interna não pronunciado. Exemplos são:

- (F1) Conversava, né? Eles conveØsava entre os dois, né?
- (F2) Ela falava ‘pa pa pa pa pa pa’, conversava, conveØsava, mas ela não queria soltar a minha mão.
- (M1) Só que a linguagem... eu também conveØso em italiano.
- (M2) Esses novo, ninguém conveØsa mais italiano.

Os fatores linguísticos selecionados como favorecedores do apagamento de (r) para este e os outros estudos aqui reportados não coincidem totalmente, o que deixa clara a importância do léxico e das variáveis extralinguísticas no uso da língua. Por exemplo, os

trabalhos de Monaretto (1997), Callou, Moraes e Leite (2002, 2013) e Margotti (2004) evidenciaram que variáveis como o sexo, a faixa etária e a escolaridade dos informantes, além da região geográfica das comunidades, eram muito significativas para a variação do uso de (r).

Nesta pesquisa, dados os seus objetivos, somente a variável extralinguística *sexo* foi averiguada, e ela se mostrou relevante tanto para a realização de [x/ɣ, h/h̃] quanto para o apagamento dos róticos. A seguir, discutem-se os resultados desta variável.

### 8.2.6 *Sexo*

A variável *sexo* foi a primeira selecionada pelo Programa GoldVarb X tanto para a pronúncia de (r) como fricativas posteriores quanto para o seu apagamento. A seguir constam os resultados obtidos.

#### *a) Resultados da variável 'sexo' com relação às pronúncias [x/ɣ, h/h̃]*

<b>Sexo</b>	<b>Total/%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Masculino	53/492 = 10,8%	0.578
Feminino	13/310 = 4,2%	0.379

#### *b) Resultados da variável 'sexo' com relação ao apagamento de (r)*

<b>Sexo</b>	<b>Total/%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Masculino	432/924 = 46,8%	0.614
Feminino	230/540 = 42,6%	0.305

Os resultados acima deixam claro que as mulheres favorecem as características linguísticas do Talian, ao passo que os homens favorecem as características relacionadas ao português sem influência do Talian.

Segundo Weinreich (1970 [1953]), as diferenças entre mulheres e homens se encontram mais no campo estilístico do que nas divisões linguísticas<sup>156</sup>. Essas diferenças são

<sup>156</sup> Cf. Weinreich, 1970, p. 93: “Embora algumas diferenças linguísticas quanto ao estilo, de acordo com o sexo do falante, não sejam incomuns, as principais divisões linguísticas que coincidem com a diferença de

atestadas pelos inúmeros estudos sociolinguísticos já realizados em diferentes sociedades. Em se tratando de variáveis estáveis, ou seja, que não estão sofrendo mudança, segundo Labov (2001) e Chambers (2009), por exemplo, as mulheres têm a tendência de evitar usar as formas linguísticas desprestigiadas socialmente, se comparadas com homens da mesma classe social e nas mesmas circunstâncias.

Entretanto, Labov (2001) pondera que, para que as mulheres privilegiem as formas padronizadas da língua, é preciso ter acesso a essas normas. Assim, as mulheres pouco escolarizadas não entrariam nessa regra. Vários estudos sociolinguísticos evidenciam que as diferenças entre a linguagem de mulheres e homens tendem a ser maiores na classe média baixa, no estilo de fala mais cuidado e entre os mais idosos (cf. CHAMBERS, 2009).

Em se tratando de uma mudança linguística, as mulheres também estão à frente dos homens, desde que não se trate de uma variante estigmatizada socialmente. Assim, ao mesmo tempo em que elas se mostram conservadoras, adotando formas normatizadas da língua, podem ser também inovadoras<sup>157</sup>. Como se disse, o comportamento linguístico diferenciado de mulheres e homens é fato em várias sociedades do mundo.

Labov (2001) explica essa diferença afirmando que as mulheres, embora tenham conseguido sua emancipação social e econômica, têm consciência de sua posição de grupo de menor poder econômico. Dessa forma, de acordo com esse autor, ao adotarem formas linguísticas prestigiadas socialmente, elas pretendem suplantar ou, pelo menos, diminuir a vantagem masculina em outras áreas.

Chambers (2009 [1995]), por sua vez, afirma que a diferença entre o padrão linguístico feminino e masculino pode dar-se porque as mulheres ficam menos isoladas em sua comunidade. Outra razão é pelo trabalho que ambos exercem: os homens, por sua profissão, são mais propensos a ficar isolados. Já as mulheres executam trabalhos em que têm que interagir com várias pessoas, o que auxilia as trocas linguísticas. Assim, os papéis

---

sexo são raras”. No original: “While certain differences in language style according to the sex of the speaker are not uncommon, major language divisions coinciding with the sex difference are rare”.

<sup>157</sup> A esse comportamento linguístico feminino aparentemente contraditório Labov (2001, p. 293) denominou *Paradoxo do Gênero*: “As mulheres adotam, mais do que os homens, as normas sociolinguísticas que são abertamente prescritas, mas adotam menos do que os homens quando não são. No original: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not”.

diferentes que mulheres e homens exercem em termos de diversidade ocupacional e mobilidade geográfica acarretam consequências em termos de diferenças linguísticas entre eles: quem se locomove mais, interage mais com pessoas de fora de sua comunidade e, por isso, terá mais chances de agregar formas linguísticas de grupos sociais com os quais mantém contato<sup>158</sup>.

O que foi falado até aqui sobre o fator extralinguístico *sexo* faz referência às sociedades ocidentais industrializadas. No Brasil, Oliveira (1983) não encontrou, em sua amostra de fala de Belo Horizonte, um papel feminino preponderante na mudança em progresso. O autor também frisa a importância da socialização de mulheres e homens em cada comunidade linguística para levar adiante a mudança linguística:

Minha proposta aqui é olhar não as mulheres em si, mas o seu papel em uma sociedade particular. Pode ser o caso de que, em uma dada sociedade, as mulheres tenham um grau de mobilidade maior que os homens. Esta é a explicação que encontramos em alguns estudos (cf. Lennig, 1978: 164-5)<sup>159</sup> para o fato de que as mulheres estão na liderança [da mudança linguística]. Mas também pode ser o caso de que, em outras sociedades, os homens, e não as mulheres, tenham uma maior mobilidade social. Isto é o que temos, por exemplo, no Brasil. Assim, é o papel de homens e mulheres em uma sociedade específica que determinará quem estará na liderança de uma mudança linguística (OLIVEIRA, 1983, p. 237)<sup>160</sup>.

Por sua vez, Paiva (2021), indicando estudos sociolinguísticos realizados, afirma que as mulheres são mais conservadoras, utilizando mais do que os homens as formas linguísticas prestigiadas socialmente, e as razões coincidiriam com as apontadas por Labov (2001) e Chambers (2009).

Em seu estudo, Paiva (2021) também chama a atenção para outras características da sociedade brasileira que podem influenciar a linguagem feminina e masculina, como a escolarização (“A mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, mais

---

<sup>158</sup> Vários estudos sociolinguísticos apontam outras causas para as diferenças entre a linguagem feminina e a masculina, com base na sociedade que está sendo estudada, mas nesta tese esse aprofundamento não será feito.

<sup>159</sup> Lennig, Matthew. 1978. **Acoustic Measurement of Linguistic Change: The Modern Paris Vowel System**. University of Pennsylvania Ph.D. Dissertation.

<sup>160</sup> No original: “My proposal here is to look not at women per se but at their role in a particular society. It may be the case that in a certain society women have a higher degree of social mobility than men. This is the explanation that we find in some studies (cf. Lennig, 1978:164-5) for the fact that women are in the lead. But it may be also the case that in other societies men, not women, have a higher social mobility. This is what we have, for instance, in Brazil. So, is the role of men and women in a specific society that will determine who is going to be in the lead in a certain linguistic change”.

predisposta à incorporação de modelos linguísticos” (PAIVA, 2021, p. 39)) e a exposição à televisão e a outras mídias.

A autora igualmente observa a importância da organização social de cada comunidade para a explicação da variação e da mudança linguística. Assim,

[...] qualquer explicação acerca do efeito da variável gênero/sexo requer uma certa cautela, vistas as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística e as transformações sofridas por diversas sociedades no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino (PAIVA, 2021, p. 41).

Em resumo, diferentes comunidades poderão divergir quanto a certas normas sociais para mulheres e homens, o que incidirá na linguagem utilizada por eles. Em se tratando de São Bento de Urânia, os resultados desta pesquisa revelam que as mulheres desfavorecem tanto a utilização das fricativas velar e glotal (PR = 0.379) quanto o apagamento de (r) (PR = 0.305). Em outras palavras, elas conservam mais as características do Talian do que os homens, e a explicação, como se disse nos parágrafos acima, está na organização social do distrito. Nas entrevistas concedidas pelos informantes, fica claro o papel que coube aos homens e principalmente às mulheres do lugar:

i) Elas se levantavam e ainda se levantam de madrugada:

*“Acorda cedo também, nossa vida, até dia de hoje, eu levanto cedo. Nossa, eu se levantava cedo, cedo. E tem gente que dorme até sete, oito hora, nove hora. Aqui não, tem nada disso não, é tudo cedo que acorda. [...] Eu também de manhã cedo eu levanto cedo, nossa vida! Levantar seis, sete hora, só se eu tiver sem poder mexer. É sempre escuro eu levanto. (F1).*

ii) Elas trabalhavam na lavoura e também em casa:

Entrevistadora: *“Mas eu soube de umas mulheres, que os homens iam dormir ou então ficavam conversando, e as mulheres iam costurar, iam remendar roupa.”*

*“Não, claro, não... Isso sim. Ela [sua esposa, F1] até hoje. Até hoje tem de vestir, fica ali na máquina costurando, que ela costura muito pros outro, pra cá e pra lá e...” (M1).*

Entrevistadora: *“...as mulheres antigamente costuravam, né?”*

*“Leva muita roupa, muita gente que leva roupa aqui pra ela costurar, e ela tá sempre de roupa cheia de, ah, aqui tá sempre, toda noite costurando, de dia também, é... costura também, trabalha em casa, faz comida, faz tudo” (M1).*

*“[...] eu tinha bordado, que eu tinha uma máquina que eu bordava o vestido. Ela [a mãe da entrevistada] gostava que eu fazia os vestido pra ela” (F2).*

*“Era tuda forte, trabalhava na roça até no último dia de ganhar neném. Cê viu como é? Ia lá na roça ajudar a família, marido, tudo, filho ia para a roça, tudo, ia pra casa encarejado nas costa. Com inhame alguma coisa pra dar comida os porco” (M2).*

*“Elas trabalhava em casa e na roça também. Ajudar o marido e ajudar a família na roça, a plantar milho. Roçar também. [...] Era, sim, mas quase a mulher pegava igual mesmo. Era mesmo o serviço, fazia o mesmo serviço. [...] E trabalhava na roça também, pra lavar, cozinhar, aquele tempo, rapaz, as mulher tudo sabia costurar, fazia tudo, elas fazia roupas pros menino em casa, tudo na máquina (M2).*

iii) Os moradores não saíam muito da comunidade também pelas dificuldades de locomoção:

*“Aqui em São Bento não tinha, era nem estrada, não tinha estrada. O que tinha aqui era estrada de picada, nem estrada de carro não existia” (M1).*

*“É, ninguém tinha um carro, ninguém tinha uma moto, ninguém tinha nada” (F1).*

*“Aqui não tinha nada, aqui não tinha nada, era tudo, né? e roça também, o que se colhia era tudo nas costa, não tinha tropa, não tinha nada” (M1).*

*“Aqui foi, aqui era pura capoeira, aqui não tinha estrada, tinha só as picadinhas, tinha nada. Tudo capoeira, mata” (M2).*

iv) A vida familiar era difícil também pelas condições do lugar:

*“Então hoje em dia também tanta medicina, tá morrendo tanta gente. Não tinha nada. Nem falar médico. Que médico?” (M1).*

*“É a parteira em casa. Eu mesmo, a minha mãe ganhou dez filho tudo de parteira... em casa. Tudo, tudo vivo. Eu também, minha mulher também. Nós temo dez filho tudo de parteira. A última só foi no médico pra não morrer” (M2).*

*“Que escola! Nem tinha escola. Eu vim conhecer a professora quando tinha 13 ano. 13 ano!” (M2)*

v) As saídas da comunidade eram difíceis e estavam reservadas aos homens, devido ao trabalho:

*“Eu fiz muita feira, eu vendia muito no mercado lá, comecei lá na Vila Rubim [bairro de Vitória, onde ainda há um mercado central] vender verdura. Eu ia duas vez por semana, assim, uma vez por semana. Toda sexta feira eu ia lá, mas quando chegava em Vitor Hugo, onde que você sai do asfalto e vem pra cá, pega de Vitor Hugo pra cá, ali tinha que largar o caminhão lá, e vim embora a pé. Chegava em casa 2, 3 horas da manhã, 1 hora, 2 horas, não tinha hora não, vinha a pé que o caminhão não subia mais.” (M1)*

Em suma, assim como em outras localidades, as diferenças entre a linguagem feminina e masculina se deve:

- a) à falta de estrutura do lugar, o que dificultou não só a vida, mas também as interações entre as pessoas, especialmente das mulheres; e
- b) à organização social de São Bento de Urânia, que deu funções diferentes às mulheres e aos homens: a elas coube o trabalho em casa e na lavoura, para ajudar na manutenção da família. A eles coube sair do distrito, para comprar o que era necessário em casa e também para vender os seus produtos.

Os resultados obtidos para São Bento de Urânia confirmam outros apresentados nesta tese: fatores de ordem social são de extrema importância para a compreensão dos fenômenos que acontecem na língua. Apesar de este estudo somente trabalhar com a variável *sexo*, em uma comunidade rural, outros trabalhos apontam a relevância da idade e da escolarização dos participantes da pesquisa, para se explicar a realização dos róticos. Neste ponto, os Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) levam em conta essas questões, para esclarecer como se dão os processos de variação e de mudança linguística. A seguir, então, serão discutidos os resultados desta pesquisa sob a perspectiva dos SAC.

### 8.3 A realização de (r) em São Bento de Urânia sob a perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC)

Nesta seção, será analisada a presença dos róticos em São Bento de Urânia sob a perspectiva dos SAC. Como visto na seção anterior, as variantes que ocorrem na linguagem dos informantes são:

- i) O tepe, [r], com 679 ocorrências (46,4% do total de dados);
- ii) O apagamento, com 662 ocorrências (45,2%);
- iii) A vibrante alveolar, [r], com 48 dados (3,3%);
- iv) As fricativas velares, [x, ɣ], com 46 ocorrências (3,1%);
- v) As fricativas glotais, [h, fi], com 20 ocorrências (1,4%);
- vi) A aproximante retroflexa, com 09 ocorrências (0,6%).

A partir dos resultados acima, observa-se que as variantes dos róticos não relacionadas ao Talian já fazem parte da linguagem dos mais idosos da comunidade. Analisando-se os dados por meio dos pressupostos do SAC, como expostos no capítulo 7, tem-se que:

- 1) Os sistemas complexos podem ser fechados ou abertos.

Em São Bento de Urânia, o sistema complexo mostrou-se quase fechado, no início de sua colonização. Os moradores que saíam da comunidade – quando saíam – iam vender seus produtos e/ou comprar o que fosse necessário à família. Também se dirigiam a alguma festa ou algum evento externo, mas, especialmente as mulheres, dado o rigor de sua criação e as condições de vida que tinham, ficavam mais restritas ao espaço doméstico, incluindo-se a lavoura. Os informantes F1 (a mulher) e M1 (o marido) informam as circunstâncias sob as quais os jovens saíam de casa para uma festa:

F1: *Quando ele [o pai] falava para nós ir em festa também, o dia que ele marcava é duas [filhas] só que vai; as outras tudo em casa. [...] E voltava a pé ainda.*

M1: *Umás duas, três horas de viagem a pé.*

F1: *Queria ir uma festa e saía a pé.*

M1: *Vítor Hugo, cê sabe que é Vítor Hugo. Pois é, quantas vez que eu saía daqui ou senão São Floriano. Saía a pé, ou saía a pé daqui Vítor Hugo pra ir numa festa.*

F1: *Também saía com o escuro, quando assistia a missa ou a reza que tinha, tinha que pegar ir embora, pegar a noite na estrada...*

Estas condições dificultavam a saída das mulheres da comunidade: percorrer trilha na mata, no escuro, visto que a iluminação pública ficava restrita a alguns lugares no centro de Vitória e outras poucas localidades, como se viu no capítulo destinado à descrição da colonização da Província. Entretanto, o sistema não era totalmente fechado, pois os homens saíam de São Bento de Urânia para fazer comércio. Eles, assim, mantinham contato com brasileiros, aprendiam mais o português e o repassavam aos demais membros da família.

Quando Getúlio Vargas proibiu a veiculação das línguas de imigração, durante o Estado Novo, o português – muito mais influenciado pelo Talian do que atualmente – foi a língua de comunicação daquelas pessoas, dentro e fora de casa. Com o tempo, os constantes contatos entre os moradores e os de fora fizeram com que o sistema complexo se tornasse mais aberto, promovendo as trocas linguísticas.

- 2) Os componentes de um sistema complexo são interdependentes e interagem de modo não linear.

Os componentes de um sistema complexo, neste caso, são os moradores de São Bento de Urânia. Eles formam uma comunidade de fala, interagindo e compartilhando sua linguagem. Nessas situações, a língua é veiculada de forma não homogênea, já que o português entrou no Distrito por diferentes formas – pelos que saíam mais, pelos visitantes, pelo rádio, pela escola etc. –, influenciando a língua anteriormente falada. Por outro lado, quando as línguas de imigração foram proibidas no país, os moradores da comunidade tiveram que passar a se comunicar em português, fazendo com que eles – os componentes do sistema – continuassem interdependentes e interagindo de forma não linear: os homens com um domínio de português provavelmente maior do que as mulheres, dependendo de seu grau de exposição às comunidades e às pessoas falantes da língua oficial, o que influenciou o Talian falado ali.

- 3) Os sistemas complexos têm comportamento emergente.

O comportamento de uma comunidade de fala não pode ser previsto a partir de um comportamento isolado. Isso ficou claro com os resultados deste estudo: embora haja muitas semelhanças entre a fala dos quatro informantes, houve variações entre eles, como foi demonstrado por meio da variável *sexo*. Outro ponto a ser destacado, dentro deste item, é que os sistemas complexos, embora possam emergir de diferentes modos,

conseguem manter a sua identidade, pois as coordenadas que definem um sistema formam um espaço de pontos – o espaço fase/base. E foi isso o que ocorreu.

Realmente, a distribuição dos róticos na linguagem dos quatro informantes caracteriza o português de contato falado no Distrito, entre os mais idosos. O uso preferencial do tepe, a grande porcentagem de apagamentos em final de verbos e a pouca ocorrência das fricativas posteriores indicam claramente a mistura das duas línguas, com a influência do sistema sonoro do Talian sobre o do português.

Quanto ao espaço fase, ele é constituído de duas partes, como se disse: um estado e uma dinâmica. O *estado* – a conformação de um sistema em determinado ponto do tempo – cria uma impressão de ordem, ao passo que a *dinâmica* – as possibilidades de alterações ao longo do tempo – dá a sensação de desordem. Em relação a esta pesquisa, o *estado* seria um único rótico, o tepe, no início da colonização; atualmente, existem as seis variantes listadas, [r, Ø, r, x/ɣ, h/f, ʎ]; no futuro, apenas três variantes [Ø, x/ɣ, h/f] ocorreriam. Assim, a *dinâmica* poderia ser postulada como a seguir:

X _____	Y _____	Z
[r]	[r, r, x/ɣ, h/f, ʎ]	Tendência à aproximação com o português de localidades do Espírito Santo sem histórico de colonização maciça italiana: [h, x, Ø].

Dessa forma, no início da formação da comunidade (tempo X), só o tepe ocorria. Com o passar do tempo e os contatos com o português (tempo Y, atual), outras variantes entraram na linguagem da comunidade. Em um futuro (tempo Z), com o maior contato dos moradores mais jovens com o português (e a pressão que a pronúncia da língua oficial exerce), a tendência é a presença cada vez mais marcante das variantes faladas na Grande Vitória e em comunidades capixabas sem histórico de colonização europeia: as fricativas posteriores.

- 4) Os sistemas complexos variam entre um comportamento caótico e não caótico.

Os sistemas complexos beiram o caos, mas, quando isso está próximo a acontecer, os sistemas se auto-organizam. Desse modo, a realização dos róticos em São Bento de Urânia vai-se aproximando da sua realização nas localidades do Espírito Santo sem presença de imigração maciça, que são as mais influentes do estado: os róticos que entraram na comunidade são os não marcados, e o mesmo se dá para o apagamento de (r). Também a ocorrência das fricativas posteriores [x/ɣ, h/f] se mostra de forma organizada, atualmente: majoritariamente, elas ocorreram no início de palavras, e o apagamento, no final de verbos. Essa organização parece indicar uma especialização das formas – neste caso, dos róticos –, como afirma Oliveira, em seus textos.

5) Os sistemas complexos apresentam causalidade circular e retroalimentação.

A retroalimentação acontece pela interação entre os componentes internos do sistema ou por meio da interação entre eles e o ambiente. Nesse processo, então, ocorre a auto-organização. Transportando-se esses conceitos para a linguagem de São Bento de Urânia, tem-se que a entrada de outras variantes dos róticos e a sua realização são uma retroalimentação positiva, ao passo que a negativa está impedindo – ou, pelo menos, dificultando – uma variação *caótica*. Daí as *especializações* dos róticos nas diversas posições das palavras, confirmando-se, assim, a opção b) da Hipótese 1, de Oliveira (2016), reproduzida a seguir (grifos desta autora):

Um estado de desequilíbrio em um sistema linguístico, provocado pela variação livre, será auto-(re)organizado pela (a) eliminação de uma das variantes, permanecendo monomodal, ou (b) pela distribuição dessas mesmas variantes em ambientes mutuamente excludentes, passando a bimodal. Em ambos os casos, o espaço de fases é alterado (OLIVEIRA, 2016, p. 09).

[...]

Observe-se que a Hipótese 1 leva em consideração algum tipo de auto-organização controlada **apenas** por atratores periódicos, do tipo ciclo-limite. Mas, conforme já dissemos, nenhum sistema atua no vácuo, estando, portanto, sujeito às influências do contexto em que ocorre. Essa é a natureza dos sistemas abertos, dissipativos (OLIVEIRA, 2016, p. 09).

Atendo-se ao *aspecto social* da retroalimentação, referida no segundo parágrafo da citação acima, vê-se que as trocas linguísticas entre membros da comunidade e pessoas de outras localidades favoreceram a adoção de variantes outras que não a do Talian, que é o tepe. Por sua vez, essas novas variantes são retroalimentadas pelos próprios moradores, ao interagirem entre si. Assim, pela retroalimentação interna e externa, se dá a variação, podendo desencadear os processos de mudança linguística.

Oliveira (2016) chama a atenção para a atuação dos atratores, na variação linguística. Segundo o autor, os atratores não periódicos – o espaço geográfico e o léxico, por exemplo – têm prevalência sobre os periódicos – as variantes –, sendo que aqueles reorganizam estes. Dessa forma, o atrator *espaço* tem o poder de delimitar a ocorrência das variantes possíveis em uma determinada região. No caso de São Bento de Urânia, a atuação do espaço na variação de (r) realmente fica fortalecida, haja vista que os contatos linguísticos mais estreitos com outras comunidades se fizeram bastante depois do início da colonização e até hoje não são intensos para a maioria, especialmente os mais idosos. Assim, as variantes inovadoras, relacionadas ao português – excetuando-se o apagamento –, têm menor número de registros.

Outra questão apontada pelo autor se refere ao importante papel do atrator não periódico *léxico* na variação linguística. Nos dados de São Bento de Urânia, a palavra *rapaz* teve 10 ocorrências no corpus, sendo que em nove sua função sintática foi de vocativo, o que poderia significar uma inovação, vinda do português, no vocabulário da comunidade. Dos nove vocativos, sete foram pronunciados com uma vibrante posterior, fato que poderia indicar que os informantes aprenderam a palavra pronunciada dessa forma e apenas estão repetindo o que ouviram.

Outros exemplos como esses são nomes de localidades, que os uranienses devem ter aprendido com as fricativas posteriores, como **R**ibeirão Capixaba. As demais, em sua maioria, estão em posição de ataque inicial, como se afirmou, o que pode indicar uma *especialização* quanto à realização das variantes inovadoras, em São Bento de Urânia. Os dados deste estudo confirmam que, não obstante os atratores não periódicos terem prevalência sobre os periódicos, ambos são interdependentes e fundamentais para a linguagem humana.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal analisar a influência do sistema sonoro de uma língua no de outra, quando se dá o contato linguístico. Especificamente, observou-se a realização dos róticos no português que entrou em contato com variedades vênetas – originando o Talian –, na Sede do distrito de São Bento de Urânia, Alfredo Chaves/ES.

As variedades vênetas receberam do latim o tepe e o preservaram, sendo ele basicamente o único rótico ainda hoje falado no Vêneto, segundo o *Manuale Grafia Veneta Unitaria*. O tepe também constitui o único rótico do Talian; entretanto, em São Bento de Urânia, o contato com o português fez com que outras variantes de (r) – incluindo-se o apagamento – passassem a integrar o repertório linguístico dos moradores.

Para que a realização dos róticos em um contexto de contato linguístico fosse mais bem caracterizada, fez-se necessário ler pesquisas afins a esta, levadas a cabo em regiões do Brasil com histórico de imigração italiana, para o embasamento das análises e comparação dos resultados (cf. capítulo 2). Também buscou-se registrar a colonização estrangeira no Espírito Santo, no município de Alfredo Chaves e no distrito de São Bento de Urânia. Essa apresentação está no capítulo 3 desta tese.

A fim de se descreverem os róticos no português de contato, selecionou-se uma comunidade rural colonizada, em sua maioria, por imigrantes vênets, com dificuldade de comunicação com outras localidades até poucos anos antes da coleta dos dados. Estes foram gerados por meio de entrevistas sociolinguísticas com quatro pessoas que nasceram e sempre residiram no distrito: dois homens e duas mulheres acima de 57 anos, com até quatro anos de escolarização e com diferentes graus de bilinguismo. As características do distrito, dos informantes e o tratamento dos dados foram descritos no capítulo 4.

Nos dois capítulos seguintes, os sistemas sonoros do português (capítulo 5), do Vêneto e do Talian (capítulo 6) foram apresentados. No capítulo 7, expuseram-se os pressupostos teóricos básicos dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC), bem como foram dados exemplos de variação linguística do português brasileiro vistos sob esse enfoque. Por fim, no capítulo 8, foi feita a análise quantitativa e qualitativa dos resultados de São Bento de Urânia (Seções 8.1 e 8.2) e, em seguida, na Seção 8.3, a realidade sociolinguística do distrito foi discutida sob a perspectiva dos SAC.

Os resultados encontrados demonstram claramente a influência do sistema sonoro do Talian no português. Dos 1464 róticos que ocorrem na linguagem dos informantes, aparecem seis variantes: o tepe, com 46,4% dos dados; o apagamento, com 45,2% do total; a vibrante alveolar, com 3,3%, muito abaixo das duas anteriores; a fricativa velar, com 3,1%; a fricativa glotal, com 1,4%; e a aproximante retroflexa, com apenas 0,6% do total de ocorrências.

Esses resultados evidenciam uma divisão quanto aos róticos, no português falado pelos informantes: i) a forte presença da variante da língua dos antepassados, o tepe, e mais duas – a vibrante alveolar e a aproximante retroflexa –, que não pertencem ao Talian, mas estão presentes na linguagem de outras localidades brasileiras com histórico de imigração italiana; ii) as variantes faladas em localidades que não foram colonizadas por imigrantes italianos, no Espírito Santo e algumas capitais do Brasil – as fricativas velar e glotal; e iii) o apagamento do rótico, fenômeno comum em outras regiões do país que não contaram com imigração italiana maciça.

A fim de se explicar o uso dos róticos pelos quatro informantes da pesquisa, procedeu-se a duas análises separadas: primeiramente, a ocorrência das variantes [x/ɣ, h/f] *vs.* a ocorrência das variantes [r, r, ɹ]; em seguida, o apagamento *vs.* a produção dos róticos.

Na primeira análise, o Programa GoldVarb X selecionou como significativos para a ocorrência de [x/ɣ, h/f] os grupos de fatores:

- *sexo*: os homens favorecem ligeiramente a ocorrência das variantes (PR = 0.578) e as mulheres desfavorecem muito (PR = 0.379);

- *posição do rótico na sílaba*: favorecem a ocorrência das variantes o ataque inicial (PR = 0.754) e a coda no interior de palavra (PR = 0.574). A posição intervocálica e, principalmente, a coda no final de palavra a desfavorecem (PR = 0.363 e 0.037, respectivamente);

- *modo de articulação do segmento seguinte a (r)*: a pausa, a vogal e a nasal favorecem (PR = 0.991, 0.766, 0.590, respectivamente), ao passo que a oclusiva desfavorece muito (PR = 0.165).

O apagamento de (r), por sua vez, demonstrou ser mais complexo que o anterior, pois o Programa selecionou como significativos para a ocorrência do fenômeno seis grupos de fatores:

- *sexo*: os homens favorecem o apagamento (PR = 0.614), ao contrário das mulheres (PR = 0.305);
- *classe de palavras*: os verbos favorecem o apagamento (PR = 0.736), e as outras classes de palavras o desfavorecem fortemente (PR = 0.185);
- *posição de (r) na sílaba*: o apagamento é favorecido quando o rótico surge em posição de coda final (PR = 0.868) e é extremamente desfavorecido quando (r) está em coda interna (PR = 0.079);
- *tonicidade da sílaba*: o rótico em sílaba tônica ou pretônica se mostra neutro quanto ao apagamento (PR = 0.547 e 0.509, respectivamente), ao contrário da postônica e da anterior à pretônica, que o desfavorecem muito (PR = 0.031 e 0.015, respectivamente);
- *ponto de articulação do segmento seguinte ao alvo*: a consoante velar favorece amplamente o apagamento (PR = 0.949); a alveopalatal e a vogal se mostram neutras (PR = 0.501 e 0.497, respectivamente); e a dental (PR = 0.345), o vazio (PR = 0.329), a bilabial (PR = 0.313) e principalmente a labiodental (PR = 0.063) desfavorecem o apagamento;
- *modo de articulação do segmento seguinte ao alvo*: as consoantes fricativas (PR = 0.823), laterais (PR = 0.706) e nasais (PR = 0.605) no segmento seguinte favorecem o apagamento do rótico; a vogal (PR = 0.513) e a pausa (PR = 0.477) são neutras; e a oclusiva (PR = 0.332) desfavorece o apagamento.

Comparando-se os resultados de São Bento de Urânia com os de estudos realizados em outras localidades brasileiras com histórico de colonização italiana, nota-se que o tepe está fortemente presente em sua linguagem. Com relação ao apagamento do rótico, os grupos de fatores linguísticos selecionados como favorecedores desse processo não coincidem, nas diferentes comunidades vistas. Esse fato revela a importância dos fatores extralinguísticos para a realização dos róticos ou de qualquer outro fenômeno linguístico. Por exemplo, a faixa etária e o nível de escolaridade dos informantes, além da região geográfica, foram selecionados como relevantes para as pesquisas de outras comunidades. Tendo em vista o objetivo deste estudo de caracterizar o português de contato de uma comunidade rural e com pouca interferência da escola, apenas o fator extralinguístico *sexo* foi avaliado e ficou visível a tendência feminina de manter os traços da língua ancestral. Esse fato pode ser explicado pelas práticas sociais da comunidade: enquanto às

mulheres cabia o trabalho em casa e na lavoura, ficando mais circunscritas à comunidade, os homens saíam mais e, portanto, tinham mais oportunidades de travar contatos linguísticos diversos. A importância desses fatos é atestada por muitos estudos variacionistas e de contatos linguísticos realizados em outras comunidades no Brasil e no mundo.

Os resultados encontrados em São Bento de Urânia também podem ser explicados pela teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos: no início da colonização de São Bento de Urânia (o espaço fase/base) pelos imigrantes italianos e seus primeiros descendentes, as variedades vênetas eram a língua de comunicação, o que correspondia dizer que o tepe era o único segmento conhecido e utilizado, dando uma estabilidade a esse sistema. Entretanto, ele foi *desequilibrado* pelos contatos linguísticos que começaram a dar-se e, por conseguinte, pela entrada de novas variantes dos róticos – aquelas que não são marcadas na Grande Vitória e em localidades do estado que não receberam imigrantes –, as fricativas posteriores.

Para essa nova acomodação do sistema, as variantes inovadoras foram se *especializando*, isto é, ocuparam preferentemente determinadas posições nas palavras e selecionando certos modos de articulação do elemento seguinte. Entretanto, depois da distribuição das variantes pelos diferentes ambientes, a expectativa é de que a linguagem São Bento de Urânia se conforme às normas do português que não revela contato linguístico. Isso significa a eliminação de variantes como a vibrante alveolar e a aproximante retroflexa, além do tepe em contextos em que ele não é esperado (cf. Hipótese 1 de Oliveira (2016, p. 09), constante da Seção 7.2 desta tese).

Quanto ao apagamento dos róticos, pode-se dizer que esse processo também não ocorre aleatoriamente, mas sim de acordo com uma seleção de (grupos de) fatores, especialmente o ambiente de coda final de verbos. A expressiva porcentagem de apagamentos de (r) em coda final, em São Bento de Urânia, se equipara com os de outras pesquisas levadas a cabo em regiões brasileiras que não contaram com imigração maciça mais recente, como a cidade do Rio de Janeiro, Salvador e Recife (cf. CALLOU; MORAES; LEITE, 2002, 2013). Por sua vez, a porcentagem de apagamentos em São Bento de Urânia é maior do que a de Porto Alegre e São Paulo, cidades que contaram com um contingente muito expressivo de imigrantes. Enfim, os resultados confirmam a atuação dos atratores não periódicos como a localização geográfica da comunidade e o léxico para a variação linguística.

Diante do aqui exposto, podem ser testadas as hipóteses estipuladas no início desta pesquisa:

- 1) os informantes apresentam influência da língua de seus antepassados em sua fala, especialmente nos traços em que os dois sistemas sonoros se diferenciam: o uso do tepe no lugar das fricativas posteriores, que são as variantes não marcadas do português de localidades que não receberam imigrantes intensamente;
- 2) a influência do português também se faz presente na linguagem dos informantes, haja vista que o seu contato com a língua portuguesa ocorreu há décadas;
- 3) O uso dos róticos na comunidade de São Bento de Urânia deve apresentar semelhanças com outras localidades brasileiras colonizadas por imigrantes italianos.

As hipóteses previam um português de contato, em São Bento de Urânia, em que ocorria tanto a variante com influência do Talian, o tepe, quanto as demais variantes encontradas no Português Brasileiro, e elas foram confirmadas, como se afirmou anteriormente: o tepe é a variante mais usual. O apagamento do rótico também está muito presente, o que é uma característica do Português Brasileiro. As demais variantes ocorrem pouco na linguagem dos mais idosos. Por fim, esse comportamento linguístico é encontrado em outras comunidades com histórico de colonização italiana.

Este estudo pretendeu analisar um fenômeno fonético-fonológico do português de contato com o Talian em uma comunidade rural do Espírito Santo: o uso dos róticos. Mais algumas pesquisas sobre a mesma comunidade se ocuparam de outros fenômenos linguísticos – o uso de *você*, *ocê* e *cê*; o ditongo nasal e a palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ – e dos aspectos sociais dos contatos linguísticos, a fim de verificar por que e como se deu a quase total substituição do Talian pelo português. Entretanto, quando se prioriza um fenômeno, é certo que muitos outros – tão importantes quanto o primeiro – deixam de ser abordados.

O português de contato de São Bento de Urânia é extremamente rico e interessante, apresentando muitas particularidades que precisam e merecem ser estudadas: a entonação dos falantes mais idosos é um desses temas, mas também o vocabulário, que mostra a influência do Talian e marcas do português rural, em que atuam diferentes processos fonológicos. No tocante à morfossintaxe, pesquisas sobre a regência, a concordância e a

conjugação verbal – entre outras – também poderiam revelar aspectos interessantes do contato linguístico.

Também é certo que todos os temas discutidos nos capítulos desta tese podem e merecem ser aprofundados, para que a realidade sociolinguística do Espírito Santo e o português de contato no estado sejam mais bem identificados. Vários estudos ainda devem ser feitos, futuramente, por exemplo: o detalhamento das classes de palavras (agrupadas aqui como “não verbos”) e seu (des)favorecimento para o apagamento de (r); o vozeamento do segmento seguinte a (r); e o cruzamento de grupos de fatores.

No final de 2022, três dos quatro informantes – um homem já havia falecido – gravaram novas entrevistas sociolinguísticas, e será interessante fazer-se uma comparação com sua linguagem em 2013, para saber se ocorreu alguma alteração quanto ao uso de (r) e outros fenômenos linguísticos. Também relevante é saber se está havendo mudança em progresso na comunidade quanto ao uso de (r). Para isso, é preciso juntar à amostra desta tese os dados de informantes mais jovens – que já gravaram entrevistas – e analisar as questões relacionadas à mudança: restrições, implementação, transição, encaixamento linguístico e social, avaliação e atuação (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 183-187; 2006, p. 121-125).

Por fim, tão ou mais importantes que os aportes teóricos são as contribuições sociais que as pesquisas de contato linguístico podem dar aos falantes de línguas minoritárias/minorizadas. Elas podem evidenciar que os moradores de São Bento de Urânia não “falam feio”, pelo contrário: as particularidades e a beleza de sua linguagem têm como causa a língua que receberam de seus antepassados e que compartilham com muitos outros brasileiros descendentes de italianos. Essa apresentação é necessária, quando se pretende valorizar a diversidade linguística e, por fim, manter o bilinguismo de comunidades colonizadas por imigrantes, se este for seu desejo.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete (Org.). **A construção da palavra fonológica**. São Paulo: Contexto, 2013.

ALTENHOFEN, Cleo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Tradução de Anxo M. Lorenzo Suárez; Clara I. Bouzada Fernández. Barcelona: Ariel, 1996 [1987].

ARAÚJO, Gabriel Antunes (org.). **O acento em português**; abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola, 2007.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Projeto Imigrantes**. Disponível em: <https://imigrantes.es.gov.br/Imigra.aspx>. Acesso em: 08 out. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo pelo presidente da Província Dr. Sebastião Machado Nunes**. 25-05-1855. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado pelo primeiro vice-presidente da Província Exm. Sr. Barão de Itapemirim ao Sr. Dr. José Maurício Fernandes Pereira de Barros**. 08-03-1856. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado pelo presidente da Província Dr. José Maurício Fernandes Pereira de Barros ao segundo vice-presidente Exm. Sr. Comendador José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim**. 13-02-1857. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Antonio Alves de Souza Carvalho ex-Presidente da Província do Espírito Santo passou a administração da mesma ao Exm. Sr. Dr. João da Costa Lima e Castro primeiro vice-presidente**. 11-03-1861. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial da Província do Espírito Santo pelo presidente da Província o Exm. Sr. Dr. Antonio Gabriel de Paula Fonseca**. 02-10-1872. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório com que o vice-presidente da Província Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas passou**

a administração ao Exm. Sr. Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa. 06-11-1873. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado a S. Ex. O Sr. Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas pelo Exmo. Sr. Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa por ocasião de deixar a administração Provincial do Espírito Santo.** 29-04-1874. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo pelo Exm. Sr. 1º vice-presidente Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas na 1ª sessão da 21ª Legislatura.** 01-09-1874. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado a S. Ex. o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto pelo Exm. Sr. Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas, por ocasião de passar a administração da Província do Espírito Santo.** 04-05-1875. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 30 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto pelo Exm. Sr. Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas por ocasião de passar a administração da Província do Espírito Santo.** 18-09-1875. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 30 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado a S. Ex. o Sr. Dr. Manoel José de Menezes Prado pelo Exm. Sr. Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas por ocasião de passar a administração da Província do Espírito Santo.** 03-01-1876. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 30 dez. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado pelo Exm. Sr. Dr. Manoel José de Menezes Prado por ocasião de passar a administração desta Província ao 1º vice-presidente Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas.** 15-10-1876. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado pelo Exm. Sr. Dr. Manoel José de Menezes Prado por ocasião de passar a administração desta Província ao 1º vice-presidente Coronel Manoel Ferreira de Paiva.** 05-01-1877. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província do Espírito Santo em a 2ª sessão ordinaria da 21ª legislatura Provincial pelo presidente desta Província Dr. Antonio Joaquim de Miranda Nogueira da Gama.** 03-03-1877. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório com que S. Ex. o Sr. Dr. Antonio Joaquim de Miranda Nogueira da Gama passou a administração da Província ao Exm. Sr. 1º vice-presidente Coronel Manoel Ferreira de Paiva.** 28-07-1877. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado pelo Exm. Sr. Dr. Manoel da Silva Madra a Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo.** 22-10-1878. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado pelo Exm. Sr. Dr. Cel. Alpheu Adelpho Monjardim d'Andrade e Almeida 1º vice-presidente da Província à Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo.** 06-03-1879. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório com que foi aberta a sessão extraordinária da Assembleia Provincial pelo Exm. Sr. Presidente Dr. Eliseu de Sousa Martins.** 28-10-1879. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado a assembleia legislativa da Província do Espírito Santo em sua sessão ordinária de 8 de março de 1881 pelo presidente da Província Exm. Sr. Dr. Marcellino de Assis.** 08-03-1881. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado a Assembleia Legislativa da Província do Espírito Santo pelo 1º vice-presidente o Exm. Sr. Tenente-coronel Alpheo Adelpho Monjardim de Andrade e Almeida.** 21-03-1882. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Herculano Marcos Inglez de Souza entregou no dia 9 de dezembro de 1882 ao Exm. Sr. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada Junior a administração da Província do Espírito Santo.** 09-12-1882. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província do Espírito Santo pelo Exm. Sr. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrade Junior.** 03-03-1883. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório com que o Exm. Sr. Dr. José Camillo Ferreira Rebello 5º vice-presidente da Província do Espírito Santo passou a administração ao Exm. Sr. Presidente Dr. Custodio José Ferreira Martins.** 17-09-1884. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo em 22 de outubro de 1885 pelo presidente desembargador Antonio Joaquim Rodrigues.** 22-10-1885. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 23 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo pelo presidente da Província Desembargador Antonio Joaquim Soares.** 05-10-1886. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 23 jan. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Relatório apresentado a assembleia legislativa Provincial do Espírito Santo na abertura da primeira sessão da 28ª legislatura em 9 de julho de 1888 pelo Dr. Antonio Leite Ribeiro de Almeida presidente da Província.** 09-07-1888. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Relatórios>. Acesso em: 23 jan. 2022.

AVELAR, Daillane dos Santos. **A realização variável das consoantes oclusivas dentais por descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa, ES.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

BAKER, Colin; JONES, Prys Sylvia. **Encyclopedia of bilingualism and bilingual education.** Clevedon, Avon, UK: Multilingual Matters, 1998.

BALTHAZAR, Luciana Lanhi; PERIN-SANTOS, Jovania Maria. Material didático para ensino de Talian como língua de herança no Brasil. **Revista X**, v. 15, n. 6, p. 859-882, 2020.

BARTH, Shirlei. **Descrição fonética e fonológica do Pomerano falado no Espírito Santo.** 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 3. ed. revista. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 159-194.

BENINCÁ, Ludmila Rupf. **Dificuldades no domínio dos fonemas do português por crianças descendentes de pomeranos.** 2008, 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos.** 3.ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 3. ed. revista. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BREMENKAMP, Elizana Schaffel. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo.** 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, v. 2, n.11, p. 51-66, dez. 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Fonologia do português: análise pela geometria de traços e pela fonologia lexical.** Campinas, SP: Ed. do Autor, 1999. Espiral Linguística, v. 3.

CALAZANS, Poliana Claudiano. **A marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português de contato dos Guarani do Espírito Santo.** 2018, 167f.

Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 10. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Coleção Letras.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de; LEITE, Yonne. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: ABAURRE, Maria Bernadete (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume VII: a construção fonológica da palavra. Coordenação geral Ataliba T. de Castilho. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-194.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore V. (org.). **Gramática do português falado**: volume VI. 2.ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 463-489.

CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 14.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 4. ed. Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Edição, estabelecimento de texto, introdução e notas de Emílio Gozze Pagotto, Maria Cristina Figueiredo Silva e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida. Petrópolis: Vozes, 2019.

CHAMBERS, Jack K. **Sociolinguistic theory**. Rev. edition. West Sussex, UK: Wiley Blackwell, 2009.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING, Natalie. **The handbook of language, variation and change**. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2004.

CHRIST, Aparecida da Penha Krohling; PERES, Edenize Ponzó; ROCHA, Lúcia Helena Peyroton da. História social dos contatos entre o Hunsrückisch e o português em Domingos Martins - Espírito Santo. **Web - Revista SOCIODIALETO**, v. 10, n. 28, jul. p. 66-85, 2019.

CHRIST, Aparecida da Penha Krohling; PERES, Edenize Ponzó; STEIN, Allan Costa. O Hunsrückisch e a religião na ex-Colônia de Santa Isabel, Domingos Martins-ES. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 14, p. 263-283, 2021.

COMINOTTI, Katuscia Sartori Silva. **O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

COMINOTTI, Katuscia Sartori Silva. **O sentimento de identidade e o processo de manutenção/substituição linguística: o caso de São Bento de Urânia, Espírito Santo**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

COMINOTTI, Katuscia Sartori Silva; PERES, Edenize Ponzó. O sentimento de identidade e a manutenção/substituição linguística: o caso do vêneto em São Bento de Urânia, Espírito Santo. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, p. 219-242, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v18i3.3169>.

COMIOTTO, Ariela Fátima; MARGOTTI, Felício Wessling. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 41, e48857, p. 1-9, 2019.

COULMAS, Florian. **Sociolinguistics; the study of speakers' choices**. Cambridge: Cambridge Press, 2005.

COUTO, Hildo Honório. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Trad. de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CURIOLETTI, Daiane Sandra Savoldi; BATTISTI, Elisa. A realização variável de /r/ em onset silábico no português brasileiro de contato com o talian: diferenciação linguística e construção de identidade em uma comunidade do oeste catarinense. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 199-223, jan/jun. 2022.

DADALTO, Maria Cristina. Os rastros da diversidade da identidade capixaba. In: **SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, v.1, n.01, p.57-74, abril 2007.

DADALTO, Maria Cristina. O discurso da italianidade no ES: realidade ou mito construído? **Pensamento Plural**, Pelotas [03]: 147 – 166, julho/dezembro 2008.

DADALTO, Maria Cristina. Cenas de violência na tessitura entre imigrantes italianos e brasileiros no interior do Espírito Santo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 1, p. 189-200, jan.-abr. 2017.

DAL CASTEL, Juvenal Jorge; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; TONUS, João Wianey (Orgs.). **Talian par cei e grandi; gramática e stòria**. Pinto Bandeira: Araucária/ Serafina Corrêa: ASSODITA, Prefeitura de Serafina Corrêa, 2021.

**Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Disponível em:** [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm). Acesso em: 22 jan. 2023.

DERENZI, Luiz Serafim. **Os italianos no Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

FARIA, Ernesto. **Fonética histórica do latim**. 2. ed, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957. (Biblioteca Brasileira de Filologia, n. 9).

FASOLD, R. **La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística**. Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor libros, 1996.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à fonologia da Língua Portuguesa**. 2. ed. revisada. São Paulo: Paulistana, 2011.

FIORIN, Márcio Favero. **Aspectos sócio-históricos da substituição do vêneto pelo português nas zonas urbana e rural de Alfredo Chaves-ES: o papel da escola**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

FORNARA, Ana Elizabeht. **Aspectos do bilinguismo Deitsch-português em Saudades-SC e Talian-português em Nova Erechim-SC**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes no Espírito Santo**: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organização de Agostino Lazzaro. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

FRANZINA, Emilio. **A grande imigração**; o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Trad. de Edilene Toledo e Luigi Biondi. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2006.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos**; um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROSSELLI, Renzo. **Colônias imperiais na terra do café**; camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Trad. de Márcia Sarcinelli. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. (Coleção Canaã, v. 6). Disponível em:

[https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Colonias\\_Imperiais\\_na\\_Terra\\_Cafe.pdf](https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Colonias_Imperiais_na_Terra_Cafe.pdf).

Acesso em: 13 mar. 2022.

GUBERT, Antonio Luiz. **Influências do italiano no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2012.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**; instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HOLM, John. **Languages in contact**: the partial restructuring of vernaculars. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOLZ, Francislaine. **Subsídios linguísticos para o trabalho com a ortografia de alunos bilíngues**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras). Mestrado Profissional em Letras – Profletras, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

HORA, Dermeval da; WETZELS, Leo. Róticos: uma “po[h,r,ʃ]ta” entre paraibanos e paulistanos. **Linguística**, vol. 24, diciembre 2010: 51-76.

HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **Espírito Santo em mapas**. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>. Acesso em: 08 fev. 2019.

KLIPPEL-MACHADO, Reni. **O ensino de português em contexto de diversidade linguística**: o contato entre as línguas portuguesa e Hunsrückisch em Marechal Floriano, ES. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Instituto Federal do Espírito Santo, 2018.

- KÜSTER, Izamara Marquardt. **Análise das interferências produzidas nas falas de bilíngues em Pomerano e português em Laranja da Terra, Espírito Santo**. 2018, 164f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno, M.M.P. Scherre e C.R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change; social factors**. Cambridge: Blackwell, 2001.
- LEE, Seung Hwa. Acento secundário do PB. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 149-162, mar. 2002.
- LEE, Seung Hwa. Fonologia gerativa. In: HORA, Dermeval; MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Fonologia, fonologias; uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 31-45.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi; BALTHAZAR, Luciana Lanhi. Contato linguístico Português Brasileiro - Talian em Santa Felicidade (Curitiba) e Colombo, Paraná. **Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESD / LALIMU**, v. 11, n. 33, p. 1039, mar 2021. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/337>. Acesso em: 21 jan. 2023.
- LORENGIAN-PENKAL, Loremi; STIVAL-SOARES, Moisés Julierme. Centro de estudos vênets no Paraná, Cevep: histórico e principais ações em prol da salvaguarda do Talian. **Revista X**, v. 15, n. 6, p. 818-839, 2020.
- MADUREIRA, Evelyne Dogliani. Difusão lexical e variação fonológica: o fator semântico. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 5, p. 05-22, 1997.
- MADUREIRA, Evelyne Dogliani. Reanálise de alguns aspectos da vocalização da lateral palatal no português. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 8, p. 125-145, 1999.
- MADUREIRA, Evelyne Dogliani. **Difusão lexical e mudanças sintático-semânticas: os verbos psicológicos**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- MAIA, Eleonora Motta. **No reino da fala**. 2. ed. SP: Ática, 1986.
- MAJONI, Priscila Gevigi de Andrade. **Variação prosódica de sentenças declarativas e interrogativas na fala de descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa, ES**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.
- MARTINUZZO, José Antonio. **Germânicos nas terras do Espírito Santo**. Tradução de Helmar Reinhard Rölke. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2009. Edição bilíngue português e alemão.

- MATRAS, Yaron. **Language contact**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. 2nd. ed. London: Routledge, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte; o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**; teoria, método e arte. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MOLLICA, Maria Cecília. Difusão lexical em sintaxe. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 1, p. 79-84, 1992.
- MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **Um reestudo da vibrante**: análise variacionista e fonológica. 1997. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração: Linguística Aplicada, 1997.
- MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; QUEDNAU, Laura Rosane; HORA, Dermeval. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. revista. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2001, p. 195-228.
- MONTRUL, S. **El bilingüismo en el mundo hispanohablante**. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2013.
- MOREIRA, Taís; PERRONE, André. **História e geografia do Espírito Santo**. 8. ed. Vitória: [s.n.], 2007.
- MORELLO, Rosângela. (Org.). **Leis e línguas no Brasil**: o processo de cooficialização e suas potencialidades. Florianópolis: IPOL, 2015a. 137p.
- MORELLO, Rosângela. **Talian**: protagonismo na luta pelo reconhecimento cultural e fortalecimento pela lei de cooficialização. Publicação em: 25/10/2015. Disponível em: <http://forlibi.blogspot.com/search/label/Talian>. Acesso em: 22 jan. 2023.
- MYERS-SCOTTON, Carol. **Multiple voices**: an introduction to bilingualism. Malden; Oxford: Wiley-Blackwell, 2008.
- OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do estado do Espírito Santo**. 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008. (Coleção Canaã, v. 8). Disponível em: [https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Livro\\_Historia\\_ES.pdf](https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Livro_Historia_ES.pdf). Acesso em: 13 mar. 2022.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. **Phonological variation and change in Brazilian Portuguese**: the case of liquids. Tese. 286f. 1983. Pennsylvania: Graduate Faculties of the University of Pennsylvania, 1983.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. Aspectos da difusão lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 1, p. 31-41, 1992.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. O léxico como controlador de mudanças sonoras. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 36, p. 75-92, 1995.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, p. 31-58, 1997.

OLIVEIRA, Marco Antônio. A variação fonológica na perspectiva da linguagem como um sistema adaptativo complexo. In: MAGALHÃES, José S. de. *Fonologia* (Org.). Uberlândia, MG: EDUFU, 2014.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Por uma abordagem etológica e ecológica da variação linguística. In: Maria Cristina Parreira, Suzi Marques Spatti Cavallari, Lília Abreu-Tardelli, Odair Luiz Nadin, Daniel Soares da Costa. (Org.). **Pesquisas em Linguística no século XXI: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, v. 27, p. 45-70.

OLIVEIRA, Marco Antônio. A auto-organização como mecanismo para a resolução da variação linguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, p. 383-399, 2016b.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Origem, propagação e resolução da variação linguística na perspectiva da linguagem como um sistema adaptativo complexo. **Caletrosópio**, v. 6, p. 11-36, 2018a.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Ecolinguística e linguagem como sistema adaptativo complexo: um diálogo possível. **Revista de Letras**, v. 37 (2), p. 71-78, 2018b.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Fonologia cognitiva e variação linguística: em busca de um modelo fonológico descritivo. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 16-37, 2022.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na Pluralidade**; avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Versão revisada. 2015, 394f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. **Vereadas on-line - Atemática**, Juiz de Fora, MG, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014.

PANIZ, Silvio. **A fonologia do talian, o vêneto-rio-grandense falado na cidade de Nova Roma do Sul, sob a luz da teoria da otimidade**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATTI, Georges-Élia. **As grandes teorias da linguística; da gramática comparada à pragmática**. São Carlos-SP: Claraluz, 2006.

PEREIRA, Maria Isabel. Acento latino e acento em português: que parentesco? In: ARAÚJO, Gabriel Antunes (org.). **O acento em português**; abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola, 2007.

PEREIRA-NETO, Antonio da Silva. 2018. **Memória e oralidade em Santa Maria de Jetibá**: uma proposta intercultural para a escrita de memórias literárias. 2018, 147f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Instituto Federal do Espírito Santo, 2018.

PERES, Edenize Ponzio. Aspectos da imigração italiana no Espírito Santo: a língua e cultura do Vêneto em Araguaia. **Dimensões - Revista de História da UFES**, v. 26, p. 44-59, 2011a.

PERES, Edenize Ponzo. Análise da vitalidade do vêneto em uma comunidade de imigrantes italianos no Espírito Santo. **Revista (Con)textos linguísticos** (Ufes), v. 5, p. 83-100, 2011b.

PERES, Edenize Ponzo. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 8, n. 10.1, p. 53-71, 2014.

PERES, Edenize Ponzo. Os contatos entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo. *In.*: BENEDUZI, Luis Fernando; DADALTO, Maria Cristina. (Org.). **Mobilidade humana e circularidade de ideia**: diálogos entre a América Latina e a Europa. Veneza: Edizioni Cà Foscari Digital Publishing, 2017, v. 1, p. 17-28.

PERES, Edenize Ponzo. O papel das políticas públicas para a manutenção ou substituição de línguas minoritárias em situação de contato. *In.*: FERRAZ, Daniel; TOMAZI, Micheline Mattedi; ROCHA, Lúcia Helena Peyroton da. (Org.). **Estudos linguísticos: perspectivas interdisciplinares**. Vitória: Edufes, 2019, v. 1, p. 419-442.

PERES, Edenize Ponzo; COMINOTTI, Katuscia Sartori Silva; DADALTO, Maria Cristina. O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica. **(Con)textos Linguísticos**, v. 9 n. 14, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10925>. Acesso em: 04 fev. 2020.

PERES, Edenize Ponzo; COMINOTTI, Katuscia Sartori Silva; PARDINHO, Valdete Damacena. O ditongo nasal ão em São Bento de Urânia (ES). **PAPIA**, 28(1), p. 83-107, 2018.

PERES, Edenize Ponzo; FINARDI, Kyria; CALAZANS, Poliana Claudiano. Language contact, maintenance and conflict: the case of the Guarani language in Brazil. *In.*: ROMANOWSKI, Piotr; GUARDADO, Martin (Ed.). **The many faces of multilingualism**; language status, and use across contexts. Boston/Berlin: The Gruyter Mouton, 2020.

PESSALI, Hesio. **Alfredo Chaves**; uma visão histórica e política. Alfredo Chaves, ES: Câmara Municipal, 2010.

PETERLE, B. D. **Análise sociolinguística da realização do ditongo nasal tônico em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves/ES**: o papel da variável sexo/gênero. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

PICOLI-MENEGHEL, Sílvia Ângela. **O ditongo nasal tônico -ão falado por ítalo-descendentes de Santa Maria do Engano/ES: uma análise sociolinguística**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

RIBEIRO, Alessandra Regina; MAGGIO, Giliola. O contexto histórico da formação do Talian: algumas considerações. **Revista de Italianística**, São Paulo, n. 38, p. 73-87, dez. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i38p73-87>.

ROBINS, Robert Henry. **Pequena história da Linguística**. 6a. impressão. Trad. Luiz Marins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

RODRIGUES, Sarah Loriato. **Mi parlo Taliàn: análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, ES.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

ROMAINE, Suzanne. **Language in society: an introduction to Sociolinguistics.** 2nd. Edition. Oxford: Oxford Press, 2000.

SALETTI, Nara. **Donatários, colonos, índios e jesuítas; o início da colonização do Espírito Santo.** 2. ed. rev. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2011. (Coleção Canaã, v. 13). Disponível em: [https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Donatarios\\_colonos\\_indios\\_jesuistas2.pdf](https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Donatarios_colonos_indios_jesuistas2.pdf). Acesso em: 25 fev. 2021.

SALLES, Flávia. **Imigração italiana, religião e trabalho; como a Igreja Católica influenciou na cultura do trabalho de imigrantes italianos e seus descendentes no Espírito Santo.** Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2017.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X - A multivariate analysis application.** Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref). Acesso em: 03 dez 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1989.

SCHAEFFER, Shirlei da Conceição. **Descrição fonética e fonológica do Pomerano falado no Espírito Santo.** 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer Fonética e Fonologia do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, Thaís Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia.** São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Thaís Cristófar; SEARA, Izabel Christine; SILVA, Adelaide Hercília; RAUBER, Andreia Schurt; CANTONI, Maria Mendes. **Fonética acústica; os sons do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 11. ed; 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

SOUZA, Luana Cyntia dos Santos. **Revitalização de línguas minoritárias em contextos plurilíngues: o Pomerano em contato com o português.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SPESSATTO, Marizete Bortolanza. A história se faz presente: a influência dos dialetos italianos na fala em português de jovens estudantes do Oeste de Santa Catarina. *Work. Pap. Linguíst.*, 22(Especial), Florianópolis, p. 278-301, 2021.

SPOLSKY, Bernard. **Language management**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRESSMANN, Ismael. **Da sala de estar à sala de baile**: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo. 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TRUDGILL, Peter. **Investigations on sociohistorical linguistics**: stories of colonisation and contact. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TRUDGILL, Peter. **Dialects**. 2<sup>nd</sup>. Ed. Abingdon: Routledge, 2012.

UNITARIA, Grafia Veneta. **Manuale, a cura della Giunta regionale del Veneto**. La Galiverna, Venezia, 1995.

VILAÇA, Adilson. **Receita para um romanceiro**: São Bento de Urânia. Vitória: Sebrae/ES, 2010.

WEEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

WEINREICH, Uriel. **Language in contact**; findings and problems. Paris: The Hague Mouton, 1970 [1953]).

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvel. Empirical foundations for a theory of language change. In.: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin, Texas: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvel. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. M. Bagno; revisão técnica C.A. Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

WINFORD, Donald. **An introduction to contact linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

ZEFERINO, Stella. **A realização variável da palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ por descendentes de imigrantes vênets de uma comunidade rural do Espírito Santo**. 2020, 24f. Trabalho de Conclusão de Curso. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Letras. 2020.

ZETTIRY, Arrigo de. **Viagem às colônias italianas do Espírito Santo**; onde estão e como vivem os camponeses italianos do Espírito Santo – 1902. Trad. Nerina Bortoluzzi Herzog. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2021. (Coleção Canaã, v. 28). Disponível em: [https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Viagem\\_%C3%A0s\\_col%C3%B4nias\\_italianas\\_do\\_Esp%C3%ADrito\\_Santo.pdf](https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Viagem_%C3%A0s_col%C3%B4nias_italianas_do_Esp%C3%ADrito_Santo.pdf). Acesso em: 17 mar. 2022.

**ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UFES - 07/07/2010****UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**

Vitória-ES, 07 de julho de 2010.

Da: Profa. Dr<sup>a</sup>. Ethel Leonor Noia Maciel  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde

Para: Prof. (a) Edenize Ponzo Peres  
Pesquisador (a) Responsável pelo Projeto de Pesquisa intitulado: **“Línguas em contato: o português e o italiano no Espírito Santo”**.

Senhor (a) Pesquisador (a),

Informamos a Vossa Senhoria, que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, após analisar o Projeto de Pesquisa nº. **095/10** intitulado: **“Línguas em contato: o português e o italiano no Espírito Santo”** e o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, cumprindo os procedimentos internos desta Instituição, bem como as exigências das Resoluções 196 de 10.10.96, 251 de 07.08.97 e 292 de 08.07.99, **APROVOU** o referido projeto, em Reunião Ordinária realizada em 23 de junho de 2010.

Gostaríamos de lembrar que cabe ao pesquisador responsável elaborar e apresentar os relatórios parciais e finais de acordo com a resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196 de 10/10/96, inciso IX.2. letra “c”.

Atenciosamente,

  
Prof.<sup>a</sup> Ethel Leonor Noia Maciel  
COORDENADORA  
Comitê de Ética em Pesquisa  
Centro de Ciências da Saúde/UFES

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde  
Av. Marechal Campos, 1468 – Maruípe – Vitória – ES – CEP 29.040-091.  
Telefax: (27) 3335 7504

## ANEXO 2 – INCLUSÃO DO TALIAN NO INVENTÁRIO NACIONAL DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA



**Serviço Público Federal  
Ministério da Cultura  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**

### C E R T I D ã O

**CERTIFICO** que da Ata de Reunião da Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (CT-INDL), de nove de setembro de dois mil e catorze, consta o seguinte: *Foi deliberada a inclusão da língua Talian no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, uma vez que todos os requisitos foram atendidos, como atesta o processo de n.º 01450.010077/2014-66 e dossiê correspondente, fazendo jus ao título de Referência Cultural Brasileira, conforme o Decreto 7.387, de 09 de dezembro de 2010.* **DESCRIÇÃO:** O Talian, conforme definição apresentada no Relatório Final (p.11-18), é uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana direta e seus desdobramentos desde 1875, em especial no nordeste do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Espírito Santo. Entre outras autodenominações, constam termos como língua dos nonos, dialeto vêneto, dialeto italiano. É uma “variedade suprarregional intracomunitária e intercomunidades (coine) do italiano como língua alóctone em contato com outras variedades do italiano com o português do Brasil, vinculada historicamente aos dialetos provenientes do norte da Itália, mas com características próprias, derivadas do contexto brasileiro que a diferem da matriz original e também de outras regiões brasileiras” (Relatório Final, 2010, p. 11). Sua origem linguística é o italiano e os dialetos falados, principalmente, na regiões do Vêneto, Trentino-Alto e Friuli-Veneza Giulia e Piemontes, Emilia-Romagna e Ligúria. Essa descrição corresponde à apresentada na Nota Técnica DPI n° 40/2013, presente no processo administrativo n° 01450.010077/2014-66 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre essa língua, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. Data da Inclusão: 09 de setembro de 2014. E por ser verdade, eu, Célia Maria Corsino, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e coordenadora da Comissão Técnica do INDL lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 10 de novembro de 2014.

## **ANEXO 3 – DECRETO 7.387/2020 - INSTITUIÇÃO DO INVENTÁRIO NACIONAL DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

**Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Disponível em:**

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm). Acesso em: 22 jan. 2023.

### **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**

#### **DECRETO Nº 7.387, DE 9 DE DEZEMBRO DE 2010.**

Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea “a”, da Constituição,

#### **DECRETA:**

Art. 1º Fica instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, sob gestão do Ministério da Cultura, como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Parágrafo único. O Inventário Nacional da Diversidade Linguística será dotado de sistema informatizado de documentação e informação gerenciado, mantido e atualizado pelo Ministério da Cultura, de acordo com as regras por ele disciplinadas.

Art. 2º As línguas inventariadas deverão ter relevância para a memória, a história e a identidade dos grupos que compõem a sociedade brasileira.

Art. 3º A língua incluída no Inventário Nacional da Diversidade Linguística receberá o título de “Referência Cultural Brasileira”, expedido pelo Ministério da Cultura.

Art. 4º O Inventário Nacional da Diversidade Linguística deverá mapear, caracterizar e diagnosticar as diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira, sistematizando esses dados em formulário específico.

Art. 5º As línguas inventariadas farão jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público.

Art. 6º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios serão informados pelo Ministério da Cultura, em caso de inventário de alguma língua em seu território, para que possam promover políticas públicas de reconhecimento e valorização.

~~Art. 7º O Ministério da Cultura instituirá comissão técnica com a finalidade de examinar as propostas de inclusão de línguas no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, integrada por representantes dos Ministérios da Cultura, da Educação, da Justiça, da Ciência e Tecnologia e do Planejamento, Orçamento e Gestão. (Revogado pelo Decreto nº 9.938, de 2019)~~

~~§ 1º Os membros da comissão técnica serão indicados pelos titulares dos órgãos que o integram e designados pelo Ministro de Estado da Cultura. (Revogado pelo Decreto nº 9.938, de 2019)~~

~~§ 2º A comissão técnica poderá convidar representantes dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios que possuam línguas cuja inclusão no Inventário Nacional da Diversidade Linguística tenha sido indicada, bem como especialistas para participarem de suas discussões e atividades. (Revogado pelo Decreto nº 9.938, de 2019)~~

~~§ 3º A comissão técnica poderá contratar consultores, de acordo com a legislação aplicável, para a discussão e exame de questões específicas. (Revogado pelo Decreto nº 9.938, de 2019)~~

~~§ 4º A coordenação da comissão técnica será exercida pelo Ministério da Cultura, que prestará o apoio administrativo e os meios necessários à execução das atividades do colegiado. (Revogado pelo Decreto nº 9.938, de 2019)~~

~~§ 5º A participação na comissão técnica será considerada prestação de serviço público relevante, não remunerada. (Revogado pelo Decreto nº 9.938, de 2019)~~

Art. 8º Poderão propor a inclusão de línguas no Inventário Nacional da Diversidade Linguística à comissão técnica, órgãos e instituições públicas federais, estaduais, distritais e municipais, entidades da sociedade civil e de representações de falantes, conforme normas a serem expedidas pelo Ministério da Cultura.

Art. 9º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de dezembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
*Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto*  
*Fernando Haddad*  
*Paulo Bernardo Silva*  
*João Luiz Silva Ferreira*  
*Sergio Machado Rezende*

Decreto nº. 7.387 institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)

No Brasil de hoje são faladas cerca de 210 línguas. Segundo estimativas existentes, os grupos indígenas falam cerca de 180 línguas e as comunidades de descendentes de imigrantes, cerca de 30 línguas. Além disso, usam-se, pelo menos, duas línguas de sinais de comunidades surdas, línguas crioulas e práticas linguísticas diferenciadas nas comunidades remanescentes de quilombos, muitas já reconhecidas pelo Estado, e em outras comunidades afro-brasileiras. Finalmente, há uma ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil.

Para conhecer e abarcar essa imensa diversidade, foi assinado, em 09 de dezembro de 2010, o Decreto nº. 7.387 que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

O INDL é um instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Seu objetivo é mapear, caracterizar, diagnosticar e dar visibilidade às diferentes situações relacionadas à pluralidade lingüística brasileira, de modo a permitir que as línguas sejam objeto de políticas patrimoniais que colaborem para sua continuidade e valorização.

A gestão desse novo instrumento será liderada pelo Ministério da Cultura, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e compartilhada pelos Ministérios da Educação, Justiça, Ciência e Tecnologia e Planejamento, Orçamento e Gestão.

Esta nova e importante política de reconhecimento e salvaguarda das línguas faladas no Brasil é resultado das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho da Diversidade Lingüística (GTDL), constituído em 2006 por representantes dos Ministérios acima mencionados e da sociedade civil (Instituto de Desenvolvimento em Política Lingüística - IPOL), da comunidade acadêmica (Universidade de Brasília - UnB) e da UNESCO.

Para sua efetiva implantação, foram realizados projetos-piloto com línguas de categorias ou situações sociolingüísticas diferentes, com o objetivo de permitir uma melhor previsão de custos, prazos e metodologias adequadas. Esses projetos, que estão em fase de conclusão, foram selecionados por meio de editais do Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos – CFDD, no âmbito do Ministério da Justiça, e do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI, no âmbito do MinC/Iphan. São eles:

- 1) Levantamento Sócio-lingüístico e Documentação da Língua e das Tradições Culturais das Comunidades Indígenas Nahukwa e Matipu do Alto-Xingu. Proponente: Museu Nacional/UFRJ, Bruna Franchetto
- 2) INDL - Inventário da Língua Guarani-Mbyá. Proponente: IPOL
- 3) INDL – Inventário da Língua Ayuru. Proponente: Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG
- 4) A Língua Asuriní do Tocantins: projeto-piloto para a metodologia geral do INDL. Proponente: Universidade de Brasília (UnB)/Laboratório de Línguas Indígenas (LALI)
- 5) A Libras no Nordeste: um levantamento lingüístico das variantes usadas nas comunidades de surdos de João Pessoa-PB e Recife-PE. Proponente: LAFE/UFPB E UNICAP
- 6) Para um Inventário da Língua Juruna. Proponente: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara
- 7) Inventário da Diversidade Cultural da Imigração Italiana: o talian e a culinária. Proponente: Universidade de Caxias do Sul e Instituto Vêneto
- 8) Levantamento Etnolingüístico de Comunidades Afro-brasileiras: Minas Gerais e Pará. Proponente: Universidade de São Paulo – USP

As línguas inventariadas receberão o título de “Referência Cultural Brasileira”, a ser expedido pelo Ministro da Cultura, e, com isso, farão jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público.

Além da institucionalização do INDL, outra grande conquista foi alcançada, com a inclusão do quesito “língua falada” no Censo Demográfico 2010. Este quesito, que abarca apenas as pessoas que se declaram indígenas representa um progresso significativo. Em conjunto, esses

instrumentos são resultado dos esforços de implementação de uma política bem fundamentada e articulada com todos os Ministérios e setores da sociedade que compõem o GTDL.

Fonte:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/Inventario\\_Nacional\\_da\\_Diversidade\\_Linguistica\\_IND L.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/Inventario_Nacional_da_Diversidade_Linguistica_IND L.pdf). Acesso em: 22 jan. 2023.